

TOBIAS BARRETO

28

POLEMICAS

Publicação posthuma
dirigida por

SYLVIO ROMÉRO



RIO DE JANEIRO

LAEMMERT & C. - Editores - Rua do Ouvidor,
Casas filiaes em S. Paulo e Recife

1901

Obras do Auctor

Publicadas:

Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica (2.^a edição — Recife, 1889)

Menores e Loucos em Direito Criminal (2.^a edição — Recife, 1886)

Questões Vigentes de Philosophia e de Direito (Recife, 1887)

Estudos Allemães (2.^a edição — Rio de Janeiro, 1892)

Estudos de Direito (2.^a edição — Rio de Janeiro, 1898)

Varios Escriptos (Rio de Janeiro, 1900)

Discursos (2.^a edição — Rio de Janeiro, 1900)

Dias e Noites (2.^a edição — Rio de Janeiro, 1893)

Polemicas (Rio de Janeiro, 1901)

A publicar:

Rücksichtslose Briefe oder deutsche Schriften brasilianischen Inhalts

160

12

POLEMICAS

COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRASIL, SUA DOS INVALIDOS 99

PREFACIO

I

Com este volume de *Polemicas* posso dizer que se acha completa a serie das publicações posthumas de Tobias Barreto. Existe, é certo, materia sufficiente para dar um volume em lingua allemã; mas este o editor não o pretende publicar, ao que me tem, por vezes, asseverado. Insistirei, entretanto, a ver se o consigo demover de tão negativo intento.

Posso dizer, pois, que a tarefa a mim imposta pela amisade do grande e querido morto está acabada.

Andam agora a correr mundo oito volumes de sua lavra, a saber:

Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica (2.^a edição, Recife), *Menores e Loucos em Direito Criminal* (2.^a edição, Recife), estes pelo auctor mesmo editados em Pernambuco, e mais — *Dias e Noites*, *Estudos Allemães*, *Estudos de Direito*, *Varios Escriptos*, *Discursos*, *Polemicas*, no Rio de Janeiro pelo signatario destas linhas. Deixo de mencionar as *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*, pelo auctor publicadas um anno antes de sua morte no Recife, porque, como já disse alhures, o que nellas era de philosophia eu incluí nos *Estudos Allemães* e o que era de jurisprudencia nos *Estudos de Direito*.

Meu plano inicial era colligir os assumptos pelos generos ou materias de que o auctor se tinha occupado. D'est'arte, consegui reunir, em volumes especiaes, as *poesias*, os *discursos*, os *escriptos de direito*, as *polemicas*. Ao que, porém, deixou em philosophia, litteratura, politica, religião e critica d'arte não me foi possivel applicar o mesmo processo e taes assumptos apparecem conjunctamente nos *Ensaíos e Estudos de Philosophia e Critica*, nos *Estudos Allemães* e nos *Varios Escriptos*.

Em todos esses volumes, na forma em que se acham, existem lacunas que só muito vagar e trabalho poderão preencher.

Neste das *Polemicas*, por exemplo, faltam não menos de quatro replicas do auctor, quero dizer, as respostas por elle dadas a Castro Alves (1866), Franklim Tavora (1873), José Carlos Rodrigues (1876) e Dr. Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha (1883). Li, em tempo, taes escriptos; não os pude agora haver. O primeiro foi por occasião do famoso rompimento entre o poeta dos *Dias e Noites* e o das *Espumas Fluctuantes* e versava sobre coizas litterarias.

Tobias analysava n'uma revista academica o artigo-programma d'*A Luz*, periodico dirigido por Castro Alves.

O segundo era uma batida dada em Franklim Tavora, que, sob o pseudonymo de *Lessing*, havia criticado o estudo do outro sobre Alexandre Herculano.

O terceiro foi uma valente repulsa contra o Sr. José Carlos Rodrigues, então redactor d'*O Novo Mundo* (New-York), periodico em o qual, sob a epigrapha *Nem philosopho nem critico*, tinha duramente apreciado os *Ensaíos e Estudos* do escriptor sergipano.

De todas as polemicas do auctor é a que mais falta está a fazer neste livro.

A quarta era uma energica resposta ao Dr. Carneiro da Cunha, hoje lente da Faculdade de Direito do Recife. Este

intelligente medico, irmão do famoso tribuno de Pernambuco, José Mariano, aproveitando duas campanhas em que o auctor dos *Estudos Allemães* se achou envolvido, sahio a terreiro a combatel-o, sob a capa do anonymo. A primeira vez, sob o pseudonymo de *Hunger*, foi por occasião (1883) da lucta com os padres do Maranhão; a segunda (1888), sob o appellido de *Beslier*, quando foi da discussão com o Dr. José Hygino, grande amigo então dos Carneiros da Cunha, que o protegeram, metteram-no na política, fizeram-no senador, etc. etc., porque lhe eram agradecidos á defesa por elle feita a um dos membros daquella familia, implicado na celebre questão dos *salvados* do vapor *Bahia*.

Taes polémicas serviram para tornar mais variado e interessante este livro.

Cumpre acrescentar, para a supposição de não ser, talvez, este volume jamais impresso levou-me a incluir, como alli se declara, nos *Estudos Allemães* os dois artigos contra o Sr. Alfredo Taunay a proposito de Meyerbeer e os dois primeiros dos quatro que pude obter dos diversos contra o Padre Joaquim Albuquerque da Fonseca; e nos *Varios Escriptos* o artigo em resposta ao Dr. Manoel Godofredo Autran, filho do Conselheiro Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, a proposito de theologia e theodicéa.

Mas neste volume é o logar natural de semelhantes produções. De futuras tiragens dos *Estudos Allemães* e dos *Varios Escriptos* devem ser ellas espungidas.

Em compensação e, por outro lado, do presente livro, noutras edições, se as tiver, deve-se tirar o artigo que nelle vae, como appendice, sob o titulo—*Guizot e a escola espiritalista do seculo XIX*, cujo logar não é este, onde só entrou por conveniencia de momento. Foi o primeiro artigo escripto por Tobias sobre philosophia. E' ainda dentro dos limites das doutrinas

espiritualistas de Maine de Biran, Cousin e Jouffroy. Pouco mais tarde escreveu elle o que intitulou—*A proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino*, na qual começou a libertar-se da velha philosophia. (1)

II

Releva dizer alguma coisa do conteúdo deste livro, no que diz respeito ao historico das luctas nelle representadas.

Abre o volume o artigo dirigido ao Dr. Manoel Godofredo Antran a que dei a epigraphe de *Theologia e theodicea não são sciencias*.

Era em 1868; Tobias, estudante então do quarto anno da Faculdade de Direito, publicou, em a *Regeneração*, um artigo sob o titulo — *A proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino* (Vide *Varios Escriptos*, pag. 295).

Godofredo Antran, tambem estudante, filho, como disse, do Conselheiro Antran, lente da Faculdade, dirigiu ao seu collega uma carta aberta refutatoria das idéas por este emitidas.

Neste debate, aliás mantido nos termos mais certezes, o moço sergipano foi o provocado.

Tanto a resposta do futuro auctor dos *Estudos Allemães* como o seu artigo que deu logar á discussão se me antolham de valor historico, porque, me parece, são o ponto de partida da revolução de idéas que se veio a operar no terreno da philosophia no norte do Brasil.

Seguem os artigos sob o titulo — *Chronica dos disparates*, denominação esta, da invenção de adversario de meu amigo, por si só denunciadora da disposição de espirito com que entrara aquelle adversario em combate.

(1) O mesmo deve-se fazer com os dois pequenos discursos que occorrem no *appendice*, só entraram allí por conveniencia de momento.

Ainda aqui Tobias foi o provocado e duramente provocado, sendo o atacante o já referido Conselheiro Dr. Pedro Aufran da Matta e Albuquerque.

Era em meados de 1870; Tobias já estava bacharelado em direito; ainda residia no Recife e redigia *O Americano*. Tinha publicado neste periodico o seu famoso ensaio — *A Religião perante a psychologia* (Vide *Varios Escriptos*, pag. 9) e estava então fazendo sahir as *Notas de Critica Religiosa* (Vide *Estudos Allemães*, pag. 227). Sahiu-lhe á frente em tom desabrido, no *Catholico*, o velho e celebre professor. A lueta azedou-se de parte a parte; porém o exemplo veio de cima.

Em terceiro logar surge *Uma Anti-critica ou melhor uma anti-descompostura*. Foi em 1875; o critico sergipano havia publicado os *Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica*. O Dr. Albino Meira fez ao livro duas censuras incabidas, refutadas com vantagem pelo auctor, como se pode ver, lendo-se-lhe a resposta. Tobias foi o provocado.

Ao lado desta polemica deveria achar-se a movida entre o escriptor do Norte e o actual redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, Dr. José Carlos Rodrigues, porque foi na mesma epoca e sobre igual assumpto. Basta-me lembrar a futuros investigadores estar a resposta de Tobias, sob o titulo — *Nem philosopho nem critico*, usado por seu adversario, na *Provincia*, do Recife colleção de 1875, no ultimo terço do anno. Nessa polemica o provocador não foi ainda o auctor dos *Ensaios e Estudos*.

Seguem os dois artigos denominados — *Alguma coisa tambem a proposito de Meyer*, feitos contra o celebre escriptor — Alfredo de Esragnotte Taunay, mais tarde senador do imperio e visconde.

O primeiro é de dezembro de 1879 e sahiu publicado na *Gazeta de Noticias* em começos de 1880. Foi escripto a meu pedido e a mim enviado do Recife para o inserir na *Revista*

Brasileira, que então se publicava no Rio de Janeiro, sob a chefia de Balduino Coelho, Nicoláo Midosi e outros, e que não deve ser confundida com a posterior e recente *Revista Brasileira* da direcção do Sr. José Verissimo. Era uma refutação de um estudo do Sr. Taunay a respeito de *Meyerbeer e a opera os Huguenotes*, apparecido na citada revista.

Depois de muitas delongas, reveladoras da má vontade da gente da redacção, chegando eu até a cortar um trecho do artigo para a contentar, foi-me elle devolvido e pude, não sem difficuldades, fazel-o sahir na *Gazeta de Noticias*. O segundo, isto é, a replica de Tobias, já não o pude mais fazer sahir na *Gazeta* e tive de publical-o nos *pedidos do Cruzeiro* por dinheiro de contado, custando-me a coisa 200\$000!... Ou aceitar isto ou deixar o escriptor sergipano sem desaggravo!...

E' um traço esse das grandes franquias de que sempre gozamos eu e elle nas rodas jornalisticas do Rio de Janeiro.

Os alludidos artigos foram uma verdadeira revelação; foi então que se veio a saber no Brasil o estado em que se achava a critica musical na Alemanha, a grande mestra da musica contemporanea, nos ultimos annos do seculo XIX.

Segue a polemica com o padre Joaquim Albuquerque da Fonseca, ou melhor, com um grupo de padres do Maranhão. Era em 1883; o illustre sergipano tinha sido, havia pouco, nomeado lente da Faculdade de Recife. Numa collação de gráo de doutor a um candidato, que havia defendido theses e sido approvado, conbe a Tobias, na qualidade de paronympho, proferir a oração congratulatoria do ritual. Foi, talvez, o seu melhor discurso, uma peça cheia de altas idéas e grandes bellezas de forma.

Era a sciencia livre, a philosophia monistica de Hæckel e Noiré, abraçada pelo sabio brasileiro e professada sem reboço. A padraria, a carochada de Pernambuco agitou-se, delegando a collegas do Maranhão o ataque ao ousado innovador.

Ainda uma vez era elle o provocado. Acudiu ao repto e travou-se desesperada lucta, na qual *Hunger* (Carneiro da Cunha) ajudou grandemente os padres. De mais de uma duzia de artigos de Tobiasz pude apenas conseguir os quatro, apparecidos agora neste livro.

A ultima peleja, e a mais extensa, foi provocada por meu fallecido amigo. Elle é que desafiou o Dr. José Hygino:

Os motivos particulares que para isso teve, se os houve, ignoro-os. O thema debatido foi a natureza do *selfgovernment*, original organização communal da Inglaterra. A lucta durou tres mezes, de setembro a dezembro de 1888. O professor sergipano era já presa completa da terrivel complicação cardiaca e renal, que o veio a matar seis mezes depois, aos 26 de junho de 1889. Além do valor intrinseco do debate, têm esses artigos o interesse de ser os ultimos produzidos pelo critico allemanista. Já não foram mais por elle escriptos do proprio punho e sim dictados a seu filho João Barreto de Menezes, herdeiro de seu nome e de seu talento, residente hoje na Capital do Amazonas.

Pelo que toca á natureza dos assumptos, nestas *Polemicas* debatidos, são elles d'aquellas seis categorias que constituiram o thema predilecto do escriptor nortista, na especialidade de critico: religião, philosophia, litteratura, arte musical, politica e direito, como eu proprio já deixei notado no prefacio dos *Varios Escriptos*.

Não é este o logar proprio de discutir a natureza intrinseca de suas idéas nesses varios ramos do saber.

Analysado, fragmentariamente, como poeta nos *Estudos de Litteratura Contemporanea*, como critico e philosopho na *Philosophia no Brasil*, como humanista no livro consagrado a *Machado de Assis*; esclarecidos certos factos isolados nos prelaçoes postos aos varios volumes posthumos de suas obras; só na 2.^a edição da *Historia da Litteratura Brasileira* se encontrará

XII

um estudo systematico e de conjuncto a seu respeito, estudo só agora possivel, porque só agora estão publicados quasi integralmente os seus escriptos.

III

Poderia aproveitar, e não seria sem razão, o ensejo, que ora se me offerece, de rebater, ao menos na parte em que se referem ao auctor deste livro, varias obras novas que ahi correm e me tomaram por objecto. Não o farei, porque seria fragmentar minha resposta, cabal e completa.

Meus ferrenhos adversarios procuraram *vingar-se* de mim (*Vindicta* — é o titulo de um dos famosos livros l...) e, com espirito verdadeiramente christão, aguardaram o momento de estar eu quasi condemnado á morte por terrivel molestia, que me não abandonou ainda de todo, para me agredirem indigna e ferozmente.

Calumnias, injurias, insultos, doestos, aleivosias, desvirtuamentos de factos, occultações de outros, alterações de textos, truncamentos d'outros, tudo ha alli... E foi o resultado a que cheguei, após trinta annos gastos no estudo de assumptos da vida espirital da patria, tarefa que me arruinou a saude e me tem levado ás portas da mais completa pobreza!...

E foi durante essa crise interna, aggravada por molestias ainda mais serias de pessoas de minha familia, que de fóra me chegavam os echos da gritaria levantada contra mim, já pelos auctores desses livros, já pelos artigos jornalisticos d'outros adversarios.

Nesse transe afflictivo nada pude produzir e tive de deixar sem immediata repulsa os ataques soffridos.

Nesses tres annos amargos (1898, 1899 e 1900) pude apenas, por um esforço sobrehumano, escrever a *memoria litteraria* do

livro do *Centenario do Descobrimento do Brasil*, os prefacios da 2.ª edição dos *Estudos de Direito*, do *Parnaso Sergipano* e dos *Varios Escriptos*, umas notas de viagem na *Mala da Europa*, e pronunciar, por honra da firma, quatro pequenos discursos no Congresso Nacional. O livro publicado no Porto sobre *Martins Penna*, e os outros publicados em Paris sob o titulo de *Ensaio de Sociologia e Litteratura* e de *Novos Estudos de Litteratura Contemporanea* eram coisas mais antigas, guardadas na pasta.

Tal a razão da falta de resposta, repito, e nem mesmo em parte é ella possível aqui. O que, porém, não deixarei de apreciar, de relance é certo, são tres pontos suggeridos por este livro: a recente antinomia descoberta entre polemica e critica, umas coisas de estylo e grammatica e uns ditos do Sr. Martin Garcia Mérou.

E' por estes que devo começar.

O illustre escriptor argentino, em sua recente obra a respeito da vida espirital do Brasil contemporaneo, trabalho lacunoso, posto que mais bem feito do que o *Brasil Mental* de J. P. de Sampaio (Bruno) foi, como era de esperar de um amigo dos Srs. Taunay, Verissimo e Aratipe, demasiado injusto para com Tobias Barreto. Vê-se que o illustre diplomata, neste ponto, escreve mais por informações do que por um estudo directo e meditado dos escriptos do auctor sergipano. Parece que mal e ás pressas passou apenas a vista pelos *Estudos Allemaes*, deixando tudo mais na sombra e no esquecimento.

Admira-se que Tobias Barreto soubesse a lingua latina!... Não posso descobrir os motivos desse espanto. Mais admirado ainda deveria ficar, se tivesse verificado que o auctor brasileiro não traduzia sómente o latim, senão que o escrevia com elegancia e correcção e conhecia-lhe a fundo a litteratura; e mais ainda, se tivesse notado que o mesmo acontecia ás linguas franceza e allemã e ás respectivas litteraturas. D'est'arte, tambem

não vejo o motivo porque affirma da Italia só haver Tobias citado Settembrini, quando a verdade é que em seus escriptos não raro se encontram, além de Settembrini, citados directamente-- De Sanctis, Pessina, Rocco de Zerbi, Tolomei, Lombroso, Carrara, Tari, Spaventa, Guido Padelletti, Scartazini, Nicola Marselli, Giuseppe Giusti, M. d'Azeglio, Leopardi e outros.

O Sr. Mérou, julgando Tobias igual a qualquer desses varios letrados e ignorantes por elle conhecidos na Argentina, na Colombia ou no Brasil, não trepidou em incluí-lo em o numero de seus antipathicos. Mas onde o desacerto e a prevenção são clamorosos, é quando assevera serem desconhecidas do auctor brasileiro a Inglaterra, sua philosophia, sua litteratura, sua política. E o peor é que o Sr. M. G. Mérou pretende apoiar-se em palavras minhas tiradas do prologo dos *Estudos Allemães*.

Ora, eu nunca disse não conhecer o auctor brasileiro a Inglaterra e suas letras; affirmei que elle não *sympathisava* com ella e cultivava-lhe a lingua menos do que a franceza, latina, allemã e italiana. A differença não é pequena. Posso affamar ao Sr. Mérou, bem ao contrario do que elle pensa, que a Tobias devemos o que melhor existe em nossa litteratura sobre o direito publico inglez, e vem a ser o que escreveu da organização politica da Gran Bretanha em *A Provincia e o provincialismo* (*Varios Escriptos*, pag. 165), em a *Questão do Poder Moderador* (*Estudos de Direito*, pag. 383), em *A Responsabilidade dos ministros no governo parlamentar* (Idem, pag. 369), em *Selfgovernment*, neste livro de pags. 219 a 373.

Por leituras dos melhores auctores, já na propria lingua e já principalmente em traducções allemães, estava o nosso critico *au courant* da vida espirital ingleza e americana.

A *Nation* de New-York era uma de suas leituras predilectas e os ensaios de Emerson uma de suas delicias. Demais, Hume,

Darwin, Tyndall, Huxley, Mill e Buckle, entre os philosophos e sabios, Shakespeare, Byron, Tennyson, Swinburne, entre os poetas, lhe mereceram sempre maxima attenção. A injustiça do Sr. Méron é palmar.

Outra asserção leviana e infundada do dilettantismo diplomatico do illustre argentino, em seu superficial e lacunoso livro, é aquella em que nega a Tobias Barreto capacidade philosophica. Depois que eu proprio escrevi um livro de rigorosa critica contra os velhos cultores da philosophia no Brasil, e depois que Tobias, em suas *Questões Vigentes*, disse mais tarde ser o terreno philosophico o menos cultivado e o mais esteril na esphera espirital brasileira, aquelle em que menos viçosas eram as nossas produções, tornou-se moda repetir, sem citar, taes affirmativas, e, o que é mais, a move-las nomeadamente contra nós ambos.

Entretanto, cumpre advertir que, depois da *Philosophia no Brasil*, as coisas melhoraram consideravelmente por este lado. Nos modernos escriptos de Estellita Tapajós, de Marcolino Fragoso, de Tito Livio de Castro, de Farias Britto, de Arthur Orlando, de Clovis Bevilacqua, de Samuel de Oliveira, de Fausto Cardoso, nota-se pronuncia da capacidade philosophica, alto talento de critica e synthetisação das idéas.

Pelo que toca em particular ao auctor destas *Polemicas*, o Sr. Méron enganou-se redondamente. Ou S. Ex. sabe mui pouco de philosophia, e, por isso, nem entendeu nem está no caso de julgar escriptos, como os ensaios — *Sobre a Religião Natural de Jules Simon*, *A Sciencia d'alma ainda e sempre contestada*, *Sobre a evolução emocional e intellectual do homem*, *Glossas anti-sociologicas*, *Recordação de Kant*, *A religião perante a psychologia*; ou não conhece taes ensaios, não os leu, não os estudou, não os meditou e fala por informações de graciosos e apaixonados inimigos. Eu bem quizeria ventilar esse ponto com S. Ex.

e pedir-lhe que me mostrasse coisa melhor no genero, já não digo na Argentina, senão em toda a America Latina e na propria Hespanha e Portugal. O digno diplomata parece permanecer envolvido no erro de supôr que ainda hoje só se deve considerar philosophia a qualquer dessas monstruosas construcções phantasistas, abstractas e arbitrarías, que tinham o nome de *systemas* e a pretensão de dar a chave do enigma de todas as coisas, e só se devem ter na conta de philosophos os auctores de taes fabricas cyclopiacas e seus discipulos confessos. Não pôde haver maior engano.

Ao lado desses poderosos e desorientados phantasistas e desses submissos existiram sempre espiritos independentes, de grande valor, de forte penetração, de poderosas faculdades de analyse e de generalisação, tão merecedores do nome de philosophos quanto os ousados constructores das mirabolantes machinas e muito mais do que os seus imitadores. E' o caso de um Erasmo, de um Montaigne, de um Voltaire, de um Diderot, de um Lessing, de um Sainte-Beuve, de um Taine, de um Scherer, de um Carlyle, de um Emerson, de um Renan, que nunca inventaram nenhum *systema*; é até o caso de um Helmholtz, de um Du Boys Reymond, de um Huxley, de um Tyndall, de um Ribot, de um Renouvier, de um Guyau, de um Fouillée, de um Tarde e outros e outros, physicos, naturalistas, physiologistas, sociologos, juristas, occupados constantemente de philosophia, que tão pouco edificaram *systemas*, no peculiar sentido que se dá a esta palavra.

Tal o caso exactamente de Tobias Barreto e dos moços brasileiros citados, aos quaes, manda a justiça, se devem juntar os nomes de Guedes Cabral, L. Pereira Barreto, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, que jamais inventaram *systema* algum, sendo até os dois ultimos apenas sectarios intransigentes e apaixonadissimos de um já dantes existente.

Reconheça, pois, o Sr. Mérou, e reconheçam seus repetidores de cá, que não merecem sómente o nome de philosopho o creador d'um systema, como Comte, ou o discipulo confesso dum conhecido, como Littré: tambem são philosophos os espiritos independentes, autonomos, que nem se subordinaram submissamente ás imposições dos oraculos, nem se quiseram dar ao trabalho de fazer de pybillas, pretendendo dizer coisas nunca ouvidas.

Nesta mesma ordem de idéas exprime-se o illustre Arthur Orlando, que sabe mais destas coisas de que todos os diplomatas juntos, em seu bello artigo — *Philosophia Nacional e Critica Estrangeira*, escripto exactamente em resposta ao Sr. M. G. Mérou. Desse sóbrio e correcto ensaio transcrevo os trechos, que seguem para mostrar, não tanto ao Sr. Martin Garcia, quanto aos seus repetidores aqui, que o mundo da critica nacional não é por enquanto terreno de todo por elles conquistado e a que imponham, sem mais contraste, suas opiniões retrogradadas. Ha quem enxergue estas coisas por outro prisma.

Agradeço ao grande escriptor do Norte o que, inmerecidamente, diz a meu respeito, pedindo desculpa aos leitores da modestia que por ventura pareça haver na transcripção. E' que a descompassada furia de doestos, injurias e solapadas injustiças, que me tem atordoado nos derradeiros tres annos, confere-me certos direitos de que não devo, sem inepcia, abrir mão.

Escreveu Arthur Orlando: «O trabalho que publicou Sylvio Romero na *Revista Brasileira*, sob o título *Classificação dos Phenomenos em sociologia ou Theoria das Creações fundamentais da Humanidade*, é um desmentido cabal do preconceito que o horisonte intellectual brasileiro não se estende aos dominios da philosophia. Não possuímos, e a linguagem commum, senão pseudos philosophos, sem a vocação e cultura necessarias, espiritos sem originalidade, sem feição propria, sem expressão

característica, os quaes com suas acanhadas e frivolas produções não fazem senão dar testemunho de nossa miseria intellectual, relativamente a tão elevada manifestação do pensamento humano.

Note-se que foram Tobias Barreto e Sylvio Romero os primeiros a certificar nossa inopia em materia de philosophia, certificado de que hoje servem-se contra elles proprios os *virtuosi* estrangeiros que se têm occupado de nossa vida espiritual.

Ainda ultimamente escrevia o Sr. Martin Garcia Mérou em *El Brasil Intellectual*: «O que acho é que nada do que diz Tobias Barreto é uma novidade para os espiritos cultos de nossa época, para os mais ou menos illustrados que tenham frequentado bibliothecas e estejam um pouco ao corrente do movimento das letras da Europa. O que desejaria achar nelle não é o que dizem Ewald, Hartmann, Jellinek, Ranke e outros, o que me é facil averiguar, lendo suas obras, mas alguma coisa de original, de nativo, tirado de sua propria substancia...»

A Sylvio Romero não menos porfiadamente se contesta capacidade philosophica. Os seus trabalhos, sempre interessantes, instructivos, proveitosos, são, entretanto, increpados de carencia de systematisação, de falta de unidade de vista, de ausencia de plano philosophico.

«No seu conjuncto, affirma o critico argentino, a obra de Sr. Romero apresenta um quadro colorido da vida psychica de sua patria, desde a época da conquista até os nossos dias. E' a mais particulizada e extensa que sobre a materia se haja no paiz escripto. Revela o seu auctor uma intelligencia poderosa, um amor apaixonado das letras, uma independencia de juizo e um valor moral que inspiram respeito. Mas, sem embargo, acabo de relê-la com attenção, e reconhecendo todas estas condições, ella me deixa no espirito um vasio, me parece confusa e pouco ponderada, me difficulta

« construir mentalmente o vasto todo que procurou animar
« com o brilho de sua palavra calida e vibrante. »

Mas como conciliar a filha apontada com a « acção fecunda », que « em nossas letras », com a influencia directa, que « em todo o nosso movimento intellectual », tem exercido a obra de Sylvio Romero, « acontecimento litterario de primeira ordem », no dizer de José Verissimo ?

A *Historia da Litteratura Brasileira* não se tornou tão fecunda senão pelo que ella em si contém do que os allemães denominaram *Ideenkunden*, expressão que, em seu verdadeiro sentido, não significa outra coisa senão philosophia.

E' preciso não esquecer que hoje philosophia já não quer dizer sciencia do absoluto (*metaphysica*), nem expliação do universo (*cosmogonia*), nem qualquer dessas grandes systematizações conhecidas pelos nomes de seus auctores (*darwinismo*, *contismo*, *spencerismo*); nas theorias do conhecimento, disciplina mental, sobre a qual se apoiam todas as sciencias constituídas e por constituir.

Acreditavam os positivistas que bastava uma classificação das sciencias constituídas para se ter a chave de todo o saber humano. Mas definir o objecto das sciencias, traçar os limites de suas investigações, subordinar suas questões a um principio de coordenação, a um processo logico, não é tudo, quando se tem em vista além dos conhecimentos adquiridos o progresso do labor humano, a descoberta de novas verdades, a exploração de mundos desconhecidos. E' preciso, além do que já é conhecido, dar conta do que resta conhecer e do modo por que ha de ser conhecido. Sómente deste modo se terá essa *Summa Scientia*, conforme sonhou Leibnitz, em substituição á *Summa Theologiae* de S. Thomaz.

O problema fundamental da philosophia é a theorica do real e do ideal. « Descartes, escreve Arthur Schopenhauer, passa

« com direito como pai da philosophia moderna : antes de tudo,
« e de um modo geral, porque levou a philosophia a sustentar-se
« sobre seus proprios pés, ensinando os homens a fazerem uso
« de sua propria cabeça em lugar da qual funcionaram até elle
« de um lado a Biblia e do outro Aristoteles ; porém mais parti-
« cularmente, e num sentido mais restricto, porque foi o pri-
« meiro que apanhou o problema em redor do qual gira desde
« então toda a philosophia : o problema do ideal e do real,
« isto é, a questão de saber o que ha de objectivo e subjec-
« tivo em nosso conhecimento, ou, por outras palavras, o que
« é preciso attribuir a nós ou ás coisas diferentes de nós. Eis
« o problema, e desde que elle foi posto, ha 200 annos, o
« esforço principal dos philosophos tem sido distinguir nitida-
« mente por uma linha de demarcação bem justa o ideal, isto é,
« o que pertence a nosso conhecimento como tal, do real, isto é,
« o que existe independentemente de nosso conhecimento, e
« estabelecer assim de um modo estavel sua mutua relação. »

Pois bem, nos livros de Sylvio Roméro, e especialmente na *Historia da Litteratura Brasileira*, a questão do real e do ideal tem sido tratada de um modo todo original, exclusivamente proprio do regenerador do nosso movimento intellectual, sendo considerada não do ponto de vista da psychologia puramente individual, como praticaram Malebranche, Leibnitz, Spinoza, Berkley, Loeke, e até Schopenhauer, mas do ponto de vista da psychologia social, da *Volker-psychologie*.

A philosophia de Sylvio Roméro é o que se poderia denominar theoria psychologica do *processus* social, estudando os phenomenos sociaes á luz da psychologia collectiva *inter-individual*.

E' a psychologia que nasce do contacto dos individuos entre si, psychologia diversa da que resulta das relações *intra-cerebraes* em um mesmo individuo.

Tobias Barreto tomará a si a tarefa de estudar a questão pelo lado da psychologia physiologica, organica, puramente individual, considerando o ideal e o real como assumpto exclusivamente *intra-cerebral*, tarefa que desempenhará magistralmente na *Recordação de Kant*, o mais importante, de seus trabalhos philosophicos, dissemos na introdução ás *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito*, como exposição clara e lucida da philosophia allemã nas diversas phases de seu desenvolvimento, como justa e apurada critica da philosophia franceza e especialmente do *positivismo*, como reabilitação da *Crítica da Razão pura*, como manifestação de alevantado senso philosophico, mostrando todo o valor da theoria do conhecimento humano.

A theoria do conhecimento, conforme nota Lachelier, dá lugar a dois estudos distinctos: um psychologico, que tem por objecto a engrenagem de todo o mecanismo representativo, e outro logico que tem por fim indagar as relações dos phenomenos com o pensamento.

Dentre os discipulos de Kant uns attribuem uma combinação artificial ao mecanismo do pensamento com o exagerado aparelho das instituições e dos conceitos *a priori*; outros entendem que é preciso restringir o dominio do *a priori* e explicar o conhecimento por uma combinação menos artificial que a das formas ou categorias do pensamento.

Assim Fichte e Hegel entendem que a philosophia deve vir de um ponto mais elevado que o das simples fórmulas do pensamento e das diversidades de intuição, isto é, deve vir das funções, das actividades internas que são a essencia mesma do pensamento.

Que será, porém, esta actividade interna do pensamento? Será um modo especial de crer alguma coisa dos objectos, alguma coisa que existe independentemente de toda experiencia,

alguma coisa de immediatamente certo e necessario, que não se accorda com os dados da experiencia, conforme entende Spir, ou não será senão uma função, que só se desperta ao contacto da experiencia, mas que traz em si mesma uma certeza immediata e absoluta ?

« Não chegaríamos nunca a conceber o principio de identidade, diz Lachelier, se a intuição immediata de nossas representações não nos offerecesse objectos constantes, nem o principio de razão, se não achassemos na experiencia objectos iguaes entre si, ou pelo menos sensivelmente iguaes. Esta condição empirica de formação das leis logicas não tira coisa alguma a seu caracter de *aprioridade*. »

Mas o pensamento não se satisfaz em não se contradizem os dados da experiencia, quer descobrir entre elles uma ligação, uma coordenação. Tal é a função primordial do pensamento, e o principio de razão. A igual a B, B igual a C, logo A igual a C, não é senão a expressão mais simples desta função.

E' uma necessidade de espirito exigir que os phenomenos se encadeiem, sejam connexos entre si.

Mas esta conexão existe realmente, isto é, aquella necessidade do espirito corresponde a uma realidade entre os dados da experiencia ?

Para Wundt esta realidade existe effectivamente, ha conexão entre os dados da experiencia, e então o mecanismo do espirito é antes um aparelho que illumina a realidade existente do que um modelo, sobre o qual é calcada uma ordem de coisas, que, se pôde dizer, não existia antes d'elle.

Dahi a necessidade de um novo conceito *a priori*, além das funções logicas, que constituem a essencia do pensamento e que é, por assim dizer, o *support* daquella conexão.

Para Wundt este novo conceito é o de substancia, que não se confunde de maneira alguma com a noção de coisa.

A coisa é um complexo de phenomenos relacionados entre si, e, por consequinte, condicionados, ao passo que a substancia existe per si, de um modo incondicionado, e, portanto, absoluto.

Variando sempre, as coisas persistem distinctas umas das outras; além disto, as variações que ellas soffrem, são sempre filhas umas das outras. A substancia, porém, é sempre identica a si mesma no espaço e permanente no tempo.

A relação entre a substancia (incondicionada) e as coisas (condicionadas) se não é uma relação de causa a effeito (scientificamente), nem por isso deixa de ser uma função logica, (metaphysica), que não pôde ser desprezada pela verdadeira philosophia.

Em face da *Recordação de Kant* senão se toda a injustiça do que escrevem o Sr. Maria Mérou em relação aos *Estudos Allemaes*: «Não é esta a única explicação do pensamento allemão, uma synthese da philosophia allemã, nem sequer um allegado da cultura germanica, opposta à cultura latina.»

Mais do que como esboço historico das theorias allemães ou arrazoado em favor da cultura germanica vale a *Recordação de Kant*, rehabilitando a *Crítica da Razão pura*, o cimo que domina todo o horizonte do pensamento philosophico moderno.

A chave do saber real, positivo, é a theoria do conhecimento, quando estuda o mecanismo do pensamento e indaga o criterio da certeza.

A razão de ser da verdadeira philosophia é a resposta á questão de saber o que o espirito humano possui de positivo, quer como certeza immediata, como função logica, como lei do pensamento, quer como relação phenomenica, que não se constata senão pela experiencia, o que constitue objecto da sciencia propriamente dita.

Separando os dominios da metaphysica e da sciencia, sem, entretanto, sacrificar uma à outra, é que o systema kantesco

se pôde dizer a disciplina mental por excellencia, e foi para mostrar á evidencia que a *Critica da Razão pura* é a mais elevada expressão da philosophia que Tobias Barreto escreveu a inolvidavel *Recordação de Kant*. »

A resposta é perfeita, como se vê ; mas poderia ser ainda mais rigorosa ; porque haveria motivos para isso. A má vontade do Sr. Mérou em tudo que disse de Tobias é coisa a transudar de todas as suas palavras e reticencias. O Sr. Mérou devia ser mais objectivo e imparcial. Escreveu com ar de triumpho e visível impertinencia que os *Estudos Allemães*, obra unica de Tobias sobre que passou rapidamente os olhos, não se esqueça, não são uma *explicação do pensamento allemão, nem uma synthese da sua philosophia*...

Mas isto é serio? Não vio, logo na primeira pagina dos estudos, que o epitheto de *allemães* lhes era dado, não porque o auctor se fosse occupar de *assumptos exclusivamente tomados á Allemonha*, senão porque era com *idéas allemães* que o pretendia escrever ?

O Sr. Mérou desejava, ao demais, que o auctor brasileiro tivesse escripto *um allegado da cultura germanica opposta á latina*..., alguma coisa, pouco mais ou menos, como essa, em sentido inverso, escripta por Emilio Liais, pretendendo provar a superioridade da intelligencia latina sobre a germanica, isto é, queria que Tobias houvesse feito um escripto apologetico, pretencioso, banal, massador como são todos os escriptos do genero...

Nada, porém, mais especiosamente enigmatico do que a exigencia feita ao sabio brasileiro de *tirar de si, de sua propria substancia algo de nativo e de original*... E que outra coisa fez elle senão isto mesmo em suas poesias, em seus discursos, em suas lições, em seus ensaios de critica ? A originalidade *relativa* que podem ter escriptores americanos, quando não se

encontrar num Tobias Barreto, muito menos se lobrigará nos dilettantes, como o Sr. Méron e todos os que o têm encantado no continente.

IV

Passo a outro ponto: a recente invenção de uma supposta antinomia entre o talento de polemisar e o de criticar.

A theoria é arranjada adrede, e sem necessidade, para galardoar entre nós com o titulo de criticos sómente a dois escriptores, de posse actualmente de immensa nomeada no Rio de Janeiro na arte de Sainte-Beuve. Não ha muito o Sr. Urbano Duarte escrevia andar o sceptro da critica brasileira exclusivamente nas mãos dos Srs. José Verissimo e Araripe Junior. (1)

(1) De certo tempo a esta parte, é de notar a insistencia com que estes dois criticos, com evidente preocupação, andam a proclamar Varnhagen o *creator da historia da litteratura brasileira*. O *creator*, . . . como e porque? Se a propria historia geral, o massudo e diffuso Varnhagen não a creou, como poderá ter creado a historia da litteratura? Varnhagen não fez mais do que, sem plano, sem systema, sem doutrina, sem philosophia, sem analyse, sem synthese, sem generalisação, sem graça, sem belleza, sem ordem, sem força, escrever meia duzia de biographias destacadas de poetas e escriptores e a banalissima introdução da selecta a que poz o nome de *Florilegio da Poesia Brasileira*; não fez mais do que repetir Barbosa Machado, Januario Barbosa, Norberto Silva e outros mais. Varnhagen não tinha capacidade senão para ser e ficar sendo até morrer *trapa de bibliotheca*, apta para verificar uma data, o formato de um livro, a cor do papel de uma edição *princeps* e outros problemas de igual jaez, muito do gosto de todas as mediocridades incapazes de voar, de devasar altos e vastos horizontes. Se fazer biographias indigestas e apurar datas e factos anecdoticos fosse crear historia litteraria, não haveria livro mais fraco em o genero de que a *Historia da Litteratura Inglesa*—de Taine; porque alli o grande mestre nem faz biographias, nem apura chulices bibliographicas. Este assumpto não pôde ser aqui e neste momento completamente esplanado. Basta, por hoje, dizer apenas que o iniciador dessa *basofia varnhagiana* foi o Sr. Araripe Junior em seu Estudo sobre *Gregorio de Mattos*. O

A' *Dieu ne plaise* que jámais eu negue o merecimento, o saber, o talento desses dois illustres espiritos. Têm elles incontestavelmente direito a occupar um posto elevado entre os bons criticos brasileiros; mas é só isto; que sejam os unicos — não. Com todo o seu merito, não deixam no esquecimento, na especialidade, a Tobias, a Celso Magalhães, a Rocha Lima, a Tito Livio de Castro, a Clovis Bevilacqua, a Arthur Orlando. Provavelmente os que no Rio de Janeiro encerram em José Verissimo e Araripe Junior toda a moderna critica brasileira não conhecem de Celso Magalhães, por exemplo, o estudo consagrado a Carlos Ferreira; de Tito Livio os que fez de Medeiros e Albuquerque, Raul Pompeia, Julio Ribeiro; de

Sr. José Verissimo reeditou com duplicada insistencia a mesma cousa no estudo que recentemente dedico a *Bento Teixeira Pinto*.

E para a endossar por verdadeira, deu-lhe uma bella escola de anachronismos. Tanto é certo que o erro bota sempre as orelhas de fóra. Disse o Ilustrado critico:

« Varnhagen, que foi o instituidor da nossa historia litteraria, e depois os que se lhe seguiram, e o seguiram Wolf, Fernando Denis, Norberto Silva e outros, contaram como um factor da nossa litteratura não só o genio que aqui habitava, mas os seus cantos, a sua selvagem poesia... » Duplo engano. Não é verdade que Varnhagen tivesse precadido *Fernando Denis* e *Norberto Silva* no tratar historicamente as coisas litterarias brasileiras. Neste particular são-lhe não só anteriores os escriptos de Barbosa Machado, Bouterwek, Sismendi; como os primeiros e decisivos de *Fernando Denis*, *Norberto Silva*, não falando já nos de Januario Barbosa, Almeida Garrett, Nunes Ribeiro, Pereira da Silva, Gonçalves de Magalhães e outros e outros.

Não é tambem verdade que tivesse sido o auctor da *Historia Geral do Brasil* quem primeiro tivesse contado o genio entre os factores da nossa litteratura. *Estheticamente*, tinham-no feito antes della algumas duzias de poetas; *criticamente*, todos os auctores acima citados. O Sr. José Verissimo não tem por modo algum razão em ambas as affirmativas.

Releva, afinal, acrescentar que, ainda quando Varnhagen tivesse sido feliz no que escreveu da historia litteraria brasileira dos seculos XVII e XVIII, e absolutamente não o foi, não seria, ainda assim, o creador de tal historia, porquanto o môr interesse dessa acha-se principalmente no seculo XIX, de que o pretendido *instituidor* não disse palavra.

Rocha Lima o que versa sobre Guerra Junqueiro ; de Tobias os que applicou a Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Guyau; de Orlando o que trata de Bourdeau ; de Clovis o que tem por objecto Dostolevisky. Pois, se os não conhecem, procuram conhecê-los e verão que os dois criticos predilectamente consagrados, cujo valor aliás, repito, sou o primeiro a proclamar, nunca escreveram nada que seja superior aos ensaios alludidos.

Meu Deus ! quando se acabará com a injustiça e o exclusivismo na litteratura do Brasil ? E' que aquelles seis escriptores lembrados, quatro delles já mortos, são provincianos, e dos que não se mudaram para o Rio, com excepção apenas de Tito Livio. Mas este, que era fluminense, não passou nunca de um timido e recatado rapaz, morto na flor dos annos ! Delle e dos outros citados quem se lembra de falar, nas lides litterarias desta terra, sou apenas eu ! Clovis mesmo está muito longe de gosar da fama a que tem direito. Se não fôra o alto espirito de equidade do actual ministro da justiça, Dr. Epitacio Pessoa, que o encarregou de fazer o nosso código civil, facto, aliás, levado aqui a mal por muita gente boa, continuaria a ser apenas de longe em longe lembrado como um habil jurista, *unus multorum*, e nada mais. Com a decima parte do valor d'elle e dos seus companheiros ha ahí tanta gente celebre !

Nota, porém, e isto é o principal, que em cada um desses notaveis criticos está implicitamente contido um habil polemista.

E' que os dois generos, muito ao envez de se repellir, se attrahem, se suppoem e se completam ; porque não passam das duas faces do espirito especulativo, applicado á apreciação das produções intellectnaes e emocionaes. O polemista analysa os factos sujeitos ao seu exame e o critico synthetisa os resultados dessa analyse. E' por isso que nunca houve grande

critico que não fosse tambem grande polemista. E o mesmo, o que é ainda mais interessante, acontece aos grandes historiadores.

Entre os criticos, basta lembrar os maiores de todos : Lessing, o pai da critica moderna, cuja polemica destruidora foi que acabou com a falsa direcção das coisas espirituaes d'Allemanha no seculo XVIII e iniciou a epoca nova de que os dias de hoje são uma prolação; Taine, cujo vigor polemistico foi que deitou por terra a philosophia classica franceza da primeira metade do seculo XIX, e firmou a posição definitiva dos principaes typos da Revolução; Sainte-Beuve, cujas *causeries du lundi* são, em grande parte, engenhosas polemicas; Gustave Planche, que desbancou os principaes magnatas do romantismo no que elles tinham de falso e pretencioso; Edmond Scherer, de quem disse alguém ser mais que um polemista, ser um esgrimidor, um terrível duellista, que deixava sempre mal ferido o adversario, e não ha nada em critica em França que exceda alguns de seus ensaios, nomeadamente os que consagrou a Hegel, Fromentin, Madame Roland, etc.

O mesmo é o caso de E. Faguet e Zola, este tambem um notavel critico, posto que nelle sobreleve o romancista. Idêntico é o caso da Inglaterra, com Ruskin e Morley; da Italia, com Settembrini e De Sanctis; da Allemanha, com Julian Schmidt e Hermann Hettaer; de Portugal, com Ramalho Ortigão.

Entre historiadores é o que se dá com Gibbon, Niebuhr, Guizot, Mommsen, Macaulay, não esquecendo Alexandre Heroullano, profundo historiador, atilado critico e temível polemista. E Strauss? e Reuss? e Colani? Estes na critica religiosa. E Savigny e Roth, na historia do direito? Todos criticos e polemistas de primeira ordem.

Já se vê, pois, que o palavreado que ahi corre ás ruas : *não é critico porque é polemista*, é uma das mais nitidas provas da sandice humana que pode sahir da bocca de gente.

Assim, Tobias foi bom crítico e valente polemista, andando nelle as duas facetas do espirito especulativo, applicado ás produções artisticas e litterarias, perfeitamente fundidas.

Sei bem existir ali certo dilettantismo, pretencioso e rebuscado, parodia do *renanismo*, desse scepticismo elegante e vasio, que julga incompativeis as duas qualidades. Mas é uma pretensão como qualquer outra.

Essas vacuidades alambicadas, esse epicurismo empomado supportam-se em Renan pela magia incomparavel do estylo, além da elevação inherente aos assumptos que de ordinario trahem. Nos epigonos brasileiros deixam quasi sempre a impressão de calmantes d'agua de alface em temperatura de clystér. Duvido muito que isso seja a ultima palavra da critica.

Ha um dito de Laurent que sempre me despertou a attenção. Depois, em seu bello livro *Religion de l'Avenir*, de citar, em certo ponto, a opinião de Renan, exclama: « Ouvimos um *academico*, ouçamos agora um *homem*. . . » e passa a referir uns dizeres de Strauss. E' assim mesmo; Renan não passou nunca de um *academico* meticuloso, no qual os espiritos desabusados não deixarão sempre de notar alguma dose de charlatanismo.

E, o que mais é, só depois de haverem os criticos luctadores, francos, sinceros, desbravado o terreno e encaminhado o espirito publico para uma nova ordem de idéas, é que os maneiros, os de meias palavras, os amantes de reticencias, se tornam possiveis. E então a sua primeira lembrança, reveladora de verdadeira ingratitude, é apontarem á execração geral os seus antecessores, como *atrabiliarios*, *atacantes*, *aggressivos*, *insoffridos*, cheios dos ardores da *combatividade* e outras galanterias da especie. . . Entram a repetir a phrase banal e pulha, disparatada e réles: *F. e F. têm a mania de atacar a tudo e a todos. . .*, como se fora isso possivel e coubesse nos calculos de alguém! . . .

Pelo que me toca, tendo sido alvo d'essas aleivosias, já me dei ao trabalho de fazer a estatística: por uma duzia ou pouco mais de mediocridades endeosadas que ajudei a apêar de falsos pedestaes, do que me não arrependo, a mais de cem brasileiros illustres tenho levado o merecido tributo de meus louvores.

Opportunamente será isto demonstrado.

V

Passo aos casos de grammatica e estylo.

E' uma coisa singular o assombroso desenvolvimento que vai tomando ultimamente entre nós a mania da grammatiquice. Neste caminho vamos nós os brasileiros atirando a barra adiante de Portugal. Hoje alli os espiritos intelligentes vão abrindo mão dos exaggeros idiomáticos. No Brasil, como uma especie de desforço das justas censuras que nos foram feitas na epoca do desalinho romantico, timbra-se agora em exaggerar os apuros grammaticaes. E' verdade que, nos passados annos, nem um Mont Alverne, um Gonçalves Dias, um Torres Homem, um José de Alencar, escriptores de primeira ordem, pelo lado da fôrma, ficaram immunes ás censuras infundadas. Hoje ninguem escapa. Mas o que se nota de mais engraçado vem a ser o ar de sufficiencia de alguns charlatães em pretenderem emendar e corrigir estylistas de fino quilate, escriptores provectoros, mestres emeritos da lingua. Individuos sem o mais leve preparo, ignorantes dos mais elementares factos das sciencias e das letras, arrogam-se o direito de criticar os espiritos mais selectos. Quem não dá para nada, inculca-se sabedor da grammatica, conhecedor da linguagem, arma-se da ferula e chama a bolos os maiores talentos, sempre desasada e estupidamente.

Tobias Barreto tem sido uma das victimas dos novos aristarchos. Para se conhecer, porém, até que ponto tem descido a baixo de zero o thermometro da estolidez desses zelos, basta lembrar que um delles, (aquelle mesmo que asseverou — *sahir o nosso escriptor, se fosse fazer exame de portuguez nos Lycéus do reino, reprovado*), teve a inepecia de chamar errada esta phrase: *a religião são as hemorroidas do espirito*. O gajo griphou o verbo *são*, para mostrar o erro. Coitado!... Ainda não poudo comprehender que, nas proposições regidas pelo verbo *ser*, attributo e sujeito exercem função identica, de fôrma a ir para o plural o verbo, se o attributo é nome do plural, porque, neste caso, assume elle a qualidade de sujeito. Coitado!... Esse nullo queria que se dissesse: *a religião é as hemorroidas do espirito*! Oh! mãos de Carnões, de Vieira, de Felinto, a que mãos anda entregue a defesa de vossa formosa lingua!

E assim péco e rhombó é todo *canis grammaticus*. E é gente desse quilate que pretende dar lições aos mestres. Até que ponto tem chegado a petulancia dos pedantes! Valha-nos Deus.

Não é porém para falar desse bufão que estou a traçar estas linhas. Devo-me occupar de coisas mais altas.

Quando bem se apura a grande, a incalculavel sabedoria dos novos zelotas da linguagem, vê-se que não vai muito longe o numero dos mysteriosos segredos de que elles suppoem ter o privilegio.

Reduz-se tudo, de um lado, a chicanar sobre a *collocação dos pronomes*, o emprego do *infinito pessoal*, a *syntaxe do pronome se*, e, doutro lado, ao uso de certos dizeres rebuscados e preciosos, como — *entrar a sala*, *entrar o porto*, por *entrar na sala*, *entrar no porto*; *dentro no assumpto*, *dentro na questão* por — *dentro do assumpto*, *dentro da questão*; *merece contestado*, *merece combatido*, por — *merece ser contestado*, *merece ser combatido*, etc. Mas, oh! deuses immortaes! taes questiunculias

serão, por ventura, problemas sérios que estejam acima das forças intellectuaes de quem quer que seja, a ponto de excederem a capacidade de um talento como Alencar, Mont'Alverne, Torres Homem, Gonçalves Dias, ou Tobias Barreto ?

Ora, é preciso um pouco mais de senso nestas coisas.

Pois um estylista primoroso, como era, em mais de uma lingua, o escriptor sergipano, a ponto de a *Gazeta de Colonia*, inserindo um artigo seu, chamal-o *Meister eleganter Diction* e dizer: *oxalá que muitos escriptores germanicos escrevessem, como elle, a sua lingua*, juízo este confirmado à minha vista por uma competencia como a de Tautphœus, a quem dei a ler escriptos em francez, latim e allemão do meu amigo, poderia ser correcto nas linguas estrangeiras e não na sua ?

Não é isto um exaggero extravagante ?

Entretanto, vejo que algumas expressões introduzidas pelo escriptor dos *Estudos Allemães* vão ganhando direitos de cidade. A expressão *direito autoral* é hoje geralmente empregada, e até o Sr. Machado de Assis usa della em *Dom Casmurro*. O allemanismo *belletristica*, significando as bellas lettras, creio que tem já sido muito empregado, não se dedignando o Sr. Valentim Magalhães de o fazer.

A phrase — *corpo discente*, que se lê nos *Estudos de Direito* (2.^a edição, pag. 69), em contraste a *corpo docente*, é mais ou menos corrente.

O termo *radiometro*, censurado pelo Sr. José Carlos Rodrigues no *Novo Mundo*, como uma invenção disparatada, e que se lê nos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica*, tem sido por ahi além repetido. O mesmo se tem dado com os germanismos — *genetica, jornalística, romantica, periodica, mystica* e varios outros, introduzidas por elle na lingua, pela primeira vez, creio eu, para substituir, em certos casos, *genesis, jornalismo, romantismo, arte do periodo, mysticismo*, etc.

Já se vê, que, mesmo pelo lado da linguagem, não era dos mais infecundos o escriptor sergipano.

Nestas *Polemicas* teve este de defender-se por mais de uma vez de accusações infundadas.

E' assim que o Sr. Albino Meira disse não dever o auctor dos *Ensaios* escrever — *não ha prescripção para a critica*, e sim — *contra a critica*. Ao que, com razão, Tobias retrucou: « Enganou-se. *Para a critica* é um complemento de *ha* e não um complemento de *prescripção*. Quem dissesse, para o nosso direito criminal não ha prescripção das penas, falaria errado? Assim tambem: para a critica não ha prescripção; está claro que ao direito de discernir o bom do mau, o falso do verdadeiro, nas obras litterarias. »

A réplica é completa.

O padre J. A. da Fonseca declarou errada a phrase — *para se commetter crimes*, devendo dizer-se: *se commetterem crimes*. Ao que o auctor redarguiu: A expressão — *para se commetter crimes* — é do nossoCodigo criminal. Se é errada, eu subscrevo o erro. O emprego do *se* — na lingua portugueza ainda continúa questão aberta. *Vende-se fructas, vendem-se fructas, colhe-se flores, colhem-se flores*, etc., são modos de dizer, que ainda luctam entre si: e nada existe assentado. As linguas não têm um *codigo*, mas uma *historia*. Entende Joaquim? »

E' isto mesmo; a resposta é cabal.

O padre perguntou-lhe com que direito empregava os neologismos — *mediatisado, hypochetisado, salonismo, lacunoso*, etc.

Respondeu elle: « Com o direito que assiste a todo aquelle que nunca leu nem lê Sotero, o grão *traductor* dos *tractores* de Cesar; só tenho de lastimar que *lacunoso* não seja criação minha, pois já está admittido no dicionario (*vide Aulete*). »

Eis ahí: um apregoado grande sabedor da lingua que ignora a existencia da palavra *lacunoso* e vem fazer carga da

supposta criação do termo a seu adversário, quando é expressão já registrada nos dicionários. . .

Assim são, por via de regra, as acusações dos grammaticos da ultima hora.

O padre ainda o acensou de escrever — *ser-se despota*, em vez de *ser despota*, porque o verbo *ser* não se apassiva. Neste ponto pareceria haver de seu lado uma sombra de razão, se muitos e dos mais illustres escriptores não usassem de igual modo de dizer. O Sr. Joaquim Nabuco, por exemplo, o emprega no bello discurso que pronunciou por occasião da installação da *Academia Brasileira*. Quem quizer verifique.

Sobre estylo recommendo aos leitores intelligentes o que neste livro se lê de pag. 158 a 164 em resposta ao Sr. Tannay.

Tiradentes, março de 1901.

SYLVIO ROMÉRO.

I

Theologia e Theodicea não são sciencias

(COM O SR. DR. MANOEL GODOFREDO AUTRAN)

Apresso-me em responder á sua preciosa carta ultimamente publicada, a qual se dignou de fazer-me observações sobre um escripto meu a proposito de uma theoria de S. Thomaz de Aquino.

Menos penetrante do que o collega, que se limitou a ler-me com bastante prazer, eu fui forçado a medital-o com bastante attenção. Assim exigiam a importancia do assumpto e a dignidade da pessoa.

E comquanto nunca me tivesse passado pela mente que o collega descesse a tomar parte em uma questão philosophica, não me surprehendeu todavia o seu apparecimento. Eminentemente catholico, não era possivel que o collega deixasse, por esta vez, de fazer ouvir a sua voz que em occasiões mais difficeis tem-se

erguido para rechazar os ataques por ventura dirigidos a qualquer dos pontos religiosos, em cujo numero é natural que se considere a philosophia S. Thomaz.

Notei porém que as suas observações não roçaram sequer na superficie da questão principal em que eu ousara combater a doutrina do angelico doutor.

Com um golpe de sua analyse amolada e percuçiente, arrancon-me um pedaço, uma phrase, uma proposição, desprendendo-a dos seus antecedentes, segregando-a dos seus consequentes; e sobre ella erguen um edificio de conjecturas.

Demasiado modesto, para ouvir tão sómente os dictames de sua consciencia que o declara inferior a S. Thomaz; demasiado bondoso, para considerar-me capaz de merecer palmas, o collega não deixou, entretanto, de derramar um pouco de veneno na agua benta com que me fez a preliminar aspersion.

E' assim que diz com emphase que a *logica ainda não é um monopolio para aquelles que presumem de bem raciocinar.*

Nem eu tive jamais a loucura de querer monopolisar o raciocinio, nem ponto algum do meu escripto se prestava a semelhante doesto. Comtudo, devo dizer que a logica, se de certo não é meu, é monopolio de alguns, a saber, daquelles que estudam, que meditam sobre esta ou aquella materia e se tornam mais ou menos competentes para conhecer e agitar as questões.

Accresce que a logica, desacompanhada de um certo capital de idéas, sobre que se exerça, é semelhante a um engenho de fogo morto: nada rende. Desculpe a rasteirice da comparação. Não me rio nem pretendo fazer rir; desprezo os lances de espirito; gosto de falar serio.

E para não tornar demasiado longo este preambulo, entrarei já na apreciação de suas luminosas considerações.

Foi-lhe estranhavel, entre todas e sobre todas, esta minha proposição: « Desde que Deus é um objecto de sentimento, um objecto de amor, elle deixa de ser um objecto de sciencia, pois que nada é mais repugnante ao amor do que a verdade da logica, a frieza do raciocinio. Theologia ou theodicéa, a sciencia de Deus é impossivel. »

E para refutal-a diz o collega: ... « Mas que é esse sentimento ou esse amor... não será esse sentimento ou amor um objecto de sciencia? Parece que sim, porque para sentir é necessario conhecer que se sente, e não se pode amar sem saber que se ama. »

O collega não meditou bem aqui nas razões de sua duvida; mostrou que lhe falta ainda o habito da reflexão e a leitura dos psychologos. Isso deu logar a falsidades e confusões. E' falso que para sentir seja necessario conhecer que se sente. E' um erro de psychologia. A consciencia dá o conhecimento do que se

sente; para conhecer uma coisa é mister que essa coisa exista, mesmo antes de ser conhecida; ao contrario, o conhecimento não seria uma representação, mas uma criação da coisa que se conhece. O recém-nascido não tem consciencia do que sente, mas sente a dor que o faz chorar. A expressão do sentir inconsciente, em sua pureza nativa, é o grito; a expressão do sentimento de que se tem consciencia, é a palavra.

O collega confundiu factos distinctos. O sentimento, o amor de que eu disse que Deus era objecto, é um phenomeno interno, uma modificação espiritual, como todas as outras que a consciencia testemunha. Considerado em si mesmo, apreciado isoladamente esse amor não é objecto de sciencia. Não existe a sciencia do amor de Deus. Considerado porém como fazendo parte dos phenomenos psychicos, deve pertencer a dominio de uma;... qual é ella?... A psychologia.

Convido-o para ler commigo algumas linhas do meu escripto que lhe passaram despercebidas, e onde eu disse :

« A existencia de Deus é uma crença instinctiva do espirito humano que pode tomar formas diversas, diversos graus de aperfeiçoamento, e dest'arte como facto interno pertence á psychologia determinál-o e descrevel-o. »

Já vê pois que levantou questão onde questão não havia.

Ser objecto de sciencia não é o mesmo que ser objecto de conhecimento, o collega confundiu; attenda.

O conhecimento é particular, phenomenol, determinado; a sciencia é geral, baseada em principios. O individual, encarado em si mesmo, não pertence á sciencia; o que nos individuos ella procura é o que elles têm de geral e commum aos generos, ás diversas classes de seres ou de factos. O amor que se tem a Deus é um phenomeno particular do espirito; como tal cõe sob as vistas da consciencia, mas não é ainda por si só um objecto scientifico; o amor pertence á classe dos phenomenos sensiveis, e estes por sua vez á classe dos phenomenos spirituaes em geral, sobre que se exerce a psychologia empirica.

Termina o seu primeiro pedaço de argumentação com o seguinte raciocinio: « *Se Deus é objecto de sentimento ou amor, com maioria de razão deve sel-o da sciencia, etc., etc.* »

Não sei onde o collega descobriu essa maioria de razão. Para isso commette um sophysma, suppondo admittido o que se contesta, a saber, que todo objecto de conhecimento é objecto de sciencia.

Consultemos o coração; escute. Muitas vezes um fio de cabello, um anel, uma fita, um adorno qualquer da belleza que adoramos é para nós um objecto do mais puro amor; e sel-o-ha tambem de sciencia?... Supponhamos que o collega, em um desses momentos

de felicidade, recebendo da mão de alguma beldade, por exemplo, um botão de rosa, em vez de fazer desse mimo um objecto de amor, quizesse tornal-o um objecto de sciencia, e com ares de botanista dissesse : eis aqui, minha senhora, uma flor pertencente ao genero typo da grande familia das rosáceas, plantas dicotiledoneas polypetalas, de estames perigyneos, corolla de 4 ou 5 petalos, que para provar arranco um por um ; tem cálice gamoséphalo, etc., etc., etc. Depois desta trovoadade de palavras, com tal força de analyse, a pobre florinha estaria morta e a linda offertante fugiria espavorida. . . .

O collega julga ter cortado a questão, quando diz que a *idéa do amor traz consigo a idéa de um ser que ama e outro que é amado* . . . Quid inde ? O amor é um sentimento complexo, como chamam os psychologos, entre os quaes os nossos velhos conhecidos Barbe e Charma.

Essa complexidade está justamente em que o amor, ao contrario dos phenomenos sensiveis em geral que são subjectivos, é objectivo. Mas que prova isto ? . . . *Se assim é*, diz o collega, *como se póde amar a Deus se não se tem conhecimento de sua existencia?* Eis ahi ainda a confusão de conhecimento e sciencia que não soube distinguir. *Esse conhecimento*, diz o collega, *só nos é dado pela sciencia ; logo Deus é objecto della*. Isto faz pasmar. Dizer que só a sciencia nos dá o

homem, subjectivo, immanente e só tem existencia no espirito humano.

Sem pensar, o collega passou aqui por cima de um precipicio com toda singeleza de uma criança, que, sorrindo, se pendurasse da janella de uma torre.

Bem disse eu que ainda lbe faltava o habito da reflexão; se não, veria que o conhecimento do amor que se tem a este ou aquelle objecto é diverso do conhecimento do mesmo objecto, não confundiria a percepção externa com a percepção interna, para assim cahir involuntariamente no subjectivismo de Fichte.

A crença na existencia de Deus, o amor que por elle se sente, são factos psychicos, distinctos do mesmo Deus; pode haver, ha de certo uma sciencia, em cujo quadro entram as diversas classes a que esses factos pertencem; mas não pode haver uma sciencia de Deus. Eis o que disse e o que ainda e sempre sustentarei. Se é verdade que só se ama aquillo de que se tem mais ou menos conhecimento, não é verdade que só se ame aquillo cujo conhecimento nos é dado pela sciencia. A sciencia é a razão, o amor é o coração; e segundo a phrase de Pascal, *le cœur a des raisons que la raison ne connaît point*.

A sciencia procura a claridade; o amor delicia-se muitas vezes no obscuro e no mysterioso.

Indagador como é, o collega deve conhecer o mimoso mytho grego de Psyché. E', como disse alguém,

a encantadora imagem do que se passa n'alma logo que á serena e descuidosa confiança do sentimento succede a reflexão com seu triste cortejo.

A sciencia é pois incompetente para elevar-se á divindade. Qualquer expressão de amor, um olhar, um suspiro que se mande ao ceu, attesta a existencia de Deus mil vezes mais do que todos os argumentos metaphysicos e theologicos que a critica de Kant reduziu á poeira.

Causa primeira do homem e da natureza, causa suprema de todas as causas do universo, Deus é inacessivel á indagação e analyse scientifica. Se me objectam que pela razão concebemos Deus, que temos d'elle uma idéa, e que sobre essa idéa esclarecida é que se levanta a sciencia respectiva, digo que neste caso a theologia ou theodicéa fica sendo, como a geometria, a sciencia de um ser que se concebe, mas não existe tal qual é concebido, como realmente não existem, por exemplo, triangulos e circulos com a perfeição que se lhes attribue nas idéas em que a geometria se firma.

E peço que vão entender-se com o illustre Renan, para quem Deus é a categoria do idéal, isto é, uma formula, sob a qual concebemos o bem, o bello, o verdadeiro, etc., como o espaço é a categoria dos corpos, isto é, uma formula sob a qual conhecemos a existencia da materia; e, assim como não existe realmente o espaço, realmente não existe Deus!

E' este mais ou menos o resultado a que chegam as investigações theosophicas.

Os argumentos dos theologos que querem sondar e dispor do ceu trazem-me de longe o ruido do camar-tello dos architectos de Babel. A theologia ou theodicea é impossivel, porque impossivel é a sciencia de um ser que por sua infinitude está fóra de todas as leis que as sciencias investigam.

O espectáculo do universo impõe a necessidade racional de conceber uma causa para este grande effeito: como é essa causa? existirá ella com o mesmo universo em estado de immanencia, ou existirá fóra d'elle?

A sciencia debate-se entre estas duas hypotheses e nada affirma de satisfactorio e decisivo.

O amor vem resolver a questão. Para isso seja-me permittido referir um bello pedaço de um dialogo de Platão.

Socrates, discutindo sobre o amor diz a seu interlocutor Agathon: « Procura mostrar-nos se o amor é o amor de alguma coisa, ou de nada. De alguma coisa certamente.

Repara bem no que dizes, e lembra-te de que é que o amor é amor, segundo opinas. Porém antes de ir mais longe, dize-me se o amor deseja a coisa de que elle é amor. Elle a deseja.

Mas, replica Socrates, possui elle a coisa que deseja e ama, ou não a possui? Provavelmente, responde

Agathon, elle não a possui. Provavelmente ! Vê antes se não é mister necessariamente que aquelle que deseja uma coisa, tenha falta della, ou que não a deseje, se della não tem falta, etc., etc. »

Eis ahí. O amor de Deus é o amor de alguma coisa e de alguma coisa que desejamos, porque ella nos falta. Se ella nos falta é que não está em nós, não faz parte de nós ; salvo o absurdo de desejarmos a nós mesmos ; como também não está no universo, pois que o universo não é o que desejamos, visto como não é o universo que nos falta. Logo, Deus, o objecto de nosso amor, está fóra de nós e fóra do universo ; é uma causa transcendente.

Peço desculpa ao collega, por ir assim dando á minha resposta proporções maiores do que devera. E' que quando discutimos, segundo a phrase de Pelletan, devemos chamar-nos — argumentos ; é que o publico também tem direito a minha resposta ; por elle é que me tenho alongado, visto como desejo sempre communicar meu pensamento *completo, livre, natural, como elle surge*, para servir-me aqui de uma expressão de Guizot na Camara Franceza.

Tant pis pour vous, poder-me-ha alguém dizer, como então houve quem dissesse ao profundo orador, com o qual também responderei: *Tant pis pour qui se trompe*.

O collega, no correr do seu argumentar, diz que o fanatismo é um sentimento severo e frio, bem como o indifferentismo !...

O senso commum considera o fanatismo uma paixão ardente, exaltada, exaggerada : o collega é o primeiro que lhe descobre frieza. O indifferentismo é a negação, a ausencia do sentimento ; a que proposito pois o mencionou ?

Nota o collega que *a theologia não é uma sciencia de investigações que procura saber se Deus é um ser ou uma idéa, e o que elle faz, quaes as suas funcções na outra vida ; mas um encadeiamento de verdades que prendem o homem a Deus.*

O collega parece aqui ignorar que a theologia se divide em moral e dogmatica ; nesta não se trata de um encadeiamento de verdades que prendam o homem a Deus ; trata-se pelo contrario de impor, como verdades, symbolos, mysterios, coisas que ninguem comprehende e que nada influem no destino do homem.

A theologia moral, que é a sciencia dos deveres impostos pela Igreja, não tem propriamente Deus por objecto ; está fóra da questão.

A theodicéa não é simplesmente a sciencia que só trate de Deus em relação ao homem. Foi Leibnitz quem unicamente a comprehendeu nesse sentido, sob o ponto de vista da providencia. A philosophia ousa determinar na theodicéa os attributos e qualidades divinas ; será essa determinação exacta ?... sobre que dados é ella feita ?

Porque o homem se conhece intelligente e livre, julga que Deus tambem é dotado de intelligencia e liberdade; mas... que analogia ha entre o homem e Deus?... Qual é o fundamento de similhante conclusão? São estas as questões capitaes e insoluveis que aliás deveriam ser resolvidas para que a theodicéa fosse o que pretende.

Deus é uma individualidade, uma personalidade : do que é individual e pessoal não se faz uma sciencia mas uma descripção; não se descreve senão aquillo que se percebe interna ou externamente : ora nem de uma nem de outra fôrma Deus é percebido; logo Deus é indescriptivel, não se pode fazer a enumeração de suas qualidades; qualquer que se faça, é arbitraria, ousada e absurda. Para que não me taxem talvez de adverso ás sagradas paginas vou perguntar-lhes quem é Deus. E é Deus mesmo que me responde : *Ego sum qui sum.*

Dizei-me, philosophos e theologos, todo o valor, todo o alcance desta phrase? Debalde! Ninguem ainda a comprehendeu. E como se quer fazer de Deus que assim se definiu a si mesmo, um objecto de sciencia?

Se as sciencias em geral não dão o conhecimento pleno de tudo o que procuram indagar, dão o conhecimento de muita coisa. Progressivas e perfectiveistodas ellas, como já disse alguém, têm uma parte de these e uma parte de hypothese. Esse estado crepuscular de

duvida e hypothese vai, com o tempo, tornando-se claridade.

Veritas filia temporis.

A theologia não adianta uma linha do que já dantes se sabia ; é incapaz de progresso : digo que é mesmo incapaz de regresso, para apropriar-me aqui de uma phrase de um meu intelligente amigo. E' nisso que está a grande differença. As sciencias de observação, como a physica, a chimica, a physiologia, estudam os factos e buscam descobrir as leis a que elles estão subordinados. Por não dar a explicação de todos, não se segue que deixem de dar a explicação de alguns. A theologia porém nada instrue, nada explica.

Deus, o infinito, o absoluto, é inteiramente inacessivel ás indagações do espirito humano ; só é dado ao coração estremecer diante dessa longinqua visão.

Na phrase do illustre Littré : *C'est un océan qui ment battre notre rive, et pour lequel nous n'avons ni barque ni voile, mais dont la claire vision est aussi salutaire que formidable.*

Tenho sido importuno, tenho escripto de mais.

Desde já pedindo ao collega perdão para uma ou outra palavra que o possa molestar, devo dizer-lhe que me sinto sem forças para resistir aos seus ataques. Custa-me muito o meditar nas questões. Se o collega me tivesse atirado a luva eu a rejeitaria, tal é a consciencia de minha fraqueza. Não quero, não posso

continuar a discussão, podendo aliás o collega explicar-se quanto quizer no terreno philosophico, refutar-me, combater-me. Não saberei mais responder-lhe.

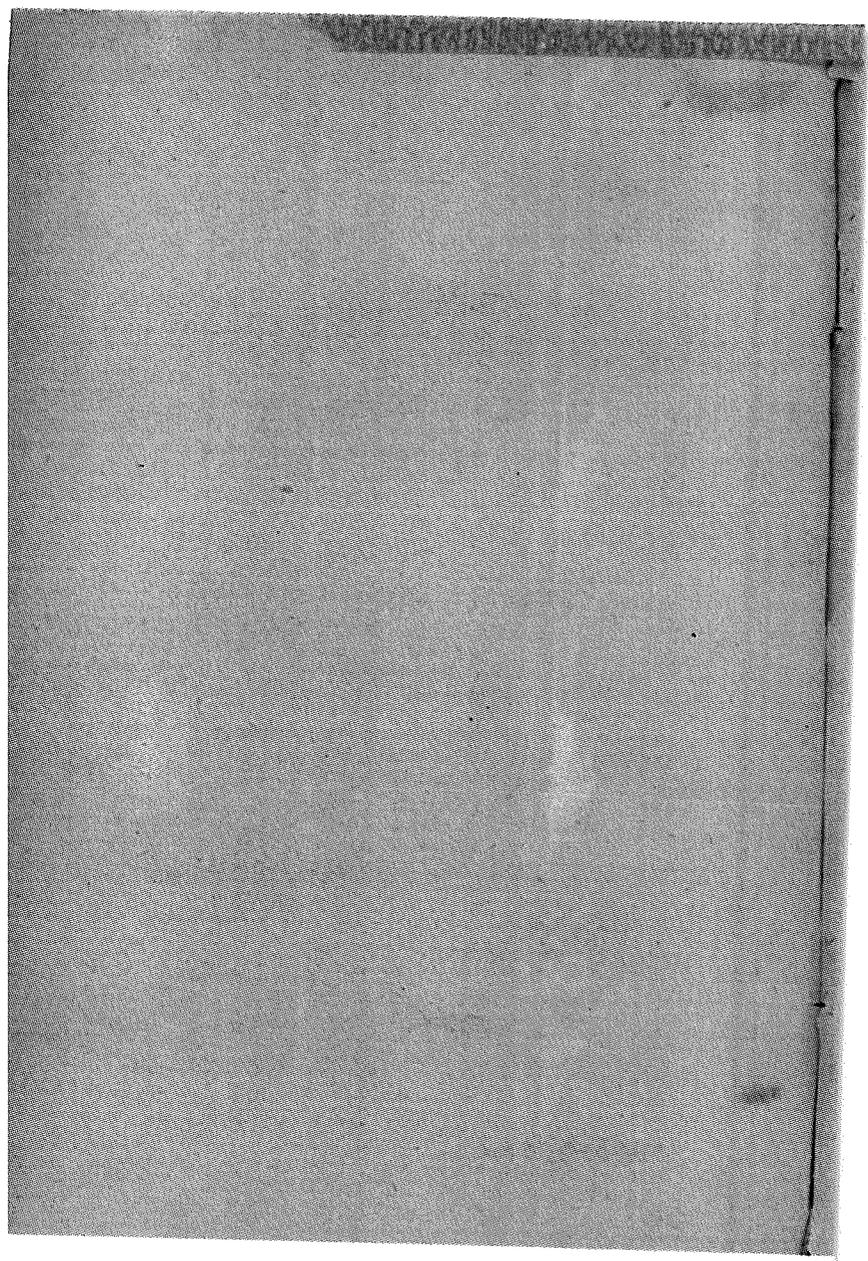
Cavalheiro, como devo ser, comprehende o collega que, se o grande numero de estudantes de philosophia que tem o collegio das Artes e os demais collegios desta capital começasse a dirigir-me cartas refutatorias dos meus pobres escriptos, não deveria deixal-as sem resposta; e para isso faltava-me o tempo, faltavam-me as habilitações.

Fraco e desanimado, eu poderia não ter respondido a sua carta; fiz porém um esforço sómente para pagar um tributo de respeito á amizade e ao nome da corporação a que pertencemos.

Entretanto, continuarei a combater, no que de mau tenho encontrado, a philosophia de S. Thomaz. Tenho para mim que o ruído do seculo, o alarido da civilisação não deixam mais ouvir os mugidos desse boi, segundo a expressão de seus condiscipulos e de seu mestre Alberto Magno.

Meu fito é saber, nada mais.

16 de junho de 1868.



II

Chronica dos disparates

(COM O SR. CONSELHEIRO P. AUTRAN DE ALBUQUERQUE)

I

Sob esta engenhosa epigrapha appareceu, em o n. 22 do *Catholico*, uma refutação faceta de idéas nossas, aqui mesmo no *Americano*, publicadas em uma serie de estudos sobre a critica religiosa.

Comquanto o escripto, a que vamos responder, mostre logo, á primeira vista, alguma coisa de senil, e só proprio dessa quadra, em que debalde se pretende, ao mesmo tempo, manejar a penna e o rosario, a logica e o hysope, todavia não queremos suppor que seja producção do principal redactor d'aquella folha: tal é o complexo de coisas mal pensadas e mal expressas que ahí avultam. Admiramos apenas que tenha deixado correr, sob a guarda de seu nome, um verdadeiro specimen de estolidez.

Quem quer porém que seja o autor, não ha de levar a mal que venhamos acudir ao seu appello.

« Todos já sabiamos, diz o chronista, que a maior controversia religiosa do seculo era a infallibilidade do papa. Porém o *Americano*... crê que o ponto capital da maior controversia do seculo seja : *quem foi Jesus? ... homem ou Deus?*... Ora, não será disparate suscitar novamente a questão dos Arianos, resolvida desde o seculo IV no concilio Niceno, que proclamou o filho *consustancial ao Padre*, e por todos os apolo-gistas do christianismo antigos e modernos? »

Eis ahi uma maneira de refutar, que facilmente põe a descoberto a carencia de luzes da parte de quem a emprega.

Porque a divindade de Jesus foi uma das questões que agitaram os primeiros tempos da Igreja, commette-se um *disparate* em considerar a maior controversia do seculo essa mesma questão, não só hoje suscitada de novo, mas por um modo novo que tem feito o espanto e a desesperação de muito apologista declamador?!...

Como não viu o chronista que dizia uma enorme tolice, taxando de disparate aquillo que até mesmo escriptores orthodoxos têm repetido em termos quasi identicos?!

Ignora certamente que a dissidencia moderna a respeito de Jesus foi chamada pelo padre Beautain

a *grandê heresia do seculo XIX*. (1) Ora, uma heresia é uma questão levantada no terreno do dogma. Mas essa grande heresia do seculo XIX é a mesma grande heresia do seculo IV; logo o padre Beautain foi tambem disparatado... Ah! Sr. chronista, que pobreza de alcance!...

Além disto, o nosso refutador deu provas de curtas vistas, quando, depois de se nos referir, ajuntou que é disparate *suscitar* a questão dos Arianos. Enganou-se, faltou-lhe o fino tacto de quem sabe discutir.

Nossas palavras foram estas: *Quem foi Jesus? ... homem ou Deus? Qual o vosso juízo, damos direito a que nos perguntem, sobre este ponto capital da maior controversia do seculo?* Ellas sômente encerram a idéa de dizer o que pensamos sobre o debate; o que não é o mesmo que *suscital-o*, visto como elle já existe suscitado no dominio da critica sagrada.

Já se vê pois que a sua setta, em vez de vir a nós, tomou a direcção dos Strauss e dos Renans, sem que aliás os podesse ferir, nem a quaesquer outros que tenham, neste sentido, desdobrado o pensamento aos sopros da liberdade.

O absurdo está, segundo o chronista, na expressão *ponto capital da maior controversia do seculo*,

(1) Citado por Léon Boré no prefacio da traducção da obra de Daëllingir — *Les origines du christianisme*.

applicada á divindade de Jesus. Como a phrase é complexa, nós vamos decompol-a. Notemos logo que ahí ha duas coisas, das quaes uma é a maior controversia, e outra o seu ponto capital.

O erro pôde provir ou de que se chame controvertido aquillo que não é; ou, dado que haja controversia, de qualifica-la de maior, quando esse grau não lhe compete, como ainda pôde provir, ou de que se considere ponto dessa controversia uma coisa que lhe não pertence, ou, emfim, de que se julgue capital um ponto que não tem esse character.

Exgotamos as hypotheses, por um excesso de minucias talvez, que entretanto são necessarias, quando se tem pela frente algum cêgo.

Ora bem, o que nós entendemos pela maior controversia do seculo é a causa da religião em geral, e da christã em particular, debatida e questionada. Haverá erro em suppor que essa causa actualmente se discute e dá lugar ás lutas mais vigorosas? . . .

« Ha dezoito seculos, diz Guizot, a religião christã tem provado e vencido muitos ataques, alguns mais violentos do que os actuaes, nenhum porém de mais gravidade. »

E se de feito não existisse a controversia, que significavam as *meditações religiosas* do illustre philosofo, que foram dignas de ser mencionadas no concilio do Vaticano? ! . . .

Ouçamol-o ainda : « E' toda a igreja christã com effeito, e não esta ou aquella das igrejas christãs que está sendo *agora* e radicalmente atacada. Quando se nega o sobrenatural, a inspiração dos livros santos e a *divindade de Jesus Christo*, é sobre todos os christãos, catholicos, protestantes, ou gregos, que recaem os golpes. » (2)

Veja mais o que diz um outro, ainda mais profundo pensador, Edmond Scherer — « O que no fundo está em questão, não é o protestantismo, é o christianismo, é a religião mesma. » (3)

Deve pois se convencer o atrazado refutante que aos olhos desses dois grandes homens, a nossa expressão não seria um disparate. Portanto, é certo ou não, que o que mais incha e dilata os pulmões do seculo, é a controversia religiosa, não sobre a *infallibilidade*, mas sobre a natureza e os destinos da mesma religião; e que espiritos eminentes consagram-lhe os seus estudos e cuidados serios??... O Sr. chronista revela muita ignorancia da propria materia em que parece querer tomar ares de mestre.

Se não é possivel duvidar do problema religioso, vasto e complexo, duvidará que elle seja o maior?

(2) *Meditations sur l'essence de la Religion chrétienne* — prefaco, pag. VIII e X.

(3) *Mélanges d'histoire religieuse*, pag. 240.

Sim, duvida: para o escriptor do *Catholico* a infallibilidade do papa era questão mais importante do que todas as que têm sido levantadas pela critica allemã e franceza! Isto é emperro fradesco, que nem merecia uma resposta.

Dado mesmo que essa questão fosse a maior, seria no terreno dos interesses sociaes, mas não no dominio desinteressado da pura especulação, da qual é que se trata.

O *Catholico* negou que a divindade de Jesus estivesse comprehendida, ou antes fosse uma das questões actualmente suscitadas. Já fizemos que Guizot respondesse por nós. El duvida que ella seja o ponto capital da immensa disputa? Causa lastima o estado de penuria intellectual em que se acha o chronista. Se de feito a divindade de Jesus, por ter sido negada nos primeiros seculos, e dogmaticamente fechada pelo concilio de Nicéa, não pode ser hoje o mais importante dos debates religiosos do seculo XIX, que valor tem, a que proposito vieram, que necessidade quizeram satisfazer os escriptos de Meignan, Freppel, Besson, bem como as conferencias do padre Felix que foram aqui traduzidas pelo Sr. cônselheiro Autran?!... Taes autores e traductores são portanto uns asneirões, uma vez que se occuparam de assumpto que foi ha muito decidido pelo concilio Nicéno. Que responde a isto o nosso chronista? Sua reverencia, ao que

parece não soube o que disse. Deve ter mais respeito ao publico.

Em o nosso artigo refutado escrevemos o seguinte: « Se ninguem sabe ao certo quem é Deus, como se pode ao certo saber que Jesus não era Deus? » « Disparate, diz o tremulo escriptor, porque todos os christãos sabem quem é Deus, pois o *Credo* ensina que é o creador do céu e da terra. Se elles porém sabem quem é Deus, ignoram como todo o mundo, o que é Deus, isto é, a sua essencia. . . . »

Hesitamos em suppor estas palavras traçadas por alguém que tenha a pretensão de saber alguma coisa de philosophia. O *Credo* ensina que Deus é creador do céu e da terra; logo os christãos *sabem* quem é Deus! . . . Que razão caluca e ridicula! O chronista ou desconhece as leis do raciocinio, ou ignora o valor dos termos. *Crer* não é *saber*; note bem; não basta crermos que Deus creou o mundo para sabermos quem é Deus.

Seu argumento é pueril.

O *Credo* tambem ensina uma *vida eterna*, e entretanto a immortalidade da alma não deixa de ser ainda uma questão controversada. O pantheismo nega que Deus seja distincto do mundo; o atheismo, que Deus exista; ambos ahi vivem altivos e corajosos: de que tem servido o *Credo* para os christãos que querem combater argumentos com argumentos, e triumphar

pela força da evidencia? De nada; pois quando se sustenta que o mundo não foi creado, responder a isto por uma affirmação, dada em nome da fé, que é um facto personalissimo, inexplicavel, indiscutivel, e achar que se tem satisfeito as exigencias da razão, é o cumulo da tolice humana.

Apreciemos ainda o discrimine escolastico do chronista entre *quem é Deus* e o *que é Deus*. Sabemos quem é, mas não sabemos o que é. Que coisa frivola, que trocadilho banal!... Para proval-o basta fazer a um crente as seguintes perguntas: *Quem é Deus em relação ao mundo?* Responderá: *creador*. *Que é Deus em relação ao mundo?* Responderá: *creador*. Onde pois a differença e os efeitos do discrimine?...

Mas é sobretudo interessante a logica do *Catholico* neste finalzinho: «E se esta distincção (*entre o que e o quem!*) se comprehende pela razão, é disparate do *Americano* qualificar de *parvo* a S. Thomaz que a ensina.»

E não de ver que o homem da *chronica* presume ser um rigoroso logico!... E' irrisorio.

Onde foi que provou que a sua distincção referida se comprehende pela razão?...

Como dá assim por sabido o que constitue mesmo o fundo da questão relativa á supposta sciencia de Deus?... Não vê que isto é um paralogismo?!

Coitado. . . ignora até os rudimentos da logica. Eis ahi mais um *doctor parvus* ao lado do *doctor angelicus*. Um epitheto vale o outro.

A theodicéa é uma futilidade, porque não dá, não pode dar os resultados que promette. E' uma coisa aérea, uma sciencia pensil, mal sustentada por columnatas de hypotheses.

Em todas as sciencias, dignas desse nome, ha sempre dois elementos que se combinam para a sua construcção — a razão e a experiencia. As proprias mathematicas não escapam a esta lei ; pois que tem, como todas, os seus processos de verificação experimental, não obstante a idealidade dos seus principios. A theodicéa porém não satisfaz a estas condições ; ella pode dizer que Deus existe, que é creador, etc., etc. mas não pode verificar estes assertos por meio da experiencia.

O padre Gratry lembrou-se um dia de dizer que o mysticismo era uma escola de experimentação divina.

Seja. Mas que importa, se todos não podem ser mysticos ? . . .

Desde o principio poderamos ter notado que houve da parte do chronista proposito caprichoso de ferir-nos, tanto que transviou por vezes as nossas phrases e mudou-lhes o sentido.

Assim onde dissemos : « Se ninguem ao certo sabe quem é Deus, como se pode ao certo saber que Jesus

não era Deus? » O senhor dos disparates tirou o — *não* — e repetiu — que Jesus era Deus, para só assim achar motivo de refutação, em estylo *debecatorio*. Mais a baixo quando dissemos : « Onde é que se vae haurir uma noção completa e certa da divindade, para ser applicada ao fundador do christianismo e achar que lhe não convem? » Estas ultimas palavras que sublinhamos foram postas de parte, porque de feito não se prestavam aos intentos do chronista, que eram mostrar-nos como um sectario das negações absolutas dos espiritos desvairados, quando aliás as nossas palavras, para quem sabe ler e entender, provam justamente o contrario. Admiravel *Catholico*!

Desprezando o que ahi ainda resta de pequeninas miserias intellectuaes, vamos ao fim que é saboroso.

Dizer, como dissemos, que não se sabe o que é o mundo, nem tão pouco o que é o homem, tambem foi para o *Catholico* um disparate. Qual a razão que allegou? . . . Eil-a: « porque sabemos, e até o escriptor do *Americano*, que o homem é um animal racional, composto de alma e de corpo, e o mundo a universidade das coisas creadas, quer materiaes, quer immateriaes. » Isto é inqualificavel; aqui revelou-se a obra da caduquice, do atrazo e da insufficiencia na materia.

Sabemos o que é o homem, porque sabemos que é um animal racional, composto de alma e corpo! . . .

Pobre nescio, não vê que se expõe ao ridículo, com estas antigualhas e farrapos estereis de philosophia monastica? Não vê que uma definição dessa natureza não dá a conhecer a coisa definida, e serve apenas para disfarçar e esconder a profundeza da ignorancia! . . . Acresce que ha outro enorme paralogismo em dar como certo e sabido que o homem é composto de duas substancias, quando isso é immensamente controvertido.

O *Catholico* julga saber o que é homem? . . . sabe pois se a especie humana é *uma ou múltipla*? sabe qual é a origem dessa especie? . . . qual o tempo e o lugar de sua apparição? . . . quaes os seus caracteres proprios e que a distinguem de outras especies? . . . tudo isto em nome da sciencia? . . . Quall! . . . O *Catholico* anda em trevas. Ha diversas definições do homem; o que prova quão pouco se conhece o que elle seja.

Dizer que *o mundo é a universalidade das coisas creadas* nada significa, senão que o chronista ignora mesmo o alcance dos problemas philosophicos, nem sabe onde elles estão. Se de certo o mundo é o complexo de todas as coisas creadas, e affirmar isto vale saber o que é o mundo, é justo que se deve tambem saber o que seja esse complexo de coisas creadas. Diga-nos pois: Quaes e quantas são ellas? . . . porque leis são regidas? . . . por uma ou por muitas? . . . esses pontos luminosos que vemos na immensidade, serão outros

tantos systemas de mundos como o nosso?... O escriptor do *Catholico*, já que sabe o que é o mundo no sentido de todas as coisas creadas, poderá dar-nos a conta exacta dos grandes astros, dos grupos de estrelas, dos cometas e todos os corpos enormes que se movem no espaço?!... Ah!... temos pena de vel-o tão atrasado. « Todas as coisas creadas! » E a propria criação não é ainda uma questão tenebrosa?... para que mais esta falta de logica?... Sabeis se o mundo é finito ou infinito?... Se é finito, onde termina e com quem se limita?! « O mundo é a universalidade das coisas! » Phrase esteril, que nada ensina, que não é mesmo uma definição, pois o segundo termo, o attributo desse juizo equivale a um x.

O escriptor do *Catholico* tome tento; não se julgue o que não é. Veja emfim que até ao escriptor do *Americano* coube a tarefa de calcar por sua vez, as pretenções dessa ignorancia de cãs, ignorancia rheumatica, ossificada, irremediavel...

II

Não conheceis alguma coisa mais chula e mais ridicula do que uma velha *coquette*? E' um velho pedante. Sem mais preambulo sobre o escriptor do *Catholico*, vamos apreciar a sua nova tirada de parvoices.

« E' disparate alcunhar de *desvario* uma doutrina (a de *juizos negativos equivalentes a affirmativos*) tão verdadeira quando se trata das divinas perfeições. De feito que negamos a Deus?... as perfeições misturadas com as imperfeições, assim como se acham nas creaturas. E isto não equivalerá a affirmar delle as mesmas perfeições em grau superlativo?... »

Tudo isto é burlesco? não; tudo isto é nullo. O *Catholico* não vê que esse Deus composto das mesmas perfeições que se acham nas *creaturas*, só com a differença de não terem mistura e serem superlativas, torna-se um immenso phantasma, uma enorme sombra de nós mesmos e de todas as coisas que podemos observar na natureza?... Qual é a creatura que não encerra, inda que seja um minimo de perfeição? E porque não daremos a Deus tudo que de perfeito vemos nellas, uma vez que lhe tiremos o que ha de imperfecto e elevemos as perfeições ao *gráu superlativo*? O *Catholico* não vê que as suas palayras prestam-se a que se lhe attribua a idéa de um Deus que fórma uma especie de *pouco de tudo*, comtanto que esse pouco seja bom e perfeito!...

Dir-nos-ha porém, como unico refugio, que só se referiu á creatura humana. Mas nada lhe aproveita, porque nem pode arredar a pecha de leviano que não repara no que escreve nem tão pouco melhora as condições da questão?

Porque motivo só se devem attribuir a Deus, mesmo de um modo transcendente, as qualidades, as perfeições do homem?

Qual o direito que nos assiste, a nós outros mamíferos bipedes, para negarmos aos quadrupedes, bem como a todos os outros animaes, a honra de tambem fornecerem uma perfeiçãozinha ao Deus de que falam as theodicéas inclusive a do velho *philosophastro Catholico*!?. . .

E' porque o homem tem qualidades que faltam aos outros seres, bem como a razão e a liberdade?... Resposta futil que suppõe absoluto o que é relativo. O pensamento no homem é uma perfeição em relação ás qualidades inferiores que o constituem, mas fóra disso, considerado absolutamente se é mesmo possível considerá-lo, o pensamento não é perfeição nem imperfeição, porque é nada.

Intelligencia pura, pensamento puro são synonymos de pura estupidez e puro idiotismo, porque todos significam coisas que não se entendem; são palavras sem sentido.

Não se julgue que damos assim á discussão um certo ar de importancia porque o *Catholico* a mereça; não; é porque temos tambem em vista inteirar os leitores de algumas verdades geralmente pouco percebidas. O burlesco theologo avançou que a nossa razão chega a conhecer certamente que Deus existe,

e confusamente o que é Deus... Eil-o pisando no mesmo terreno de afirmações gratuitas, vãs, insignificantes. *Nossa razão*, diz elle; mas a quem se refere? Declaramos que a razão que nos pertence, não comprehende nada disto. Cremos que Deus existe, mas se nos pedirem uma prova de sua existencia, dada em nome da razão e da logica, não temos; porque todas as que ensinam os philosophos *asneirões*, inclusive S. Thomaz e sua gente, são dignas de apupos e pedradas.

Tinhamos perguntado aos que admittem a equivalencia dos juizos negativos a affirmativos, quaes eram os equivalentes destes dois juizos: Deus não é o homem, Deus não é a natureza.

O *Catholico* respondeu.

« Equivalem a estes affirmativos: Deus excede ao homem, Deus excede á natureza. São claras (para quem sabe o latim) estas palavras de S. Thomaz: Conhecemos que Deus é a causa de todas as coisas e que não é nenhuma das coisas que creou; e delle as removemos, não porque lhe falte alguma coisa, *mas por que excedê a todas.*... »

Este pedaço é inqualificavel. O juizo — *Deus não é o homem*, tanto não equivale ao juizo — *Deus excede ao homem*, que os mais diversos systemas podem variar-o a seu modo. Assim, se o *Catholico* diz que Deus não ser o homem é igual a Deus exceder o homem, um

idealista diz que Deus não é o homem porque Deus é uma idéa ; um hegeliano dirá o mesmo, porque Deus não é, porém *vai se fazendo* ; um atheu emfim dirá que Deus não é o homem nem a natureza, porque Deus é nada, etc. Onde está a equivalencia descoberta pelo *Catholico* ? Metta no fogo o sen S. Thomaz.

O que se segue é menos que comedia, é farça. A proposito da expressão — *cidade do futuro*, por nós empregada, no sentido figurado de um ponto mais alto de civilisação e progresso, para onde a humanidade caminha, o *Catholico* exhibiu-se em toda sua estolidez; sahiu fóra mesmo da ignorancia commum. Entendeu que *cidade do futuro* era o céu!... Que miseria!... Eis um d'aquelles que não comprehendem como se possa dizer que a *brisa vda*, visto que a brisa não tem azas ! Não comprehendem uma figura. E o mais é que mandou-nos consultar aos meninos de catechismo sobre tal assumpto. Quiz fazer espirito ; mas é espirito de velho ignorante que semelhante ás finezas de uma velha, « é como comida ingleza, não tem pimenta nem sal. » Ai!... que fizemos ! Valha-nos Deus ; prestamos o flanco a novo ataque. O homem não perderá esta vasa, e virá mostrar mais um absurdo nosso repetindo em seu estylo de carroça : *Pois não será disparate dizer que comida ingleza não tem pimenta nem sal, quando S. Thomaz, summo theologo, etc., etc., prova o contrario?...* Esperem que hão de ver.

O bom do homem reuniu ao nosso um artigo transcripto assignado por Pinheiro Chagas, onde tambem descobrimos disparates. O nome do distincto moço litterato vale uma defesa superior a qualquer que lhe possessemos fazer. O grande apreço que deu o publico ao trabalho a sua producção tem a força de uma sentença que condemna o *Catholico* a vestir-se de sacco e cobrir-se de cinza.

II

O ponto capital da maior controversia do seculo, dissemos, é a divindade de Jesus. Foi a este mesmo assumpto que o padre Beautain chamara a *grande heresia do seculo XIX*. Citamol-o para mostrar que o *Catholico* era tólo em julgar disparate nosso, por dar o nome de controversia do seculo a uma coisa, como disse elle, decidida no seculo IV, quando Beautain tinha dado aquelle titulo a mesma questão do seculo IV. Disparate, porque razão?

Tudo que disse o *Catholico* se reduz a isto: porque *controversia* não é o mesmo que *heresia*, segundo Moraes! *Risum teneatis*? Disparate grosso, ignorancia crassa é confundir definições de palavras com definições de coisas. Escute e aprenda, se isto ainda lhe é

possível. Para isso citaremos mesmo algumas palavras suas :

« Os anti-infallibilistas não eram por certo hereges, se não controversistas em materia dogmatica ainda não bem discutida nem definida. »

Admitte, pois, que a controversia pode preceder a heresia. Mas se mesmo depois de bem *discutida e definida*, como diz, qualquer materia dogmatica, os que a igreja qualifica de hereges, pouco se importam com esse titulo, zombam das ameaças do *fogo eterno*, e continuam a revolver a questão, como dantes, que são? que são elles? diga-nos! Em que consiste a heresia deste ou daquelle senão em controverter, isto é, em questionar, em affirmar ou negar aquillo que a igreja nega ou affirma?

Pobre tonto! . . . O escriptor do *Catholico*, não ha duvida, é horriavelmente ignorante. Mas aqui nos occorre uma observação. Antes de ser definido o dogma da infallibilidade, os bispos que se lhe oppunham eram controversistas, segundo mesmo opina o *Catholico*; e, como diz adiante, a controversia serve para esclarecer a verdade; ora, sendo assim, porque razão tanto odio *catholico romano* aos bispos e em geral a todos os eirigos que ousaram se pronunciar contra? Coitados! estão sujeitos até a morrer, *por milagre, lançando sangue pela bocca*, e por onde mais o papa quizer. Deixemos isto, que sempre foi para nós questão ociosa.

O homem dos disparates devia saber que Guizot não é padre ; que, falando da negação da divindade de Jesus, não podia ter em vista, como historiador e philosopho crente, se não julgar perigosas para todas as igrejas as *questões* suscitadas pela critica, relativas ao *sobrenatural*, á *inspiração dos livros santos* e a *Jesus Christo* ; questões que se propoz discutir na obra que citamos, e de facto as discutiu, sem que contudo podesse fechar o debate, isto é, a controversia, afirmando e provando de um modo que não fosse mais possivel uma negação. Entendeu, Sr. *Catholico* ? *Stipes*, tenha senso. Lembre-se que Guizot é protestante ; e o protestantismo, ainda mesmo o mais orthodoxo, não se leva pelas decisões catholicas. *Heresia* é o nome pavoroso que a igreja, não podendo convencer por outro meio, attribue a qualquer opinião, a qualquer systema diverso do que ella impõe, mas no fundo uma heresia é um modo de entender opposto a outro modo de entender ; o que constitue a controversia. Aquelle que disse — *convem que haja hereges*, não tinha outra idéa, e se visse o *Catholico* escrever tanta asneira, havia de dirigir-lhe uma grande descompostura, naquelle estylo cortez e polido da *epistola aos Galatas*. Controversia, palavra toda latina, sempre significou *disputa*, *contenda*, *questão* ; por consequente onde quer que appareçam contendores e disputadores sobre qualquer proposição, esta se diz controvertida. Não ha nada

mais claro para quem tem cabeça e não perdeu o senso commum. Fazer, como fez, de *controverso e duvidoso* termos synonymos, é mais uma prova de sua *excellentissima* ignorancia. Os espiritos que affirmam ou negam com razões o que outros negam ou affirmam, controvertem, mas não duvidam. Duvidam, porém, aquelles que vendo as razões de uns e de outros, ficam perplexos, indecisos pelo *sim* ou pelo *não*. Nós, por exemplo, que negamos a possibilidade de uma *sciencia de Deus*, não temos a menor duvida a respeito, estamos convencidos. O *Catholico* que affirmam, deve tambem estar convicto; entretanto existe ahi uma controversia, que poderia tomar um aspecto serio e proveitoso, se o *Catholico* soubesse philosophia e mais alguma coisa para entrar em discussão.

« Crer é ter por certa uma coisa que percebemos pelos sentidos, pela razão, ou que nos é testemunhada por outros, ou reveladas por Deus. Ora, ter uma coisa por *certa* é *saber* que ella é. Logo, crer em Deus, creador do céu e da terra, é saber que elle é e que é creador. . . »

Quem tem presumpção de philosopho, não diz destas; não prova assim que ignora trivialidades de psychologia. O que nós percebemos pelos sentidos, ou pela razão, é coisa *sabida*; não assim, porém, o que é testemunhado por outros, que é coisa *crida*. Para seguir seu exemplo, aconselho-lhe que vá ler o tratado

das *Faculdades da alma* de Garnier, liv. 2º, cap. 2º, liv. 6º, cap. 1º e liv. 8º, cap. 1º. Todavia, não nos contentamos com isto, pois que temos respeito ao publico que quer ver argumentos e não citações de nomes.

Crer não é saber, crença não é sciencia, dizemos nós. Os astrónomos *sabem* que o sol está cerca de 34 milhões de leguas distante da terra; nós, porém, que não medimos nem calculamos, *cremos* que assim seja, confiando na palavra dos *sabios*.

Dahi vem que não basta ler de cór qualquer tratado de astronomia, para ser astrónomo; é preciso observar por si mesmo, calcular por si mesmo, afim de passar do estado de *crença* ao estado de *sciencia*. Não dissimulamos que esta theoria não pode agradar, porque ella tem consequencias mais fataes do que se pensa. Um indivíduo por exemplo, que tem de cór, á força de muita leitura, Adam Smith, Ricardo, Malthus, Say, Rossi e outros economistas, que lhes repete os argumentos, conforme as questões suscitadas, sem dizer coisa alguma de novo, coisa alguma de proprio, esse homem não é por certo um economista; é um *pregador* da sciencia alheia, em rigor não sabe o que diz; crê no que os outros disseram. Note-se ainda. Aquillo que o homem *sabe*, só o pode perder por *esquecimento*, por *loucura*, ou *outra causa morbida*.

Pode-se perder uma crença, e perde-se de facto, por motivos mui diversos! A synonymia de *crer* e *saber*

é de linguagem vulgar onde as vezes tambem são synonymos *sentir* e *conhecer*, que aliás a philosophia manda distinguir. Antes de Niebuhr, tinha-se a pretensão de *saber* que Romulo fora o fundador de Roma ; hoje, porém, Romulo é tido por fabuloso. Acabou-se o *crer* e o *saber*, de que fala o *Catholico*, a respeito do destruidor de Carthago, que não está isento de que uma critica mais adiantada venha dizer-nos: — não foi tal. Quem não creu por muito tempo que Catilina foi um scelerado ? Hoje ha quem o defenda e com boas razões. Mas não passemos adiante, sem mostrar quanto o *Catholico* é bobo no emprego de sua logica. Vejam como elle argumenta : *crer é ter por certa uma coisa que percebemos pelos sentidos, pela razão, etc.* Ora, é isto mesmo que nós negamos, é isto mesmo que constitue a questão, porque as *percepções*, quanto a nós, de accordo com os melhores psychologos, não são *crenças*.

É do ponto que estava em questão que elle fez a *maior* de um syllogismo ! Digam-nos pois : é philosopho, é logico, é coisa alguma quem argumenta neste gosto ? Cremos, temos a crença de que Deus é o creador do céu e da terra, por isso mesmo que não sabemos, não temos sciencia do que elle seja. A crença é um supplemento do que falta ao conhecimento. Mas de Deus nós não conhecemos nada, nem pelos sentidos, porque não o vemos, nem o ouvimos, etc. ; nem

pela razão, porque a idéa que delle se fórma é variavel segundo a intelligencia dos individuos.

E, pois, uma simples crença, sem base de conhecimento, de percepção, não pode constituir uma sciencia. Theodicéa é theomania. O *Catholico* que é *cascabulho* e *cascabulho* mau em philosophia, ainda lembrou-se de mencionar o estúpido argumento do consenso unanime, como elemento experimental da theodicéa !... Não vê que o que se diz de um homem, é extensivo a todos os homens !...

Se houvesse uma sciencia da divindade, o seu problema capital seria este: a idéa que os homens em todos os tempos e lugares têm formado de Deus, corresponde de certo a um objecto exterior e real?... Como resolvê-lo?

O *Catholico* julga dar solução pelo principio de que não ha effeito sem causa ! Que falta de senso ! E' a mesma questão em outros termos: a idéa que todos os homens têm formado de Deus, será um effeito de que Deus é a causa ?... Para mostrar o valor da experiencia em materia scientifica, citaremos um exemplo. Um physico nos diz que no *vacuo* todos os corpos cahem com a mesma ligeireza ; nós, porém, que não podemos comprehender facilmente como um fiapo de lan e um pedaço de chumbo caiam com igual velocidade, mostramos um pouco de duvida. Mas o physico não briga por isso; convida-nos ao seu gabinete, extrai

o ar de um tubo de vidro, e lança por elle os dois corpos diversos que vemos cahirem ao mesmo tempo, quantas vezes quizermos. O *Catholico* pode dizer-nos que *sabe* quem é Deus, que *sabe* como elle creou o mundo, que *sabe* tudo quanto nós outros *impios* limitamos-nos a *crer*. Só lhe fazemos esta pergunta : que é da *prova* ? Não existe, não pode existir.

Deus é, como já uma vez dissemos, um nome que só tem vocativo ; ou melhor, Deus é uma interjeição que resume todos os gritos dolorosos, todas as ancias infinitas, contidas e abafadas no peito da humanidade. Estas ultimas palavras não são para o *Catholico*, são para quem entende do *riscado*. O leitor que deu grammatica lembrar-se-ha de como os mestres costumam advertir aos meninos para conhecerem os *agentes* e *pacientes* das orações. Conhece-se o *agente*, perguntando ao verbo — quem ? ; e o *paciente*, perguntando ao verbo — o que ? Eis a philosophia do velho sobre quem é Deus e o que é Deus ; é uma distincção puramente grammatical á semelhança da que empregam os professores de primeiras letras.

E' difficil, e tornar-se-hia fastidioso enumerar, uma por uma, as asneiras do philosopho. Mas queremos ainda observar-lhe que o facto de nos ter subtrahido palavras, em seu primeiro artigo, dava uma idéa diversa da que tivemos. Os que negam a divindade de Christo, diz o tonto, não ignoram quem é Deus!

Que brutalidade ! Se elles soubessem quem é Deus, segundo ensina o *Credo*, tambem saberiam, segundo ensina o mesmo *Credo*, que Jesus é *filho de Deus, concebido por obra e graça do Espírito-Santo*.

Verdade é que neste ponto o *symbolo dos Apostolos* contraria um celebre hymno da igreja. Alli se diz que Jesus foi concebido por obra do Espírito-Santo, *espíritu sancto* ; aqui se diz que o Santo espirito é que procede do pai e do filho, *procedente ab utroque*. Não é coisa muito normal. Tanto se pôde dizer que os criticos de Jesus não sabem quem é Deus, quanto se mostra que cada um tem uma noção particular a respeito. Assim para Renan Deus é *a expressão de nossas necessidades supra-sensivas, a categoria do ideal* ; para Strauss, que era discipulo de Hegel, Deus é *o desenvolvimento da idea* ; para outros é uma outra coisa. Como é, pois, que elles sabem quem é Deus ? Será empregando o esteril—*não ha effeito sem causa* ? Não, por certo, que isto nada aproveita. *Não ha effeito sem causa...* assimelha-se a isto : *não ha filho sem pai ; Jacques é filho ; logo Jacques é filho do pai d'elle ;* ou tambem a isto : *não ha escripto sem autor ; a chronica dos disparates é um escripto ; logo o autor é o decano da Faculdade*. Que taes estas conclusões !

O bom do refutador intimou-nos que dessemos uma definição do homem, melhor que a dada por elle. Foi uma represalia de menino e de menino tôlo. Devia

ver que não podíamos definir o homem, nós que dissemos que ninguém *sabe ao certo o que é elle*. A proposito de muitas perguntas que lhe fizemos, que todas importam grandes questões, talvez insolúveis sobre o homem e sobre o mundo, deslocou a questão relativa á unidade ou diversidade da especie humana, e mandou que lessemos Flourens! Entretanto não reparou que isso é que merece o nome de *disparate*, pois que não se trata de saber o que diz este ou aquelle sobre a materia, mas de mostrar que a questão existe ou não existe. Ignora por certo que ha mesmo dois nomes technicos para exprimir as duas escolas que ainda contendem — *monogenistas e polygenistas*. Veja o que diz Quatrefages que aliás é monogenista e tratou do assumpto mais largamente que Flourens: « Ha entre os meus collegas (professores do Museu) um certo numero de homens, *mesmo de um grande merito*, que admittem a pluralidade das especies humanas, etc. » (1)

Scherer falando de Adolpho Pictet, escreve :

« Queremos dizer que M. Pictet deixa de lado todas as grandes questões que se agitam hoje. As linguas e as raças podem-se reduzir a uma unidade de origem?... Se a discussão sobre a *unidade ou diversidade*

(1) *Histoire naturelle de l'homme*. Conférences populaires, t. 1, pag. 45.

primitiva da especie deve um dia ter fim, será isso devido, etc, etc.» (2)

Descemos a estes detalhes, por amor de quem mais nos possa lêr, além do *Catholico*. Porquanto não temos em vista *convencel-o*, pois que só se convencem as intelligencias claras; nem queremos *vencel-o*, pois que tal victoria não tem merito, não ha gloria alguma em *matar defunctos*. O que quizemos foi confundil-o e deixal-o ás apalpadellas nas trevas exteriores e interiores da sua ignorancia. Até pouco tempo era isto bem difficil, porque o *Catholico* tinha tambem a sua crôsta *lendaria* para oppôr a quaesquer golpes. *Publicista de primeira ordem* (signaes de pasmo), *primeira cabeça do norte* (hiaridade), *quinto economista do mundo* (gargalhadas), *que até dizem alguns, já foi citado por Thiers!* tudo isso formava uma lenda que não era facil apagar. Elle mesmo incumbiu-se de se revelar vulgarissimo e ridiculo. Devemos, pois, declarar-lhe que aqui fechamos toda a casta de discussão. Continue a descobrir os nossos disparates, como nós continuaremos a escrever. Não faremos caso nem mais o leremos. O publico, para quem escrevemos, não tira proveito algum desta briga de um *gavião* com uma *coruja* que habita nos esconderijos de alguma igreja velha e abandonada. O tal escriptor é hoje apenas um

(2) *Melanges*, etc., pags. 37 e 38.

motivo sobre que se pode *moralizar* como se *moralisa* sobre as ruínas de um edificio que illudia as vistas com apparencias de grandeza, mas estava com bases fracas e nullas; pelo que tombou e jaz por terra. Ha sómente em tudo isto uma lição util: é que esse escriptor burlesco, dizendo tanta asneira por conta e risco de todos que o seguem e o admiram, dá uma justa medida da *illustração dos frades, carolas e beatos*, seus amigos e camaradas. A não reparar, no modo abusivo, porque o bom do homem emprega tantas vezes as palavras — *ora e logo*, o leitor seria tentado a consideral-o como muito logico. E elle julga-se tal! Não se illudam. E' um simples *consequenciario*. *Cave a consequentiariis* — dizia Leibnitz. Tirador de consequencias, a torto e a direito, é justamente o que se chama um *asneirão*. Rogamos ao leitor que não estranhe termos dado a um complexo de inepecias uma importancia maior do que deviamos. Já dissemos o motivo. Além disto, quem nos prohibe de escrever uma obra muito seria que allás tenha por titulo: *A proposito de um bôbo?*

Ajoelhe-se, *Catholico*; peça perdão ao publico benevolo do tempo que o levou a enganar, apresentando-se como grande coisa.

Vá rezar; adeus.

IV

Promettemos não prestar mais attenção ao *Catholico*; nem elle a merece. Mas eil-o de novo, em o seu n. 24, a fazer descobertas que causam lastima, e revelam até que ponto aquelle pobre espirito se acha confundido e acabrunhado. Não queremos privar os nossos leitores de apreciar todos os pedaços que aqui transcrevemos e annotamos :

« O *Americano* no n. 23 se debate e faz esforços supremos para sahir do aperto em que o puzemos, e enraivecido vomitou as mais grosseiras descomposturas contra o principal redactor do *Catholico*, que as despreza. »

Diga assim mesmo, *Catholico*; porque ninguem mais o diz. Onde é que o reverendo escriptor foi buscar idéas e pôde achar argumentos capazes de pôr em aperto a quem quer que seja? Ah! se o *Catholico* ouvisse que de gargalhadas se dão á custa de sua logica, não teria essa presumpção. Resigne-se e sujeite-se ás vicissitudes da sorte. A era das illusões passou; quem é que se lembra mais do *Catholico*, para dar-lhe o nome que dantes tinha?... Faz pena; é verdade, mas não ha remedio. Diz que o *Americano* vomitou as mais grosseiras descomposturas...

E' um meio este de despertar compaixão e sympathia á sua causa, na falta de outro. Patentear por todos os modos e por meio de todos os epithetos a sua inqualificavel ignorancia, mas sem dizer uma só palavra que offendesse ao seu character, á sua reputação moral, é a isso que chamou *as mais grosseiras descomposturas!*— Bem sabemos que preferiria toda especie de insultos e injurias que atassalhassem a dignidade do homem, ao atrevimento de provar em publico a mesquinhez de suas idéas, e em face dos documentos, qualifical-o de nescio. Não entendemos assim. O *Catholico* é para nós um homem respeitavel debaixo de todos os pontos de vista moraes; porém, sob as relações intellectuaes, é um espirito atrazado e profundamente ignorante; não escreve duas linhas que se aproveitem. Em resumo foi o que dissemos, e isto não é descompor. Se em nosso escripto foi alguma phrase que podesse feril-o no sanctuario de sua honestidade, ajoelhamos e pedimos-lhe perdão. Mas permitta que carreguemos as tintas de todas as que têm por fim pintar ao vivo o estado de penuria em que se acha a sua intelligencia. O que o *Catholico* despreza, não são as descomposturas que não existem; são as fortes verdades que não pode combater.

« Ahi vão mais disparates: No n. 19 disse o *Americano* que a nossa definição de mundo (*a universalidade de todas as coisas creadas*) nada ensina.

Disparate, porque ensina pelo menos a não confundir mundo com o Americano, por não ser este a universalidade de todas as coisas creadas.

Pergunta-nos o *Americano*: Esses pontos luminosos que vemos na immensidade, serão outros tantos systemas de mundos, como o nosso? Sendo tambem esses pontos *coisas creadas*, cujo complexo é o mundo, a pergunta é disparatada. Acaso pensa o *Americano* que systemas de mundos e systemas planetarios, ou o mundo e globo sejam synonymos? »

Julgue o leitor, se é possivel uma discussão seria com tal argumentador. A nossa pergunta foi um *disparate*, porque os pontos luminosos, de que falamos, tambem são *coisas creadas*, cujo complexo é o mundo!... Isto é uma miseria. Para provar que não sabemos o que é o mundo em geral alludimos á ignorancia em que estamos, não só nós outros, mas até os sabios respectivos, sobre quaes sejam as leis que regem essas myriades de corpos luminosos que apenas vemos, mas pela sua immensa distancia não se prestam á observação scientifica. E o *Catholico* respondeu-nos com semelhante asneira! Sem dar a precisa distincção á palavra mundo no sentido *philosophico*, e no sentido *astronomico*, fez um embrulho de tolices que até envergonhamos de refutar. Porquanto o *Catholico* zomba do publico, entendendo que tira vantagem perante elle, pondo de parte o assumpto principal do

escripto que pretende combater e lançando mão de pedacinhos deslocados daqui e dalli. Não damos o desfructe de argumentar seriamente, longamente, com quem perden o senso *logico*, e não sabe raciocinar. A que proposito, na questão vertente, veio a synonymia de *systema do mundo* e *systema planetario*?... Que pedantismo, ou melhor, que asneira é esta? Ainda que saibamos que todos esses pontos luminosos são coisas *creadas*, *ipso facto* ficará sabido que elles obedecem ás mesmas leis que regem o nosso *systema solar*?... Que logica, santo Deus!... E como é que se sabe ao certo o que é o mundo, quando se ignoram tantas coisas que lhe dizem respeito? A intelligencia do *Catholico* está ás avessas; vire-a ás direitas, e então volte á liça.

« Ainda mais disparatada é pois esta outra pergunta: Se de certo o mundo é o complexo de todas as coisas creadas, e affirmar isto vale saber o que é o mundo, é justo que se deva saber tambem o que seja esse complexo de coisas creadas. Disparate, porque para affirmar a existencia de um sacco de trigo, não releva saber quantos grãos de trigo ha no sacco. »

Mas o que se questiona, não é affirmar ou negar a existencia do mundo, porém saber ou não o que elle seja. O exemplo é *asneirologico*. O exemplo, dizemos; e o *Catholico* não deu como exemplo; deu como razão. Eis o seu raciocinio: para saber o que é o mundo,

não releva saber quaes e quantas são as *coisas creadas*, que o compoem, *porque* para affirmar a existencia de um sacco de trigo, não releva saber quantos grãos de trigo ha no sacco! Bonito!... isto é soberbo. Ora, assim como o mundo se define a *universalidade de todas as coisas creadas*, da mesma forma o sacco de trigo definir-se-ha a *universalidade de todos os grãos que estão dentro do sacco, juntamente com o dito sacco*. Vê-se pois que não ha nada de novo, que tudo se reduz á isto: *o mundo é o mundo; um sacco de trigo é um sacco de trigo, Mané, não digas teu nome; adivinha o que é que eu trago nesta carga de bananas. Que philosophia; e que philosopho é o nosso Catholico!*

V

Disparate (veja *Roquette*) significa *dito fóra de razão e regra, tolice...* etc. Se qualificar de tolo é descompostura, o *Catholico* foi o primeiro a descompor o *Americano*, uma vez que o taxou de *disparatado*. Não tinha pois razão de queixa. Mas insistimos em affirmar que não houve offensa moral, nem de um nem de outro lado. Descompostura (veja *Roquette*, o *Catholico é amante dos dictionarios*) descompostura quer dizer... *insulto, injuria de palavras*; e não

ha quem deixe de comprehender que só são insultantes e injuriosas aquellas expressões que ferem o character e a reputação moral do individuo. Quando pois, com as provas na mão, dissemos, como ainda dizemos, que o *Catholico* é horriavelmente ignorante, é um tolo completo em philosophia..., tudo isto não é incompativel com o respeito que votamos ao character do homem, e que homem!... um ancião! Ah! nós tambem seremos velho, e sel-o-hemos breve; mas então teremos a prudencia de não suppor-nos o que não somos, de repousar tranquillo no seio das recordações e não julgar *disparate* qualquer pensamento alheio que não for adequado aos nossos gostos e aborrimentos de velho. Sobre tudo não deixar-nos-hemos illudir pela maniacca vaidade de pretender *espichar* a todos, para não termos o dissabor de ver a nossa ignorancia desmascarada e patente aos olhos do publico.

O *Catholico*, n. 11 de 5 do corrente, volta a repetir as mesmas tolices, já tantas vezes batidas e machucadas. *Mundo e universo*, no sentido astronomico, são coisas differentes. Veja o que diz a respeito Augusto Comte, superior a todos os *Moraes* e todos os *Catholicos*: « O conhecimento do movimento de nosso globo, transportando todas as estrellas a distancias infinitamente mais consideraveis que os maiores intervallos planetarios, não deixou, em nosso pensamento,

logar para a idéa real e sensível de systema, senão a respeito do pequenino grupo, de que fazemos parte, em torno do sol. Desde logo, a noção de *mundo* se introduziu, como clara e usual; e a de *universo* se tornou essencialmente *incerta* e mesmo *inintelligível*.» (Tomo II de *phil... posit... pag. 120*).

No sentido philosophico, porém, é justamente o que está em questão: o *Catholico* diz que o mundo é a *universalidade de todas as coisas creadas*; nós dizemos que esta definição nada exprime, é uma tautologia; e que em summa não sabemos o que é o mundo, não sabemos o que elle seja em sua origem, em suas leis, em seus destinos: o *Catholico* ignora por certo o que é uma definição; pois que dá, como tal, a simples significação da palavra que se encontra nos velhos dictionarios... Que boa philosophia!... Todos os termos technicos das sciencias se acham comprehendidos no numero das palavras que compõem uma lingua.

Se pois as accepções que dão os vocabularios, valessem definições scientificas, podiam-se dispensar quaesquer outros livros; bastaria um dictionario para fazer um sabio; o que é absurdo e ridiculo. O *Catholico* é sabio desse genero. *Que é o mundo?*... é a totalidade das coisas creadas... equivale a isto: *Que é Pariz?*... é a totalidade das casas e habitantes que compõem a capital da França. Tal resposta

não responde. Para quem não conhece Pariz, a ignorancia fica no mesmo pé; não se adianta uma idéa. E' assim a definição do mundo, dada pelo *Catholico*. E ainda teve coragem de falar no *sacco de trigo*! E tem o desplante de escrever estas palavras: «... pôde-se definir o que é um sacco de trigo, embora se ignore quantos grãos de trigo ha no sacco.» Oh! miseria! Como se um sacco de trigo fosse materia definivel!... Como se houvesse relação alguma entre os grãos de trigo e as coisas do universo!...

Catholico, admiravel *Catholico*, arrolhe o garrafão; isto é horrivel!... tanta asneira dita por um velho lente de uma Faculdade... Meu Deus! que vergonha para o paiz, se isto pudesse chegar ao conhecimento do estrangeiro!

Demos de barato que os *grãos de trigo* figurem as *coisas creadas*, que fazem o mundo;... e o *sacco*, bom *Catholico*?... a que corresponde o *sacco*?... E' certo que para affirmar o sacco de trigo não precisa saber quantos grãos ha no sacco; mas para conhecê-lo de todo, é preciso saber quantos alqueires tem. Dahi, por conseguinte, admittida a relação inventada pelo *Catholico*, para bem conhecer o mundo, importa saber quantos *alqueires* de estrellas, quantas *cuias de coisas creadas* ha no universo-sacco.

O *Catholico*, certo de que se acha desmascarado em materia philosophica, está procurando meios de

salvar-se, ao menos em outros assumptos, de modo que, fugindo medroso dos pontos principaes da questão, deixou de lado a *controversia sobre Jesus, a theodiceia, o homem*, para falar em astronomia! Que pedante!... Ahi mesmo prova a sua fraqueza. O leitor imparcial terá comprehendido que quando dissemos *astros superiores e inferiores*, foi em relação á massa, ao volume, ao tamanho, como tambem dissemos *astros grandes e pequenos*. Para que o *Catholico* torce as nossas palavras?... Encare de frente o assumpto; não procure subterfugios; não lance mão de falsidades. O *Catholico*, philosopho ha 50 annos, não sabe coisa alguma de philosophia, como se mette a tratar de astronomia, depois de uma ou duas lições dadas por algum seu collega de *religião*?...

Mas escutemos as suas ultimas palavras que são muito significativas. Ell-as: « Descomposturas grosseiras e disparates são boa recommendação para quem pretende abrir um collegio de educação da mocidade. » Aqui revelou-se a alma do homem de um modo pouco lisongeiro. Taes palavras envolvem a intenção de arredar de nós a mocidade que porventura queira servir-se do nosso ensino, isto é, a intenção de fazer-nos um mal! Como está aquelle coração catholico cheio de fel!... que desejo de vingança!... Descance, ou desespere; não faz, não nos pôde fazer o mal que quer. Porque não se limitou como nós, a combater

por todos os modos, sem medidas nem reservas hypocritas, o lado intellectual, não se importando com os meios da vida alheia? Suas palavras são tentadoras. *vade retro, Catholice!* . . . Se quizermos de feito abrir um collegio, teremos de obedecer ás prescripções legais, e então poderá o *Catholico* pôr impedimentos.

Quando realmente fossemos disparatado, era isto uma razão de mais para praticarmos o ensino em um paiz, onde o principal redactor do *Catholico* é professor jubilado de uma faculdade de sciencias juridicas e sociaes! . . .

1870.

III

Uma anti-crítica, ou melhor, uma anti-descompostura

(COM O SR. DR. ALBINO MEIRA)

Appareceu já ha dias, em uma Revista academica intitulado — *Culto ás lettras* — uma gostosa tirada de quasi insultos, a mim dirigidos por occasião e sob pretexto do meu livrinho « Ensaios e Estudos de philosophia e critica. »

O autor, quem quer que elle seja, sem duvida persuadido de ser um daquelles que quanto mais se nomeiam mais anonymos ficam, não se dignou de assignar-se, como devera. Similhante a uma dessas descomposturas, não raras entre nós, oriundas do capricho e do odio social que fazem menos vergonha á victima, do que ao infamador, e que por isso se escondem quasi sempre por detraz do pseudonymo, o escripto a que me refiro, não traz uma assignatura de um homem de bem;

o autor julgou poder subscrever-se como um *Carvoeiro*. E, quem sabe? . . . talvez que o seu proprio nome não offerecesse melhores indícios para a descoberta do autor daquellas *delicadezas*.

O publico ficaria sempre desconhecendo a *espiritosa* personalidade, que se occupou de mim e de meu pobre livro. Nesta conjunctura, é claro que o honrado escriptor devia fazer escolha do epitheto mais appropriado ao papel que ia desempenhar.

Assim fel-o . . . Mas entremos no assumpto.

Sob o titulo de *palestra litteraria*, e com falsa apparencia de familiaridade, começa o referido escriptor pela citação de palavras minhas extrahidas de um dos artigos da brochura « Ensaios e Estudos »; e d'ahi seguindo, eleva-se ao alto ponto de me attribuir as qualidades de *asneirão*, *desmiolado* e outras de igual quilate. Aqui releva logo observar uma certa inverossimilhança: como é que o escriptor, principiando por *me atuar*, presuppondo-me com elle em amigavel *palestra litteraria*, atira-me, não obstante, uma porção de epithetos malsoantes, que só revelam um proposito de offender, um desabafo, uma explosão de velho odio accumulado?

De modo que não é preciso possuir um alto senso religioso, nem pertencer á sociedade *catholica*, para deixar-se tocar de mansuetude evangelica e exclamar como exclamo: *quid feci tibi, aut in quo contristavi te?*

Diz o Sr. Carvoeiro que tomando o meu conselho, quanto á critica inexoravel, a critica aniquilante que deve ser a nossa palavra de ordem, pretende elle assim exercel-a para commigo. Está direito. Ha sómente a observar que eu falei de critica inexoravel, aniquilante, é verdade, porém não da critica apaixonada, proposital, caprichosa; dessas criticas que são o effeito de uma vingança ou o resultado de uma *aposta*.

Realmente, se é que o digno senhor não quiz dessa maneira *vingar-se* de mim, por alguma offensa que lhe eu tivesse feito, posto que involuntariamente, é certo que elle *apostou* com algæm, ou consigo mesmo, deixar-me *aniquillado, esquecido* para sempre... Vejamos se ganhou a *aposta*.

E' singular, sobretudo, a impressão de ridiculo que causou no curto espirito do *Carvoeiro* a minha idéa de uma *internacional* em litteratura, de uma *organisação* da critica, de uma *liquidação* litteraria... E mais singular ainda é ver, como tendo eu dito, no citado artigo de meu livro, que todas as obras frivolas publicadas no Brasil e em Portugal, deveriam ser enviadas ao centro da associação, que eu figurava para lhes pôr o respectivo *placet*, ou o respectivo não *presta*, o escriptor do *Culto*, não sei por que processo logico, chegou á conclusão de ser elle competente para dizer-me: o teu livro tambem não *presta*. E' evidente que, não bastando dizel-o mas sendo mister proval-o, devia o

Carvoeiro indicar os fundamentos da sua asserção. Quaes foram elles?

O centro de gravidade das razões está no ponto da *organisação internacional* da critica, tendo a sua séde na Allemanha.

Esta organisação, diz elle, é uma *asneira*, porque ella é impossivel; esta impossibilidade provém de varios motivos.

Assim, nunca se poderia formar uma associação de homens competentes, distribuida pelo mundo, tendo na Allemanha a sua séde, para o fim de *criticar* com rigor as obras litterarias de todas as nações, separando o joio do trigo, o bom do mau; porque não havia quem nomeasse ou elegeisse os membros dessa associação. Este é o primeiro insuperavel embaraço. Depois na hypothese que isso se realisasse, surgia um outro obstaculo, não menos invencivel, da grave circumstancia de não poderem os membros da associação entre si chegar a um accordo sobre a bondade das obras. Dest'arte «na philosophia, os espiritalistas e materialistas; na poesia, os classicos, os românticos e os realistas não se entenderiam.» Causou-me pena a inconsciencia com que o *Carvoeiro* se aventurou a escrever esta porção de bordalengas coisas.

Mas não nos antecipemos. De todas as allegações do occulto personagem, neste sentido, a somma é que a minha idéa de uma sociedade composta de espiritos

cultos e elevados, destinada a julgar e decidir dos escriptos bons ou maus, que se publicassem em qualquer parte, é uma idéa impraticavel, uma *asneira* que só entra n'uma cabeça que *não tem miolos*... Será de certo?...

O *Carvoeiro* está bem convencido da minha *asneira*? Conseguiu proval-o?... Ora pois, tenha a bondade de attender um ponco.

A minha idéa não é isso que lhe parece, visto como, quando ella foi enunciada, já existia no alto mundo scientifico e litterario alguma coisa de analogo, alguma coisa da mesma especie, cuja realisação aliás não se antolhou aos seus creadores tão disparatada, como ao digno *Carvoeiro*. Vá ouvindo:

Em começos do anno passado formou-se na Alemanha uma associação, com o titulo de *Internationaler Dichterbund* (Alliança poetica internacional) < a qual, como diz o *Magasin für die L. des Auslandes* de 1874, n. 1, pag. 14, não só tem por fim a intima união dos espiritos poeticos de todos os povos cultos, mas tambem se destina ao alvo pratico de contribuir para espalhar o conhecimento das produções de cada paiz, pelo meio da traducção, da *analyse critica* (tome nota *Carvoeiro*), e da representação quanto ás obras dramaticas. A vantagem que d'ahi resulta para os poetas das diversas nações é evidente e só pode ter uma influencia benefica sobre a producção

poetica em geral. Esta grandiosa associação ramifica-se por todas as partes do mundo culto e já existem secções della na Hespanha, França, Hollanda, Russia, Italia e Inglaterra. O allemão Henrique Laube é um dos maiores promotores da idéa.» Agora diga-me, senhor meu: como poudes uma tal asneira entrar na cabeça de Laube e seus collegas? Quem poudes eger os membros da *Internationaler Dichterbund* nos paizes mencionados? . . . Como podem elles chegar a um accordo, quanto ás obras que devem traduzir, quanto á maneira de analysal-as e quanto ao valor dos dramas que devem ser representados? Não existe ahi tambem uma inquisição litteraria? Henrique Laube, Paulo Heyse, Geibel, etc., não são uns desmiolados? Inteligente creatura é sem duvida este Sr. *Carvoeiro*. Porém não fica ahi. Igualmente na Allemanha, constituiu-se tambem o anno passado uma outra associação, com o titulo de *Verein für deutsche Literatur*. (Associação de litteratura allemã), cujo fim é promover a publicação de novas e escolhidas obras. Para isso formou-se um directorio composto, entre outros, dos Drs. Gneist e Werder, da Universidade de Berlim; sendo que todos os novos productos litterarios e scientificos remettidos á associação, são recebidos e publicados por ella, *se elles reuñem profundeza de pensamento á clareza de expressão*, como se lê no seu programma. Diga-me ainda, senhor meu: não ha

tambem nessa idéa, aliás já realizada, uma outra inquisição? . . . Quem elegeu os membros do Directorio em Berlim? Para julgar das obras publicadas, que tenham profundeza de pensamento e clareza de expressão, como chegam a um accordo os respectivos membros desse Directorio? Gneist, Werder e outros não terão miolos?

Porém não fica ali. Em fevereiro de 1873 iniciou-se tambem na Allemanha a publicação de uma Bibliotheca scientifica internacional, sob a direcção dos professores Dr. Czermk, em Leipzig e Dr. Rosenthal, em Erlangen.

Esta empreza se destina a tornar conhecidas, por meio de traducções em allemão, inglez e francez, as obras scientificas, que forem dignas disso.

Um circulo de sabios da Inglaterra, Allemanha, França e America, diz o prospecto, reunia-se para levar ao fim esta empreza e accelerar o seu progresso, mediante esforços communs. A escolha das obras admissiveis na Bibliotheca internacional scientifica é feita por meio de um comité composto de sabios daquellas quatro nações. Entendeu, Sr. Carvoeiro? Não estaria isto sujeito ás mesmas difficuldades, que V. S. figurou? Como esses sabios, tirados de quatro nações podem accõrdar-se sobre o merito das obras a traduzir? E quem os elegeu para o mister de julgadores? Esses espiritos não serão tambem uns asneirões? Oh!

Veja o publico intelligente se em face de taes provas não se teria o direito de dizer que o Carvoeiro é bruto como um perú? Mas não vou lá, vê portanto, que a instituição, por mim imaginada, não é tão despondorada, como a V. S. parece, quando outras já existem, que se lhe approximam, que com ella se assimelham.

A idéa de uma liquidação litteraria, entre nós, pelo meio indicado, é por conseguinte muitissimo plausivel. A estranheza do Carvoeiro provém somente da sua descommunal ignorancia, da curteza de sua intuição, da sua falta de leitura e um pouco tambem da aposta que elle pegou.

Assim, quando quiz achar nas categorias de materialistas, espiritalistas, etc., etc., um obstaculo do accordo entre os julgadores, provou com isto somente que desconhece ao todo o que é a critica e sobretudo a critica allemã.

Provou ainda que nada sabe do estado actual da philosophia, pensando que na Allemanha ainda ha quem se occupe de julgar um escriptor bom ou mau, só porque elle é materialista ou espiritalista. Coitado do Carvoeiro!

Essa mesma distincção já lá é tida em conta de uma antigualha. El documento a minha asserção. Em um artigo philosophico, do Dr. Schmölke, professor de philosophia em Potsdam, artigo que se lê no *Philosophische Monatshefte*, de 1874, caderno 7º,

pagina 286, falando elle de espiritualistas e metaphysicos, assim se exprime: « Os primeiros não existem mais como escola e os nítimos nunca puderam formar nma. » A outra distincção, ainda lembrada pelo gaiato de classicos, romanticos e realistas como obice da harmonia entre os membros da Internacional litteraria, é a mais viva prova da miseria intellectual desse senhor.

Com effeito, suppor elle que na Allemanha ainda existem as tres escolas de classicos, romanticos e realistas, é uma cousa digna de lastima. Se esse senhor podesse apontar-me, quaes são lá presentemente os chefes e seguidores dessas diversas tendencias, que favor me fazia e que lição que me passava!... Oh!... Sr. Carvoeiro! V. S. é muito corajoso. Obrou bem em vir mascarado, se é que tem alguma coisa a perder, perderia desta vez, com o ridiculo que se agarraria ao costado, pela sua estolida petulancia.

Toquemos em outro ponto. Disse eu no meu livro que « em sciencia e em letras não ha direitos adquiridos, que não ha prescripção para a critica... »

Depois de fingir ignorar o que isto queria dizer, o Carvoeiro aceita a expressão no verdadeiro sentido, e unico em que ella pode ser tomada por qualquer desprevenido. Mas então é para observar-me que o facto de quem, por exemplo, valen até hoje como sabio, de ora avante valer como ignorante, nada tem que ver

com a theoria dos direitos adquiridos. Sim? E o Carvoeiro sabe ao certo, qual é essa theoria?... Que desfrutavel!... O conceito de direitos adquiridos é geralmente o de uma ordem de direitos, em que o tempo é o principal e o mais poderoso factor; de uma ordem de direitos, que não são mais do que uma longa serie de factos consummados, é este o seu unico título. Deste modo, e por tal principio é que se respeita a posse... Deste modo, quando vemos, por exemplo, um empregado publico, não obstante os seus muitos annos de serviço ser de subito demittido, e alguma coisa se revolta em nós, qual a idéa que preside a este sentimento de indignação ou de espanto? A de direitos adquiridos. E' ainda assim, *verbi gratia*, que a abolição total do elemento servil, entre nós, tem a lutar com essa ordem de direitos. A legitimidade da realza tambem ahí pretende fundar-se.

Será pois certo que estas idéas nada têm de relativas ao que eu disse? « Em sciencia e em letras não ha direitos adquiridos, isto é, que se basêem sobretudo no longo tempo, na immemorialidade da sua origem » terá relação com o mais, Sr. Carvoeiro?

Não ha prescripção para a critica, disse eu. Todos comprehendem, menos o tal gaiato do *Culto*, o que eu quiz dizer: o direito de criticar nunca prescreve; e a todo tempo, accrescentei, se pode mostrar que é ruim aquillo que tem valido por bom. Quanto tempo

não valeu por bom o systema de Ptolemeu? Veio Copernico e mostrou que era ruim.

O direito adquirido de Ptolemeu á nomeada de explicador dos movimentos de nosso systema solar não foi respeitado. Tomemos um exemplo mais moderno e mais frizante: Chateaubriand foi considerado, durante muitos annos, uma especie de idolo em que não se concebia que alguém ousasse tocar.

Mudou-se a intuição e a direcção dos espiritos em França, eis que um homem, como Scherer, ousa submettel-o a uma critica rigorosa e acaba por affirmar que do grande genio nada resta, senão o nome.

Entretanto, desde 1802, em que apparecera a mais ruidosa obra de Chateaubriand, até 1862, em que escreveu Scherer, tinha decorrido mais de meio seculo; não houve pois prescripção para a critica, no sentido de julgar que o renome do poeta, fundado ou mal fundado, merecia contudo ser conservado e respeitado, no mesmo pé em que se achava, pela consagração do tempo.

E aqui releva observar que não aceito a lição de *linguagem* que me quiz dar o «Carvoeiro», advertindo que eu devia dizer: não ha prescripção *contra* a critica e não: para a critica. Enganou-se.

Para a critica é um complemento de *ha* e não um complemento de prescripção. O Carvoeiro não sabe o mecanismo syntactico da lingua, em que talvez

pretenda ser mestre. Quem dissesse: para o nosso direito criminal não ha prescripção das penas, falaria errado?

Assim tambem: para a critica não ha prescripção; está claro que ao direito de discernir o bom do mau, o falso do verdadeiro, nas obras litterarias. O Carvoeiro ainda adverte que a minha expressão, em vez de *direitos* adquiridos, devia ser *direitos impereciveis, innatos*. . . *Ô chente!* Pois o gaiato não põe a seu serviço, nas censuras que me dirige, o *Compendio de Direito Natural* do Autran!!... Só lhe faltou falar no direito *primigenio*.

Com effeito! Carvoeiro, me diga uma cousa: — V.S. sabe soletrar *ponta de lima com 5 HH*? V.S. é capaz de me responder *onde está o meio do Padre Nosso*?

O meu cão do *Culto ás letras* espantou-se de «*uma cabeça que tenha maior ambito do que o estreito horizonte da propria nacionalidade*». Entende o Carvoeiro que a *nacionalidade* brasileira é porventura alguma cousa de terreno que se estende do Amazonas ao Prata?

Só desta arte poderia imaginar que a cabeça de que falei, era monstruosa. Porém se *nacionalidade* é uma abstracção, *la métaphore est permise*; e a censura do tal senhor é apenas um dos signaes da sua tacanhice.

Quiz mais o critico deixar ver que são os meus amigos quem me enfatua; que são elles sómente que

me julgam *grande*, ao passo que o meu tamanho é bem insignificante. Sim, senhor, estou concorde; aceito como verdade que sómente os meus *amigos* me têm na conta de *grande*. Mas, se junto a esse dito se puzer o seguinte outro, que sómente meus inimigos me têm na conta de pequeno, de asneirão e desmiolado, qual deve prevalecer?... Quem pode decidir esta questão?... Eu julgo o Sr. Carvoeiro um meu inimigo, não talvez um inimigo directo, mas um desses inimigos reflexos, os quaes por serem mais vis não são comtudo menos perigosos. Achei mesmo quem me dissesse que o autor da infame critica é um moço academico, amigo ou secretario de um certo Dr. philosopho que me odeia; que, para desabafar um antigo rancor de seu amigo, encarregou-se de pôr em execução o plano da vingança... Não sei se isto é exacto. Dado que seja, moço academico e velho philosopho são ambos para mim de tanto valor em materia de litteratura como dous bilhetes brancos.

Então poderei repetir estes versinhos de F. von Sallet:

*« Doch werdet ihr nimmer nich belehren
Dass eines alten Esels Geschrei
Schöner als das eines jungen sei. »*

É allemão, senhor meu; e não é de um Budião. Tenha paciencia. Não ha duvida, que o digno Carvoeiro, por qualquer motivo, é meu inimigo. Se porém

não é, venha proval-o, tire a mascara e nomêe-se para vermos todos, para ver o publico, se V. S. está no caso de arvorar-se realmente em meu juiz. Por honra de suas barbas, cavalheiro, denomine-se, mostre-se ao publico. Vou terminar.

Continue com os seus gracejos; é um favor que lhe pago. Mas não espere mais resposta minha; tenho muito em que me occupe. Continue a apanhar, por esse modo a poeira do meu rasto e fazer com ella essas e outras feiticerias litterarias; não conseguirá que eu emmagreça, definhe e morra de cousa feita. A plena convicção, que me assiste, da sua impotencia intellectual para diminuir-me na opinião de meus amigos, deixa-me tranquillo e descuidoso do que ainda V. S. possa escrever a meu respeito.

Não lêl-o-hei. Previno aos meus amigos que não me participem cousa alguma que de novo appareça neste sentido. Para ignorantes, como o Carvoeiro, eu só tenho d'ora avante a offerecer, em resposta, o mais solêmne desprezo.

17 de agosto de 1875.

IV

Alguma cousa tambem a proposito de Meyerbeer

(COM O SR. VISCONDE DE TAUNAY)

I

A leitura de um longo e detallado artigo sobre *Meyerbeer e a opera os Huguenotes*, estampado na *Revista Brasileira* de 15 de outubro de 1879, e cujo autor ha nome Alfredo d'Escragnolle Taunay, a quem não tenho a honra de conhecer, foi para mim de um effeito extraordinario, quasi maravilhoso. Eu conto o caso. Ao se me deparar aquella epigraphe, em apparencia simples, mas no fundo pomposa e promette-dora, atirei-me ao artigo com toda a voracidade de um leão em jejum, ou de um espirito afeiçoado a trabalhos de tal genero, porém que a seu pezar não os encontra de boa qualidade nos grandes armazens da

jornalística patria. Li, como um homem, o escripto do Sr. Taunay ; e quando acabei de lê-lo, vi então que, como uma dessas deliberações que se tomam durante o somno, e que são ainda hoje o tormento dos psychologos, meu plano estava assentado. Lembrando-me, não sei porque, de Adolpho Glassbremer, *der allzeit Witzige*, segundo a phrase de Schloegl, o gracioso autor do *Wiener Blut*, disse commigo e entre mim : « Tenho penna, papel e tinta ; porque não escrever tambem um artigo sobre Meyerbeer ? »

Foi assim que me dispuz á execução do presente acto, quero dizer, das presentes linhas, para as quaes não hei mistér de pedir ao classico estylo epistolar o estereotypo qualificativo de *mal traçadas* ; ellas mesmas vão mostral-o. E o Sr. Taunay é um complice da minha ousadia. Não que me tivesse inspirado idéa alguma ; porém o seu exemplo ! . . . Sem duvida : o seu exemplo encheu-me de coragem e sacudiu-me para a liça ou para a scena, conforme fôr mais adaptado á natureza do assumpto.

George Brandes, o illustre dinamarquez, autor da *Hauptströmungen der Literatur des 19 Jahrhunderts*, nos fala de uma certa classe de espiritos, que têm o condão de electrisar, cujas palavras se espalham como ondas luminosas sobre aquillo de que elles tratam e que não só causam impressão nos outros, como tambem despertam nos outros o impeto de produzir.

O Sr. Tainay, quero crer que não me engano, está bem longe de pertencer propriamente a essa raça principesca de pensadores de sangue, de escriptores por graça de Deus ; mas nem por isso o seu elaborado critico-musical está menos em condições de tornar productivo a mais de um leitor, pelos reparos que suscita, pela contradicção que provoca. Eu sou um dos, não sei se muitos ou poucos, a quem elle ha occasionado doces momentos de innocente prazer, como sóem motival-os todas as coisas impregnadas de um bafo comico, ainda quando não visem similhante effeito ; caso em que se acha o escripto mencionado, por causa da enorme desproporção entre a plumagem e o canto, entre o promettido e o dado, entre a arrogancia do autor e a mesquinhez da sua obra.

A verdadeira moral, diz um critico berlinense, não tem por alvo prejudicar a um dos mais nobres symptomas da saude humana, isto é, o riso. O mesmo se poderá dizer, e com mais fundo de razão, da verdadeira esthetica ; e até da verdadeira philosophia em geral, se soubessemos ao certo qual fosse ella. Voltaire opinara que o céu nos havia dado, para contrabalançar as grandes fadigas da vida, dois excellentes companheiros : *a esperança e o somno*. Kant, o philosopho revolucionario, Kant, o sisudo e grave pensador, de quem diz Johannes Scherr que soube viver com a regularidade e monotonia de um relógio, não

duvidou, entretanto, a esse par de mensageiros celestes, que sustentam nas azas o leito de *Psyché*, adicionar mais um: *a faculdade de rir*, que no seu pensar é de tanta utilidade como os dois primeiros.

Ora, pois, eu commungo nesta mesa. Correndo mesmo o risco de, no dia da resurreição, segundo refere o *Koran*, ouvir se me chamar de todas as partes do Paraiso, que aliás uma após outra ir-se-hão fechando, á medida que eu me approximar, pois é assim que são punidos os que na terra gostam de júnтар a tudo um pouco de sal aristophanico, não cedo do direito, inherente ao meu temperamento, de tomar a minha parte de gracejo, ainda com as coisas mais sérias, como, por exemplo, o escripto do Sr. Tannay.

Prefiro, em todo caso, o riso de Democrito ás lagrimas do *obsuro de Epheso*; de quem, não obstante, aceito convicto o salutar principio: *muito saber não instrue o espirito*; verdade esta que Lehrs considera digna de ser gravada no frontespicio de todas as universidades; porém, que eu, menos ambicioso, quizera apenas ver escripta na frente de todas as revistas e jornaes litterarios, como um resumo e como uma advertencia.

O Sr. Taunay, posto que já tenha sido segundo me consta, membro do parlamento ou representante da nação, não me parece contudo um phenomeno vulgar, nem um homem de todo atrazado, empedernido na

idolatria das *phrases conventionaes*. Mas isto não quer dizer, por ventura, que lhe falte aquillo que sobra nos outros : a superficialidade, o gosto da semi-ciencia leve, esta especie de *philoxera vastatrix* de todos os productos da cultura intellectual brasileira. A tomarem-se-lhe as dimensões pelo escripto de que me occupo, o Sr. Tannay não será de certo um pygmeu, mas muito menos um vulto, que se imponha pela estatura. O seu trabalho, que pôde ser, segundo o costume da terra, perfeitamente adequado... *a dilettare le femine e la plebe*, para quem tem um pouco mais desenvolvida a *façulté maîtresse* da critica despreoccupada é um esplendido testemunho de pobreza. Não sou eu quem o diz ; é o proprio escripto que chamo a depôr em defeza de tal asserção.

II

« A musica é o Parnaso do pobre », disse Ralph Emerson, o ensaista philosopho americano ; e é este um d'aquelles seus pensamentos de aldeia, *village thoughts*, como elle mesmo por modestia os denomina, que me parecem conter maior porção de verdade, tanto mais elevada, quanto mais simples e familiarmente expressa. Verdade em duplo sentido : no sentido directo de ser a musica a unica das camenas, que entra

sem cerimonia na casa dos pobres de dinheiro, para leval-os por brinquedo a regiões desconhecidas ; e no sentido reflexo de ser ella tambem, como theoria, o unico assumpto que impunemente está á disposição dos pobres de espirito. Não conheço com effeito materia alguma, discutivel ou indiscentivel, que dê mais largas á *mania de escrever*, do que essa arte cem vezes definida, que ainda hoje não tem uma definição ; essa arte mysteriosa que possui o privilegio de despertar, sem o *medium intellectuale*, sentimentos fortes, emoções nobilitantes da natureza humana, e como tal mergulhar-nos na sombra do absoluto sem nome, na noite do incomprehensivel, onde, como em outra qualquer noite, todos os gatos são pardos e todas as pennas competentes. . . Mas vejamos o artigo do Sr. Taunay. Começa elle.

« Com a inesperada criação de *Roberto do Diabo*, o maestro *Giacomo* (1) Meyer Liebmann Beer, que a historia conhece por Meyerbeer, depois de proclamar a sua quasi completa independencia das fôrmas e idéas da escola italiana, ás quaes devera comtudo em larga parte a sua educação artistica e os seus triumphos de *Emma di Resburgo* e do *Crociato*, iniciou uma era nova nos annaes da musica. »

(1) E porque não « Jakob »?... O prussiano Meyerbeer seria italiano?!

Não ha duvida: estes primeiros compassos da *ouverture* dão logo idéa do pensamento que domina em toda a composição. O leitor présente que tem diante de si um d'aquelles criticastros à la *Blaze de Bury*, de que fala Eduardo Hanslick, para os quaes Meyerbeer é uma apparição imprevista; e que não contentes com cingir a fronte do grande maestro das rosas naturaes do justo reconhecimento de suas qualidades, ainda lançam mão para coroal-o das flores artificiaes do elogio anachronico, da hyperbole extravagante.

« Com a inesperada criação de *Roberto do Diabo* », Inesperada como? inesperada porque? Representado pela prima vez aos 21 de novembro de 1831, *Roberto* já tinha sido entregue á grande opera de Pariz, desde julho de 1830, para ser levado á scena; o que, entretanto, não foi logo possível em virtude de uma guerrilha, que o componista teve de soffrer da inveja, da intriga e da indolencia, como refere Hanslick (2); ou antes, como diz Juliano Schmidt, por se ter mettido de permeio a revolução de julho (3). Seja, porém, como for, o interessante é que n'aquella data, *Roberto do Diabo* foi tão inesperado, quanto o foram pouco antes outros symptomas musicaes da época, outros notaveis

(2) « *Die moderne Oper...* » pag. 141.

(3) « *Geschichte der französischen Literatur...* zweite Anf. II, » pag. 324.

phenomenos do genero. O Sr. Taunay parece ignorar que depois da *Muda de Portici*, cuja primeira representação se dera em fevereiro de 1828, depois do *Guilherme Tell*, que fôra ouvido e admirado em agosto de 1829, o *Roberto* não veio fazer mais do que completar a série das tres grandes composições, que juntamente produziram uma revolução na opera moderna. E a isto accrescenta o elegante critico de Vienna: «Auber, Rossini, Meyerbeer, um francez, um italiano, um allemão, são os componistas, as obras mesmas, compostas sobre texto francez, para cantores e espectadores francezes, pensadas e executadas no espirito francez, são em essencia operas francezas; e é com toda razão que os bustos dos tres poetas da harmonia adornam o *foyer* da opera em Pariz. Se o terreno musical da França é de facto pouco ubertoso, em compensação Pariz é uma especie de *serre chaude*, cujo calor desenvolve estranhos germens, dando-lhes rapida e florescente força vital.» *Roberto* pertence, é verdade, á nova direcção, que por aquelle tempo tomara a lyrica dramatica; mas essa direcção já estava iniciada, quando Meyerbeer veio formar com Auber e Rossini o triumvirato dos mais celebrados componistas dos ultimos cincoenta annos.

Ha uma outra circumstancia que não convém esquecer. E' sabido que a época decorrida de 4 de janeiro de 1828 a 8 de agosto de 1829, que foi a duração

ministerio Martignac, derradeira tentativa dos
bournons para se conciliarem com o espirito do povo,
constitue uma das quadras mais fecundas da moderna
França. A impressão que produzem esses poucos mezes,
de Schmidt, é como se, por um fresco alento da primavera,
todos os campos e todas as arvores se cobrissem
de flôres; tão maravilhosa é a abundancia de phenomenos
significativos que, de repente, ao lado um do outro
emergem na litteratura. Não eram somente sabios e
poetas que escreviam para o futuro; a massa mesma
entrara no movimento; uma prazenteira esperança apoderara-se
da mocidade; cada palavra dos celebres mes-
sages achava éco em seu coração. Foi o periodo das bri-
lliantes preleções de Guizot, Cousin e Villemain; o
periodo da apparição de *Christina*, *Ernani*, *Marion de
Lorme*, *Henrique III*, em cuja primeira representação,
deste ultimo, o duque de Orléans até encheu cama-
retes de principes seus convidados! . . . Ora, nesta fer-
vida agitação intellectual, comprehende-se a espontaneidade
do enthusiasmo provocado pela *Muda*, estréada a
29 de fevereiro de 1828, e pelo *Guilherme Tell*, a 3 de
agosto do anno seguinte; aquella pouco depois de començada,
e esta apenas cinco dias antes de fechar-se a
gloriosa quadra. Sob a influencia deste clima politico-
social, dentro desta atmosphera, nasceu *Roberto do
Diabo*; qual foi, qual podia ser, portanto, essa iniciação
de uma *nova era*, que lhe attribue o Sr. Taunay?

Nem se admire o illustre escriptor da grande importancia que pareço dar aos movimentos consensuaes da politica e das artes. Mais humana e popular que todas as suas irmãs, a musica é talvez a arte que menos se pôde subtrahir aos influxos do momento, ás modificações do ambiente.

Foi sem duvida, firmado nesta verdade de facto, que Luigi Settembrini, o maior historiador litterario da Italia contemporanea, poude dizer : « La musica che esprimeva col Paisiello e col Cimarosa i placidi sentimenti che erano nell'anima dei padri nostri, esprime col Rossini la baldanza de la revoluziõe, e col Bellini gli strazi che ci fece sentire la reaziõe. » (4)

Fazendo até a parte da indole peculiar italiana, concedendo mesmo a Henrique Heine a exactidão daquelle seu modo de vêr das *Noites florentinas*, segundo o qual, a musica na Italia não é representada por individuos, mas se revela em toda a população, o que fica ainda é sufficiente para deixar estabelecido que a musica de um Cimarosa ou de um Paisiello, de um Bellini ou de um Rossini, não obedeceu em maior escala do que a de um Meyerbeer á força impetuosa da corrente geral dos espiritos. *Roberto* foi pois, como tantas outras individualidades da especie, um verdadeiro filho de seu tempo.

(4) « *Lezioni di letteratura italiana* » III, pag. 233.

O Sr. Taunay tambem nos fala de uma... « *quasi* completa independencia das fórmas e idéas da escola italiana... » Este *quasi* é caracteristico. Ha palavras conciliadoras, medianeiras, que formam um compromisso entre o erro e a verdade. Eis ahi uma.

Ninguem dirá que a proposição do nobre critico seja verdadeira, mas tambem é certo que o virtuoso *quasi* nos colloca na impossibilidade de dizer que ella é erronea. Todavia importa levantar um pouco mais a ponta do véo, ou antes... arrancar o emplastro e pôr o dedo em cima da ferida.

O componista Meyerbeer, de quem hoje difficilmente se pôde affirmar qualquer coisa, que já não tenha sido dita e muito bem dita, apresenta diversos momentos, phases distintas no seu desenvolvimento artistico.

Até 1814, data do máu successo do seu *Abimelek* em Vienna, onde aliás por esse mesmo tempo, durante o celebre congresso, o *Fidelio* de Beethoven, depois de mal aceito em 1805 e 1806, obtivera immenso triumpho, e quando Meyerbeer contava apenas 23 annos de idade, foi a primeira phase dos ensaios juvenis, nos limites do espirito allemão.

Ahi então, accedendo ás ponderações de Salteri, que fez com elle o mesmo que Fux com Holzbauer, isto é, aconselhou-o a que tomasse o caminho da Italia, afim de aprender a *escrever para o canto*, Meyerbeer

decidiu-se a realizar este plano; e, pouco depois, com effeito partiu para aquelle paiz.

De 1818 a 1824 durou o periodo italiano da vida do componista. As operas que alli foram por elle escriptas sumiram-se no esquecimento, inclusive *Il Crociato* mesmo que marca o ponto culminante e o termo final desse periodo, e que na propria Allemanha, sob o nome de *Kreuzritter in Egypten*, se affirmou longo tempo com brilhantes resultados. Nesta peça, é verdade, Meyerbeer ainda permanece dentro do circulo da influencia rossinica; mas revela-se capaz de elevar-se á maior altura. E Hanslick opina que no *Crociato* ha pedaços que já trazem completamente o cunho meyerbeerico, de uma concepção autonómica, que nem de longe permite confundir-se com Rossini, e inflamados de uma energia dramatica tal, como ainda naquelle tempo Rossini não tiuha attingido. Depois dessa opera, na qual segundo a expressão do mesmo critico, já apparecem por toda a parte as verdes divisas de uma revolução que rebenta, o componista faz uma longa pausa: é uma pausa de recolhimento e reflexão. Nos seis annos decorridos do *Crociato* a *Roberto*, além dos dois grandes acontecimentos musicaes supra lembrados, deram-se dois outros, que não foram talvez de menor repercussão no animo de Meyerbeer. A morte de Weber, em junho de 1826, a que succedeu a de Beethoven, em março de 1827; a extincção destas duas

estrellas da arte no céu da Allemanha, devia naturalmente contribuir para um engrandecimento de vistas nos planos revolucionarios do joven israelita. Eu disse, *naturalmente*, e não costumo brincar com as palayras. A natureza humana é isto mesmo; antes peor, não melhor, do que em geral se suppõe. Por baixo de toda a sentimentalidade philanthropica, humanitaria sempre... *der Einzige u. sein Eigentum*, sempre o *eu*, com as suas paixões, seus calculos e seus interesses. O desapparecimento de um genio que já domina uma época, é sempre favoravel a outro que se levanta.

Com a morte de Weber e Beethoven, o primeiro romantico e o ultimo grande classico da musica allemã, dos quaes diz Hermann Hettner: daquelle, que foi o mais popular, o mais allemão de todos os *Tondichter* da Allemanha; e deste, que preencheu e completou a fórma artistica estabelecida por Haydn e Mozart; (5) com a morte desse par de dioscuros, cujos feitos musicaes ensoberbeciam então a sua patria, e com quem Meyerbeer não podia dizer, como diz a ballata de Schiller:

*Ich sei, erlaubt mir die Bitte,
In euern Bunde der Dritte;*

(5) *Literaturgeschichte des 18ten Jahrhunderts*, Drittes Buch
Zweite Abtheilung. — Pags. 503 a 510.

era natural que elle se sentisse alliviado das apreensões, communs a todos os empenhados na immensa lucta pela gloria, quando o terreno está occupado por herões e semideuses. O... *jamaiz le laurier, qui pare d'autres têtes, ne jette d'ombre sur mon front*, é, sem duvida, uma belleza poetica, mas é tambem uma inverdade psychologica. Assim, Meyerbeer teve occasião de perlustrar mais tranquillo o campo de suas operações, e até a um certo ponto, no districto da musica allemã, considerar-se só. Franz Schubert mesmo, que lhe podera tomar a frente, Franz Schubert, em quem a familia musical do *Lied* havia tocado á sua maior florescencia, posto que só muito tempo depois da morte delle se tornassem conhecidas, por intermedio de Liszt, essas doces melodias que ainda hoje conservam o primitivo frescor, desapareceu tambem um anno apenas posteriormente a Beethoven. Marschner, o discipulo immediato e successor de Weber na direcção romantica, não estava no caso de inspirar-lhe serios receios. Mendelssohn e Schumann ainda não eram as forças, que se tornaram em seguida, capazes de perturbar os movimentos da sua estrella.

Em uma palavra, tudo pareceu concorrer, e de facto concorreu, para dar a Meyerbeer essa feição divergente que os seus compatriotas tanto estranhavam na composição de *Roberto do Diabo*; sem que, porém, se possa dizer, como faz o Sr. Taunay, que esta partitura

foi uma *criação inesperada*; e a par deste, muitos outros despropositos, que attestam perfeitamente a incompetencia do escriptor.

III

Passando a enumerar e especialisar as qualidades do *Roberto*, o despachado critico regala as suas leitoras com uma serie de proposições, cada qual mais ôca e destituída de sentido, que falam tanto ao pensamento, como o rufar de um pandêro, ou a resonancia de um tonel vazio. Assim diz elle que Meyerbeer... « devasson regiões novas, buscando estabelecer definitiva conciliação entre as tendencias germanicas e italianas, restringindo o exclusivismo harmonico d'aquella escola (?) e cerceando quanto possivel o vago das melodias transalpiuas, usando de modulações novas e muito estudadas, visando sempre a *emoção musical*, affirmando por meio de phrases caracteristicas o typo vario dos seus personagens... *et cætera et cætera et cætera* »... Mas que exprime tudo isso? Absolutamente nada.

O Sr. Taunay, neste pedaço, traz-me a lembrança aquellas palavras de Shakespeare no *Sonho de uma noite de verão*: *Indeed he hath played on his*

prologue like a child on a recorder: a sound, but not in government. Realmente: a sound, but not in government, elle sopra na frauta, mas não sabe pôr os dedos... Nada de peculiar e característico de Roberto; mas tudo generico, indefinido, e podendo affirmar-se, com igual vantagem, de outra qualquer opera. « Buscando estabelecer definitiva conciliação entre as tendencias germanicas e italianas... » Quaes eram ellas?

E que vem a ser, em ultima analyse, no que toca á musica, uma *tendencia* italiana e uma *tendencia* germanica, que se possam conciliar? O critico errou o salto; e foi até além dos mais fanaticos admiradores do componista allemão, que todos reconhecem no *Roberto* uma grande dóse de influencia pariziense.

Dado mesmo, pois, que Meyerbeer buscasse estabelecer essa conciliação de que fala o Sr. Tannay, é incontestavel a parte que deve ser feita ao estylo francez. A analyse chimica de uma musica para descobrir a sua nacionalidade, segundo Hanslick, não é tão facil, como se afigura aos criticos do dia, e muito menos na opera; além de que essa fusão de estylos diversos, geralmente attribuida a Meyerbeer, em todas as produções da terceira phase do seu desenvolvimento, não constitue um traço distinctivo da physionomia do componista. Já Spontini e Cherubini tinham realisado igual empreza e chegado a dever os

seus mais poderosos efeitos á reunião de elementos italianos, francezes e allemães. Em todo caso, é certo que, uma vez admittido o intuito conciliador de Meyerbeer, não ha no *Roberto* simplesmente uma combinação binaria de *tendencias* germanicas e italianas ; porém alguma coisa de mais confuso, se não de mais extravagante, a que Rodolpho Gottschall dá o nome de *cosmopolitismo musical*, (6) e que outros menos condescendentes, a exemplo de Ricardo Wagner, ainda hoje designam pelo titulo malsinante de *judaismo na musica* ; em uma palavra, alguma coisa de anti-germanico e anti-nacional, donde proveiu a tremenda reacção suscitada na Allemanha contra as innovações do maestro, reacção que não está acabada, e que ainda não ha muito tempo fazia Louis Enlert ercrever que Meyerbeer entregara-se de todo ao *demonio* da sua raça : para onde quer que se olhe, encontra-se a expressão especulativa, melismatica, de um talento unicamente preocupado dos meios de produzir effeito. (7) Entretanto o Sr. Taunay parece não ter destes factos nem uma levê noticia ! . . .

(6) *Die Deutsche Nationalliteratur des 19ten Jahrhunderts*, II, pag. 339.

(7) *Deutsche Rundschau*, Zweiter Jahrgang, Heft 11, pag. 206.

Continúa o crítico... « restringindo o exclusivismo harmonico daquella escola e cerceando quanto possivel o vago das melodias transalpinas »... exclusivismo harmonico da escola allemã !... A expressão é incabível. Se nos falasse de um certo prodominio harmonico, não havia o que contestar ; mas exclusivismo... é um erro, e bem apreciado, até um contra-senso ; pois que musica exclusivamente harmonica repugna ao conceito da musica mesma. Demais, poder-se-hia admittir que Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, para não falar dos mais antigos, nunca extrahiram o seu mel da flôr monopétala das melodias enternecedoras ?

O Sr. Taunay desconhece que ha, nas operas destes autores, inspirações de uma frescura matinal, que pelo lado melodioso nada cedem aos modelos transalpinos ?

Pondo mesmo de parte o que toca a Mozart, o *ultimo dos italianos*, como o qualificaram, haverá exclusivismo harmonico, *verbi-gratia*, naquelle interessantissimo duetto do *Fidelio*, entre Leonor e Lorenzo: *Jetzt, Schatzchen, jetzt sind wir allein ?* E naquella doce romanza de Adolar em *Euryantha* : *Unter blunhinden Mandelbaumen, an der Loir grunen Strand*, da qual, como das arias de *Euryantha* mesma resumbra todo o perfume, que circumda o trovador provençal e a poesia que o glorifica ?...

Haverá ainda exclusivismo harmonico em o celebre coro de caçadores desta ultima opera : *Die Thale dampfen, die Hohen, gluh'n*, e n'aquelle singelo canto das nymphas em *Oberon* que ainda por muito tempo fará as delicias de um ouvido delicado : *O wie schon woyt sich's auf der See?*... Será tudo isto exclusivamente harmonico, sem uma gotta, sequer, de orvalho melodico ? Não admira que o nosso critico assim pense. Segundo todos os signaes, nunca passou-lhe pelas vistas, já não falo de Mozart e de Beethoven, nunca passou-lhe pelas vistas nem uma só partitura de Weber. Tenho direito de dizel-o ; a menção que fiz de *Euryantha*, associa-me a idéa da maior desgraça que pôde acontecer a um critico musical, succedida ao Sr. Taunay, e que eu aproveito a occasião de referir.

A proposito dessa peça, elle emprega sem escrupulo o nome de *Euryantha*... julgando ser cravo o que é rosa, dando por homem o que tal não é, sem saber, o bom do critico, que *Euryantha*, com desinencia feminina, é a verdadeira traducção do titulo da opera, pela razão mui simples de ser esse justamente o nome da protagonista, que é o primeiro soprano, que é uma mulher !... Sr. Escragnolle Taunay !

O facto é extraordinario ; mas não deixa de ter a sua explicação. Se fosse licito aos francezes escrever *la Euryanthe*, como escrevem, por exemplo, *la Preciosa*, o nosso critico estava salvo : teria visto, pelo

artigo, que o *Euryanthe* é feminino. Mas o demonio do apostrophe perturbou-lhe a marcha serena. Não tendo conhecimento da partitura, mas instruido pelo que leu em Henry Blaze, ou Scudo, ou J. d'Ortigne, ou qualquer outro da mesma companhia, e encontrando provavelmente a expressão *l'Euryanthe*, o Sr. Tauuay equivocou-se e commetteu o desatino que acabo de notar; aliás tão pouco desculpavel e tão digno de riso, como se algum principalmente em uma *Revista* publicada na côrte do Imperio, nos viesse falar, com ares de competencia, do *Lucio* ou do *Lucrecio* de Donizetti, do *Sonambulo* e do *Straniero* de Bellini, do *Semiramo* de Rossini, de *Luiz Miller* de Verdi, e assim por diante. Como um apostrophe, uma bagatella orthographica foi capaz de motivar tamanho fiasco! E digam lá que pequenas coisas não podem produzir grandes effeitos!... Eu peço permissão para mencionar aqui um facto que a historia não dedignou-se de conservar e que dá perfeito testemunho de que muitas vezes as coisas mais insignificantes occasionam successos inauditos.

No tempo de Luiz XV, e quando se publicaram em Pariz os dez ultimos volumes da *Encyclopedia*, o clero ergueu-se contra a impiedade, e os livreiros tiveram de pagar a sua audacia com oito dias na Bastilha. Então Choiseul e Malesherbes, que eram espiritos elevados, tratando de predispor o rei em

favor dos encyclopedistas, empregaram para isso uma pequena manobra palaciana. Estando elle um dia a almoçar, buscou-se de proposito travar conversação sobre assumptos taes, que insensivelmente levaram-n'o a mostrar-se interessado por saber a maneira de fabricar a polvora, mostrando-se tambem Mme. Dubarry, por sua vez, curiosa de conhecer o meio de preparar a melhor pomada. Mandou-se vir a *Encyclopedia* e nella encontrou-se a solução satisfactoria de ambos os problemas. O rei ficou admirado e a Dubarry entusiasmada.

D'ahi em diante a *Encyclopedia* foi senão permittida, ao menos tolerada. (8) Ora, pois, quem diria jamais que a *pomada* podesse concorrer para salvar da destruição a um dos maiores monumentos espirituaes do seculo XVIII?

Assim tambem, ainda que em sentido diverso : quem pensaria que um *apostrophe*, um diminuto traço de penna, fosse capaz de obrigar o Sr. Taunay a representar um triste papel perante as suas leitoras ? Quem pensaria ? . . .

Voltando á apreciação detalhada dos predicados do *Roberto*, eu renuncio ao pequenino prazer de accentuar, uma por uma, as frivolas asserções do illustre

(8) H. Hettner, *Literaturgeschichte*, 2. ter. Thiel, pag 288.

crítico. Limito-me a um só ponto ; e é aquelle, em que nos apresenta Meyerbeer, nessa opera « visando sempre á emoção musical »; affirmação esta, que se condemna por si propria, ou a nada significar, ou a ser um erro evidente. Eu me explico. Nenhum producto da arte dos sons pôde despertar no espirito outra emoção que não a *emoção musical* ; sendo que este epitheto não serve para qualificar o sentimento em si mesmo, porém o modo e a fôrma de provocal-o, de maneira que a expressão — *emoção musical* — quer dizer nem mais nem menos : emoção produzida por meio da musica, para distinguil-a da que produzem a poesia, a pintura e as demais artes do dominio da esthetica. Isto assentado, é claro que um musico, em o circulo de sua acção artistica, « visar sempre á emoção musical » nada encerra de singular e notavel, pois é o mesmo que ter em vista, *produzir emoção por meio da musica*, tarefa commum a todos os componistas, a todos os cantores, a todos os *virtuosos* em geral, desde o teclado de um Rubinstein até o braço da viola de um dos nossos rusticos tocadores. Já se vê que, por este lado, o dito Sr. Taunay importa uma banalidade. Mas a coisa tem duas faces; vamos á segunda.

Quando se trata em particular da opera, que é um producto complexo, o resultado de uma combinação de meios diversos, concebe-se que um compositor descance mais sobre as forças theatraes, do que

sobre a pura musica, para a producção do effeito desejado, ou *vice-versa*; e neste caso pôde-se falar de um ou outro, que visa de preferencia á emoção musical, ao contrario deste ou daquelle que se dirige sobretudo á emoção theatral.

Porém, ainda neste caso, o nosso critico andou errado.

Dentre os grandes componistas do seculo, nenhum menos que Meyerbeer deveu os seus triumphos á impressão da musica pela musica mesma. E justamente porque elle carregava mais sobre o effeito dramatico, sobre a applicação de tudo, que externamente deslumbra e seduz, é que, além das operas, as suas outras composições não entram em linha de conta. (9)

O *proton pseudos* do escripto do Sr. Taunay é o presupposto da possibilidade de discorrer a respeito de uma opera, com o mesmo desembaraço com que se discorre sobre um trabalho de economia politica. Dahi toda essa abundancia de palavras, toda essa riqueza de proposições aventurezas que tudo exprimem, menos aquillo que se quer exprimir. A musica não se sujeita a nenhum processo de analyse regular.

Ou ella seja, como queria Leibnitz, *um exercicio latente de arithmetica da parte da alma que aliás não*

(9) Honegger — *Culturgeschichte der neuesten Zeit*, III, pag. 506.

sabe que ella conta ; ou seja, como queria Schopenhauer, um latente exercicio de metaphysica da parte da alma que aliás não sabe que ella philosopha ; ou enfim, como quero eu, e creio que com maior razão, um latente exercicio de amor da parte da alma que aliás não sabe que ella ama ; o certo é que a musica não entra na categoria do logico, do racional e abstracto, não se coteja, não se explica pelas leis geraes do pensamento. Distinguindo-se das outras artes em ser ella, como diz Schopenhauer, não uma imagem do phenomeno, mas uma imagem do metaphysico em nós, da vontade, da coisa em si, a musica é um desses sujeitos que não têm attributo e, como taes, se prestam a todas as variações do coração e da phantasia. De tudo que se affirma sobre a belleza de qualquer peça, não nos fica no espirito, se nós mesmos não a ouvimos nem uma só idéa clara e determinada. Eis porque a critica musical, como ella hoje deve ser manejada, como a ensina Ricardo Wagner (10) é um mister difficillimo e bem superior, ao que parece, ás forças do Sr. Taunay.

(10) *Gesammelte Schriften und Dichtungen*, V. pag. 104 e seguintes.

IV

Com a apparição do *Roberto* coincidiu um facto occasional, que se tornou entretanto poderoso factor do movimento litterario daquella época.

Refiro-me á ida de Ludwig Börne e Henrich Heine a Paris, onde em virtude da revolução de julho entenderam ambos que rebentara, carregada de fructos de ouro, a arvore da liberdade, e nessa persuasão hastearam, unidos ao principio, logo depois separados, a bandeira da revolta intellectual, da critica desapiadada contra o estado politico e social do seu paiz. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre todos os effeitos destas duas grandes causas que, antagonicas no character mas synergicas na tendencia, provocaram uma nova phase da litteratura allemã no vigente seculo. Comtudo importa deixar accentuado que a flôr do entusiasmo pelo israelita Meyerbeer era facil de expandir-se numa terra e numa quadra, em que os seus dois celebres compatriotas, como elle, estigmatizados, crendo ouvir, como elle, a cada passo o grito do *hep-hep*, que então ainda soava atrás da raça inteira, thurificavam a França em detrimento da Allemanha. Era a época, na qual a *grande nation*, segundo exprimia-se numa carta a Guizot um provinciano, seu amigo e correligionario, se achava. « pour le moment, dans le

genre sentimental bien plus que dans le genre rationnel » ; ou, como diz Louis Blanc, era a época, na qual. . . « la France vivait plus de la vie des autres nations que de la sienne propre. » O interesse pelo estrangeiro entrava no programma do liberalismo francez, e mais de um espirito illudido, bem que sincero em sua illusão, acreditava nisso. A revolução de julho fôra saudada com plirenesi por todos os que sentiam alargarem-se-lhes os pulmões ao sopro matinal das auras do futuro.

Tudo parecia num como estado de fermentação moral, e a propria mocidade allemã, tomada de encanto, agrupava-se em torno do autor do *Salon* e do das *Briefve aus Paris*, as quaes se tornaram posteriormente uma especie de livro sagrado da democracia européa, para glorificar o paiz das barricadas.

Sem annuir á apaixonada opinião do sabio Graetz, para quem Börne e Heine eram naquelle tempo os anjos da vingança, que com vergas de fogo açoitavam os allemães e descobriam a sua pobreza, (11) é licito affirmar que esses dois terriveis judeus, um serio e grave, como a Biblia, de uma certa grosseria divina, que caracteriza os prophetas, os possessos da verdade, o outro sceptico e escarninho, como o proprio demónio da lenda judeo-christã; ambos elles, com todas as

(11) *Geschichte der Juden*, XI, pag. 367.

suas hyperboles de indignação ou de rancor, abriram caminho a um novo modo de ver e julgar a Allemanha, meio exacto, meio injusto, em todo caso, porém, muito lisongeiro aos francezes. (12) Modo este de ver, tanto mais facil de incorporar-se ao pensamento geral, quanto por aquelle mesmo tempo (1831) Edgar Quinet, que, pouco havia, tinha trazido de Heidelberg, como uma novidade, as velhas *Ideias* de Herder, julgara fazer uma revelação e prestar um grande serviço, escrevendo uma série de artigos para demonstrar que a

(12) Entretanto é para notar que esses dois espiritos, em apparencia tão inimigos do seu paiz, eram no fundo sinceros patriotas. Heine mesmo, que raramente perdia occasião de zombar da Allemanha, quando em 1841 Alfred de Musset publicou a sua resposta aos versos de Niklas Beckler, sentia-se ferido e escreveu a chistosa replica :

Der Alfred de Musset, der Gassenbub',
Der kommt an ihrer Spitze
Vielleicht als Tambour, und trommelt mir vor
All' seine schönsten Witze.

Admiravel exemplo de como, em relação á patria, nem sempre as palavras asperas, contra ella proferidas, são prova de falta de amor. E não é este o unico em o genero. O grande satyrico Giuseppe Giusti, que qualificara a sua Italia de *Vivo sepolcro a un popolo di morti*, foi o primeiro entretanto a erguer-se indignado de encontro ao dito de Lamartine: *L'Italie est la terre des morts*, fustigando com toda a justiça as pretensões exageradas da França, a quem elle chamou por es-carneio, *la terra dei viventi*...

Allemanha de então já não era a Allemanha de Stael, o paiz dos phantastas e sonhadores, porém outra, practica e apprehendedora, capaz de rir-se dos seus proprios sonhos, e em quem a velha imparcialidade cosmopolitica cedera o lugar a um patriotismo irritavel.

Deste ponto de vista, que comprehende os factos em sua coordenação e subordinação historica, o leitor reconhece quão apto se acha o terreno pariziense para o successo do *Roberto*, isto é, da obra de um israelita allemão, tão pouco affectuoso e interessado pela sua patria, como os dois mencionados coryphens da *Joven Allemanha*, principalmente Henrich Heine, de quem até se sabe que poucos annos depois da sua chegada a Pariz (1835) mereceu uma pensão da munificencia régia. (13)

(13) Julian Schmidt, *Geschichte der französischen Literatur*, II. pag. 437. Aproveito aqui a occasião para advertir ao critico fluminense que não tenho de judeu senão o nome, mas também não sinto por esse nobre povo a *quigila*, de que falou, na sua pobre anti-critica, o Sr. Escragnolle Taunay. Pelo contrario, se ha para mim, na ordem ethnologica, uma verdade incontestavel, é a que foi expressa por Disraeli, considerando os judeus uma *raça superior*, em face dos povos da Europa. Tranquillize-se o honrado critico: parece-me estar vendo a ancía com que S. S. lê este pedacinho, e por uma das habituaes conclusões da sua logica, diz lá consigo: o tal Tobias nem sequer sabe que Disraeli é um judeu. Sei Sr. Taunay, sei disso. Mas nada importa. O homem que assim se exprime, é por si só uma prova dessa superioridade. Fique pois assentado que referido-me á

Entretanto, não se julgue, e o Sr. Taunay é capaz de julgar, que para mim todos os triumphos e applausos conquistados pelas obras de Meyerbeer se explicam por circumstancias locais, por circumstancias de tempo e de ambiente social. Bem longe estou de commetter tal injustiça. O componista de *Roberto do Diabo* é uma das glorias da arte, definitivamente assentadas; nenhuma folha pôde ser roubada ao seu laurel, como nenhuma tambem se lhe pôde acrescentar. E ainda que eu não seja da escola, a que pertence o Sr. Taunay, a escola promettedora de eternos preitos ao merito artistico, em qualquer de suas manifestações, mas ao contrario abraça a idéa da immortalidade relativa, que na opera, sobretudo, difficilmente ultrapassa os limites de um seculo, todavia devo declarar que na qualidade de um espirito, em materia musical, puramente receptivo, tenho no maior apreço o componista Meyerbeer;

attitude hostile para com a Alemanha da parte dos Börnes e dos Heines, não quero dar ganho de causa a prejuizos de raça e muito menos a prejuizos religiosos. Não sou daquelles que ainda hoje, para caracterisar o grão supremo do interesse sordido, não acham melhor *notação* que o epitheto de *judeu*. Como se o embuste, a patranha, a traficancia não fossem qualidades baptisadas, essencialmente christãs e, sobretudo, catholicas!... Em taes condições, eu não hesitaria, na lucta ultimamente travada em Berlim, a proposito de um artigo do professor Treitschke, se estivesse no caso de dar um voto, em pôr-me do lado do rabino Graetz contra o celebre publicista dos *Annals Prussianos*.

e chego até, por effeito talvez de um máu desenvolvimento dos órgãos auditivos, ou antes do órgão do amor da patria, a preferir em todo caso um pedaço dos *Huguenotes* a qualquer dos longos actos do brasileiro *Guarany*. (14) Porém isto não é incompativel com o direito que me assiste de applicar ao famoso maestro e ás suas composições a justa medida da critica historica, que deve ter por divisa a modesta e profunda palavra de Leopold von Ranke: *ich will bloss sange, wie es eigentlich gewesen ist*. E uma vez applicada essa bitola, pôde bem ser que o enthusiasmo não arrefeça, mas é certo que o juizo se modifica.

Voltando ao critico da *Revista*: este galante espirito, com todas as suas pretenções de cultura litteraria, desconhece, em mais de um ponto, os segredos da arte de escrever. Para elle não existe aquillo que sobretudo caracteriza o bom escriptor e que bem podera chamar-se a *architectonica* das idéas. Assim em um artigo a respeito de Meyerbeer e a opera os *Huguenotes*, além da dissymetria chocante de consagrar

(14) Que filho ingrato sou eu para com a patria!... Porém não é culpa minha; é um defeito da natureza, que negou-me o estro do patriotismo. Pilatos perguntou a Christo: *quid est veritas?* eu pergunto ao Sr. Taunay e consortes *quid est patria?*... Quem me dêra saber, o que esta palavra significa entre nós e quaes são realmente os patriotas que temos!

Ah!... quem me dêra!...

ao assumpto principal, quando muito, um terço das dezoito largas paginas da *Revista Brasileira*, recheiando tudo mais de phrases insignificantes e divagações extemporaneas, que nada entendem com a materia, o nosso belletrista cabriola em todos os sentidos, sem uma direcção, sem um caminho certo e determinado.

O modo de escrever do Sr. Taunay, não poucas vezes, faz recordar o estylo das legendas e evangelhos apocryphos, onde não ha respeito algum ás categorias do tempo e do espaço. Por exemplo, no dia da assumção da Santa Virgem, o filho de um sultão monta a cavallo e vae a Roma conversar com os discipulos de Pedro e Paulo . . . Alguma coisa de analogo se depara nas palavras tiradas do nosso critico. Elle começa por tratar da revolução, segundo a sua maneira de ver, operada pelo *Roberto*, e logo tres ou quatro passos adiante já está arcando com Richard Wagner, (15) discutindo a sua influencia sobre a opera moderna, sobre *Fausto*, *Aïda*, *O Rei de Lahor*, etc. ;

(15) Wagner é para o Sr. Taunay o chefe da *escola do futuro*. Que quer isto dizer? Tal expressão é erronea; não corresponde á de *Zukunftsmusik*, nem mesmo á de *Kunstwerk der Zukunft*, empregadas por Wagner. Onde foi pois o bom do critico descobrir essa phrase, *escola do futuro*, que accentuou por meio do grifo, como expressão corrente entre os entendidos, ao passo que ella é apenas um producto da ignorancia?

o que aliás não impede de voltar sobre as proprias pegadas e entranhando-se no passado mostrar que tambem sabe proferir o nome de Bach, cujas *fugas*, diz elle, tem por alma a *melodia*, não obstante aquelle notavel *exclusivismo harmonico* dos allemães, de que falara ao principio!... E nesta excursão, que novos horizontes não se descortinam aos olhos do critico?! Os italianos, affirma o Sr. Taunay, depois de esgotados os recursos da arte, « voltaram-se para Alemanha e começaram a estudar os seus mestres e a meditar sobre o inesgotavel repertorio que foram encontrar. » Mas... quando foi que isto se deu?... « Chegaram até a poder cotejar motivos identicos, phrases inteiras, pensamentos iguaes no profundo Beethoven e no flebil Bellini » Quaes foram, Sr. Taunay, esses *cotejadores*? Tenha a bondade de citar o nome de um só italiano de nota, que haja procedido a essa tal confrontação!...

Ainda hoje é questão aberta entre os competentes a possibilidade de uma fusão vantajosa das duas escolas; e justamente a posição dos italianos em face da musica allemã constitue, como diz Hans Dütschke, o principal *momento* da actual crise musical na Italia, que provocou aquelle famoso discurso parlamentar do deputado Righi, em janeiro de 1873, e logo depois o não menos famoso escripto de Biaggi a respeito do que elle chama... *il presente decadimento della*

musica e del teatro melodrammatico. (16) Não é aqui o lugar proprio de entrar por estes dominios, que já estão um pouco além do nosso alvo, e teriam, de mais, a desvantagem de tornar-me inacessivel á comprehensão do Sr. Taunay; porém fique assim ainda uma vez estabelecido que este honrado militar bem pouco sabe, é verdade, de guerra e de estrategia, mas muito menos de musica e de critica musical, principalmente no que toca ás relações da Italia com a Allemanha.

V

Quem se propõe acualmente, em um escripto publico, discorrer sobre Meyerbeer e qualquer de suas grandes operas, se tem talento para o mister, se comprehende bem o alcance da tarefa que se impôz, vê-se obrigado, em ultima analyse, a escrever um capitulo de historia litteraria, quando não um capitulo até de assumpto ainda mais amplo, um pedaço de

(16) Não será a esse *scadimento*, magnanimamente confessado por um grande espirito italiano que o Sr. Carlos Gomes é devedor dos seus falados triumphos? Eu sei lá!... E quando soubesse, não o diria: tinha medo dos patriotas...

Culturgeschichte. (17) Porquanto na justa ponderação das composições meyerbeericas, sobretudo *Roberto e Huguenotes*, deve entrar necessariamente a parte das circumstancias, a disposição geral dos espiritos, a tendencia e feição da época. Já deixei dito que estes não foram os unicos factores das conquistas do maestro; na frente de tudo isto se achava um grandioso talento. Mas tambem é certo que o talento, por si só, não faria tanto, desde que o meio social lhe fosse desfavoravel; verdade esta que augmenta de evidencia, referindo-se a Meyerbeer, do qual se pôde affirmar que, de instincto ou de industria, como nenhum outro componista, soube tirar bons proveitos das boas occasiões.

O nosso critico desconhece estas coisas, que para elle não passam de frivolas minudencias, por van ostentação de conhecimentos. Até a um certo ponto eu acho-lhe razão: é ridiculo ostentar sciencia, onde isto não se faz muito preciso; porém mil vezes mais ridiculo, em todo e qualquer caso, é ostentar ignorancia; e é o que faz o Sr. Taunay. Espirito de cultura

(17) Que diabo é isto? pergunta o Taunay; e o Pimenta de Laet vae logo rabiscar um dos seus insulsos folhetins. A cousa não é para menos: quem jámais se lembrou de encaixar semelhante palavra em um periodo portuguez? Se fosse *boudoir*, *tiroir*, *pincenez*, *badine*, etc. etc., isto sim; porém *Culturgeschichte*... é horrivel!

superficial, inteiramente destituído de *sensu scientifico*, elle não comprehende a possibilidade de convocar e reunir em torno de um trabalho a respeito de Meyerbeer as grandes manifestações da vida intellectual de seu tempo, referindo-as, commentando-as, apreciando-as de novo. Elle ignora a arte de agrupar os factos e pol-os, em relevo, para melhor accentuar o assumpto de que se trata; e nestas condições tudo aquillo que se eleva acima de meia duzia de metaphoras sedicças, que nem esclarecem, nem embellecem, é para os seus ouvidos uma lingua estranha e indecifrável.

Entretanto é digno de nota: se o Sr. Taunay fosse realmente um homem de talento, ao escrever um artigo sobre Meyerbeer e a opera dos *Huguenotes*, que larga perspectiva não tinha diante de si; que quadro animado, dramatico até não podia offerecer-nos do movimento artistico e literario do mundo parisiense de então, havendo de mais a circumstancia de ser o nosso critico um espirito semi-francez?!... Em nossa época, essencialmente historica, pode valer como regra: *escrever é historiar*. Tudo que acontece, tudo que desperta a nossa attenção, quer na vida natural, ou social, quer mesmo na vida puramente psychologica, se prende por qualquer modo á grande cadeia do desenvolvimento geral, e o escriptor, que observa, não tem mais do que dar aos factos a ordem logica precisa para elles ganharem um sentido aos olhos do

leitor. Os productos musicaes não escapam á lei commum, que os liga tambem ao movimento evolucional, á historia das idéas e sentimentos de uma geração.

O Sr. Taunay é de todo alheio a esta ordem de considerações. Ao muito, e quando mais alto levanta o seu vôo, poderá dizer-nos que « a appareição dos *Huguenotes* deu-se em época caracteristica e fecunda. » Phrase vaga e insignificante, que põe em relevo o estado de vacillação, em que se acha o espirito do critico, a respeito das coisas mesmas, cuja noticia parece devia ser-lhe bem familiar. Dir-nos-ha mais que Meyerbeer encarregou-se de levar á musica as tendencias romanticas, etc. . . . Outra phrase não menos ôca, sem embargo da sua velhice ; pois não passa de um estribilho, de cujo verdadeiro sentido já ninguem procura inteirar-se. A filiação de Meyerbeer na effervescencia romantica daquelle tempo, ainda que admittida e sustentada por muitos, não é todavia um facto evidente e indubitavel. A tendencia que predomina nos *Huguenotes*, é a mesma que se nota no *Roberto*. Nada mais romantico, segundo a bitola geral, do que, por exemplo, a *dansa das freiras*, nesta ultima opera ; e não obstante, já em 1838, dizia Schelling : *Meyerbeer hat seine Oper « Robert » eine romantische genannt ; aber sie hat Alles, nur nicht den romantischen Genius.* Seja esta, ou não, a verdade, o certo é que o assumpto se presta a extremos de opinião, sem levar ao absurdo ;

dest'arte nada existe tambem mais burlesco em o genero do que chamar-se Meyerbeer o Victor Hugo da opera, podendo-se com igual razão, isto é, com igual lesproposito, dar esse nome a Verdi, a Wagner, ou a qualquer outro componista moderno.

Tudo isto porém é de pouca monta em relação á parte na qual o Sr. Taunay affirma que, naquelles dias, a escola de Victor Hugo «já fizera brecha na arte de cabelleira empoada, agrupada em torno dos seus modelos, os escriptores de Luiz XIV e principalmente Corneille, Racine e Molière.» O leitor attenda bem: Molière ao lado de Corneille e Racine, como um dos classicos *principalmente* condemnados pela revolução romantica!... O erro não é dos mais hediondos, mas é caracteristico. O Sr. Taunay, de procedencia franceza, penteado, vestido e educado á *franceza*, que tem orgulho de seu nome *francez*, da sua clamyde bordada a ouro *francez*, com babados de renda *franceza*; o Sr. Taunay ainda ignora um facto vulgarissimo da historia litteraria da França neste seculo... Ignora que da velha pleiade classica foi justamente o autor do *Tartufe*, quem merecen respeito e consideração da parte de Hugo e dos *Hugolâtres*!... Não podia com mais facilidade offerecer-nos um testemunho da sua pobreza: desconhecer um ponto comesinho da moderna litteratura do *seu povo*!... Ainda não ha muito tempo que, tratando do reboliço

litterario de 1830, Paul Lindau escrevia: « *Corneille Wackelte auf seinem Postament, und Racine schwankte ganz bedenklich. Nur Eimer bewahrte seine heitere Ruhe und seine überlegene Sicherheit: der grosse Moliere.* » (18) Disto sabe Paul Lindau, e com elle todos os outros que não falam nem escrevem de outiva: ignora-o porém o Sr. Taunay, não obstante ser um *pionnier* do francezismo entre nós, não obstante já ter ido, por certo, mais vezes a Pariz do que eu á igreja da minha parochia!... Pobre Taunay! Não tem idéas assentadas, nem se quer sobre a escola romantica franceza, este velho *assumpto, notum lippis et tonsoribus*. . . E' lastimavel!...

Mas que querem? Lastimavel embora, a consa não deixa de ter a sua razão, que a torna bem comprehensivel. Em um dos seus bellos *Saggi critici*, Francesco De Sanctis, falando de Louis Veuillot, diz com muita graça que este *palhaço* do catholicismo... « non si prende il fastidio de disputare, de ragionare. Lascia questi procedimenti á pedanti ». Da mesma forma o Sr. Taunay não se entrega ao fastidioso mister de estudar e pensar, de ler e aprender nos allemães aquillo que os francezes não lhe ensinam; abandona esse trabalho ingrato aos *pedantes* entusiastas da Allemanha e sua sciencia. Assim se explica, e mui

(18) *Alfred de Musset*, pag. 3. Zweite Auflage. 1877.

naturalmente, a falta de criterio que o distingue até no julgamento de meras vulgaridades.

E se notavel é a ignorancia do nosso escriptor no que toca mesmo á sua querida França, massivamente enorme é a que delle se apodera, quando transpõe os limites do *paiz da moda* e entra no reino da luz, no meio desse *povo de criticos e pensadores*, segundo a phrase de Edward Bulwer. Ahi então o Sr. Taunay, despindo a trivialidade, torna-se soberba, sublimemente ridiculo. Alguma coisa de semelhante a *Ricant de la Marlinière, Seigneur de Pret-au-val, de la Branche de Prens'd'or... Par bleu! Ik bin unriktig. Mais nonik bin nit unriktig...* (19) O quadro é magnifico: um pobre espirito, perdido na Allemanha, que elle ainda suppõe coberta de nevoas, no periodo pietistico da pura sentimentalidade, falando de coisas que não entende, com o porte airoso de um *boneco* e a inconsciencia de um *papagaio*!...

Podia aqui apontar, uma por uma, todas as *gentilezas litterarias*, de que está cheio o artigo do Sr. Taunay; porém quero poupar-me essa pena, que aliás seria superflua, á vista dos muitos peccados de que já se fez menção. Todavia, não me eximo de indicar ainda, para regalo do leitor, um disparate interessantissimo que vai provavelmente produzir no animo

(19) *Minna von Barnehm*, Vierter Aufzug, Zweiter Auftritt.

do moço militar uma dolorosa impressão. Similhante, pouco mais ou menos, á que produz em qualquer cavalheiro, conscio do seu valor perante o bello sexo, no meio de quem se acha a tagarellar, a advertencia secreta de um amigo de que elle, o lepidio e vistoso galan, está com a braguilha desabotoada, ou com asquerosa particula de monco, arrojada por um espirro, no largo peito da camisa alvissima. Sem duvida, uma triste, uma cruel situação; nunca, porém, mais triste, nem mais cruel que a do nosso critico. Eis o facto: tratando da musica allemã, para cujas bellezas o Sr. Taunay não tem outros termos de comparação. senão *gemmas e pedras preciosas*, grandes no tamanho, mas maculadas de jaça e de falhas, gemmas e pedras que mais de uma vez apparecem no seu escripto, por effeito talvez das impressões diurnas e nocturnas da *rua do Ouvidor*; tratando assim de tal assumpto, elle pretende provar que os componistas allemães se deliciam em *lapidar amorosamente a peregrina gemma*, fazendo-lhe valer todos os primores, todos os fogos, como se diz na linguagem dos deuses, ou então, segundo a rude linguagem humana, em apoderar-se de um pensamento musical e revolve-o em todos os sentidos. Agarrado a esta idéa, que entretanto não é completamente exacta, o grande homem escreve o seguinte: « Na *Gruta de Fingal*, por exemplo, de Mendelssohn, quantas vezes reaparece o mesmo thema,

ca pairando sobre um mar calmo e azulado, ora no meio dos sibilos dos ventos, no bater de revoltas ondas contra as columnas de basalto, etc., etc., etc... ? No *Freischutz* domina toda a obra uma phrase capital, e, assim como nos *Huguenotes*, em torno do coral de Luthero, agrupam-se grandes harmonias, no *Fausto* ha uma nota como que insistente, etc., etc., etc... Total: uma seriação de quatro composições, começando pela *Gruta de Fingal* e acabando pelo *Fausto*, nas quaes o autor descobre a tendencia commum aos allemães, posto que Gounod não o seja, de affeição e abrilhantar por todos os modos a *pedra preciosa*...

Sim, senhor. Mas agora pergunto eu : qual será o leitor sensato, ou insensato mesmo, que diante dessa serie de producções musicas, desconhecendo a natureza da composição de Mendelssohn, mas sabendo que *Fausto*, *Huguenotes*, *Freischutz* são operas, não conclua com toda a segurança que a *Gruta de Fingal* tambem o é ? Nenhum. E será uma opera ? Ora, senhor major ?... E' muita desgraça. A *Gruta de Fingal* não é um individuo da especie a que pertencem *Freischutz* e *Huguenotes* ; a *Gruta de Fingal* não é uma opera. A excepção de *Loreley*, que ficou incompleta, e dos ensaios juvenis *Cammacho* e *Heimkehr*, nada mais do genero *opera* foi escripto por Mendelssohn, *Fingalshöhle*, *Melusine*, *Meeresstille und glückliche Fahrt*, *Walpurgisnacht*, etc. são titulos de outras tantas peças

genialmente escriptas, é verdade, porém não de outras tantas operas. Mendelssohn, o inventor dos *Lieder ohne Worte*, (20) foi grande, sobretudo no oratorio e na *musica sacra* propriamente dita; as melhores das suas composições, em cujo numero figura a *Gruta de Fingal*, pertencem a essa esphera.

E' pois de fazer pasmar a facilidade, com que o Sr. Tannay, sem o minimo presentimento do dislate que commettia, registrou a *Gruta de Fingal* na classe das operas, desperdiçando em honra della uma somma consideravel de *phrases escolhidas*, como... *mar calmo e azulado, sibilos dos ventos, bater de ondas, columnas do basalto, etc.* e isto com o ar arrogante de quem fala de um assumpto, seu *velho conhecido*, sendo aliás factó evidente o seu total desconhecimento da cousa... Magnifico Tannay! Saborosissimo Riccaut! *Ah! c'est un très galant homme que ce major!*... Passemos adiante.

(20) Só na pequena invenção deste titulo, como diz L. Ehlerlert, repousa uma boa parte de profissão de fé esthetica. Eu mesmo, que pouco entendo da materia, acho-o bastante poetico, e de tal arte que não duvidei chamar uma vez aos bonitos olhos de uma bonita allemã — *Zwei Lieder ohne Worte*. O Sr. Tannay não se espante; se cuidava, como é presumivel, que *romance sans paroles* era producto francez, ainda neste particular estava enganado...

VI

No mesmo mez em que Thiers organisou o seu primeiro gabinete, que succedeu ao ministerio Broglie (fevereiro de 1836), em que George Sand separou-se definitivamente de seu marido e Alfred de Musset publicou o bizarro escripto *Confession d'un enfant du siècle*, foi a opera *Huguenotes* pela primeira vez levada á scena. Como se vê, quatro grandes acontecimentos do mundo pariziense, que deviam naturalmente nutrir por algum tempo a *cause* dos salões, sem falar no processo de Fieschi e na publica exposição de Nina Lassave. Não menos do que o *Roberto*, encontraram os *Huguenotes* na atmosphera moral de então o primeiro signal do seu triumpho.

O Sr. Taunay affirma que nessa época a escola romantica já tinha feito brecha no classicismo do seculo XVII. E' dizer pouco. Nessa época o romantismo não só havia tocado ao seu apogeu, como já visivelmente começara a declinar. Bem entendido, o romantismo francez ; pois da romantica allemã restavam apenas reminiscencias e á frente do movimento litterario achava-se o grupo da *Joven Allemanha*. Em 1836 já o espirito da duvida se apoderara de muitas cabeças, que o enthusiasmo havia abandonado. Victor Hugo não renunciara, é verdade, a nenhum dos seus direitos de

papa da nova seita; mas as suas pretensões assimelham-se um pouco ás de Bonifacio VIII. Da romantica franceza podia-se dizer o que por esse mesmo tempo dissera Heinrich Heine do autor de *Jacques Rolla*: que tinha diante de si um grande passado. E o proprio Alfred de Musset já não era um verdadeiro fiel daquella igreja. O creador nos typos do dia, *Octave* e *Desgenais*, não duvidou mais tarde (em setembro do mesmo anno) escrever uma serie de artigos para a *Revue des deux mondes*, nos quaes as estravagancias da escola são habilmente caricaturadas e, a golpes de ironia, entregues ao ridiculo que as espera a quatro passos da porta do mestre.

Convem aqui entretanto assentar um ponto, que não está de todo liquido. Quando digo que *Roberto e Huguenotes* tiveram por si a cumplicidade das boas disposições do espirito publico, isto deve ser comprehendido... *cum grano salis*. Não se julgue por ventura que os talentos directores da quadra litteraria tivessem tomado partido em favor de Meyerbeer.

Dá-se na vida artistica e litteraria, mesmo nos grandes centros, o phenomeno, que póde parecer extravagante, de ficarem muitos e bons productos dos mais afamados autores desconhecidos do grosso dos contemporaneos e até dos melhores combatentes do dia.

Basta lembrar o caso passado em Pariz com o proprio Alfred de Musset por occasião de sua pretensão á

entrada para a Academia. Tendo elle de procurar os membros da illustre corporação, para pedir-lhes o seu apoio, chegando-lhe a vez de falar a Guizot, ouviu da bocca deste a confissão sincera de que delle só tinha lido a *Ballade à la lune!*... Isto tem seu peso!

E' presumivel, portanto, e com muito bons fundamentos, que o componista dos *Huguenotes* não fosse tão relacionado com os românticos do tempo, como em geral se suppõe, e dest'arte passassem para Victor Hugo e seu sequito, se não despercebidos, ao menos indifferentes os triumphos do *maestro*. Em todo o caso, é digno de nota, e não deixa de causar uma certa estranheza, que entre as notabilidades do *cénacle*, onde figuraram artistas, como os irmãos Achilles e Eugenio Deveria, Paulo Chenevard e outros *diï minorum gentium*, não appareça o vulto de Meyerbeer. Sem reclamar para estas observações maior valor do que ellas comportam, entendo todavia que ha bons motivos de descreer dessa especie de *harmonia preestabelecida* e conscientemente guardada, como alguns pretendem, entre os espiritos innovadores que brilharam em França nos ultimos annos da restauração, e durante o primeiro decennio da realza de julho.

Peço desculpa ao Sr. Taunay, por ter entrado na apreciação de taes coisas, que indubitavelmente devem parecer-lhe bem distantes do assumpto discutido. São minucias apropriadas á escola, de que sou discipulo.

E' assás conhecido o velho defeito dos meus caros alemães: armar-se de uma alavanca para arrancar um pé de couve. Quadro singular e extravagante, sim, senhor, porém sempre menos ridículo do que aquelle que se observa na margem opposta: munir-se de um *canif*, ou de uma franzina espada de militar pedante, para partir de um só golpe o tronco de um carvalho. Eu estou pelo primeiro e lisongeio-me disso.

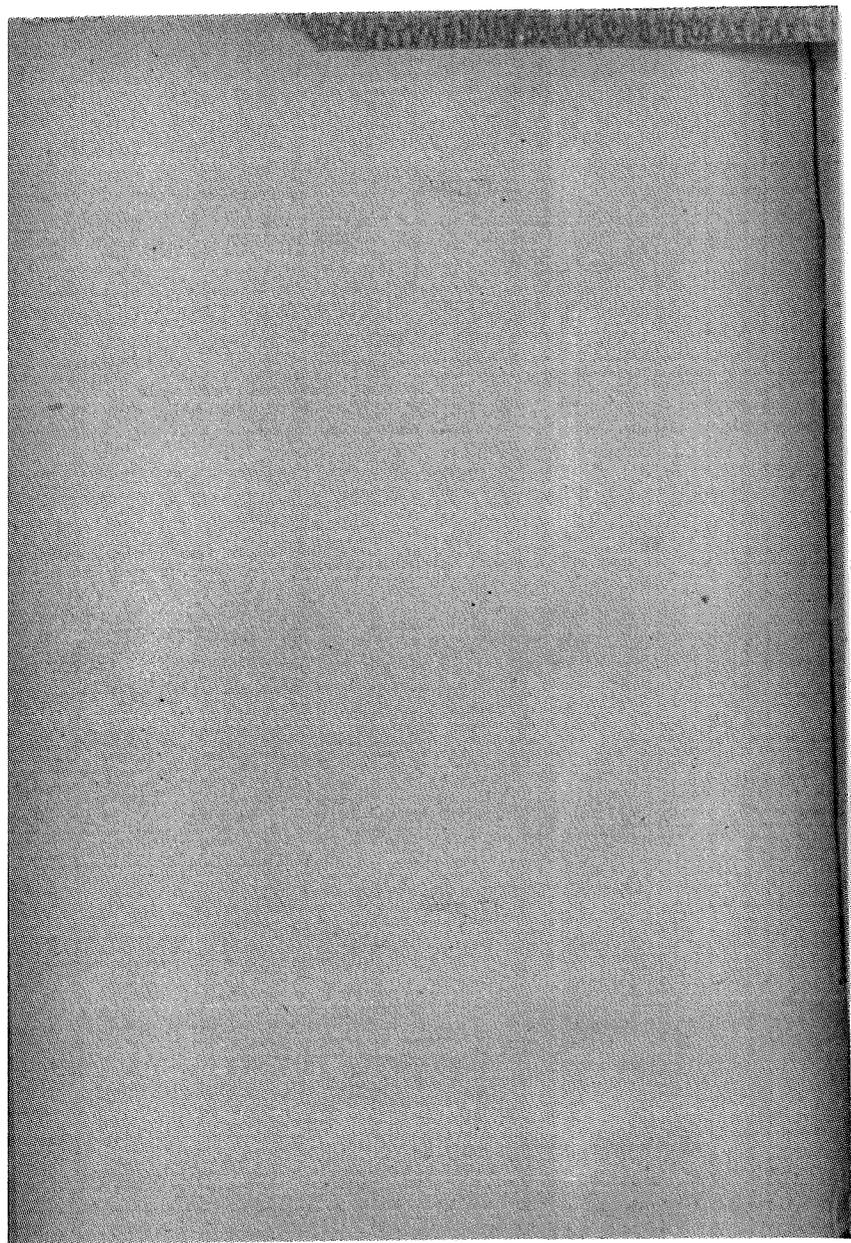
O illustre major litterato é inexcedível no talento de accumular palavras sobre palavras, e todavia nada dizer, que nos faça impressão, excepto a que põe em movimento os musculos do riso. E' para ver o desplante, com que elle, reconhecendo a precedência de muitos escriptores, mette-se não obstante, a « passar rapidamente em revista os primores excepcionaes dos *Huguenotes*... » Para achar porém o que?... Coisa nenhuma: para affirmar, por exemplo, que o « côro dos fidalgos e a orgia são de um rhythmo de extrema animação... » que no romance de Raul *Plus blanche que la blanche hermine*... ha muita delicadeza e muita ternura... » E assim por diante, sem usar de uma só expressão caracteristica e impressiva; mas tudo vago e banal, em estylo de *billet doux*, pomposamente nullo.

Ao tratar da *benção dos punhaes* o critico emper-tiga-se, e chamando em seu auxilio o furacão e o raio, solta ao ar algumas *bombas*, até que uma dellas

estoura-lhe nas mãos; e é o seguinte pedaço: « Este trecho supremo, em que, no dizer dos francezes, levados sempre pelo *chauvinismo*, entrou a collaboração de Emilio Deschamps, colheu asperas censuras de Schumann e de Mendelssohn, que tinha a musica de Meyerbeer na conta de *fria e destituída de sentimento* (herzlos). »

Aquí não vai sómente um erro, vai uma penea de equívocos e inexactidões. Emilio Deschamps, feito componista, auxiliador de Meyerbeer! . . . O Sr. Taunay equivocon-se; a historia é outra. O que ha, neste ponto, a respeito de E. Deschamps, é o passar por collaborador de Scribe na confecção do *libretto* dos *Huguenotes*. Papel, porém, de partícipe, de co-autor da partitura em qualquer dos seus melhores trechos, não. E tambem: não foi o proposito dos *Huguenotes*, mas do *Roberto*, que Mendelssohn attribuiu á musica de Meyerbeer... *Kälte und Herzlosigkeit*; e isto em uma carta particular a Immermann; o que é não pouco differente da idéa que se póde formar pelas palavras do Sr. Taunay . . .

1880.



W

Ainda alguma cousa tambem sobre Meyerbeer

(AINDA COM O SR. VISCONDE DE TAUNAY)

I

« Se! Leu! Wenn Narrenhände
« Dir in der Mähne kratzen,
« Dann mach' dem Spiel ein Ende
« Und zeige deine Tatzen. »

(E. von Sallet).

« Se leão! Se em teu caminho
« Co'algum idiota esbarras,
« Que vem bulir-te no queixo
« Repelle-o e mostra-lhe as garras. »

Na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, apparecem um artigo do Sr. Esmeragnolle Taunay com pretenções de cabal resposta á critica que lhe eu fizera a proposito de um seu escripto sobre Meyerbeer. (1)

(1) Vide *Gazeta de Noticias* de 22 de fevereiro de 1880.

Publicada naquella *Gazeta* e transcripta no *Jornal do Recife* essa critica está conhecida da melhor porção do publico legente, e como tal não necessita, para manter-se irrefutada e irrefutavel, senão de uma pequena graça do leitor desapaixonado: sujeitar os dois escriptos a uma analyse synoptica e comparativa, da qual sem duvida resultará a plena convicção do papel tristissimo, com que ainda uma vez o Sr. Taunay quiz regalar-nos. Todavia, importa não perder o ensejo, que se me offerece, de arrancar de todo a mascara a um dos muitos bemaventurados deste misero paiz e dizer-lhe alto e bom som: basta de embustes! . . .

Com effeito, no artigo alludido, o illustre *officier supérieur de l'armée brésilienne*, o celebrado autor da grande obra *La retraite de Laguna*, escripta *ad suum serenissimi Delphini* e exposta á venda sómente para occorrer aos gastos da *reclame*; em uma palavra, o muito *lido* e muito *corrido* Sr. Escragnolle Taunay, com todo o seu *apparato* de . . . *purista, estylista, germanista, hellenista, hebraista, etc., etc., etc.*, veiu lavar sem consciencia a sua sentença de morte litteraria.

O leitor não se admire do arrojo do meu asserto; espere, que lhe vou proporcionar um dos mais interessantes espectaculos; e só á custa do criticastro cortezão.

Ao escrever o artigo, que provocou as iras do Sr. Taunay, naturalmente devia suppor que a minha critica tivesse uma resposta; e eu contava com ella.

Pouco depois da publicação do meu artigo, chegou-me a noticia do seguinte passo, que deve ter sido bastante afflictivo. Em um salão fluminense, onde se achava o illustre critico meyerbeerico, perguntou-lhe uma engraçada e interessante menina: « então, Sr. Taunay, é *cravo* ou *rosa*?... *Euryantho* ou *Euryantha*?... » E ainda acrescentou: « o tal escriptor é arrojado: bem que de um modo subtil, qualificou-o de *pomadista* ». . . Comprehende-se qual seria a indignação do *galantuomo*, do *kaloskátatos* Sr. Escragnolle, vendo-se assim exposto á irrisão do bello sexo. (2) Nem eu o crimino por isso. Nunca neguei aos cadaveres o direito de darem ainda um signal de vida estrebuchando dentro do ataúde. Foi o que fez o meu contendor; e eu venho apenas pôr-lhe a mão na boca, para o não deixar *penar* por mais tempo.

A pretendida resposta do iracundo escriptor é semelhante a um daquelles boletins de guerra, muito usuaes na nossa época, nos quaes se proclama uma *grande victoria*, depois de ter-se soffrido uma *grande derrota*. O fim é visivel: animar a colonia dos adeptos, cujo numero é *legião*, e que morreriam de vergonha, se o seu idolo, pelo silencio ou de outro qualquer modo se confessasse vencido. E' para vêr o arrego

(2) Emprego muito de proposito o epitheto grego *kaloskátatos*, pois que o homem é hellenista.

com que o Sr. Taunay assesta contra o meu barquinho desarvorado e perdido os seus canhões de militar lettrado; mas de tal arte, que faz recordar o celebre epigramma de Lichtenberg:

*Er schießt ein Loch,
Und in dem Loch
Ist noch ein Loch
Weit grösser als das Schiessloch.*

Reservando para o fim do presente artigo a apreciação das phrases preliminares do despeitado critico, eu trato logo de entrar no que mais interessa, isto é, na analyse da sua defesa.

O Sr. Taunay, n'esta hora, deve estar perfeitamente tranquillo, sem o minimo escrupulo de consciencia, que lhe pudesse por ventura suggerir esta pergunta a si mesmo: terei eu respondido alguma asnidade?...

Elle não tem nem se quer uma leve suspeita, uma ligeira duvida sobre a realidade do seu triumpho.

E' este um distinctivo da neceidade infatuada.

Peço perdão de ir despertal-o e dissipar-lhe o sonho prazenteiro.

Quem leu a minha critica sobre o escripto em questão, ha de ter notado que o ponto capital do meu trabalho foi o seguinte: demonstrar *ad oculos* a incompetencia do *dilettantismo*, para tratar de um assumpto

musical, já muito e muito debatido, sem adduzir nada de novo, mas ao contrario revelando-se desconhecedor de muitos factos que pertencem ao assumpto, que já se acham, por assim dizer, incorporados a elle ; e isto em uma revista, intitulada *Revista Brasileira* e publicada na corte do imperio. Quem leu despreocupado o meu escripto ha de ter sem duvida observado este intuito.

Entretanto, o Sr. Taunay, na impossibilidade de encontrar-se commigo por este lado, usou do expediente commum a todos os máus defensores, que é reduzir a accusação a tantos pontos quantos são aquelles que lhes parecem mais faceis de desfigurar e accommodar á sua causa.

Foi assim que o bom do *gentleman* reduziu a minha critica aos quatro seguintes elementos : 1º, ter eu dito que elle errara por dar a Meyerbeer o prenome *Giacomo* e não *Jakob* ; 2º, tel-o increpado por qualificar de *inesperada* a criação de *Roberto* ; 3º, haver estranhado que elle julgasse essa partitura o inicio de uma nova éra nos annaes da musica ; 4º, finalmente, o ter-lhe attribuido um *qui pro quo* no emprego do nome *Euryantho*, em lugar de *Euryantha*. E assim distillados a seu sabor os capitulos da minha censura, passa então o *grande homem* a refutal-os, ficando lá de si inteiramente convicto de havel-o feito com toda a proficiencia. *Sancta simplicitas !*

Quero crêr que não me engano, deixando-me persuadir que nenhum leitor imparcial achará que o meu trabalho se resume nos unicos articulados estabelecidos pelo Sr. de Taunay. E nessa persuasão, poupando-me a inutil tarefa de reforçar aquillo que não foi abalado, aceito a represalia do *valente* official no terreno mesmo em que elle se foi postar.

Vamos ao primeiro ponto : a questão de *Giacomo* ou *Jakob*. Esta frioleira, para ser bem apreciada, tem necessidade de prender-se a um antecedente, que o publico deve conhecer.

O meu artigo da *Gazeta de Noticias*, foi escripto e enviado nos primeiros dias de dezembro do anno passado (1879) a um amigo na côrte, para ser publicado na *Revista Brasileira*.

Volvido algum tempo, recebi uma carta desse cavalleiro, na qual me dava conta da impressão produzida pelo artigo naquelles que o tinham lido, antes mesmo de publicado ; e juntamente me pedia licença para retirar do texto do escripto, onde se achava, a observação sobre *Giacomo*, e reduzil-a a uma nota, visto como, dizia elle, que melhor conhece os efeitos da sociedade de *elogio mutuo*, a que pertence o Sr. Taunay, era possivel lançar mão dessa observação accidental, para concluir que eu só me occupava com questões de palavras.

Accedi de prompto ao conselho, concordando na alteração proposta.

Cerca de um mez, se não mais, permaneceu o artigo em poder da redacção da *Revista*, até que depois de varios embaraços oppostos á sua publicação, chegando-se a dizer que só seria publicado, quando eu mandasse a segunda parte, dei ordem para que fosse retirado dali e inserto em qualquer jornal. Assim se fez; e na *Gazeta* de 4 de fevereiro (1880) appareceu o artigo com a modificação aconselhada, como pôde verificar quem tiver alguma duvida. Não obstante meu valente adversario, sahindo a refutar-me, não hesitou em fazer da respectiva *nota* um dos pontos mais salientes da minha critica !... Porque razão ?... De duas uma : ou o Sr. Taunay teve occasião de ler o escripto antes de publicado, e tal qual se achava em sua forma primitiva, com a observação sobre *Giacomo*, ainda que accidentalmente, contudo expressa no texto, e neste caso o leitor tem um bom motivo de comprehender, qual é em relação a mim a posição favoravel do corajoso *écrivain* cercado de aduladores, que por um rasgo de deslealdade inqualificavel quizeram de ante mão habilitar-o para dar-me prompta resposta; (3) ou o Sr. Tannay só conheceu o artigo depois de inserto na *Gazeta*, e nesta hypothese elle é um tolo insigne

(3) As excepções se abrem por si mesmas. Longe de mim o intuito de offender os caracteres honestos da *Revista Brasileira*.

em levantar tamanha questão sobre uma bagatella, tal por mim mesmo considerada, que se relegou para uma nota e uma simples nota interrogativa.

Não ha meio termo : escolha.

Comtudo não se capacite que a minha explicação importa um pedido de desculpa.

Não tenho a meu serviço o santo *descuido*, a que o nobre critico soccorreu-se para justificar as miserias do seu escripto. *Quod scripsi, scripsi*.

Não fui eu quem engrandeceu a questiuncula do prenome de *Meyerbeer*, e tanto me basta. Porém não fica ahí ; acudo ao appello e até admitto a supposição de que eu tivesse dado grande valor a uma nuga.

Sustento, pois, que *Jai' ob* e não *Giacomo*, é o prenome que o Sr. Tannay de vera dar a *Meyerbeer*. Que este componista assignava-se *Giacomo* é um facto de vulgar noticia, que sómente ao *officier superieur de l'armée brésilienne* pôde parecer uma idéa elevada, para cuja aquisição seja mister ir a Pariz e ter bastante dinheiro até?... para obter com alto agio um bilhete de entrada no theatro de Chatelet... Mas essa não é a questão, se de questão merece o nome. O que importa saber é o motivo por que *Meyerbeer* assim se assignava. Pelo mesmo, pouco mais ou menos, porque o romanista portuguez João das Regras nomeava-se latinicamente *Joannes a Regulis*. Uma especie de mania, uma fraqueza de grande homem. Mais ainda :

Meyerbeer, predominava-se *Giacomo*, como, por exemplo, *mutatis mutandis*, o finado bispo de Pernambuco. D. Manoel de Medeiros assignava-se *Emmanuel*.

Uma fraqueza, já disse ; e outros diriam : uma singularidade ridicula, não menos digna de reparo no homem da *batuta* do que no homem do *baculo*. (4) E tanto é assim, que, a não ser este ou aquelle fanatico adorador do componista até em suas fragilidades, nenhum escriptor notavel, tratando d'elle, deixa de dar-lhe o verdadeiro nome. Dest'arte o eminente suizo J. Honegger, em sua celebre *Culturgeschichte der neuen Zeit*, quando se occupa da opera, diz o seguinte : *Vertreter der grossen Pariser Oper ist Giacomo Meyerbeer, eigentlich, Jakob Meyer Beer...* Está vendo, Sr. Taunay ? *Eigentlich*, propriamente, verdadeiramente Jakob Meyer Beer. Não fica ahi.

Em uma de suas cartas berlinenses ao *Musikalisches Wochenblatt*, de Leipzig, Wilhelm Tappert, tratando do cantor Wachtel, assim se exprime : « Elle fez-se ouvir na bella opera *A judia*, na brilhante opera *Roberto do Diabo*, de Jakob Meyer Beer, e nos *immortales Huguenotes*, do mesmo autor... » (5) O grifo que

(4) O Sr. Taunay é capaz de pensar seriamente que eu tenho Meyerbeer na conta de bispo ; veja bem, não caia nessa.

(5) *Vierter Jahrgang*, pag. 611.

se nota nos epithetos, não é obra minha ; vem assim mesmo no original. E como nos dous citados, assim em muitos outros escriptores encontra-se, dado a Meyerbeer, o prenome de Jakob. Que diz a isto o Sr. Taunay? De nada lhe vale o soccorro que pediu a Mendel.

Sabe ao certo S. S. quem é Mendel?!

Mendel, o biographo invocado, do qual não posso affirmar que ainda viva, ou já tenha morrido, pois nenhum dos historiadores litterarios allemães, dos mais recentes mesmos, faz menção desse personagem na classe dos biographos, onde entretanto occupam lugar distincto Woltmann, Wolzogen, Max Weber, Naumann, La Mara e innumerables outros ; Mendel, repito, é um sectario impertinente do partido meyerberico na Allemanha.

Assiduo collaborador do *Echo*, folha musical de Berlim, ou, como diz um chistoso critico, filiado na cozinha da redacção (*Redaktionsküche*) desse jornal, precipuamente consagrado á deificação do autor da *Africana*, Mendel é um discipulo que não descobre a minima lacuna no *divino* mestre, e neste character, se elle costumasse assignar-se *santo* Meyerbeer ou o *rei* Meyerbeer, teria achado a coisa muito razoavel. (6)

(6) *Musikalisches Wochenblatt*, 1873, n. 18, pag. 276.

Que prova, portanto, a citação de Mendel? (7)

Um só exemplo basta para demonstrar como os espiritos imparciaes e sensatos da Allemanha consideram extravagante esta italianização dos prenomes.

O Sr. Taunay sabe quem é *Ludwig* Breitner? Certo que não. Pois eu lhe digo : é um pianista notavel, da escola de Rubinstein.

A proposito desse allemão Theodoro Helm, de Vienna, noticiando uma vez para Leipzig os phenomenos musicaes viennenses, exprimiu-se deste modo:

« Como legitimo e verdadeiro discipulo de Rubinstein, apparece *Ludwig* ou, como elle *pretenciosamente* se appellida, *Ludovico* Breitner... (8)

Não será applicavel ao caso, Sr. Taunay? Não poder-se-hia dizer com igual razão ; Jacob, ou, como elle *pretenciosamente* se appellidava, *Giacomo* Meyerbeer?... E sendo assim, a que vem tanto barulho a respeito de um ponto accessorio, menos que secundario, que eu mesmo julguei sem importancia e consenti que se convertesse em uma rapida nota ?

(7) O Sr. Taunay nos fala de duas obras desse escriptor ; deu-nos a data de uma, por que não nos deu a da outra?... Sr. Taunay ! !...

(8) *Musikalisches Woc.* 1875, n. 8, pag. 121.

Que pedaço de... *moço illustrado* é este Sr. Taunay!... Não quererá ainda convencer-se que Meyerbeer tinha tanta razão de prenominar-se Giacomo quanta pudera ter, por exemplo, o seu irmão Michael, o esperançoso dramaturgo allemão, que morreu em 1833, de chamar-se *Michele Beer*...?

Faço votos para que o Sr. Taunay encontre algum remedio contra a sua irremediavel imbecilidade.

II

Quanto ao segundo e terceiro capitulos da anti-critica, minha réplica é muito simples.

Insisto que é empregar uma *phrase banal*, é fazer acto de mero *escrevinhador*, attribuir ao *Roberto* a qualidade de inesperado. Porquanto, os productos musicaes, como todos os productos da actividade humana, estão dentro do circulo da historia; e esta não conhece phenomenos sem presupposição, não conhece factos sem antecedentes.

Um producto musical *inesperado* seria, portanto, um facto historico sem relação com o passado, despendido da série evolucionál de uma certa ordem de phenomenos, em uma palavra, um facto historico

miraculoso; o que é uma *contradictio in adjecto*, uma heresia scientifica. (9)

Se dando ao *Roberto* o epitheto de *inesperado*, o Sr. Taunay collocou-se no ponto de vista de qualquer pobre de espirito, para quem só ha neste mundo, de certo e inevitavel, o caminho da *mão á boca*, a morte, que ha de vir, e o *nascer e pôr do sol* de cada dia, então o negocio é outro: olhando desse ponto de vista acima do qual talvez S. S. não se possa elevar, *Roberto* foi realmente uma criação inesperada.

Mas essa intuição é indigna de um homem culto.

Quando eu disse que *Roberto* não fôra inesperado, nem abrira, como escreveu o Sr. Taunay, *uma era nova nos annos da musica*, foi pensando que este *galante* espirito estivesse no caso de comprehender as razões por mim adduzidas para justificar o meu dito.

Porém qual!... Elle passou por longe dellas, e veio apenas provar que não é um ignorante commum, pois sabe recorrer, nos momentos de aperto, ao *conversation Lexikon* do visinho para livrar-se do embaraço...

A *iniciação de uma nova era* pelo *Roberto*, independente do *Guilherme Tell* e da *Muda de Portici*, é uma idéa particular da cabeça do Sr. Taunay. Se ha

(9) O Sr. Taunay, apesar do seu Spencer, a quem gosta de citar, não entende destas coisas, que cheiram um pouco á philosophia.

na esphera musical uma verdade liquida e incontestada, é que essas tres composições formam uma série, uma como progressão ascendente dos impetos de um talento, auxiliados pelos de outro, que o precedeu. (10)

Eduardo Hanslick, que não é um anonymo, mas ao contrario um autor conhecido, de quem diz a folha de mais rigor critico da Allemanha, que nenhum leitor, culto mesmo, depõe qualquer livro seu, sem ter aprendido alguma coisa (11), externa-se deste modo :

«Do dia da primeira representação do *Tell*, 3 de agosto de 1829, pôde-se datar uma *nova phase* da musica dramatica, e não sómente na França. Apenas Auber com a sua *Muda de Portici*, o havia immediatamente precedido em igual direcção mas de uma fôrma menos imponente. Veiu em seguida Meyerbeer, etc.»

Esta verdade que elle exprime, quando se occupa de Rossini, reaparece em outros termos, quando trata de Auber: «A *Muda de Portici*, que sobre o seu laurel ainda traz a corôa de uma grande *significação historica*, estava na *frente da nova direcção* tomada na grande opera. O *Tell* de Rossini, o *Roberto* de Meyerbeer e posteriormente os *Huguenotes* devem a ella

(10) Se arithmetica ou geometrica, dil-o-ha o Sr. Taunay, que é engenheiro, posto que lhe falte em alta escala o *sensu* das *proporções*, como adiante mostrarei.

(11) *Literarisches Centralblatt*, 1875, pag. 1191.

um poderoso impulso. » E na secção consagrada a Meyerbeer ainda repete : « Como os seus immediatos predecessores, *Tell* e a *Muda*, o *Roberto* marca uma nova época da grande opera ». (12) Repare bem, Sr. Taunay : « como os seus immediatos predecessores, » assim como « uma nova época da grande opera, » e não *uma era nova nos annaes da musica*, o que é uma phrase frouxa e um tanto disparatada.

Na deficiência de outros meios, o Sr. Taunay recorre a duas considerações ou antes declamações, para provar que *Roberto* foi abridor de caminho. (13)

E são ellas : de um lado os applausos extraordinarios que obteve essa opera ; e de outro lado o retrahimento de Rossini, como ferido no seu amor proprio pelos triumphos de Meyerbeer.

Estes dous pretensos argumentos dão, por si sós, a medida do semi-talento do homem.

(12) *Die moderne Oper*, pag. 118, 127 e 141.

(13) Entretanto é para estranhar que S. S. declare, em uma de suas notas, não ter mencionado o *Guilherme Tell* no numero das composições lyrico-dramaticas, *por suppressão na composição*. Muito fóra de proposito e sem ligação com o assumpto do seu artigo devia ser essa referencia ao *Tell*, quando S. S. tão de bom grado consentiu que fosse *supprimida*.

Que espirito destructavel ! Demais, em um artigo sobre Meyerbeer, a menção de *Tell*, sómente como *uma das maiores composições lyrico-dramaticas*, é pura estatística, que no caso quer dizer pura tolice.

Quem, se não elle, com effeito pensaria jámais que o grande successo de uma opera nova servisse para provar que ella *inicia* uma nova éra? No mesmo anno da apparição de *Roberto*, appareceu a *Norma*, que teve igual senão maior successo; pelo menos é certo que tornou-se mais popular. Terá ella tambem por isso iniciado uma éra nova nos annaes da musica? Em 1829, no mesmo anno de *Guilherme Tell*, representaram-se pela primeira vez *Fra Diavolo* de Auber, *Clari* de Halevy, *Montechi* de Bellini, operas estas que todas foram muito applaudidas. *Iniciou* por ventura cada uma dellas uma nova época? Sr. Taunay, tenha senso! . . .

Quanto á attitude de Rossini, eu teria motivo de espantar-me que o honrado official fizesse della um documento do *inesperado Roberto*, se elle já não me fosse bem conhecido, se eu já não tivesse feito a sua psychologia, que se resume em uma unica *faculté maîtresse*: a de dizer parvoices.

O retrahimento despeitoso de Rossini prova tão pouco a iniciação de uma nova éra pelo *Roberto*, como a ogerisa de Meyerbeer e seu sequito para com Ricardo Wagner poderia provar que nenhum laço de filiação e dependencia existe entre a *musica do futuro* e a do autor dos *Huguenotes*; o que aliás só pôde ser affirmado, ou por um meyerbeeriano incompetente, do tamanho do Sr. Taunay, ou por um wagneriano do mesmo tope e da mesma incompetencia, sendo ainda para ponderar

que Meyerbeer não foi, como Wagner, um protestante, um reactor contra a corrente musical do tempo.

O supposto enfado de Rossini, bem como o seu recolhimento naquella época, tem outra explicação. Foi simplesmente de sua parte um rasgo de finura e perspicacia. Depois do *Tell*, Rossini comprehendera que tinha dado tudo de que era capaz na opera séria; que uma nova excursão neste dominio importaria uma queda; pelo que depoz a penna.

Admiravel intuição do genio, que apprehende o ultimo momento, a culminação de sua gloria!

Se algum desgosto sentia então o componista, não era dos triumphos de Meyerbeer, porém, ao certo dos excessos do publico. E a prova é que, posteriormente, quando se deu a morte do grande israelita, Rossini mostrou sentir-a sincera e profundamente.

Com a mesma arrogancia, com que se pôde imaginar que S. Thomaz tenha pronunciado o seu *conclusum est contra Manichaeos*, o Sr. Tannay julga impor-me silencio, citando algumas palavras allemães, extrahidas de um dictionario de conversação, nas quaes se encontra, a respeito de *Roberto*, o termo *unerwartet*, que diz elle corresponder perfeitamente ao seu inesperado.

Se quizesse chicanar, poderia perguntar ao corajoso critico, se elle acha com effeito completa semelhança entre o... *appareceu inesperadamente* das palavras citadas e a *inesperada criação* do seu artigo.

Mas não me occupo de tal ; existe ahí mesmo cousa mais séria, com que me possa entreter.

Como quem me intima pará render-me á discreção, o Sr. Taunay incha as bochechas e diz-me : « Abra a muito conhecida obra *Conversation Lexikon*, e no artigo Meyerbeer leia o seguinte : etc., etc., etc. » E cita as palavras a que já me reportei.

Advirto ao valente militar que puxe logo o seu frasquinho de cheiro para prevenir alguma syncope, pois agora vou começar a ser cruel com S. S. ; cruel, como merece a sua posição, a sua boa estrella ; cruel, como merece o seu orgulho, como merece a sua ignorancia.

E o leitor attenda bem ; o Sr. Taunay manda que eu abra a muito conhecida obra *Conversation Lexikon*, como quem manda abrir a muito conhecida obra *Biblia Sagrada*. Esse grande espirito que viajou na Allemanha, que se pretende mostrar familiarisado com as letras desse paiz, ignora ainda que existem muitos *Conversation Lexikons*, e de varios editores. Só eu, que moro na Escada, *que nunca sahí do norte do Brasil*, conheço não menos de quatro : o de *Brockaus*, o de *Meyer*, o de *Pierer* e o de *Herder*, cada qual com o seu modo de ver e sua tendencia particular.

Disto sei eu ; ao passo que o Sr. Taunay, que diz ter estado na Allemanha, que cita Gæthe e Schiller, que ostenta saber allemão, pensa que o *Conversation*

Lexikon é um livro unico em seu genero, como a *Iliada*, ou como a *Eneida*! Maluco!

Qual é, portanto, o valor, diga-me, dessa citação de palavras escriptas por *alguem*, que não tem nome, não se indicando a fonte, onde ellas foram bebidas? Dos dictionarios de conversação que me foi dado na occasião consultar, nenhum encerra o texto referido.

O Sr. Taunay tenha a bondade de informar-nos qual foi o *Lexikon*, a que se soccorreu, e quem é nelle o autor do artigo Meyerbeer. Porquanto, sem essa indicação, é como se pada dissesse, visto que, desconhecida a procedencia do artigo, eu seria um estolido, da mesma ordem do *officier superieur de l'armée brésilienne*, se sahisse a bater-me com uma sombra, a refutar um dito vago, attribuido a um escriptor, que não é nomeado. Acresce ainda que, nestas condições, o negocio não exclue qualquer mystificação.

Quem me vedara, por exemplo, asseverar que na bem conhecida *Deutsche Zeitung* (existem muitas) encontrei a seguinte apreciação do autor de *La retraite de Laguna*: *Ein Herr. E. Taunay ist der Verfasser dieses angeblich historischen, durch die Beklame ausgezeichneten Werkes, von dem man doch zuversichtlich annehmen muss, dass es nicht über einen Mischmasch von Oberflächlichkeit und Pedanterei hinausgeht...?*

E elle que fosse procurar o canario amarello, isto é, a *Deutsche Zeitung*, no meio de tantas outras de igual

titulo. Assim, se o nobre adversario não se acha no caso de urdir um embaimento semelhante, pôde todavia ter encontrado alguém, que lhe dictasse, por malignidade, as linhas em questão.

Mas ainda não estou contênte. Demos de barato que um escriptor tedesco, em artigo sobre Meyerbeer, tenha dito com effeito que *Roberto* fôra *inesperadamente* levado á scena; que sai dahi? Coisa nenhuma.

No meu escripto, eu falava daquelles criticastros à *la Blaze de Bury*, para os quaes Meyerbeer é uma apparição imprevista; eis que veio o Sr. Taunay e repetiu-me paralogisticamente a opinião contestada, com a circumstancia aggravante de não nomear o escriptor invocado.

Pergunta-se agora: o anonymo citado não estará no numero dos criticastros de que falei?

O que eu disse contra o *critico* musical da *Revista Brasileira*, não será applicavel a qualquer outro, que tenha a mesma intuição? Ora esta, Sr. Escragnolle...

No seu pretendido retruque S. S. parte de um supposto pueril, de um *a priori* falso, como o seu saber, falso como o seu renome: e é que para mim tudo que vem da Allemanha, que está escripto em allemão deva ser bom e perfeito, superior a tudo mais.

Hypothese futil e ridicula, para cuja refutação não hei mister de outro facto, que não a própria polemica entre nós suscitada. Note-se bem; elle reclama para

um allemão a prioridade na iniciação de um novo período do desenvolvimento musical na grande opera, ao passo que eu, com toda a minha *germanomania*, pois que tenho aprendido nos mesmos livros allemães a respeitar a verdade historica, reclamo esse predicado para um francez e um italiano.

Já se vê que, além de pobre em sua sciencia, o Sr. Taunay é insensato em sua critica.

O leitor pouco habituado a discussões de tal ordem, vendo o rompante do litterato fluminense, a sua maneira de encarar-me, as citações que faz de autores tescos, não está longe de suppor que elle é um germanista de força, um profundo conhecedor da litteratura allemã.

Quero tiral-o desse engano.

O Sr. Taunay não possui nem sequer noções rudimentares da lingua de Kant.

Escutem: tratando da parte do meu artigo, em que referi-me ao dominio do *eu* em todos os factos humanos e usei das expressões *der Einzige u. sein Eigenthum*, titulo e synthese da celebre obra de Gaspar Schmidt (Max Stirner), na qual se encontra a glorificação do egoismo; tratando desse ponto (attendei, attendei!) o Sr. Escragnolle Taunay « diz que a *minha* doutrina vem... acompanhada de um apophtegma, em que a letra *u* mettida entre as palavras *Einzige* e *Eigenthum* fel-o lamentar não ter o instincto decifrador de um

Champollion ou de um Lepsíus» *Il était difficile de plus mal tomber.*

Entregue a mão general, para levar pelo punho de qualquer dos meus discipulos, meia duzia de palmatoadas, correspondente, no seu dizer, á meia duzia de livros allemães que possuo.

Aqui, sim, é que a ferula faz valer o seu direito. Venha cá, meu bom, meu saboroso Taunay; é certo que esteve na Allemanha? é certo que sabe ler allemão? E como é que não sabe que a lettra *u* mettida entre palavras, como na phrase *der Einzige u. sein Eigenthum* é simplesmente uma abreviatura da copulativa *und*?

Era mister invocar a sciencia de Champollion?

Nunca encontrou em livros e jornaes allemães as lettras *u s w* querendo dizer *und so weiter*, e mais as lettras *u A*, significando *und Andere*? Cubra a cara, que é vergonhoso.

Só sinto que a lingua escripta seja impotente para exprimir uma gargalhada. (14)

Que o nosso homem não teve a minima duvida sobre a sua descoberta, nem a mais ligeira idéa de ser a

(14) Teyve intenção de fazer espirito, para ser agradável ás suas leitoras, mas tanto buliu e mexeu, que se desgraçou por um modo horrivel; e agora em vão buscará fingir que o som equivoco, apparecido no salão, não foi obra sua, porém da cadeira, onde está sentado...

minúscula *u* abreviatura de *und*, demonstra-o, além do mais, a circumstancia notavel de dar elle ao singelo titulo da obra de Stirner o nome de *apophtegma*, revelando assim ou não saber o que é *apophtegma*, ou pensar que nas mencionadas palayras allemães havia alguma sentença, algum annexim ou rifão, que eu não escrevera direito; o que ainda importa, da parte do Sr. Taunay, tão *lido* e tão *corrído*, o desconhecimento completo de um importante phenomeno da litteratura do seculo, qual é o livro de Stirner, *ein Buch*, como diz Hartmann, *das Niemand der sich für praktische Philosophie interessirt, und lesen lassen sollte*. (15)

Quer ás vezes parecer-me que o meu honrado antagonista não é tão ridiculo quante supponho, mas antes digno de lastima.

III

Na quarta e ultima parte do seu *elaborado* anti-critico (16) principia o Sr. Escragnolle por julgar

(15) *Philosophie des Unbewussten*, pag. 730, 6 Aufl.

(16) Mais de uma vez o Sr. Taunay empregou a expressão *elaborado*, grifando-a, como quem nella descobre um erro. Será isso tambem um dos muitos germanismos de que me accuson? Deseonhece elle que uma lingua onde ha... *dado*, *predicado*, *quadrado*, etc., póde bem comportar *elaborado*?

summariamente as minhas observações sobre a *emoção musical*, que elle dissera ter sido sempre o visar de Meyerbeer. Limito-me, em resposta, a pedir aos leitores que confrontem as minhas com as idéas do *grande homem*, e decidam com justiça. E dito isto, que é sufficiente para envergonhal-o, entremos no *quã pro quo*, no que mais incommodou o illustre official, a questão de *Euryantho* por *Euryantha*.

O Sr. Taunay, por pouco desenvolvidas que sejam as suas funcções cerebraes, não podia chegar ao ponto de desconhecer o unico recurso, ainda que esteril, que ao caso lhe restava: *o erro de imprensa*. Lançou mão d'elle; e fez bem. Mas como que presentindo que algum leitor menos credulo deixasse de aceitar a sua asseveração, tentou indicar, por outros meios, que não errou, que não era possivel errar. Cnçamol-o que é interessante:

« Não sei quem conhecerá melhor Weber, diz elle, se eu, que viajei a Allemanha, lá ouvi a interpretação religiosa das obras dos grandes mestres e vi em pomposa scena operas do eminente maestro ou o bom do Sr. Tobias, que, segundo me consta vagamente, nunca sahio do norte do Brasil e diz as coisas por tel-as lido em meia duzia de autores predilectos. » *Gut Gewiehart, Lowe* (17)! Boa razão. Esta razão é de peso.

(17) Provavelmente virá dizer-me que errei, pois o proprio dos leões não é *wiehern*, porém *brüllen*. Peço desculpa: foi por descuido.

Ouviram? . . . Não podia escrever *Euryantho* em vez de *Euryanthe*, porque estive na Allemanha! Oh! pois ali mesmo é que se manifesta mais claramente a sua fraqueza. Viajou pela Allemanha, viu em pomposa scena as operas do eminente maestro, e entretanto só agora é que soube, pela primeira vez, que *Euryanthe*, é nome de mulher, que o titulo da opera é o mesmo nome da protagonista. Confesse a verdade, não seja respingão.

Já o meu distincto amigo Sylvio Roméro, esse talento admiravel, que mais tarde será chamado por autonomasia *martello das mediocridades, terror dos ignorantes*, avistou-se com o bravo historiador da *Laguna*, pedindo-lhe contas daquella singular allegação de viagens, e repetindo-lhe a picante phrase de Jacob Grimm; *lieber wollte ich lernen ohne zu reisen als reisen ohne zu lerne*, quero antes aprender sem viajar, que viajar sem aprender. (18) Exactissimo; e, se me fosse licito accrescentar alguma idéa, diria apenas, com o mesmo Grimm, que viajar pelo estrangeiro, sem ter negocio importante a realizar, sem um motivo serio e poderoso, é prejudicar o que se sabe, para gastar inutilmente o tempo no meio daquillo que se ignora. Tal deu-se com o honrado official brasileiro: andou na Allemanha, eu creio; mas de lá não trouxe

(18) *Auswahl aus den kleineren Schriften*, 1871, pag. 61.

nem o sentimento do seu proprio atrazo, a consciencia de sua pequenez. . . (19)

Mas vamos á questão. Depois de esconder-se por detraz dos typographos, para desviar a pancada relativa á expressão *Euryantho*, o bom do Sr. Escra-nolle, que não é homem de deixar-se vencer, saca do bolso a sua riqueza de conhecimentos hellenisticos e busca evidenciar: 1.º que não é admissivel o nome *Euryantha*, como eu propuz, mas *Euryanthe*, como elle diz ter escripto; 2.º que, quando mesmo tivesse escripto *Euryantho*, não teria errado, pois seria ainda um nome proprio de mulher. . . De modo que certo é não só o que elle escreveu, segundo nol-o affirma, porém tambem aquillo que lhe attribui a erro; incabivel e erronea é justamente a minha proposta de escrever-se *Euryantha*. Não precisava ir tão longe, dirá o leitor sensato. Se *Euryantho*, é expressão exacta, para que lançar mão do *erro da imprensa*, correndo o

(19) Que elle andou na Allemanha o em outros paizes da Europa, quando foi passar bilhetes para rifar no valor de grande obra a sua *Laguna*, já eu sabia; e até constou-me que, quando achava-se em Berlim, passeando uma vez *unter den Linden*, o imperador Guilherme, que por allí transitava, virou-se para o seu nobre chanceller e perguntou-lhe: «Sr. de Bismark, aquelle é Taunay? E' um bonito rapaz! . . .»

risco de não ser acreditado? Bastaria dizer que tinha escripto assim mesmo, e mostrar então que não commettera falta alguma. Porém o Sr. Taunay não esteve por tão pouco. Não lhe convinha perder tão boa occasião de patentear novos predicados, que ainda trazia debaixo da casca e espantar o mundo, em que vive, com a sua litteratura. O homem não é de graças; quem bole com elle deve sahir arranhado. Appreciemol-o, pois, e invoco ainda uma vez a paciencia do leitor para acompanhar-me em tal apreciação.

No seu artigo da *Revista Brasileira*, o critico empregara, com character portuguez, os nomes de *Roberto do Diabo*, *Africana*, *Propheta*, *Fausto*, *D. João*, etc., etc., e, a par destes, falando de Weber, o nome de *Euryantho*.

Na firme convicção, que ainda não tive motivos para abandonar, de que elle tomara por um homem o que é uma mulher, eu disse que a verdadeira traducção, isto é, o verdadeiro modo de aportunuezar a palavra *Euryanthe*, como se escreve em allemão e em francez, é dar-lhe desinencia feminina, escrevendo *Euryantha*. Que responde o bom do critico? E' digno de riso o que elle responde. Começa por dizer que não escreveu *Euryantho*, mas *Euryanthe*; e, dito isto, como se eu tivesse taxado de erronea esta ultima orthographia, que não é a que vem no seu artigo, passa a defender-se, commettendo, porém, uma das mais

tupidas petições de principio. Se não o censurei por crever *Euryanthe*, que valor pôde ter o seu argumento? Mas sigamol-o:

« Ha innumerados nomes, diz elle, acabados em *o* e *o*ngo, que do grego passaram ás linguas derivadas, conservando esta desinencia, como *Calliope*, *Niobe*, *Euridice*, *Cybele*, *Euterpe* e tantos outros. Quererá o Sr. Tobias transformal-os em *Eurydica*, *Calliopa*, *Euterpa*, etc.? » Bravo, Taunay! Isto é soberbo!... E' vibrar o cacete com tanta força que elle se quebra, batendo no chão, ficando-se logo da primeira pancada desarmado e sujeito ao feroz do inimigo. Como é então, meu caro?... Porque aconselho que se escreva *Euryantha*, quererei tambem que se orthographie *Eurydica*, *Calliopa*, etc., etc.? E julga com isto, quando fosse mesmo concludente, chegar-me em erro por uma especie de *reductio ad absurdum*?

Ora!... tenha mais cuidado no que diz e escute. Onde quer que en encontrasse um ignorante como o Sr. Taunay, que, tratando, por exemplo, de *Euterpe*, julgasse falar de um enão macho, e nesta qualidade, querendo dar-lhe feição portugueza, escrevesse *Euterpa*, diria sem o minimo scrupulo que a imprimir-lhe esse character, deveria então orthographar *Euterpa*. Que é que oppor-se-hia, que poderia oppor-se á semelhante idéa? Hein, Taunay? Onde está, pois, o irrespondivel da sua pergunta? Coitado!

Mas não é tudo; S. S., que tão ousadamente recorreu ao grego, ainda nessa materia revelou-se ignorantissimo. E' sabida de todos os hellenistas a predilecção que tinham os Dorios pelo *a* e os Ionios pelo *e* longo; de maneira que, dizendo estes, por exemplo, *Phémé*, aquelles diziam *Phama*; dizendo estes *Gnóme*, aquelles diziam *Gnóma*, e assim por diante. E' igualmente sabido que a lingua latina se approxima em maior escala do dialecto dorio; e dahi o pendor que se lhe nota para converter em *a* as desinências de *e* longo nas palavras de origem grega. Deste modo encontram-se as palavras gregas, de character ionico, *grammatice*, *rhetorice*, *musicæ*, *dialectice* e outras, na luta pela vida, que as linguas tambem sustentam, disputando o terreno ás fôrmas dorico-latinas *grammatica*, *rhetorica*, *musica*, *dialectica*, etc., luta que terminou a respeito de outros nomes, aqui pela victoria do *e*, ali pela victoria do *a*. Nesta classe figura o nome *physica*, que excluiu *physice*, do qual autor nenhum se serviu; naquella, porém, figuram, com poucos nomes communs, quasi todos os proprios, maxime de personagens mythologicos.

Passando ás linguas neo-latinas, e entre estas á lingua portugueza, a luta decidiu-se pela exclusão da fôrma ionica e adopção da fôrma dorica, dizendo-se portanto *grammatica*, *dialectica*, *rhetorica*, etc., e firmando-se esta regra quanto aos nomes communs;

E porque não, Sr. Taunay? Estaria dentro das leis que determinam a *differentiação* das vogaes.

Attenda um pouco; *Calliope* é no suffixo semelhante a *Antiope*. Entretanto, os latinos que de certo não escreviam *Calliope*, escreviam *Antiope*. Qual a razão de não podermos aceitar para ambos os nomes a mesma forma em *a*, quando esta forma constitue um dos traços característicos, *herdados* e *adaptados*, da lingua que falámos. (21)

Tanto barulho, meu Deus, para fazer crêr que o nome *Euryanthe*, não pôde tomar a feição portugueza *Euryantha*, quando é certo que neste idioma o suffixo nasal *ant* attrahe com facilidade a vogal *a*, e de tal modo, que, por exemplo, um participio, como *infante*, sendo substantivado, convertem-se sem escrupulo no feminino *infanta!*... Oh!... *Incipe manibus mecum, mea tibia, versus...* Sr. Taunay, não seja desfructavel! (22)

Passemos a outro argumento, pomposamente qualificado de *frisante*. Eil-o aqui: «... os nomes terminados em *os*, masculinos ou neutros, dão no grego derivações femininas em *e*, por exemplo, de *Xanthos*,

(21) A questão devia gyrrar sómente em torno de nomes que tivessem o mesmo suffixo de *Euryanthe*, e não versar sobre palavras de suffixo diverso. Isto só seria bastante para desbaratar o meu critico.

(22) Tenha senso, Taunay!

Xantippos, Leucippos, etc., Xanthe, Xantippe, Leucippe, etc. »

E' de eriçar cabellos ! E antes de tudo : onde foi que o Sr. Escragnolle descobriu essa *Xanthe*, derivada de *Xanthos* ? Mas vamos ao mais grave. Elle quer provar que não podemos dizer *Euryantha*, porém *Euryanthe*, porque este é um nome grego, tambem derivado de *Euryanthos*, como *Xantippe* se deriva de *Xantippos*. E' horrivel ! A este homem falta o senso da proporcionalidade, que é apenas um galho do senso commum ; e falta-lhe ainda a faculdade de associar idéas.

Schopenhauer deixou escripto que o gráu de intelligencia de uma pessoa está na razão inversa da capacidade de tolerar grandes ruidos ; quanto mais o homem pôde soffrer sem abalo o ladrido dos cães, o murmúrio das machinas, o silvo das locomotivas, etc. tanto menos intelligente elle é. Ora, o mesmo se dá com a faculdade de associar, que se pôde considerar, no estado actual do seu desenvolvimento, um dos productos mais significativos da *phylogenia* intellectual. Ella está na razão inversa do gráu de estupidez : quanto menos exercido, quanto menos vivace o homem tem o poder de associação, tanto mais acanhado e estúpido elle se manifesta.

O Sr. Taunay, pelo que noto, é capaz de ver uma sella, uma brida, botas e esporas, e todavia não associar a idéa de cavallo ! ... Quiz demonstrar com

Xantippe que só podemos, em portuguez, dizer *Eury-anthe*; não teve portanto, força para lembrar-se de que nós outros tendo *Philippa* bem podemos ter *Xantippa* !... Oh! *Incipe mœnialios mecum, etc.* Sr. Tannay, não seja desfructavel !

O bom do hellenista, crendo fazer uma grande descoberta, diz que *Euryanthe* vem de *eurus anthos* larga flor (23). Sem tomar contas a essa etymologia, que dá em resultado uma tal ou qual extravagância, qual é uma *flor larga*, eu entro na apreciação do fim, que se propoz com a sua derivação. Outro não foi senão evidenciar que de nomes gregos masculinos ou neutros, acabados em *os*, só se admittem derivações femininas em *e*. Porém é falso. *Philippos, Alexandros, Menandros, Terpandros*, são nomes gregos, que têm a mesma terminação em *os*; e, não obstante, o Sr. Tannay nunca conheceu, já não digo alguma *Philippa* de que ha innumerables exemplares, e não poucos bem interessantes, porém alguma *Alexandra*, alguma *Menandra*? Pois cá está este seu criado, venerador e obrigado, Tobias Barreto, que nunca sahio do norte do Brasil, tem a honra de conhecer uma *Terpandra* gregamente bella, como o proprio nome, a qual não cança de rir-se do fiasco do Sr. Tannay.

(23) Devia dizer *eury anthos* e não *eurus*, pois *anthos* é neutro. Erro da imprensa, talvez, não?

Além de tudo isto, o argumento do criticaastro envolve um contrasenso, que releva não deixar esquecido. A ter algum sentido, esse argumento pretende o valor de uma proporção; e é esta: *Xantippos* está para *Xantippe*, como *Euryanthos* para *Euryanthe*. Ora, não ha maior disparate, porquanto *Xantippos* é realmente um nome proprio de homem (nome do pai de Pericles), mas *Euryanthos* não é; onde está, pois, a proporção? *Incipe manaliis mecum*, etc... Sr. Tannay não seja desfructavel!

Arrastado pela vertigem dos despropositos, o meu contendor não parou ainda aqui. Proseguindo, elle interroga-se, quando mesmo tivesse escripto *Euryantho* teria errado? E affirma que não, por haver no grego nomes de mulher terminados em *o*, como *Io*, *Manto*, *Clotho*, etc. ! Pois eu lhe digo que errava, como errou, pela razão intuitiva de não haver no grego o nome *Euryantho*, acabado em *o* longo.

Manto, *Xantho*, *Clotho*, etc., existem assim mesmo, com esta mesma fórma, na lingua, a que pertencem ; não assim, porém, *Euryantho*, que não passa, por conseguinte, de uma burlesca invenção do Sr. Tannay. Entretanto, ha coisa ainda melhor.

No enthusiasmo da sua estolidez, elle pergunta ainda, por via de conclusão logica, se eu quererei que, em vez de *Clio*, *Erato*, se diga *Clia*, *Erata*, etc. ? Que tentadora interpegação?

Ella me faz recordar de uma passagem da minha vida de estudante, que vem ao caso referir. No tempo em que eu escrevia versos, um amigo costumava colleccionar-os á proporção que eu os ia publicando. Succedeu que um dia a certo critico, dos muitas que então pretendiam *matar-me*, abrindo essa collecção e lendo uma das peças ahí contidas, se deparassem estes versos :

*Quando na testa do levante pallido,
Menos bella que tu a alva fulgura. . .*

Não ponde suffocar o desgosto que lhe causaram : e, pegando de um lapis, sublinhou a palavra *testa* e escreveu á margem : *logo o levante é um boi!* . . . Horas depois entrava eu em casa do meu amigo, que, sorrindo, me mostrou a singular observação do austero censor, diante da qual não me occorreu outra coisa, senão tambem pegar de um lapis e escrever por baixo : *logo o critico é uma vacca.*

Em idênticas condições se acha a pergunta do honrado Sr. Escragnolle. Por que sustento que o grego *Euryanthe*, afeiçoado á portugueza, deve formar *Euryantha*, conclue elle que tambem quererei de *Clio* engendrar *Clia!* . . . Se se tratasse de alguma *Clanthe* ou *Clianthe* . . . porém *Clio!* . . . Santo Deus! Este Taunay!

Até aqui tenho estado, por assim me exprimir, a brincar com a minha presa. Vou dar-lhe agora, na questiuncula vertente, o golpe decisivo.

Cheguem os seus amigos e aparem-lhe a cabeça. Se o nome grego, proprio de mulher, *Euryanthe* não comporta em portuguez a desinencia em *a*, o nome grego, tambem proprio de mulher, *Atalante*, igualmente não deve comportal-a; em outros termos, se não é permitido dizer *Euryantha*, não é tambem permitido dizer *Atalanta*. Pois bem, Sr. Taunay, abra a *Noite do Castello*, canto terceiro, naquelle ponto da entrevista de Henrique e Ignez, onde o poeta descreve a bella moça surprehendida em seu leito pela presença do vingativo amante, no desalinho das horas de repouso, com os cabellos em desordem e a camisa distendida pela genuflexão, deixando ver os gemeos alabastros; e trema de vergonha ao ler o seguinte:

«..... transluz um collo,
Digno de Leda, uns braços de Atalanta.»

Então, camarada, *Euryantha* será erro?

Se a questão é de genuíno portuguez, Castilho era competente para dar lei. (24)

(24) Em uma lingua onde existe o nome godo, proprio de mulher, *Gertrudes*, não era tão natural que se orthographasse tambem *Hermentrudes*? E contudo A. Herculano disse *Hermentruda*, como disse *Hermengarda*. Vá tambem com vista ao Sr. Taunay. Deixei de demorar-me sobre a observação do epitheto de Diana, adduzido como prova de nomes femininos terminados em *os*, porque já estou cansado de analysar disparates. O hom

Quero ainda tornar visível aos olhos do leitor que o celebre *touriste*, com todas as suas viagens á Allemanha, nunca viu nem ouviu a opera de Weber. Entre as muitas parvas increpações que me dirige, vem esta : « A propria modificação terminal dos casos de *Euryanth* (*th* final) em allemão deveria ter-lhe indicado que é *Euryanthe*, etc. » O leitor está vendo : se não é outra vez *erro de imprensa*, o Sr. Taunay entende que o titulo da opera em allemão é *Euryanth* (*th* final), quando é *Euryanthe* mesmo, justamente como no francez. Então ? E' claro que nunca lhe passou pelas mãos, e foi o que eu disse, essa composição de Weber, da qual falou como entendido. E ainda mais, S. S. não parece ter bastante conhecimento do modo de declinar os nomes proprios femininos em allemão.

do critico nem sequer sabe os rudimentos da lingua grega, sem o que, por certo, não ignoraria que ha adjectivos acabados em *os*, que se prestam ao masculino e ao feminino. E' assim que uma das Parcas chamava-se *Atropos*, isto é, a *immutavel*, a *inexoravel*. O que prova o Sr. Taunay com os nomes gregos femininos da segunda declinação, se *Euryanthos*, caso existisse não seria feminino, nem mesmo, segundo o seu proprio modo de derivá-lo, da segunda, mas da terceira declinação como *antos*? E, dado de barato que fosse um feminino, correspondente ao latino *Euryanthis*, tambem feminino, segue-se que lhe corresponderia no portuguez um nome em *o* igualmente feminino ? *Ulmus*, em latim, é feminino, mas se traduz por *olmo* que é masculino. Pois Taunay não é bobo, minha gente ! ! ! . . .

Porquanto, dado que existisse *Euryanth*, que é que os casos deste nome poderiam indicar-me de particular a respeito da orthographia portugueza? Admitido *Euryanth*, teríamos então *Euryanths*, *Euryanthen*, *Euryanthen*: que conclue-se dahi para não escrever-se *Euryantha*? O mesmo que se pudera concluir de *Wilhelmine*, *Wilhelminens*, *Wilhelminen*, *Wilhelminen*, para não dizer-se *Guilhermina*, porém *Guilhermine*. E' de mais! O homem não acha igual. Deus lhe conceda longos annos de vida, para que tenha tempo de adquirir um pouco mais de consciencia do muito que ignora.

17

Passo a cumprir a promessa, feita em principio, de analysar no fim deste meu trabalho o retumbante preambulo do belletrista agalado.

Começou elle por malsinar-me como réo de uma tal ou qual má vontade, de uma certa agrura no exercicio da critica; e eu não julgo de todo injusto semelhante modo de ver. Dou razão ao Sr. Taunay; não sabe o que é critica; este mister é para elle um entretenimento, ao passo que para mim é uma missão.

Se, como a guerra, a critica tivesse os seus Clauzewitz, os seus Hartmanns, pudera tambem ser definida: um acto de força para obrigar o adversario, não

de certo ao cumprimento da nossa vontade, mas ao respeito das idéas vigentes, ao conhecimento da intuição da época. E dahi o corollario de que ella, considerada em si mesma, segundo o seu proprio conceito, encerra sempre um acto de hostilidade.

Opino, como o celebre Lassalle, que a critica não deve proceder com o trabalho de cultura intellectual de uma nação como Penelope com a sua têa, desmanchando de noite o que se fez de dia ; mas tambem não comprehendendo o que seja uma critica bonachona, polida e cavalheirosa, no sentido de guardar reservas e condescendencias, em honra das pessoas, em prejuizo da verdade.

Não me é estranho, quanto mal se faz a si mesmo, e de que força de animo deve ser revestido o homem que se dedica a tal mister. « Para que a critica, diz H. Landsmann, falando de Lessing, se mantenha na altura de sua vocação, para que ella se affirme como um elemento, tão indispensavel ao desenvolvimento espirital das nações como a propria poesia creadora, é preciso um homem da mais alta coragem moral, um homem a quem não affigem nem desgostam as aggressões pessoaes, a que elle inevitavelmente se expõe, ou a quem pelo menos os desgostos não podem curvar. » (25)

(25) *Philosophische kritische Streifzüge*, pag. 189.

Eu não tenho o talento que essa coragem representa, porém tenho a coragem que esse talento pressuppõe.

No desempenho daquillo que reputo necessario para purificar a nossa atmosphera, para abrir caminho a uma nova ordem de idéas, pouco me importam os gritos dos Taunays e outros iguaes phenomenos do *demi-monde* litterario. Assim, não dissimulo que os meus pobres escriptos trazem sempre uma quantidade de acido que desagrada ao paladar commum e, conforme a sensibilidade do *offendido*, pôde até tomar as proporções de veneno... Mas desde que não viso ser agradável a pessoa alguma, nem me proponho ter entrada no cenaculo de *litteraturiers*, que cercam o honrado Sr. Escragnolle, de quem aliás não sou *ikanos lysai ton imanta ton ypodematon autou* (é grego), recebo com indiferença o juizo bom ou mau, que elle queira formar do meu character e dos meus instinctos (26). Dito isto, quanto á maneira de julgar-se da minha pessoa, vamos ao modo de aquilatar-se o meu estylo.

O honrado official brasileiro ainda pertence á escola anachronica dos formalistas e pedantes, que ao receberem uma cutilada, tratam menos de examinar a

(26) A phrase grega é bem conhecida do Evangelho: « Não sou digno de desatar as correias de suas sandalias. » Que pena também eu sinto de não encontrar typos gregos! . .

extensão e profundidade da ferida, do que a tempera do ferro que a produziu.

Não querem saber se o golpe doeu ou não; mas se a arma estava bem polida e com a ponta bem aguçada.

E', pois, assim que o Sr. Taunay não se esqueceu também de attribuir-me *grotescos germanismos* e um *estyllo diffuso e pesado*. . . Esta sedição arguição de vícios de linguagem, de fôrma lacunosa e desleixada, já é hoje tão ridícula como a invocação de uma lei há muito derogada. São phrases estereotypas na bocca de todos aquelles que, presentindo a inefficacia de sua accusação á pessoa de um adversario, levam a censura até ao mau talhe do seu paletó, o mal amarrado da sua gravata.

« *Grotescos germanismos.* » Dez annos antes o Sr. Taunay mesmo ter-me-hia accusado de *grotescos gallicismos*.

Já é um progresso; não deixando, porém, de ser admiravel que fale em germanismos quem, como o illustre militar, sabe tão pouco e lê tão pouco allemão, que ignora que a letra *u* é abreviatura de *und*. O seu purismo traz-me á memoria os versos de Goethe:

*Sinnreich bist du, die Sprache von fremden Wörtern zu säubern;
Nun, so sage doch, Freund, wie man Pedant sein verdeutschet* (27)

(27) Traduzido e applicado ao caso: « Muito sensato és tu em limpar a lingua de palavras estrangeiras; ora, pois, amigo, ensina-nos como se diz *pedante* em portuguez. . . »

«Estylo diffuso e pesado»... Seria soberbo, se S. me concedesse um estylo conciso e elegante!... mais facil a uma bella e sagaz prostituta concordar com o encanto dos olhos e na lindeza dos cabellos da mulher de seu amante, do que a um escriptor criticado, e ferido em sua vaidade, reconhecer qualquer merito no estylo do seu critico. Estou ainda por vêr semelhante phenomeno.

Lessing, o grande mestre, que, na phrase de Lessing, elevou a critica á altura de uma decima musa, dizia que cada um tem o seu proprio estylo, como cada um o seu proprio nariz; e não é civil, nem christão, zombar do proximo, por causa deste orgão, qualquer que seja o seu tamanho e a sua disformidade.

Pelo que me toca, declaro que estou satisfeito com o meu estylo, como estou com o meu nariz, não quero substituto, nem para um, nem para outro. Comprehende-se, portanto, quão pouco valor tem aos meus olhos, como aos olhos de todos que bem pensam, a atrazada observação do Sr. Taunay; e por maior que seja a tentação, não cumprimento desejo de apresentar-lhe um espelho e fazel-o contemplar que *enormes ventas* elle possue.

Reconheço que ha no meu estylo um defeito capital que o colloca muito longe dos outros; e tudo o que distingue em demasia, já o disse um grande espirito, torna-se defeito insupportavel. Quando todos trajam

à côrte, sô eu apparecer de *jaqueta*; quando todos trazem pennacho branco, só eu trazer pennacho vermelho; quando todos affirmam que o Sr. Taunay é uma notabilidade, ser eu o primeiro a dizer que, em materia litteraria, elle é um bobo. . . não ha estylo mais defeituoso. Confesso meu peccado, sem que peça aliás perdão para elle.

Não é tudo ainda. A apreciação dos estylos é uma questão de sentimento. Os allemães, cujo espirito altamente philosophico se accentúa na propria lingua, exprimem e consagram esta verdade pela palavra *Stilgefühl*, *sentimento do estylo*. Ou seja, como parece a uns aquella capacidade de tornar-se accessivel á força, á graça, á impregnação do modo de dizer de um escriptor; (28) ou seja antes, como opinam outros, aquella propriedade, não muito commum, de distinguir o estylo de uns do de outros escriptores; (29) o certo é que a estylistica pertence sobre tudo á esphera da sensibilidade. Ha no estylo o que quer que seja de indefinido e indefinivel, como na musica, e o ouvido é o seu orgão.

Dahi a facilidade com que se pode impunemente qualificar de bom um máu e de máu um bom estylista, o que entretanto nem sempre é effeito do capricho,

(28) *Die Gegenwart*, Berlin, 1879, n. 9.

(29) *Preussische Jahrbücher*, 1879, Zweites Heft, pag. 200.

as muitas vezes o resultado de uma disposição psychica, do estado de expansão ou contracção do espirito, e poucas vezes tambem uma simples questão de lei-
ra, de compasso, de medida do tempo.

Ha escriptores com effeito que escrevem *adagio*, como os ha que escrevem *andante*, *llegiero* ou *llegi-
ssimo*, conforme a propria indole e os assumptos de que tratam. Todos elles querem ser lidos no mesmo compasso em que escreveram; e, não o sendo, a impressão não pôde ser boa.

Dest'arte se explica o facto que se observa constantemente no mundo das lettras: um pedaço de prosa, dos melhores mesmos, lido por um amigo do autor, affecta de modo agradavel, e ao passo que, lido por um inimigo, produz effeito diverso. Na ausencia mesma de qualquer paixão obcecante e aturdidora, dá-se sempre com o estylo no manejo das linguas, pouco mais ou menos, o que se dá com a afinação no manejo dos instrumentos.

Conta-se de um celebre mestre de rabeça, em Pariz, que tinha a mania de nunca deixar sahir-lhe dos labios um juizo decisivo sobre o completo aproveitamento dos seus alumnos. Quando já nada havia que objectar contra a technica vigorosa e consciente, contra a segurança dactylica dos mais bem aproveitados, elle buscava sempre o ultimo refugio e repetia: a *afinação!*...

Qual o meio de provar que era um capricho ? E' assim tambem : quando nada existe de sério e razoavel para oppor-se ao conteúdo de um escripto, nunca falta este grito de desabafo : o *estylo* !... Não ha phrase mais banal.

Eis ahi, pois, indicada em traços geraes a fonte de uma illusão de optica psychologica, da qual foi victima o Sr. Tannay, e que não raro leva os illudidos a darem, como juizes calmos da sua razão, verdadeiros arrancos e explosões da sua colera.

Aos ouvidos de uma pessoa afflicta, que vela á beira de um leito, prestes a perder um ente que lhe é caro, o mais lindo, o mais delicioso pedaço dos *Huguenotes* soa como um canto de morte, como um *De profundis*.

Não era ao *sapor aestheticus* do meu ridiculo contradictor, amargurado pela raiva, impedido pela saburra do despeito, que o meu *estylo* podia parecer, sinão diffuso, pesado.

Entretanto já houve na Allemanha quem me classificasse de... *Meister eleganter Diction*. Foi um amigo, dir-se-ha ; e eu mesmo creio que a amizade influiu muito para tal modo de julgar. Mas tambem quem me dá os predicados de diffuso e de pesado, não é um inimigo, ou pelo meenos, um desaffecto ? Ora !...

Viremos a questão por outro lado. O inelyto professor e militar romancista falou sobre *estylo*, como

podera falar nos primeiros annos do seculo qualquer velho lente de rhetorica, ensinada nos conventos.

Sabe elle ao certo a significação da coisa ?

Sabe em que pé, em que relação se acha o estylo de um escriptor com o desenvolvimento geral da litteratura do seu paiz ?

Pôde existir um estylo, objectivamente determinado, que sirva de modelo e de padrão para a critica, sem uma prosa feita e acabada ? E esta, por sua vez, pôde existir sem a precedencia de um florescente periodo poetico, sem a base de uma completa evolução litteraria ?

Sr. Escragnolle, vá estudar e aprender.

O estylo na prosa, uma prosa aperfeiçoada, é o fructo, de que a poesia é a flor, diz Ruggiero Bonghi, o sabio professor e escriptor italiano.

Uma ordem de prosaistas presuppõe uma ordem de poetas, e estes por seu turno uma phase preenchida do desenvolvimento espirital de uma nação.

Ora, nós, que ainda não temos uma poesia bem accentuada; nós que não temos uma sciencia, que não temos uma philosophia, que não temos uma litteratura em geral, como podemos ter um estylo, uma estylistica systematisada, cujas regras devemos respeitar, como podemos em uma palavra, ter o tecto antes de possuir o edificio ? Ignorante senhor, repare no que diz !

Finalmente, e aqui vai tudo, a natureza dos assumptos é que determina a forma graciosa, o traço elegante dos escriptores, como a gordura e habilidade dos cavallos determina a attitude e o porte airoso dos cavalleiros. Portanto *estylisar* um artigo de jornal, escripto a proposito do Sr. Escragnolle Taunay, seria para mim uma coisa tão extravagante como tomar o *croisé* e calçar as bonitas luvas para sahir a passeio nas ruas do Recife, em um velho sendeiro, magro e choutão.

Ao terminar, quero dirigir-me especialmente ao leitor, para fazer-lhe uma supplica. Não me tenha na conta, em que me poz o galante critico musical, de pretender saber tudo.

Eu nada sei ; nem jamais tive por habito fazer paradas de contos de réis, sem ter nem um real na algibeira, contando apenas com a felicidade e com a simpleza de quem me ouve.

A primeira vez que *páro* uma grande somma de conhecimentos, sem fundos correspondentes, é justamente agora, que entrei pelos dominios hellenisticos, sabendo, entretanto, da lingua grega pouco mais do que o alphabeto.

E' o que sabe tambem o Sr. Taunay, quer do grego, quer da *maldicta* lingua de Haeckel.

Fica assim o leitor inteirado de quanto é facil *comer francez e arrotar allemão*, citando sem consciencia um ou outro verso, que já pertence á classe

das *geflügelte Wörter* que é na litteratura allemã o que são na portugueza o *Porém já cinco sões eram passados*, e o *Tão temerosa vinha e carregada* : não ha menino que os não saiba de cór e ignore que são de Camões, sem jamais ter lido os *Luziadas* ; pois aprende-os nos traslados de *escripta ingleza*. Cuidado, muito cuidado com os embusteiros ! . . .

A despeito do perigo, a que me expuz, de parecer diffuso, diffusissimo, quiz de proposito demorar-me sobre uma série de futilidades, porquanto com a pobre récua de pedantescos lettrados imperiaes só ha um modo de proceder efficaz. que é bater, bater, bater até matar.

Na época da psychologia da cellula não é muito que tambem appareça uma especie de *critica cellular*, uma tal que vá á fonte do erro, que faça a genese do mal desde os seus mais simples elementos, que prosiga na pista da ignorancia até á palavra, até á syllaba, até á lettra ; e em taes condições, a prolixidade é uma exigencia da causa.

Demais, em um paiz onde o meu antagonista affirma conhecer Weber melhor do que eu, porque viajou na Allemanha, ao passo que nunca sahi do norte do Brasil, e ha muita gente que acha de força esta consideração, em um paiz assim predisposto para não conhecer Achilles, disfarçado em mulher e tomar pelo heroe grego qualquer mulher disfarçada em Achilles,

é preciso ter paciência e levar ao extremo o processo de dissecação.

Se eu tivesse sobre o Sr. Taunay, como elle tem sobre mim, a vantagem de posição *em cima do outeiro*, seria o primeiro a mandar descontar em meu desfavor os noventa e nove por cento das circumstancias felizes; não faria desse accidente um motivo de menospreço; porém, sendo eu quem está em baixo não quero desconto; na balança em que nos pesam, não admitto tãra.

Resido na Escada; nada importa. Seja para S. S. como se eu residisse em Berlim.

Outrosim, a respeitar e seguir os habitos da terra, corria-me o dever de *roncar* e responder logo em cima das buchas á anti-critica do *joli petit* professor de francez, como a *sucuruyúba* dos nossos rios á detonação do bacamarte que se dispara na margem.

Não estou por esta lei; tenho muito em que me occupe.

Não recebo soldo nem ordenado; portanto não posso deixar de pôr em pratica o proverbio: primeiro a obrigação, depois a devoção.

Que dê a minha resposta logo em quente, ou um anno depois, para mim é o mesmo.

S. S. pôde atirar-me de minuto em minuto; não assim eu, que manejo uma peça muito pesada, com a qual só posso dar-lhe um tiro de dois em dois mezes.

Não sei se o felicissimo Sr. Alfredo de Escagnolle Taunay é realmente *empeiros tón polemikon*, isto é, realmente habil na arte militar; não sei que valor tem a sua espada; mas se ella vale tanto como a sua penna, então é certo que a patria não tem motivos de orgulhar-se pela posse de tal filho. (30)

Como quer que seja, não ha duvida que o illustre major é um dos maiores representantes da nossa burlesca *litteromania*. Seu nome já não é o de uma individualidade, nem lucida, nem *nebulosa*; porém o de uma brilhante collectividade de vagalumes e fogos fatuos.

Historiador, romancista, publicista, orador parlamentar, critico musical, critico dramatico, critico de pintura, de bellas artes em geral, musico, pintor, dramatasta, é difficil enumerar todos os aspectos sob os quaes elle se ha apresentado ao publico; e, não obstante, julga-se competente para attribuir-me pretensões encyclopedicas!...

No escripto de S. S. lê se, entre as linhas, a intenção capital de ridicularisar o meu entusiasmo pela Allemanha, o meu cultivo preponderante de autores allemães. Entenderá, porém, o *officier supérieur*, como parece indicar o seu ar desdenhoso, que

(30) Não pareça a quem quer que seja que eu pretenda ferir nem de leve, na pessoa do meu contendor, uma classe que aliás muito respeito.

E' só do Sr. Taunay, d'elle sómente que eu quero zombar.

fez uma descoberta? Entenderá que é o primeiro a ri-se dos meus esforços, da minha *luta pela luz*? Que ingenuidade!... Pois saiba que é sómente a tal respeito que S. S. figura entre os ultimos dos parvos. Esse riso encarninho da minha *germanomania* já cahiu em desuso cá pelo norte; aquelles mesmos que *ha cerca de dez annos* zombaram della com igual intuito, bem que com muito mais espirito do que fal-o hoje o criticaastro fluminense, já se acham convencidos de que o facto não impressiona tão comicamente como lhes parecia.

Mais habeis que o Sr. Taunay, comprehenderam logo que estavam perdendo seu tempo, visto que eu procedia com elles como certos garotos nos dias de entrudo com as velhas rabugentas e irasciveis : quanto maior é a descompostura, maior é a *seringada*. Quanto mais escarnecem das minhas citações allemães, mais allemão eu cito.

Dissé uma vez o grande Frederico, falando de um povo, que o Sr. Alfredo de Escagranolle deve bem conhecer.

« Si la Providence a pensé à moi faisant le monde, elle a créé ce peuple pour mes menus plaisirs. »

E' justamente assim : a Providencia creou tambem o Sr. Taunay e seus confrades... *pour mes menus plaisirs*, para minhas pequenas delicias, para meu divertimento.

VI

Os theologos da « Civilisação »

(COM O PADRE J. ALBUQUERQUE DA FONSECA)

I

No *Diario de Pernambuco* foi transcripto um pequeno artigo da *Civilisação*, jornal maranhense, de-religião catholica, artigo em que fui alvo de uma estu-pida critica fradesca. (1)

Já tinha tido conhecimento desse trabalho: não só por me dizerem pessoas que o haviam lido naquella

(1) Foi isto em Agosto de 1883. O artigo do padre do Maranhão tinha por alvo refutar a bella oração por Tobias Barreto proferida por occasião do doutoramento do bacharel Her-menegildo de Almeida. Vide *Estudos de Direito*, pag. 439. (N. de S. R.)

folha, mas também pela resposta que um meu amigo entendeu dever dar, inserta no *Diario* de 27 de julho. Porém importa confessar que eu não sentira o mínimo appetite de saber ao certo e ao todo o que é que de mim dizia o tal escriptor. E se o autor da defesa, que *não sou eu*, como ingenuamente pareceu a muitos espiritos *singelos*, a quem falta o senso do estylo e, ainda mais do que isto, o senso da dignidade litteraria, para comprehenderem que eu não podia apparecer, envolto no *pseudonymo*, elogiando a mim mesmo, se o autor da defesa, repito, que é um distincto moço academico, não me tivesse communicado a idéa de publicar o seu bello trabalho se não depois de havel-o executado, talvez lhe tivesse pedido que desistisse da empreza.

Tal é a indiferença com que recebo ataques de certa ordem. Já presumo conhecer um pouco a natureza humana. Sei a que ponto pôde chegar o desespero de uma *causa perdida*. Se as idéas, que eu e meus irmãos em liberdade de pensar sinceramente professamos ganharem logo todo o terreno, que papel fica fazendo uma batina? Um papel chulamente nullo. É natural, portanto, que se atirem sobre nós outros justamente aquelles que fazem parte do velho *apparelho* religioso, prestes a rebentar, e que estão vendo a cada momento fugir-lhes a ultima esperanza.

O que os philosophos chamam a *crise religiosa* da actualidade, é a *crise economica* dos padres. Alguma

coisa de quasi identico ao que se dá no mundo industrial. Quanto almocreve, que se viu privado dos meios de trabalhar e viver, pela invasão das vias-ferreas, não estendeu os punhos cerrados de colera, para amaldiçoar o *diabão* do vapor, que lhe passava na porta? E' o mesmo que succede com os *almocreves do céu*. Esconjuram o *diabão* da sciencia que lhes vem roubar os commodos da vida. Se o velho Thomaz de Aquino já não se faz ouvir, se Darwin e Haeckel se tornam os unicos directores do pensamento hodierno, então... são os prenuncios da tempestade, ha sério reboição no reino das formigas: quem mandará mais dizer *missas*? Isto é de fazer franzir o sobr'olho e subir o sangue á cabeça.

E', pois, muito explicavel e até justificavel a *santa furia* dos devotos de todos os tamanhos, quando por este ou aquelle modo alguem ousa tocar no *sacrario* das suas crenças. E foi comprehendendo isto mesmo que me deixei ficar tranquillo ante a noticia do artigo da *Civilisação*. Nem se quer procurei saber quem pudera ser o seu autor. Era um padre, é o que se dizia; e tanto me bastava para perdoar-lhe. *Ignosce illis*...

Mas a coisa mudou um pouco de figura, desde que o artigo foi transcripto, e entre as *publicações a pedido*. Ahi apparece a mão de algum auxiliar *cá da terra*, que julgou incommodar-me com essa transcripção e ao

mesmo tempo contribuir para o debellamento da *impiedade*, que está invadindo a Faculdade do Recife. Ahi apparece até o desigño de um desabafo ou vingança de alguma offensa, bem que a consciencia não me accuse de ter offendido a quem quer que seja. Mas ahi tambem se nota o mesmo movel, a mesma ordem de sentimentos, que levou o padre a dirigir-me o seu ataque. Porquanto não são sómente elles, os theologos de officio, que têm a perder com a victoria das novas idéas. Dado que estas triumphem, não é só a batina que fica sem significação ; ficam tambem sem ella, e em maior gráu de ridiculo, os jejuns, as macerações, os joelhos chagados, a cara macilenta de muitos *bôbos* de Deus, que vivem de ante mão mergulhados no *idiotismo transcendental* da bemaventurança eterna, ainda que tenham sempre algumas horas vagas para a pratica das bandalheiras.

Essa insistencia no combate dado ás idéas por mim enunciadas em um discurso academico, determinou-me a lêr o artigo, para dizer alguma coisa ; mesmo porque ha muito tempo que não escrevo, e era esta uma boa occasião de espancar a preguiça.

Entretanto, a leitura foi para mim completamente decepcional. Falando com franqueza, eu esperava outra coisa. Um defensor das doutrinas tradicionaes que vem denunciar ao publico as idéas *impias* de um professor de ensino superior, devia apresentar-se bem

armado de provas, bem armado de argumentos. Já o falo de argumentos bebidos na philosophia catholica, e estes mesmos não existem, porque nesse terreno, sendo as nossas intuições essencialmente diversas, seria singularissimo que o reverendo escriptor me quizesse demonstrar a erroneidade das minhas idéas, por força de principios que não admitto. Refiro-me porém áquellas armas que nos são communs, a observação, a logica, a historia, com o manejo das quaes era de esperar que o padre me aggedisse. Mas qual!... O padre é um padre. *Cosi fan tutti*. O padre é um ignorante.

Não ficou ahi a minha decepção. Por conhecer espiritos religiosos, até padres mesmos, em quem a dedicação pela igreja e a benevolencia para com os que pensam livremente, não estabelecem nenhum conflicto psychologico, eu julguei encontrar no meu critico alguma coisa de semelhante; mas enganei-me. Entre as linhas do desfructavel artigo como que se vê o riso satânico e malevolo do seu autor.

Conta-se que o celebre David Hume costumava em Londres frequentar um salão, onde um dos *habitués* deixava de apparecer, todas as vezes que o philosopho alli se achava. Hume, porém, sabendo deste facto que era motivado pela sua chamada impiedade, procurou surprehender o seu inimigo, e entrando de subito no circulo, onde elle estava, quando se ergueu para

Mas vejamos o artigo. O padre começa por uma série de tolices, que são capazes de causar lastima até a qualquer moderno *doctor angelicus* ou *seraphicus*, inclusive aquelle mesmo de que eu já disse que... *tient saint et du bœuf de l'ange de l'école*, e tem a dita de beber sempre do papa... *la bénédiction paternelle, que fois qu'il nous fait entendre et admirer son jugement philosophique*. E' uma tirada insulsa, onde fala do « *diabão do erro e da impiedade, voando dos mares azules e das azas negras e silvos estridentes* », etc., etc. E' um pedaço de rhetorica sacra, e da peor especie. Não ha leitor de uma certa cultura, que não diga logo ao principio: quanta mediocridade! Este escriptor é muito estúpido.

O padre é tão mediocre, que não viu que aquellas mares de... *mares revoltosos e azas negras e silvos estridentes*, não são mais capazes de produzir effeito. Não são os meninos de collegio riem-se dellas, e têm pejo em empregal-as.

Porém tudo fosse isso. O padre foi adiante. Elle fala de « *Babylonia, Ninive, o Egypto e a Grecia, pedindo penitencia á voz dos Jonas* »!!!...

Isto é horrivel! Jonas na Grecia ou mesmo qual-quer outro propheta, é como se se falasse de Tamerlão no Brasil. Este padre é realmente um *diabão de as-trologia*. Bem entendido: *tirando a c'roa*, como dizem os devotos, quando escommungam os padres, de quem

receberam algum mal. E vão ver que ha de estar bem ancho, pensando que me matou. Coitado ! O que ha porém de mais original no artigo do theologo, é o pedaço em que elle diz: «Mas o illustre professor pernambucano é aproveitado (*aproveitado? muito bem*) discipulo de Hegel : puro germanismo.» E... ponto final. Nada mais senão a citação de dois trechos do meu discurso, onde deixa á discreção do leitor descobrir o *puro germanismo*. Boa critica ! Por este modo quem não pôde criticar ?

Puro germanismo !... Calúda, frade ! Não se deve falar daquillo de que não se tem a minima idéa. E dado que em meus escriptos só houvesse *puro germanismo*, onde estava o grande defeito ? Pois então o *germanismo* é de tal natureza que basta mencioná-lo para dá-lo a conhecer, assim... á guiza de qualquer velha mercadoria, á guiza de queijo, por exemplo, do qual basta dizer : *pura batata*, para saber-se logo o que é, e arredar os compradores ? Oh ! frade bôbo, arrolha o garrafão !...

O primeiro trecho citado é o principio do discurso. Mal se comprehende como o padre poude escolhê-lo para provar o meu *germanismo* e a minha impiedade.

O segundo, sim, esse é mais serio ; e eu me orgulho de confessar que nelle ha *puro germanismo*. Mas que tem ? Onde estão os erros desse trecho ? Foi o que o padre não mostrou. Pois saiba, meu caro senhor, que

sou victima da seguinte diabolica illusão : quando eu nada ainda tivesse escripto na minha vida, e nada mais escrevesse, além desse pedaço, que S. Reyva. dignou-se de citar, sem tel-o entendido, sem poder entendel-o, elle só por si era capaz de salvar-me do inferno, quero dizer, do inferno do esquecimento, a que serão condemnados os theologos da *Civilisação*. Uma condição sómente: era a de haver quem repetisse as minhas palavras, porque ao certo o leitor futuro, o leitor emancipado, procuraria saber quem as escreveu.

E tenho summo prazer de hayel-as escripto : « Ha realmente um *Cosmos* do direito ; mas esta, não menos do que o *Cosmos* physico, é um producto da lei do *feri*, da lei do desenvolvimento continuo ; e assim como no mundo material é presumivel que exista apenas uma pequena parte, em que a materia já chegon ao seu estado de equilibrio, assim tambem no *Cosmos* do direito só ha uma parte diminuta em que as forças se acham equilibradas e não têm mais necessidade de lutar . »

Diante destas linhas, que resumem toda a minha philosophia do direito, que disse o padre ? O leitor julgue ; eis aqui : « Este *Cosmos* do direito e da moral, a não ser o materialismo *monista*, é palavirão ôco, completamente vasio de sentido . » Sim ? padre mestre ... ! E S. Reyva. sabe ao certo que é materialismo *monista* ? Porém demos de barato que tenha alguma idéa a

respeito, adquirida do anno passado para cá ; diga-me agora : que mal faz que o pedaço citado tenha caracter *monistico* ? Uma coisa ao menos o padre ha de conceder-me : é que o materialismo *monistico*, em sua propria opinião, não é palavirão ôco, pois elle diz que aquelle pedaço só será palavirão, se não fôr *monismo*. As duas coisas se excluem. Eu digo portanto que é *monismo* ; qual o castigo que me sobrevem ? Pobre padre !

O reverendo critico attribue-me uma certa desordem de espirito, tão profunda, tão irremediavel, que nunca conseguirei publicar trabalho sério. Mas isto é ainda uma sandice do padre. Quando eu quizer publicar um trabalho, que a sabor do *bigottismo* mereça o nome de *serio*, é só fazer-me editor do *catechismo de perseverança*, do abbade Gaume, e addicionar-lhe um prologo adequado.

Essa *desordem*, de que trata o padre, quando existisse mesmo em tão alta escala, não seria, aos olhos de um philosopho, motivo de censura, mas antes de elogio, ou pelo menos um objecto de estudo. Seria o reflexo da sociedade em que vivo e a prova mais cabal da minha sinceridade.

O meu critico não se contentou com o discurso ; ainda teve tempo de abrir o meu livrinho de versos, para mostrar a *imperfeição mental* de que padeço. Em algumas poesias o padre descobre uma . . . «hybrida

mistura do sacro com o profano, do moral com o immoral até ao *decotado repellente*. . . » Ah ! Gumpelino ! Com que religiosa carantonha o padre fala do *decotado repellente* ! E S. Reyra. não gosta do *decote* ? Não creio. O *decote* é de todos os phenomenos celestes o mais edificante. Veja bem aquelles versinhos dos *Vãos e Quedas*, onde se lê :

« Olhando o céu do sol posto,
« Pallido como um desgosto,
« Limpo como um seio nú. . . »

Que delicia, padre mestre ! Um *seio nú*, servindo de *terminus comparationis* para a belleza de um céu ! E' a minha paixão favorita . . . o *decote* ! . . .

Nem me é licito dissimular-o. As minhas poesias se resentem do predomínio dessa paixão. Não considero um defeito ; mas, quando seja, importa declarar que elle me foi infiltrado pela leitura da *Biblia*. O padre reporta-se ás estrophes da poesia *Genio da humanidade*, onde se lê : « . . . beijos dados nos labios da prostituta Babel, Pentapolis nua, polpas de alvura, etc., etc. . . » Sim, senhor. Tudo isso é de provocar um santo *horror* naquelles que sentem crescer-lhes o orgão da religião sobre as ruinas do orgão do amor.

Mas que quer ? Foi a leitura dos livros sagrados que me deitou esta moesa. O *Cantico dos Canticos*, por exemplo, estragou-me de algum modo o senso do *biôco*

e desenvolveu-me o gosto do *decotado*. Ainda hoje sinto-me não sei como, quando leio versículos como estes : *Quam pulchræ sunt mammæ tuæ, soror mea sponsa ! Pulchriora sunt ubera tua vino . . .* Achará S. Revma. que aqui não ha *decote*? « Os teus peitos mais bellos do que o vinho ! » Oh ! . . . A belleza do vinho consiste no *sabor* ; mas o vinho vem da *uva* ; e quando se encontra um cacho de uvas doces, que é que se faz? Ah ! padre mestre, como a Biblia é *decotada* !

Mais claro ainda : *Favus distillans labia tua, sponsa, mel et lac sub lingua tua . . .* (Cap. IV, v. 11). Isto de *mel e leite sub lingua tua . . .* é realmente o cumulo do *decote*, é a sublime do goso, é o *diabo . . .* Entretanto, está na Biblia ; e o padre ousa increpar-me pelo *decotado* das minhas poesias !

O autor do *Canticum canticorum* pôde ter sido uma especie de A. de Musset judeu, algum moço sensual, que se deliciava na pintura e contemplação do plastico. Desculpa-se-lhe, portanto, o abuso dessas metaphoras aphrodisiacas. Mas os prophetas, aquelles grandes, revolucionarios, e entre elles o mais terrivel, Ezequiel, grave, serio, cyclopico, monstruoso, como se explica que tambem gostassem do *decote*?

Falando a Jerusalem, Ezequiel usa, entre outras, destas expressões ; *ubera tua intumuerunt et pilus tuus germinavit . . . Os teus peitos entumesceram e . . .* não posso traduzir o resto. A decencia m'o prohibe.

Convido a todos os padres para que venham mostrar-me que neste *pilus tuus* o propheta não chegou até ao *decochado repellente*, de que falou o zelota da igreja maranhense. Convido-os, tendo a convicção de collocal-os assim em uma dupla difficuldade, pois além de não poderem contestar um facto, elles não sabem traduzir latim. Se nisto entendem que ha exagero de minha parte, eu indico o meio de provar-se que sou exagerado. Algum padre da terra, aqui mesmo do Recife, que se julgar offendido saia-me á frente, sob a garantia da sua assignatura, escreva um artigo em latim, dez linhas bastam, sob qualquer assumpto, e eu escreverei outro atacando a sua igreja; e entraremos em ajuste de conta. Eu mostrarei que o padre ainda precisa de bolos. Avante, rapaziada de sotaína!... E' a melhor occasião de provar que os *impios* são sempre mais ou menos ignorantes, e que a vossa igreja, a despeito de tudo, ainda tem ministros que não desconhecem completamente a lingua sagrada do missal e do breviario.

O padre do Maranhão enganou-se nos seus calculos. Por um acto de cortezia, dignou-se de conceder-me *algum talento*. Eu sinto, porém, não poder ser igualmente cortez para com S. Revma., pois o considero demasiado mediocre. As toliçadas do seu escripto são filhas menos da falta de estudos do que da falta de cabeça.

O leitor pôde perguntar-me : para que dar tanta importancia a essas tolices? A resposta é simples. Emquanto se tratava sómente do artigo da *Civilisação*, eu contentei-me com desprezal-o. Mas uma vez transcripto, vi por detraz da transcripção, já não sómente o *fideista maranhense*, que me é indifferente, mas toda uma colonia de devotos, tonsurados e não tonsurados, alguns delles até meus amigos, que quizeram vêr se ainda era possível salvar-me da perdição. . . Importava, pois, tiral-os do engano, mesmo para tornar patente a ignorancia dos transcriptores que endossaram as tolices do padre !

Eis a razão deste meu escripto. Occorre, porém, outra consideração. No artigo transcripto occulta-se um facto grave. E' o direito que os padres querem arrogar-se de tomar contas sobre o que se ensina nas nossas Faculdades. Isto é gravissimo. Se um jornal catholico, ou de qualquer outra feição, se julga autorisado a citar perante o seu tribunal um discurso pronunciado em uma solemnidade academica, mais tarde estenderá esse *direito* até ao ponto de apreciar nas suas columnas as prelecções do corpo docente; e isto é perigoso. Ainda ha pouco o professor H. von Treitschke nos *Annaes Prussianos* (Dezembro de 1882) protestava contra semelhante anomalia. Elle disse com razão que. . . « a disciplina dos estudantes, a liberdade dos professores, o serio do trabalho scientifico

correm perigo, se as folhas se arrogam uma função judicial em um terreno onde sómente deve haver mestres e discipulos. »

E eu digo por minha vez : se os padres são competentes para criticar nos seus jornaes as doutrinas expendidas dentro das Faculdades, nós outros professores criticados dar-nos-hemos igual competencia para analysar as *pastoraes* dos bispos, os *sermões* dos pregadores e tudo o mais que se passa dentro das igrejas. Mas então onde iremos parar ? Os professores só temos que dar satisfação aos nossos discipulos e aos nossos superiores ; nada temos que ver com SS. Reverendissimas.

Eu não sou impio. Edneo minha familia de accôrdo com os principios religiosos correntes na sociedade em que vivo. Minha mulher tem suas *santas imagens*, que eu nunca me senti tentado a quebrar. Creio em *alguma coisa*, que entretanto não tenho a felicidade de poder bem definir. Que querem pois os devotos commigo ?

Essencialmente intellectualista, eu comprehendo e louvo até que um theologo da estatura de Kleutgen se arroje a defender a velha theologia ; comprehendo que um crente, como o professor Frohschammer, um crente desta egreja, que fala uma lingua morta, que fala a lingua dos tumulos, para bem significar que é uma religião da morte, e a qual, entretanto, en nunca

trocaria por outra, comprehendendo, sim, que um Frohschammer (*Das neue Wissen und der neue Glaube*) tenha coragem de dar combate a um Strauss. Nem de todas as obras catholicas reçuma o habito frio das sepulturas, que Treitschke disse uma vez que se sentia reçumar de um livro do padre Passaglia. Porém... que uma sucia de nescios, só em nome do catechismo, ouse chamar ao seu forum o ensino das Faculdades, é difficil de roer, é um desaforo.

Não sou, nem quero ser um devoto. Os espiritos *devotos*, no rigoroso sentido da palavra, me são sempre suspeitos. E' minha opinião que o melhor modo de fazer conhecidos os homens maus seria... examinar-lhes os callos dos joelhos, como se dá com os cavallos *cahidores*. E' inutil, por conseguinte, que esses senhores me queiram levar ao *bom caminho*. Perdem seu tempo; e talvez compromettam um pouco a sua causa.

Aqui, porém, importa notar uma coisa. Eu não sou o unico lente da Faculdade do Recife que não subordina a sua intuição ás prescripções do *ripanso*. Porque razão se atiram sobre mim sómente ou sobre mim com maior gana? Este facto tem um sentido profundo e entrego a outros o mister de o descobrir.

Ao concluir, seja-me licito mencionar um grande nome. Quando em 1848 raiaram as primeiras esperanças que se haviam ligado ao governo do novo papa e todos em Roma gritavam: *Viva Pio IX!*, só Niccolini,

Niambaptista Niccolini, ferozmente respondia : « *No. ai sacerdote libertá non voglio*, não, de padres, não quero liberdade. » Eu tenho a ousadia de me apropriar e paraphrasear as palavras do cyclope italiano : não! de padres não quero elogios. Continuem a morrer-me. E' minha gloria.

Agosto de 1883.

II

Não me canso de repetir : assim como no meio de preguiçosos a caridade é um mal, assim também, no meio de invejosos, a modestia é uma tolice.

El os padres estão me tcruando cada vez mais orgulhoso. Bem entendido: aquelles que me têm atacado. Já é tempo de fazer uma pequena justiça ; nem todos os senhores da familia de Levi metteram-se na lama, em que se acham atolados, até ao pescoço, alguns dos seus irmãos. Os meus diffamadores dividem-se em tres grupos : o primeiro só composto de *ministros do Senhor* appareceu ao principio, mas poz-se logo em debandada; o segundo, onde ainda se encontra o elemento sacerdotal, é, entretanto, dirigido pelos chamados *jesuitas de casaca*. São os mais insistentes ; são os que estão em comunicação directa com os padres do Maranhão, dos

quaes fizeram os seus *testas de ferro*, para subscrever e assignar, lá bem longe, a cinco dias de viagem, tudo que lhes apraz inventar contra mim. O terceiro finalmente, que é um conjuncto de typos diferentes, tem o seu centro em um certo *escriptorio*, e consta-me que envolve até... *pessoas da academia*.

Mas estes tres grupos, separados um do outro nos planos de ataque, estão todos reunidos na infamia comum de... injuriar, calumniar, morder sempre ás occultas, sem ter jámais a coragem de assumir em publico a responsabilidade dos seus ditos.

O sentimento da força empregada para reagir contra a acção do mundo externo é a primeira manifestação da consciencia. Só sente bem o vigor dos seus musculos, quem já sopesou uma clava. Pela primeira vez tambem levanta-se em mim a consciencia da grandeza, desde que me vejo acommettido de *cem cães damnados* e tenho força bastante para esmagal-os.

O meu philosopho americano disse : « A estima de si mesmo é a primeira forma, sob a qual a grandeza apparece. Quando um homem defende sosinho a sua opinião contra toda uma assembléa, todo o mundo se sente attrahido para elle ». E se um homem affronta sosinho os rancores de uma classe inteira, com seus appendices e adherencias, que se sente por este homem? Para nada sentir-se por elle seria mister que a sociedade fosse toda composta de *calumniadores*

onymos. Mas nesta hypothese ella tambem não po-
de existir nem se quer um dia.

Passemos agora aos *decotes*. O meu principal ad-
versario do Maranhão, de quem o publico de Pernam-
buco não sabe formar uma idéa, pois que nunca o viu,
m ouviu jámais falar em seu nome, depois de muitas
atiradas, adubadas de insultos, que encerram os dois
artigos transcriptos no *Diario* de 16 e 18 do cor-
rente, (1) metteu-se a justificar o que eu chamara *de-
cotes* da Biblia, com referencia ao que elle havia des-
cuberto de immoral e *decotado* em minhas poesias.

O artigo do dia 16 ainda me pareceu dentro dos
limites de uma polemica. O segundo porém, no qual o
padre cynico faz-se *porta voz* das mentiras e diffama-
ções, com que os covardes de cá (aqui é que cabe o epi-
teto de *covarde*) procuram satisfazer os seus rancos-
res, está fóra de toda e qualquer medida moral; não ha
esperança para elle; salvo se eu quizesse empregar os
mesmos meios, e indagando a vida do padre, bem como
a dos seus amigos do Recife, construir historietas,
imaginar telegrammas, etc. Mas não preciso disto, não
quero saber disto, que está muito abaixo de mim.

O artigo em que o padre, com *todo o serio*, pretende
demonstrar que na Biblia não ha obscenidades, já vem
com tom mais moderado. Dir-se-hia trabalho de outro

(1) Agosto de 1833. (N. de S. B.).

que não o Reverendo J. Albuquerque da Fonseca, encarregado de atirar sobre mim todos os baldões ideados pela satânica maldade dos *miseros de cá*. O artigo é um pedaço de sermão velho, escripto com aquella *uncção* de Jesuita que acaba de praticar o mais feio crime, e parece que não foi elle... Ainda ha pouco, a descompostura sem limites, a descompostura infamante, passada por um padre, e agora esse mesmo padre com ares de quem exerce uma função sagrada, bradando contra as torpezas da sociedade brasileira!... E' de pasmar!...

E não será uma dessas torpezas o cynismo, com que um sacerdote, esquecendo o seu *ministerio*, se é que esse ministerio vale alguma coisa, não trepida em querer macular a reputação alheia? Nos bolsos da batina, além da classica bocêta de tabaco, tambem ha lugar para a mentira e para a calúnia, que são assim postas ao serviço de Deus?

O padre J. Albuquerque da Fonseca está pensando que o publico perdeu o bom senso; ao contrario não deixaria de comprehender, quão pouco lhe assenta o papel de *ensor sagrado*. Quem não tem *moral*, não prega *moral*.

Deixemos porém de parte a insulsa tirada sobre a corrupção da sociedade, e vamos ao ponto principal.

O leitor já sabe do que se trata. O padre veio provar que é injusta a minha critica feita á Biblia, por

causa de certas expressões immoraes. Mas logo em principio importa notar: é mentira que eu tivesse feito critica. Se cheguei a chamar o autor do *Cantico dos Canticos* uma especie de A. de Musset judeu, como podera increpal-o pela sensualidade oriental do seu poema? Se eu gosto daquellas expressões, como podera achal-as reprehensiveis na Biblia?

O padre equivoçou-se; a critica foi feita a elle. O trabalho que o reverendo quiz tomar de defender a *scriptura* é *quichotada* ridicula.

Eis aqui o resumo da *grande* questão: o padre disse que os meus versos vão até ao *decotado* repelente, por que têm passagens como esta: *ainda sinto os resabios dos beijos que dei nos labios da prostituta cabel*: eu lhe redargui que passagens ainda mais *nuas*, mais cheias de um *realismo* carnal, se assim posso dizer, encontram-se na Biblia; logo que a Biblia tambem tem *decotes*. Isto é decisivo e como tal irrefutavel.

Que faz então o reverendo? Justamente como quem ignorante de tudo que neste seculo tem havido sobre critica biblica, vem dizer aos seus leitores que a minha *ensura* já fôra feita por Voltaire, mas tambem fôra refutada por Bergier e mais uns tres ou quatro escriptores velhos... Oh! que padre temivel! Acredita seguramente que eu accuso a Biblia com Voltaire, e elle defende com Bergier!!

Meu Fonseca, tome senso! Se eu quizesse commetter o desatino de ainda vir dar combate á *Escriptura Sagrada*, para mostrar que ella tem, como toda obra sahida da mão dos homens, defeitos inseparaveis da fraqueza humana; se quizesse praticar a vergonhosa tolice de vir ainda contestar o character theopneustico dos livros santos, não seria ao certo com a critica racionalista de Voltaire; mas com a critica historica dos Baur, dos Strauss, dos Hausraths, dos Ewalds, na Alemanha, dos Kuenens e dos Scholtens, na Hollanda, dos Michel Nicolas, dos Reuss, e dos Scherers, na França, que eu faria as minhas despezas.

Em que mundo habita o padre J. A. da Fonseca? Pois pensa que o que demais importante já se disse sobre a Biblia, foi dito por Voltaire e outros *impios* do seculo passado, mas isto mesmo foi reduzido a nada pelo *grande Bergier*?!... Ora, padre, estude uns dez annos mais. V. Revma. sempre é um espirito, para quem o compendio de philosophia do Dr. Soriano de Souza é oraculo da verdade philosophica. *C'est tout dire.*

Uma coisa entretanto está agora me incommodando: é ver que, respondendo ao padre com idéas que elle desconhece, posso talvez produzir em alguns espiritos a impressão do pedantismo. Mas eu não escrevo para o padre. Emerson (tradueção allemã das *Letters and social Aims*) disse muito bem: «Jedem

uche liegt eine beständige geheime Bezugnahme auf die wenigen Verständigen, die der Schriftsteller unter einer Million voraussetzt, zu Grunde.» O que é verdade de qualquer livro, é verdade também de qualquer escripto, onde se trate da defesa de uma idéa. Depito pois que não escrevo para o padre, nem para outros do seu quilate. Traçando estas linhas, mesmo assim emporcalhadas pelo nome de Joaquim da Fonseca & C., eu tenho os olhos fitos no publico limpo, que me julga, aqui entre nós mesmos, tenho os olhos fitos em amigos, lá fóra, que me podem ler.

Além disto, é ainda uma occasião que se me offerece para levar uma descompostura, por querer *metter-me* até em *negocios* de Bili a. Só sinto que me veja assim obrigado a ensinar ao padre muita coisa que elle ignora, mesmo no dominio da sua *profissão*. E' uma *obra de misericordia* ensinar os ignorantes.

O exegeta-mirim do Maranhão concentra a sua *devesa* na idéa de que as passagens obscenas da *escriptura* pertencem a épocas de pureza moral: « os prophetas alayam em tempos de costumes simples, então era perfeitamente permittida a liberdade de expressão. As virianças em sua innocencia não coram diante de locuções de sentido equívoco. Pois é o que succedia com o povo hebreu. »

O padre teve a coragem de escrever isto? Mas é o caso de gritar-se bem alto no ouvido do idiota: se o

povo hebreu fosse a *criança innocente*, que suppões, se os seus costumes fossem *simples*, como dizes, que significação tinham então os brados dos prophetas, sempre indignados contra a corrupção do povo? No ponto de vista religioso mesmo, era em virtude da *simplicidade dos seus costumes* que os hebreus passavam constantemente por amargas decepções? Foi a *innocencia* do povo que motivou a divisão em dois reinos, foi a *innocencia* do povo que lhe deu causa ao captiveiro da Babilonia? Ora, padre, não sejas tólo.

O prophetismo hebreu, que vai desde o tempo de Samuel até a reforma operada por Esdras e Nehemias, depois do captiveiro, não teria sentido, seria um phenomeno disparatado, se o povo judeu, naquelle tempo mesmo, fosse um povo de costumes simples. Não se saberia a razão porque aquelles homens, que plantavam a seisão no meio das tribus, como Ahias, ou punham em sobresalto a cõrte de Israel, como Elias, se insurgiam contra a nação prevaricadora, se tal prevaricação não havia, se tudo era pureza e simplicidade. Só admit-tindo-se que fossem uns malvados, como os meus calumniadores, ou então uns idiotas como J. da Fonseca.

O padre vai aprender: é só o que eu sinto. Mas... paciencia. Dizer ainda hoje que os judeus acreditavam na verdade de que os prophetas estavam repletos do espirito divino, é não só desconhecer lastimavelmente os achados da critica biblica que os padres nunca

futaram, como até dar testemunho de nenhuma lei-
ra do *antigo testamento*. A vida do prophetismo foi
uma luta de seculos; e essa luta só se dava, justamente
porque o povo não acreditava nos prophetas. Estes
grandes homens, a quem Michel Nicolas chama os
advogados do mosaismo, representavam a minoria in-
significante dos que guardavam inalterados os prin-
cipios do *jehovismo* (entende, padre?) e neste character
ornavam-se muitas vezes objecto de escarneo da
grande maioria, que era quasi o povo inteiro.

Queres saber quem diz isto, padre? E' um propheta
mesmo, é o *cyclopico* Ezequiel, cap. 33, v. 30 e seguintes.
Ahi se vê como naquelle tempo, quando um propheta
apparecia falano, o visinho dizia ao visiuho: *venite et*
audiamus quis sit sermo egrediens a Domino. O povo ia
ouvir os discursos, como materia de entretenimento,
pouco mais ou menos assim como hoje muita gente mo-
narchista vai escutar na praça publica um republicano;
mas não lhes dava importancia: *et audiunt sermones*
tuos, et non faciunt eos... Pelo contrario, faziam do
assumpto da allocução prophetica objecto de pilheria;
andavam *cantarolando* o que o propheta dizia; *quia*
in canticum oris sui vertunt illos. A pessoa do propheta
mesmo tornava-se uma especie de *motivo musical*, com
que o povo se divertia... *Et es ies quasi carmen musi-*
cum, quod suavi dulcique sono canitur. Como se vê o
pobre J. da Fonseca, ainda desta vez, foi infeliz.

A explicação do padre é gaiatíssima. Sem ousar repetir os textos que eu citara, elle se esforça por fazer crêr que nelles não ha indecencia. Mas os textos foram os seguintes: *mel et lac sub lingua tua (C. dos Can.)* e... *ubera tua intumuerunt, et pilus tuus germinavit (Ezeq.)* O autor do *Cantico dos Canticos* não quiz dizer outra coisa se não a que as palavras indicam; porém vem o padre J. da Fonseca e diz que *mel et lac* não significam *mel e leite*, não; e *sub lingua tua* não é o que a gente de hoje pensa; mas é outra *língua*. . . *ubera tua intumuerunt* não quer dizer *os teus peitos entumesceram* (phrase que excita paixões inconfessáveis); nem *pilus tuus germinavit* é um *decote*, pois não é o *pilus* que nós imaginamos, mas outro que podia ser expresso ao *povo criança*, o *innocente* povo judeu! . . . Oh! asnidade!

Esta interpretação segundo a qual as palavras devem ter sentido diverso do seu sentido ordinario, é a mesma da historia popular da arvore cheia de campainhas em cujos ramos se escondia um garoto, para testemunhar o *rendez-vous* de um padre-mestre. E' um dialogo interessante. Apontando para os dois grandes phenomenos que alli se achavam, pergunta o *ministro* do Senhor: Que é isto? Responde a *ministra*: — Oh! *chentes*, Sr. padre! . . . e *vosmîncê* não sabe? E' a *tal coisa*. . . Não, filha; isto é o papa. Que é isso lá? — Oh! *chentes*, Sr. padre! e *vosmîncê* tambem não sabe?

E' a tal outra coisa... Não, filha; isto chama-se Roma... E logo depois o travêso rapaz sacudiu a arvore, houve toque de sinos e sinetas, *quia papa introiverat in Romam*.

Eis ahi : perfeitamente semelhante. Só falta que *sub lingua tua* seja traduzido como *Roma* e *pilus tuus* como *papa*; quanto ao mais, a exegese é a mesma. Ora, vá ao diabo que o carregue, pedaço d'asno !...

O leitor me desculpe : este padre só levado a debique. Nem eu sei mais mostrar-me attencioso para com quem uma vez calumniou-me. Mas faço sempre um esforço, e continuo a analyse séria dos *decotes*.

Os argumentos do padre, se tal titulo merecem, ou nada provam, ou são contra-prodúcentes. A que proposito a menção da Biblia de Calvino? O estar ella cheia de lugares, como diz o padre, que fazem corar, se provasse alguma coisa, seria sómente a sinceridade do reformador, que não quiz dar na traducção se não o que se lia no original.

Não é menos interessante a menção que o desfructavel theologo faz da Synagoga, que não permitia a a leitura de certas passagens, quando alguns termos, diz elle, pela mudança dos costumes, começaram a ser interpretados como offensivos ao pudor...

« Começaram a ser *interpretados* ! » Com effeito, este padre é o diabo ! Para chegar-se ao conhecimento de que a expressão *pilus tuus*, por exemplo, empregada

pelo propheta, era offensiva ao pudor, foi preciso um processo de *interpretação*?! Para saber que *ubera tua* quer dizer *teus peitos*, e que foi mesmo dos *peitos* de alguma Lesbia judia que quiz falar o Catullo juden, como Catullo foi o Musset latino, houve mister de um trabalho de *exegese*?!...

O padre é um ignorantão.

Mas não fica nisto só. Primeiramente, o padre não sabe o que é Synagoga, e que papel representou ella no desenvolvimento do judaismo; ao contrario, teria visto que entre Ezequiel e Esdras, á cuja época remonta a origem das Synagogas e, por conseguinte, o costume de lêr os livros sagrados nas reuniões de edificação e instrução religiosa, não decorreu tanto tempo capaz de determinar uma alteração radical no valor dos termos.

Depois, ainda é certo que o *rabbinismo*, procedendo a mudanças do texto biblico, além de provar com isto que o texto encerrava indecencias, não foi todavia tão longe, como se pudera suppor. Lê-se na *Mischnah* e na *Tos sefha Megillah* (sabe que é, padre? pergunte a um rabbino) os dois seguintes principios, que são caracteristicos: « Aquelle que usar de periphrases nos lugares que tratam de incestos, mande-se que se cale. » « Aquellas passagens, onde ha uma expressão *indecente*, leia-se com outra mais *decente*. » Como se vê, era escrupulo, imposto pelas necessidades do ensino,

da leitura publica. Mas este mesmo escrupulo tinha singularidades, que acabavam por destruil-o. Assim, quando se tratava de *nudez*, se esta era expressa em fórma de allocução, devia ser substituida, quando, porém, a vergonhosa attitude de um corpo *nú* não era expressa na segunda pessoa do verbo, cessava todo o escrupulo. Dest'arte Ezequiel, cap. 16 v. 36 nas palavras: *quia effusum est aes tuum, etc.*, era *indecente*; mas não o era no cap. 23 v. 18 nas palavras: *denu-davit quoque fornicationes suas, etc.*; e só por causa da *pessoa do verbo* !

Quem assim me ensina, é Abraham Geiger, o grande rabbino da Synagoga de Breslau. Textual: « Kehren wir wieder zur Stelle Ezeq. 16, 36, zurück so sehen wir, dass dem Anstoss, welchen die Selbstentblössung darbot, besonders wenn diese in der Form der Anrede, also gewissermassen an die gesammelte Gemeinde gerichtet, ausgesprochen wird, abgeholfen werden sollte. Wo dieses schmachvolle Gebahren nicht in der zweiten Person ausgedrückt wird, nimmt unser Thargum wie Uebersetzer keinen Anstoss daran. » (*Urschrift und Uebersetzungen der Bibel*, 394).

Já vês, padre, que andas falando de outiva. Não estás no caso de discutir commigo. Vou quebrar a penna, com que tenho escripto o teu nome, da mesma fórma que se mette no fogo, por prevenção, o pedaço

de pão com que se esmigalhou a cabeça de uma salamandra. Podes continuar a descompor-me, poisque estás ao soldo do teu *philosopho-péga* e outros miseros que se querem vingar da minha superioridade. Enquanto me não disseres o nome da pessoa, cuja honra foi posta em almoeda no primeiro artigo ; enquanto me não provares que Jonas esteve na Grecia, não mais te responderei. E's um padre digno de uma religião que vai acabar ; um perfeito *sacerdote da mentira*.

Agosto de 1883.

III

Já esperava isto : a descompostura rasgada, o terrorismo da injuria. E' ahí que os padres estão no seu elemento. E não foi sem um intuito maligno, diabolico até, se assim quizerem, que dei logo com o tacão da minha bota na cara do estúpido padreço, para vel-o furioso como um cão damnado, e o publico ter occasião de apreciar a *humildade*, a *mansuetude*, o *amor evangelico* desta *bôa gente*.

Realmente o padre está hydrophobico. Não podendo defender-se, diante da evidencia das suas asneiras, era natural que apparecesse como appareceu. Bonito, meu padre! . . .

anonymos de todas as côres, infames, de todas as formas, ou da parte daquelle que os ataca de viseira levantada? Julguem os homens de bem.

O padre Joaquim Albuquerque, em desespero de causa, sentindo-se desarmado, arregaçou as mangas e mergulhou as mãos no primeiro lamaçal e esterquilínio que encontrou para fazer jogo sobre mim. E' um excellente ministro da religião catholica! Eu o estou obrigando, como a muitos outros, a revelar-se em toda sua hediondez. A sociedade ganha com isto.

Sim, meu padrego burro, *jacta est alea* : mas fui eu quem lançou os dados; e já passou quasi um mez, sem que *dos de cá* nem um só botasse a cabeça fóra da tóca. *Jacta est alea*, e você apanha, padre, como já apanhou no meu primeiro artigo. Empine, escoucêe, rínche, faça o diabo, mas você toma espóra.

O artigo da *Civilisação* pôde ser dividido em tres partes: uma de injurias e descomposturas, inclusive algumas mentiras; outra de chatas *grammaticiques*; a terceira finalmente de estúpida insistencia na critica de idéas que o padre não entende. Quanto ás injurias, eu envio-lhe outras em resposta e ficamos quites: A segunda parte porém, que é característica do espirito do padre, posto que indigna de attenção, todavia offerece-me um bom ensejo para apreciar uma especie de *mania grammatical*, que se costuma apoderar de todas as cabeças ócas.

Geralmente entre nós, as pequeninas mediocridades, quando são forçadas a uma discussão pela imprensa, se não *apuram* branquidade, vem logo *apurar grammatica*. Uma tolice é igual a outra; pois ambas só denunciam a pobreza intellectual de quem as pratica.

Para mostrar a estolidez de um tal procedimento, basta lembrar que raros têm sido até os grandes homens, que não hajam recebido mordeduras de algum *canis grammaticus*. Assim, por exemplo, os proprios Renan e Strauss não escaparam a criticas de tal ordem. Como pudera eu evitá-las?

No seculo XIII, na época do *trivium* e do *quadrivium*, Henrique d'Andely escreveu um poema satyrico, intitulado: *a batalha das sete artes*. A logica tinha o seu acampamento em Paris, a grammatica tinha o seu em Orleans. Se o poeta pertencesse aos nossos tempos, mudaria as posições: o acampamento da grammatica seria no Maranhão.

Com effeito, ha muito que reina alli uma doença singular. Qualquer Fonseca, chamado do seu Sotero, trata de cotejar qualquer escripto, que appareça, pelo padrão da terra. Não ha missão mais ridicula. Seria bom que os moços intelligentes daquella provincia reagissem contra esse decrepito processo de *apuração grammatical*. E' um dos mais irrefragaveis certificados de indigencia.

Ha tres coisas neste mundo que o homem não pôde ter completamente puras : a consciencia, a bocca e a grammatica. Por mais cuidado que se applique, ha sempre aqui ou alli alguma coisa de *irregular*. Isto é uma verdade geral. Mas vejo que existe uma grande excepção, filha talvez de um privilegio, de uma graça divina. Limpa como a bocca das criancinhas, pura como a consciencia dos anjos, só a grammatica do Maranhão, a grammatica de Sotero !... O padre Joaquim Albuquerque está convencido disso. Pobre padre ! A religião tem os seus palhaços ; este Joaquim é um delles.

Mas vamos aos pontos da accusação, as expressões minhas, que violam as leis *sotericas*. Ei-las :

« Ha menos perigo em *ser-se* despota n'um paiz livre do que *ser-se* liberal, etc., etc. » Onde fala *ser-se*, Fonseca? E' infinito pessoal, meu burro. Supponhamos que dois reis conversassem e um delles dissesse : — ha menos perigo em *sermos* despotas do que, etc. — Havia erro ? Não, de certo. Da mesma fôrma na expressão *ser-se*. Ha menos perigo em *ser elle* despota... seria correcto. Ha menos perigo em *ser-se* (*se*—algun rei, qualquer rei, a generalidade dos reis), porque não sel-o-ha ? Que Joaquim estúpido !

Não conheço a critica do *se* ? ! Quem a fez, Joaquim ? Foi o Sotero ? Ora favas !... O emprego do — *se* — na lingua portugueza ainda continua questão

berta. *Vende-se* fructas, *vendem-se* fructas, *colhe-se* flores, *colhem-se* flores, etc., são modos de dizer, que ainda luctam entre si; e nada existe assentado. As linguas não têm um *codigo*, mas uma *historia*. Entende, Joaquim?

A expressão — *para se commetter crimes* é do nosso *codigo* criminal. Se é errada, eu subscrevo o erro. Mas..., qual erro, qual nada! Este padre, que dizem ser amarello e rachitico, pela *fina* vida que leva, está idiotificado.

Outro erro: depois de falar de litteratos, usar, em relação a elles, da phrase — *sem saber*, em vez de *sem saberem*. Mas isto é seio, Quinquim? Aprume-se, frade; tire a roupêta para levar raiz de gamelleira. Latino Coelho, na sua biographia de Camões (pag. 6) diz o seguinte: — Quando as nações têm apenas um organismo, sem *ter* o sopro e a inspiração, etc., etc. Estás vendo: sem *ter* e não sem *terem*, posto que fale de *nações*. Mais ainda: na pagina 19 diz o mesmo autor: — Enquanto os potentados e senhores estão exaurindo em lutas fratricidas o vigor no seio da christandade, sem ao menos *suspeitar* que ha, etc. etc. Estás vendo, asneirão? *Sem suspeitar*, e não *sem suspeitarem*, ainda que se trate de um plural: os potentados. Ouviste? E' Latino Coelho quem fala; mette no fogo o teu Sotero. Disseste que me vaes presentear com umas *Postillas* desse *nosso* philologo; e eu aceito.

Em virtude de incommodos hemorrhoidaes, a fructa que hoje mais como é o *mamão*. Já se vê que magno serviço vem prestar-me a *papelleta* do grammatico maranhense.

Quanto aos neologismos *mediatisado*, *hypothetizado*, *lacunoso*, *salonismo*, etc., sobre os quaes me perguntas com que direito os emprego, respondo: com o direito que assiste a todo aquelle que nunca leu nem lê Sotero, o grão *traductor* dos *traductores* de Cesar; só tenho delastimar que *lacunoso* não seja criação minha, pois já está admittido no dicionario (*vide Aulete*)

O padre Quinquim, além de bruto é mentiroso, baixamente mentiroso. Attribute-me o ter dito que tenho amigos na Allemanha, que me *têm com interesse*... «Que se *dignam* de ler-me» — foi o que disse, e isto é verdade. Outros, que não eu, encarregar-se-hão de proval-o.

Accusa-me ainda de pretender igualar Strauss; mas é mentira. Se o padre Joaquim não é Froschammer (conhece?), como eu serei Strauss? Ora, deixa-te de tolices, padre. Na tua provincia, onde és objecto de escarneo dos moços redactores da *Pacotilha*, os teus clamores passam despercebidos; aqui só podes achar acolhimento em um grupo de *carólas* e em alguns inimigos meus, não falando dos padres, que são suspeitos, depois que eu os convidei para pegar uma *munheca* em latim e elles recusaram.

No que toca o sempre falado e não entendido *Cos-*
s do direito, que promettes mostrar ser uma grande
asneira minha, observo-te apenas que vaes mostrar
uma grande asneira do professor Holtzendorff.
A tua expressão é delle; mas eu aceitei-a e estou prompto
a defendel-a. Vem, meu padreco besta! Ha de ser so-
berba essa tua critica.

Dizem os entendidos que a onça das nossas selvas,
quando succede que alguém, disparando-lhe a sua ar-
ma, erra o tiro, na fumaça da polvora se lança sobre o
seu perseguidor e agarra-o victoriosa. E' o que se dá,
pouco mais ou menos, entre nós, meu padre. Tu me
fizeste fogo, mas erraste o alvo; e no meio da fumaça
que sahiu da tua espingarda, puz a mão em cima
de ti e peguei-te!... Sim, peguei-te, padre, em fla-
grante delicto da mais alvar ignorancia. Os teus ver-
sos latinos, oh! os teus versos.

Nem imaginas que risada satanica, homerica, ce-
lestes, endiabrada, divina, e todos os mais epithetos
que quizerem dar-lhe, sahiu-me do intimo, quando li
os teus *espirituosos* versos. Ignorancia da materia,
logo no primeiro!!... *O pure intellectus, vis mi-*
rabilis avi. Isto é verso latino, padre? Foste dis-
cipulo de Sotero? Muito bem, meu burrico! O teu
frito foi *macarronear*, porém em versos latinos. Mas
aquillo é verso? Que é das *cesuras*, estúpido? Nem
uma sequer!!...

Agora, se não fosse um certo respeito á velhice, eu convidaria até o papa, o illustre padre Pecci (consta-me que *pecci*, em não sei que dialecto ou gíria italiana, quer dizer *perú*) para vir ou mandar algum Soriano provar-me que o presbytero maranhense tem noticia, mesmo leve, do que seja um verso hexame-tro. Que venham, que venham todos soccorrer o sen collega. Eu bem disse que elles compromettiam a sua causa, a qual não é, tome-se nota, a mesma causa da religião catholica. Desce os habitos, padre, e deixa cortar-te as nadegas; tu não sabes nem se quer a *Arte versificatoria*.

Como o primeiro, muitos outros versos estão errados; não têm *cesuras*. Alguns sahiram certos por um *feliz acaso*; o que prova mesmo a ignorancia do frade. E é um animal desta especie que me ousa insultar! Appello para o publico sensato; é elle que nos julgará.

D'entre as notas que o Quinquim addicionou ao seu trabalho, ha uma sobretudo, que é estupenda. E' a que se refere á phrase — *essencialmente intellectualista*. O padre não sabe o que é *intellectualismo*. Entretanto, não é palavra allemã; é de creação puramente franceza. O primeiro que a empregou, foi Reville, falando de Vacherot. *Intellectualista* se diz o homem, que em todas as questões só procura o lado intellectual, theorico, especulativo, sem dar muita importancia ao lado pratico.

Intellectualista ainda se diz aquelle, para quem qualquer obra, uma vez que satisfaça as exigencias artisticas, é digna de consideração, ainda que seja de consequências reaes.

Onde foi pois que o camello do padre Joaquimbuquerque da Fonseca & Comp. achou que só deus se pode dizer que é *intellectualista*? Estende a mão, padre; toma bôlo, demônio! Não trates daquillo que não entendes.

E este palhaço começou por accusar-me de não lhe ter falado *como gente*. Minha linguagem, diz elle, não é a de um pai de familia, nem a de um lente!... E a qual será de um padre? E' só a que eu quizera saber. Já houve quem dissesse que o parlamento italiano tinha muitos *dislates*, mas nunca tinha *praticado* um só. Não me quadra. Antes quero *acrescer* indecencias do que *praticar-as*, se é que as escrevo; o que não está em muito liquido. A opinião do Fonseca não regula. Tenho a minha casa, e já ha muito tempo, duas donzelas pobres, sem pai nem mãe, augmentando o peso da minha familia e o numero dos meus cuidados: estavam ellas sans e puras em poder de qualquer padre, e agora estão, em poder deste *ímpio* e *indecente*? Eis o resultado.

A vida intellectual de qualquer lutador, se assim se pode dizer, é uma coisa que se escreve por partidas gradadas. Na pagina do *debet*— todos os ataques, todas

as criticas, todos os insultos da maledicencia e da inveja; na pagina do *haver*—tudo que a victima tem produzido e continúa a produzir, com a consciencia do que vale. A reputação litteraria é sempre um *saldo* a favor do combatente.

Quando pois um padre Fonseca, representando as forças da sua classe, ataca-me virulenta e ferozmente, isto é o mesmo que *me debitar* para com o publico na importancia de uma caixinha de phosphoros. Mas eu respondo-lhe, e fico logo *creditado* no valor de uma safra de assucar.

5 de setembro de 1883.

IV

Tinha feito o proposito de não prestar mais attenção ás tolices do padre Fonseca; mas arrependi-me. Para que renunciar ao prazer que me proporciona este jogral da igreja? O riso em excesso tambem fatiga; porem não estou cansado de rir-me.

Realmente o padre é a *alegria da casa*. Não conheço no genero um divertimento mais agradável. E tanto mais agradável, quanto é certo que elle traz no fundo uma verdade muito séria: o lastimavel estado de *marasmus senilis*, de irremediavel fraquesa, em que se acha, entre nós, a chamada *ecclesia militans*.

E' um sestro que tenho desde menino: bolir com certos animaes, facilmente irritaveis e, desviando-me delles, rir-me então da inutilidade dos seus impetos e investidas contra mim. Nem eram somente as vaccas *arradeiras* e os carneiros *marradores* que me davam occasião para este brinquedo. A minha temeridade pueril chegava ao ponto de abrir semelhante luta até com as *cascaveis*. Que delicia que eu sentia, quando a cobra assanhada, á força de muita pedra, erguia a cabeça, mostrava a lingua, sacudia os *guisos do rabo*, e punha-se, em attitude de passar-me o dente! . . .

Mas alem de temerario, eu era por vezes tambem cruel; não me contentava em bolir com as bestas, em assanhar as cobras, tambem bolia e assanhava as velhas rabugentas. Foi já a muito tempo, mas ainda me recordo. Quando estudava latim na villa do Largo, existia uma preta velha, conhecida por *Chicacandeiro*, objecto de escarneo publico, por causa do cynismo, com que, já sendo maior de sessenta annos, todavia ainda queria viver no *peccado*. Era um typo mediondo: sempre envolvida em trapos, arrastando com um pé um chinello velho, e com o outro pé descalço, corria assim as ruas da villa em procura da fortuna. . . Della contava-se então que já tinha soffrido um pequeno castigo da sua miseria moral. Um rapaz gaiato dava-lhe posto um *sinapismo* (*piper in pudendis partibus*); e isto explicava a diabolica indignação de que

a velha se possuía, quando quer, onde quer e por quem quer que ouvisse pronunciar a *palavra* — *pimenta*. —

Eu gostava também de enfiar-lhe-a. Todas as vezes que a via, não deixava de dizer-lhe: *hê pimenta!* Era o diabo! A velha desenrolava um vocabulário de epithetos que faziam tremer. Evocava do tumulto todos os meus avoengos; bradava, amaldiçoava, escumava, rangia os dentes; mas quando julgava concluída a sua vingança, em gritava-lhe outra vez, bem tranquillo: *hê pimenta!* Não se imagina o resto. Era um espectáculo indescriptivel!

Eis ahí: vadições de menino. Mas vejo que actualmente, comquanto sob outra forma o quadro se repete. A *raiz quadrada*, da somma de todas as vacas, com que boli, de todas as cascaveis que assaubei, inclusive a *Chica-pandeiro*, é hoje o *padre Fonseca*. Munido de um varapau, eu futuco-lhe as ventas, os vazios, os sovacos, e o bicho pinotêa, bófa, rincha, arreganha os dentes, querendo morder-me, não obstante o barbicacho religioso, que o tem preso; mas quando já está exausto de dar couces ao ar, em volto á carga e grito-lhe de novo: *hê Jonas na Grecia, versos errados*; que *padre bôbo!* . . . O quadrupede atavisa-se; e aquelle manso burrinho, que seria capaz de levar ao Egypto a santa família converte-se de repente na peor das fêras. Mas tudo em vão. Arrumo-lhe o varapau e futuco-lhe até a porta occidental da

idade de nove portas, como os sabios indianos chamam o corpo humano, até a porta do occidente, que dá para o paraíso dos tólos. O barro perde o seu tempo.

Já vê o leitor que motivo me leva de novo a occupar-me com o padre. Quero ainda uma vez entregal-o ás fúrias. Para isso deixo de parte tudo que elle disse de mim no seu ultimo artigo, transcripto no *Diario* de 10 de setembro, e passo a tratar somente da *questão da cesura*.

O padre quiz provar que o primeiro verso do seu poema heroi-comico não tem a falta que lhe notei; e chama em seu auxilio Horacio, Virgilio e Ovidio. E' credivel, mas é verdade: o padre invocou Ovidio, Virgilio e Horacio, para provar uma tolice!!... O leitor desculpar-me-ha: isto tem um certo almiscar de pedanteria: eu reconheço; porém não ha remedio. Desde que o *bôbo* não se limitou em desespero de causa, a dizer que os seus versos eram *pitthericos* e que os *pittheria* mesmo estavam errados, unica defesa que lhe restava no caso, mas recorreu com todo o serio e a autoridade dos classicos, para invalidar a minha censura; não ha remedio se não metter-me na claudicante pedantesca do philologo, elevar uma bagatela á altura de uma questão, e mostrar ao padre que elle nunca soube, como ainda não sabe, o que é *cesura*.

Depois de citar cinco versos dos mencionados auctores, o padre me pergunta com tom de segurança de

quem defende a causa de Deus: — « onde está ali a *cesura*, archi-sandeu? » E eu agora lhe respondo: — todos elles têm *cesura*, archi-camelo !

Escuta, palhaço! A *metrica* dos antigos conhecia duas especies de *cesura*, uma *rhythmica*, e outra que se chamava *podica* (relativa ao pé). Ao passo que esta podia muitas vezes dispensar-se, o mesmo não se dava com a *rhythmica*. Ella consistia em dividir o verso, quando hexametro em duas partes impares, a primeira das quaes se compunha de dois pés e meio, e a segunda de tres pés e meio. Era o que se chamava *cesura semi-quinaria* e *semi-septenaria*, ou *pentemimerica* e *hepthemimerica*. A *cesura podica* porém consistia em uma combinação artistica de tal arte, que a primeira parte dos dactylos ou spondeus, logo depois do primeiro pé, formava-se ordinariamente com as ultimas syllabas da palavra antecedente. Por exemplo :

Arma virumque cano, Trojae qui primus ab oris.

Ahi temos as syllabas *rumque*, ligando-se a *ca*, para formar um dactylo, *no*, ligando-se a *tro*, e *je*, ligando-se a *qui*, para fazer dois spondeus, satisfazendo as exigencias da *cesura podica*.

Mas isto não era essencial. Ha innumerous versos que não se accommodam a esta bitóla. A razão vem de que entre os antigos o verso devia ser pronunciado de modo que a *arsis* (elevação da voz) se desse sobre

da syllaba, mas como isto nem sempre se podia alizar, elles se contentavam em fazer a *arsis* recahir bre uma ou duas syllabas do meio do verso. Era justamente o ponto em que se dividiam os *hemistichios*. Em disto, no verso antigo a igualdade metrica não confundia com a igualdade *rhythmica*, e os poetas ziam só desta uma lei inviolavel. E' o que diz Ernesto Brücke na sua obra intitulada. *As bases physiologicas da versificação. (Die physiologischen Grundla-n der Verskunst)*. Vien—1871.

E' singular! Até em questão de tal natureza eu mo-me de um allemão! E que allemão! Que phylogogo! Não sabes quem é, meu padre besta; mas pergunta a qualquer medico illustado e saberás então.

Os versos citados por Fontana têm todos a cesura *rhythmica*. Para tornar bem claro, vou marcar por um aço o ponto em que a cesura se dá. Eis aqui:

Praeter cetera me	— Romæno poemata censes. . .
Saturnalibus huc	— fugisti. Sobrius ergo. . .
Incipit apparere	— Bianoria: hic ubi densas. . .
Icare, dixit, ubi es	— qua te regione réquiram. . .
Huc sine me turbare	— O globum et rege tela per auras. . .

O leitor está vendo. As syllabas *me, huc, rere, es, re*, são fracções de spondeus e dactylos, que assim artidos dão justamente para o primeiro *hemistichio*, dois pés e meio, para o segundo tres pés e meio. Mas

ha isto por ventura no verso do padre burro? Não de certo. O leitor verifique. Eis aqui o verso:

O pure intellectus, vis mirabilis sevi, . . .

Passando-se um traço no lugar em que se dá o córte *semi-quinario*, fica partida a palavra *intellectus*; portanto o verso não tem *cesura*.

Mas. . . quero ser generoso. Concedo que o padre recorra ao córte *hephtimimerico* e diga que o primeiro *hemistichio* é formado pelas phrases: — O' pure intellectus, vis. Ainda assim não se justificaria, e só daria mais a conhecer a sua ignorancia da metrica latina; porquanto o estudo dos poetas deu em resultado a seguinte regra: raras vezes apparece a *cesura semi-septenaria*; mas sempre que ella apparece, ou é juntamente com a *semi-quinaria*, ou então a *cesura podica* é indispensavel dentro dos tres pés e meio que tem a primeira metade do verso.

Em taes condições não se acha a linha escripta por Fonseca. O segundo pé, que se lê — *r'íntel* — não encerra *cesura*, mas *elisão*; e tanto as *elisões* não são *cesuras* que os versos podem começar por aquellas; o que exclue a idéa destas. Assim Horacio, liv. 1.º sat. 1, v. 52:

Dum ex parvo nobis tantundem haurire relinquis

O primeiro spondeu deve ler-se: — *d'capar*. Uma *elisão*; nenhuma *cesura*.

Quer o padre aprender o que é côrte *semi-septenario*? Em Horacio mesmo, naquella mesma epistola (liv. 2,2), onde encontrou o verso *præter cetera, etc.*, e tambem as palavras *litteralis græcis imbutus*, que o bôbo reduzio a *germanicis litterulis imbutum*, para applical-as a mim, ahi mesmo encontrará o seguinte:

Hic extremo in Aventino visendus uterque...

O *hemistichio* termina em *Aventino*; mas antes disto temos a cesura *podica* no *dactylo* — *trem'in A.* O verso do padre não tem isso.

Quer ainda o desfructa do *ministro do Senhor* saber o que é cesura *hephthimerica*? Vou citar-lhe uma celebre. Conta Settembrini que Leão X, achando-se um dia no meio de muitas raparigas, disse no gosto do tempo: — *Formosi pastor gregis*, e uma das bellas, que conhecia o verso virgiliano, concluiu-o dizendo: — *formosior ipse*. A *syllaba —gis—* é cesura *semi-septenaria*; mas tambem antes della existem as *podicas* nas *syllabas — si -- e — tor*.

Ouviste bem, padre estúpido e petulante? Entendeste o que tenho dito? Talvez não. Eu me resumo. Apresenta-me um só verso classico nas condições do teu, um verso, em que o segundo e terceiro pés sejam absorvidos por um spondeu, como *intellectus e... eris mihi magnus Apollo*.

Porém qual!... qual *magnus Apollo*! O padre será sempre *magnus asinus*. Julgou-se salvo, citando versos latinos, onde ha monosyllabos, como se eu tivesse falado de tal coisa! Não viu esse pobre espirito que somente quiz limitar-me a primeira linha do seu pretenso poema, e que, dada qualquer insistencia de sua parte, podia succeder que eu lhe apontasse outros versos ainda peiores. Pois é agora o que vais ver, meu padre.

Se sabes o que é um hexametró como escreveste estas linhas:

Fæt conceptio ac generatio efficitur vi . . .

Ecce adimplebatur tempus prodere factum . . .

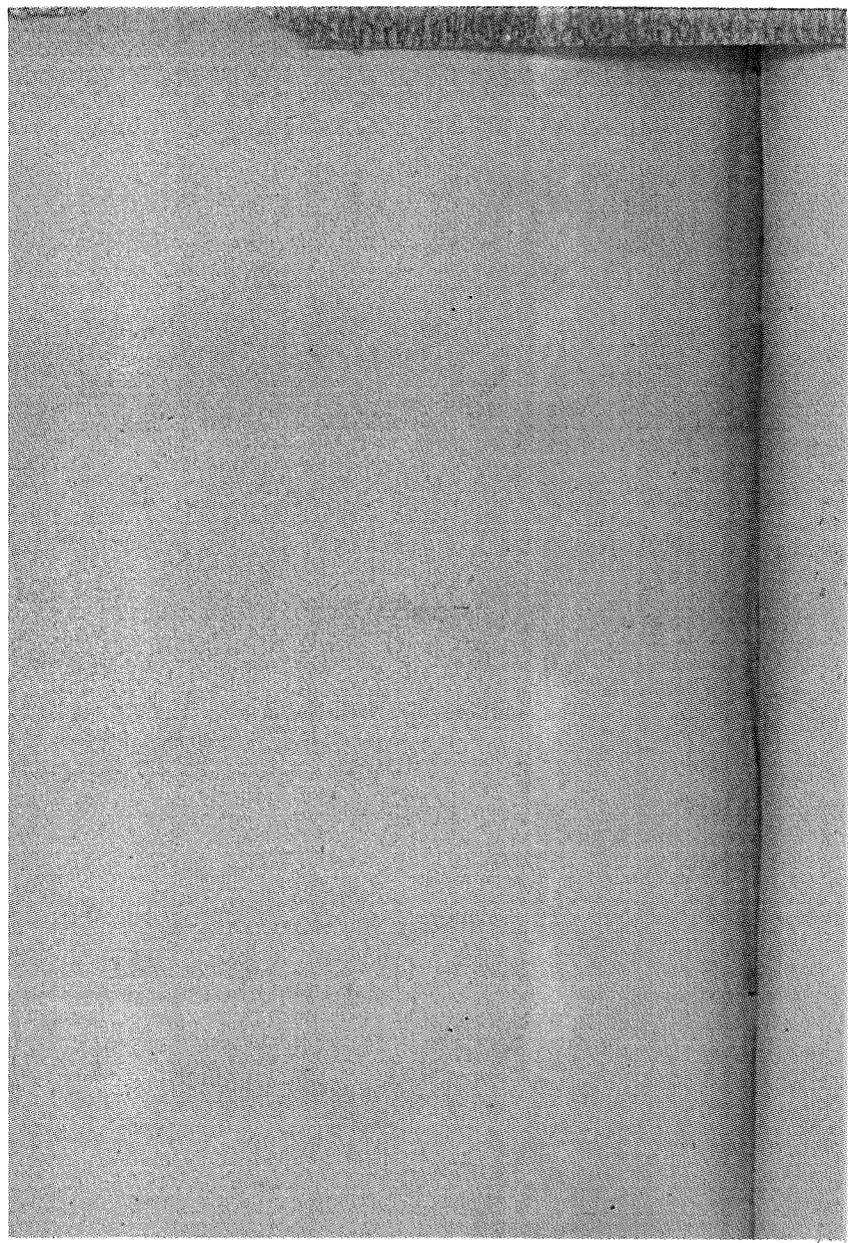
Pro tormento expertus gaudia, hæc parit ore . . .

Ainda uma vez: que é das cesuras, sandeu? E de mais: a primeira syllaba de *adimplebatur* é breve; como fica pois o teu hexametro? As syllabas finaes de *conceptio* e *generatio* são elididas; que resta então, meu burro?

Dirás talvez que vai neste rigor um pouco de pedantismo; e eu concordo; fui o primeiro a reconhecer-o. Mas pergunto: que será melhor — pedantear *acertando*? ou pedantear *errando*? Que querias fazendo versos latinos, se tu não os sabes fazer? Vai rezar teu breviario, padre estolido e desfructavel.

Ao terminar, seja-me licito observar-te que aquelle verso, em que me pintas — *venta sorbens utraque idam*, é insigne de semsaboria e disparate, pois não tem applicação alguma. Gosto do tabaco, mas do tabaqueio pelo nariz; limito-me a fumar o meu arrinho. Adeus, padre mestre !

Outubro de 1883.



VII

Selfgovernment

(COM O SR. DR. JOSÉ HYGINO)

I

Entre as theses apresentadas para a prova escripta do ultimo concurso figura a seguinte que foi deferida pelo Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira:

« Que é da essencia do *selfgovernment* a obrigatoriedade e gratuidade dos cargos publicos, segundo a doutrina de Gneist, ou a autonomia da administração local, segundo a doutrina de Lorenz Stein? »

Tendo duvidas sobre a veracidade de semelhante these, sobretudo no que diz respeito a Gneist, peço ao illustre Sr. Dr. José Hygino que se digne de citar-me a obra do autor allemão, em que se acha estabelecida aquella doutrina.

Ha muitos annos que possuo cinco obras diversas de Gneist, das quaes uma especialmente e outras incidentalmente se occupam do *selfgovernment*, e ainda não encontrei em nenhuma dellas formulada assim tão claramente uma *doutrina* a tal respeito.

Nada portanto mais natural do que pedir, como peço ao illustrado Sr. Dr. José Hygino, *sine ira et studio*, indicação do livro, capitulo e pagina, em que Gneist disse que a *essencia* do *selfgovernment* consiste na obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos publicos*.

Gosto muito de aprender; e acredite o respeitavel doutor, de quem me honro de ser collega, que satisfazendo o meu pedido, ensina-me uma coisa que eu realmente ignorava.

18 de setembro de 1888.

II

Não sei se posso dizer que tinha razão de esperar isto mesmo. O Sr. Dr. José Hygino tratou de resto o meu pedido. Com effeito eu lhe rogara o obsequio de indicar-me a obra de Gneist, na qual este publicista formulou a doutrina de que a *essencia* do *selfgovernment* consiste na obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos publicos*, e o illustre doutor, na *Provincia*

sério. A uma tal resposta seria mil vezes preferível o mais completo silencio; e é o caso de dizer-lhe:

Hygine, si tacuisses, philosophus mansisses.

O pedacinho da obra de Oscar Gluth, que o illustre doutor não traduziu, como devera para conhecimento do publico, não resolve coisa alguma. Proval-o-hei. Eis a sua traducção: « O organismo do *self-government* não é mais do que um systema de cargos honorificos pessoaes; é o cuidado dos negocios da administração geral do paiz nos *circulos, cidades e communas*, por meio de cidadãos da classe socialmente independente pela intelligencia e pelos tères, os quaes são tirados por nomeação régia do circulo dos domiciliarios do respectivo districto administrativo, para exercer o cargo que desempenham gratuitamente. »

Depois desta citação, o Sr. Dr. Hygino accrescenta: « Deste trecho se deduz que, segundo Gneist, o *selfgovernment* inglez é o verdadeiro typo de *self-government*, cujos caracteristicos são, etc. »

Não deixa de ter sua graça semelhante *deducção* do pensamento de Gneist das palavras de Gluth. Deduzir o que pensa Pedro daquillo que diz Paulo, é magnifico!... E isto, para satisfazer o pedido que fiz ao Sr. Dr. Hygino, de indicar-me a passagem de Gneist, onde se encontra a tal doutrina, de que fala a sua these!... Esta... só de um *capadocio*.

Na pag. 69 da obra — *Selfgovernment*, mencionada pelo Sr. Dr. Hygino, logo em principio, estão escriptas seguintes linhas: « O conceito do *selfgovernment*, isto que nunca firmado por lei, sentença ou autoridade de direito, forma entretanto um todo bem accentuado na historia e legislação da Inglaterra.

« Desde a *Magna Charta*, a legislação tem regulado de tal modo o exercicio do poder do Estado, que os cargos responsaveis da administração interna são conferidos como funcções honorificas a pessoas domiciliarias e a commissões no *condado*, na *cidade* e na *parochia*, e os meios *pecuniarios* necessarios para esta administração são levantados por intermedio da *communhão* visinha, segundo uma norma de imposição legal. »

Em seu *Das englische Verwaltungsrecht*, diz ainda Theist: « O *selfgovernment* forma a antithese das idéas do seculo XIX de uma *representação dos interesses*, que como taes não podem conduzir á unidade da vontade do Estado, e por isso tambem de nenhum modo á liberdade politica. »

Mais adiante : « O systema do *selfgovernment* é para a classe governante pouco mais ou menos o mesmo que apresenta na monarchia electiva a capitulação imperial para a classe dos *senhores*, isto é, o conjuncto de condições juridicas e moraes, sob as quaes aquelle dominio póde ser exercido. »

Mais adiante ainda: « O contra-peso secular do *selfgovernment* dos *condados*, das *cidades* e *parochias*, perde a sua força pela intima dissolução, que as idéas da sociedade industrial introduziram nestas camadas do Estado parlamentar. » (1)

Em outra sua obra Gneist se exprime tambem deste modo: — « *Selfgovernment* se chama na Inglaterra a administração dos *circulos* e *communas locais* segundo as leis do paiz, por meio de cargos honoríficos das classes superiores e médias, mediante impostos reaes da *communa*. » (2)

Ainda em outro livro está para ler-se: « Todos os cargos do *selfgovernment* têm o puro character funcional, todos os direitos e honras, todos os deveres e responsabilidades das funções do Estado. Tambem os principios da nomeação e demissão são os principios normaes do direito funcional, só com poucas differenças. A perfeita identidade com os cargos do Estado torna-se visivel na Inglaterra pelas continuas transformações, em virtude das quaes, em cada geração, funcionarios honoríficos gratuitos (*unbesoldete*) do *selfgovernment* passam a exercer o lugar de funcionarios remunerados do Estado, e mais vezes ainda o contrario disto. » (3)

(1) *Das englische Verwaltungsrecht*, pags. 622, 711, 720.

(2) *Die Preussische Kreisordnung*, pag. 16.

(3) *Der Rechtsstaat*, pag. 184.

Este pedaço é muito interessante, além do mais, que delle se depreheende que para Gneist cargo *voluntario* e cargo *gratuito* não dizem a mesma coisa; e o que elle não sentiria a necessidade de applicar *ehrenhaemter* o adjectivo *unbesoldete*. Mas isto para mim é secundario. A minha questão é mostrar que nenhuma das passagens citadas o publicista berense estabeleceu a doutrina que lhe attribuiu o Sr. Hygino; e foi este o unico objecto do meu pedido.

Quando mesmo do trecho de Gluth se depreheuisse alguma coisa neste sentido, não vinha nada ao caso. Porquanto, o que se queria, não era o modo de ser de um Gluth, ou de um Glaser, de um Knies, ou de um Freund, de um Walcker, ou de um Meyer, e de todos os mais que se têm occupado de Gneist; mas eram as palavras de Gneist mesmo, formulando aquella doutrina. Isto porém não fez o Sr. Dr. Hygino.

Entretanto, importa notar que o proprio fragmento da obra de Gluth é contrario a quem o citou. Realmente ahi se diz que o *selfgovernment* é o cuidado dos negocios da administração geral do paiz nos *circulos, cidades e communas*... Mas o Sr. Dr. Hygino na sua these declarou que a gratuidade e obrigatoriedade dos *cargos publicos* eram da essencia do *selfgovernment*; e Gluth não disse tal coisa.

Mas de uma vez no meu primeiro escripto grifei as palavras *cargos publicos*, para levar o Sr. Dr. Hygino

a associar a idéa do seu erro; e elle ainda não o comprehendeu!... Se ao menos o illustre lente tivesse falado de *cargos locais* e *communes*, ainda havia motivo para questão; mas era desculpavel. Porém falar de *cargos publicos* em geral, de *cargos publicos* sem distincção alguma, isto de certo não tem senso.

Não prosigo sem observar que a citação feita pelo Sr. doutor do livro intitulado — *Das englische Verwaltungrecht*, que é a unica obra de Gneist em original, que S. S. diz possuir, é completamente falsa. Da pag. 256 á 320, nas quaes o autor trata, segundo o Sr. Dr. Hygino, *larga e especialmente do selfgovernment* inglez, nada se encontra do que affirma S. S. O exemplar, que tenho, é da segunda edição de 1887; e está á sua disposição para examinar.

O honrado Sr. Dr. Hygino, declarando que não quer fazer praça de sciencia, pois a unica obra de Gneist que possui é o livro já mencionado, parece ter querido alludir malignamente ao facto de eu ter falado em cinco obras do autor allemão. Não vejo, porém, motivo de chamar-se *praça de sciencia* a simples declaração de possuir-se taes e taes livros.

A questão é que sejam lidos e entendidos; e é isto o que não se dá com o Sr. Dr. Hygino.

Porquanto S. S. confessa com uma ingenuidade pueril que o conhecimento que tem das idéas de Gneist e de L. Stein, provém principalmente do livro do

de que o meu ultimo artigo foi uma *diatribe petulante*, devida ao meu *estado morbido*; e como elle não quer avir-se com um *nevropatha*, para o qual cumpre observar normas muito severas de delicadeza, deixa de proseguir na luta começada.

Foi isto mesmo o que eu e os amigos prognosticámos entre boas gargalhadas. A coisa devia acabar por um respeitoso silencio diante da minha *incuravel* doença. Quem é que ousa sustentar discussão com um *cardiaco* impertinente, um candidato da morte, que pode succumbir a qualquer instante, e que por isso é preciso tratar com toda brandura? Seria uma crueldade; e o Sr. Dr. Hygino é uma alma generosa; não quer concorrer para aggravar o meu mal. Oh! muitissimo obrigado; mil vezes obrigado!

Não obstante, porém, permitta-me o illustre doutor que aprecie um pouco mais de perto as razões da sua *fugida*. S. S. começa dizendo que o meu primeiro escripto foi uma «provocação disfarçada sob a capa do interesse scientifico.» Sim, senhor, foi uma provocação, e posso até dizer que sem disfarce algum. Mas se isto divisou o Sr. Dr. Hygino, para que me respondeu, tratando de defender a sua *these*? Se sabia que eu era um *nevropatha*, para que aceitou a minha *provocação*? Por que não recusou logo em principio a luva que lhe atirei e só agora, depois de ter exhibido em publico o seu completo desconhecimento dos trabalhos de Gneist,

como demonstrei, é que vem declarar que não quer discutir com um doente? Ora! . . . Sr. doutor! . . .

S. S. considera-se insultado por mim, e, como tal, obrigado por seus hábitos e sua educação, a não continuar na tarefa encetada. Mas onde está esse meu *insulto*? Em dizer que a sua resposta, querendo *deduzir* o pensamento de Gneist de palavras de Gluth, era uma *de capadocio*? Em dizer também que ter na estante um livro celebre como o *Verwaltungsrecht* e conhecer o seu conteúdo pelo que diz um outro livro é o cumulo do ridiculo? . . . O Sr. Dr. Hygino é demasiado susceptivel. Deixo ao publico apreciar se realmente eu o insultei, ou se este pretendido insulto não passa de uma *escapatoria*.

S. S. declara que não quer tomar parte num verdadeiro pugilato destinado a fazer as delicias de alguns amadores de escandalos. . . Que má *sahida*!

O negocio com effeito podia tornar-se escandaloso, mas era somente o escandalo produzido por um illustre professor falar magistralmente de autores que nunca leu.

O Sr. Dr. Hygino diz que sahi a publico em *man-gas de camisa*. . . E' um dito espirituoso e *original*.

Não é a primeira vez que leio essa phrase escripta a meu respeito, com allusão a um pequeno trabalho, que ha 10 annos publiquei na *Escada* e onde nada existe de polemica e muito menos de ataque pessoal.

A lembrança foi feliz. O Sr. Dr. Hygino tinha necessidade de empregar qualquer subterfugio para obter um prazo de estudo... Se m'ò tem francamente pedido, eu lh'o havia dado.

Entretanto, o maior desconchavo do artigo do honrado doutor està na parte em que elle diz que não se retira da imprensa, e, dando como inexistente a minha *diatribe*, compromette-se a demonstrar a verdade da sua *these* perante aquelles, que amam discussões puramente doutrinarias, etc.

Já se viu maior desproposito? O Sr. Dr. Hygino promete entrar em discussão puramente doutrinaria; mas discussão com quem? Ha de ser commigo, pois não se comprehende que S. S. queira discutir comsigo mesmo. Que historia é essa de voltar á imprensa para monologar sobre Gneist?

Descance, caro collega, S. S. só pôde sahir de novo ao publico desassombrado da minha *neuropathia*, que é uma *ptomadophobia*, quando eu desaparecer da terra. Mesmo assim, depois de minha morte, e em virtude de disposição testamentaria, o mais moço dos meus discipulos passará a possuir as cinco obras de Gneist que eu disse ter, e levará adiante a dolorosa operação por mim iniciada.

Acredite o Sr. Dr. Hygino que muito sinto a sua *fugida*. Retirar-se assim de uma discussão como quem se levanta de uma *prova escripta* de concurso por não

aber o *ponto*, e não achar uma boa alma, que o aconselhe a recommear a luta, como ás vezes se encontra nos concursos alguém que faz o tímido fugitivo animar-se com a idéa de que elle, seja qual fór a sua prova, não de ficar *debaixo da barraca*, retirar-se assim é uma coisa pouco airosa.

Se os proprios textos de Gneist que transcrevi provam a correção da sua *these*, como diz o Sr. Dr. Hygino, porque razão não veio em poucas palavras demonstrar isso mesmo e obrigar-me a um vergonhoso silencio? Que excellente occasião para esmagar o *petulante*! Porque não a aproveitou? Oh! Sr. doutor! A coisa é de fazer pasmar.

O honrado professor termina dizendo que attribuiu a Gneist uma *doutrina* e não uma *formula*.

E porventura eu lhe pedi que me desse alguma *formula*? Não de certo. Não ha *doutrina* que não esteja expressa em uma ou em muitas proposições, em um ou em muitos juizos; e eram essas proposições ou juizos que eu pedia que me mostrasse nas obras do publicista allemão; o que aliás S. S. não se dignou de fazer.

O Sr. Dr. Hygino, está sabido, não quer discussões com um *nevropatha*. Porém diga-me uma coisa: está realmente tão zangado commigo que não me faculta, como lhe pedi, a leitura do seu Oscar? Bem sei que pôde haver nisto uma inconveniencia, a de privar-o, mesmo por horas, de quem lhe fornece o conhecimento

do Gneist, que S. S. tem na estante. Mas eu promettia devovel-o logo. Se fosse possível! Que bom ! . . .

Adeus, Sr. Dr. Hygino. Estou sempre ás suas ordens.

22 de setembro de 1888.

IV

O publico está bem inteirado da marcha da presente questão. Julgando erronea uma these dada ao ultimo concurso da Faculdade pelo Sr. Dr. José Hygino, na qual attribuiu a R. Gneist a doutrina (note-se bem: a doutrina) de ser da essencia do *selfgovernment* a obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos publicos* (note-se bem: dos *cargos publicos*), pedi ao illustre doutor que me citasse a obra do publicista allemão em que se acha consagrada uma tal doutrina.

Para satisfazer o meu pedido, o Sr. Dr. Hygino, na *Provincia* de 19 do corrente, veio declarar quaes tinham sido as fontes da sua these, porém limitando-se a duas citações de Gneist, das quaes uma nada importava para o assumpto e a outra era até completamente falsa.

Não ficou nisto a coragem do honrado doutor! Com uma ingenuidade de criança declara tambem que o

conhecimento que tem de Gneist, bem como de Lorenz Stein, provém principalmente de uma obra de Oscar Gluth, posto que possuia o livro capital de Gneist — *Das Englische Verwaltungsrecht*; e dest'arte, citando em allemão um texto de Gluth, disse que delle se *deduzia* a doutrina attribuida ao publicista de Berlim.

Não me dei por satisfeito com similhante explicação; e, voltando á imprensa, procurei fazer sentir ao Sr. Dr. Hygino que a sua resposta não era séria. Eu lhe havia pedido uma coisa e elle viera com outra mui diversa, e tão diversa que só me parecia uma sahida de *capadocio*.

Como qualquer desses pobres matutos, inteiramente incultos, que são capazes de dar um tiro ou uma facada, para repellir o insulto que julgam conter a palavra *individuo*, ou a palavra *sujeito*, o Sr. Dr. José Hygino offendeu-se profundamente com a expressão *capadocio*, e disse que não continuava a discutir comigo, pois não estava disposto a ouvir os doestos de um *nevrophata* petulante, compromettendo-se entretanto perante o publico a tratar do assumpto, provavelmente *ad usum serenissimi Delphini*, ou para ficar registrado nas actas do *Archeologico*. (1)

(1) Não sei o que teria sentido o Dr. Hygino, se em vez de ter julgado — *uma de capadocio*, eu houvesse qualificado — *uma de inepto*, a sua gatissima explicação. A verdade porém é que o illustre doutor não se zangou seriamente com o meu escripto;

Com effeito: depois de seis dias de *retraite*, e quando já havia bons motivos de crer que S. S. não voltaria mais, eis-o que surge de novo *para desempenhar-se do compromisso*, mas de um modo tão desasado, que provoca o riso ou a lastima conforme o temperamento do leitor.

Desempenhar-se do compromisso!... E o compromisso consistia em vir publicar uma *prelecção*, cheia de erros e despropositos, que podem ser impunemente ouvidos pelos discipulos de S. S., mas não podem ser impunemente offerecidos á apreciação de leitores desabusados?...

Ora! Sr. Dr. Hygino! Ha um pouco de *simplicidade* nesse seu procedimento!... Para que ainda consumir papel e tinta enfiapregoar a magnitude e *importancia* do *selfgovernment*, assumpto este que não estava em questão; e pelo qual não é crível que o publico se interessasse?... Quem foi que lhe perguntou por isso?

Mas havia necessidade de *fazer effeito*, ostentando muita sciencia, á custa da sciencia alheia, isto é, rennindo diversos pedaços de autores allemães, alguns não entendidos, e outros até mal-traduzidos por S. S.

finjiu-se zangado. Foi ainda uma *capadoçada*, para fugir da discussão e ter tempo de sobra para estudar melhor a materia. A prova está em que, depois de alguns dias de silencio, o doutor appareceu com a sua *tirada* academica, insultando-me sem o menor reboço.

ém de ser a maior parte delles conhecida do illustre autor somente por *citação de terceiro*.

Entretanto, pondo de parte a pedantesca introdução sobre o alto valor do *selfgovernment*, materia esta que o publico póde encontrar muito bem desenvolvida na dissertação do bacharel Alcedo Marrocos, candidato do ultimo concurso, a qual versou justamente sobre o mesmo assumpto, e que bem podia o Sr. Dr. Hygino ter lido com alguma vantagem, pondo de parte esse inutil *penduricalho*, en começo as minhas observações no ponto em que S. S. se exprime do seguinte modo :

« As velhas instituições municipaes da Belgica e da Hollanda, restauradas com as modificações que pedia o novo estado de coisas, têm servido de modelo a outros estados do continente europeu ; mas é sobretudo na Prussia e na Inglaterra, que o *selfgovernment* tem sido objecto especial das preoccupações do legislador. »

A primeira proposição é demasiado vaga, e como tal, demasiado dubitavel. O Sr. Dr. Hygino devia dizer-nos quaes foram esses Estados do continente europeu, aos quaes a Belgica e a Hollanda (nunca se esquece da *Hollanda!* . . .) *serviram de modelo* em materia de instituições municipaes. A coisa era difficil ; S. S. não quiz arriscar-se a ella ; e acho que fez bem.

A segunda proposição, que só se assignala pela singularidade, filha da má redacção, de seriar a

Inglaterra entre os Estados do continente, não é de todo exacta. Vel-o-hemos em seguida.

Quero porém desfazer logo um engano, em que labora o Sr. Dr. Hygino em relação á Prussia. Escute S. S. o que diz Heinrich von Treitschke, um dos homens mais notaveis da Allemanha contemporanea :

«Despertado pela forte vida communal de algumas cidades da Westphalia, e todavia sem perfeito conhecimento da *auto-administração* ingleza (*selbstverwaltung*), essencialmente dirigido por um instincto genial, Stein creou a constituição das cidades (*Staedtsordnung*) de 1808, que foi um feito absolutamente original, sem *modelo* na Europa moderna, e não obstante uma obra de politica conservadora, que se prendia ás antiquissimas tradições inesquecidas da nossa historia.

« A Allemanha, com a idéa do Estado nacional, salvou tambem para o continente o pensamento da *auto-administração*. A *constituição* ou *organisação* das cidades, de Stein, permaneceu através de duas gerações, como a parte mais bem segura da liberdade popular allemã. » (2)

Já se vê que o Sr. Dr. Hygino falou um pouco de *outiva*, quando se referiu a um *objecto especial* das preoccupações do legislador. Depois da reforma de Stein,

(2) *Historische und politische Aufsätze* - III, pag. 500.
Não se confunda o velho von Stein com Lorenz Stein.

durante duas gerações, o legislador prussiano não se reoccupou de tal questão. Apenas em 1848, na celebre assembléa nacional de Francfort, a autonomia dos *communes* figurou também entre os direitos fundamentais (*Grundrechte*), que deviam ser garantidos pela Constituição. E' o que nos diz R. Haym. (3)

Mas todos sabem, excepto talvez o Sr. Dr. Hy-ino, qual o destino e fim daquella assembléa.

Quando pois o honrado professor, do alto da sua autoridade, declara que. . . « desde a legislação denominada *Stein-Hardenberg* (1808) até as novas leis de 1872, 1875, 1883) os *esforços constantes* do legislador têm sido despertar e vivificar a propria actividade do povo, etc., etc., para deste modo chegar ao *Welfgovernment* » não enuncia um juizo livre de qualquer contestação.

Ouçamos a este respeito Juliano Schmidt, o celebre historiador litterario: « Depois do grande surto organisatorio de 1808, a nossa vida politica esbarrrou no *ocio afanoso* da pura rotina. Em lugar de uma administração dos circulos com verdadeira actividade o governo só teve em mira as interminaveis querellas das pequeninas *communes*. » (4)

(3) *Die deutsche Nationalversammlung* — II, pag. 253-255.

(4) *Geschichte der deutschen Literatur* — III, pag. 526.

E o já citado Treitschke também diz: « O appello para uma auto-administração legal, que já tinha de leve soado nos escriptos de Dahlmann, e mais accentuadamente nas obras de Tocqueville, tornou-se a *senha* de todos os partidos liberaes, depois que R. Gneist nos fez conhecer a verdadeira Inglaterra, nos fez conhecer a base do parlamentarismo. » (5)

Eis ahí. O Sr. Dr. Hygino, sem necessidade alguma, quiz *palanrear* sobre o *selfgovernment* na Prussia; e andou mal. Desde 1808 até 1857, data da primeira edição do *Verwaltungsrecht* de Gneist, não houve allí os *constant*es esforços de que fala o illustre doutor.

Mas tudo isso é pouco em relação ao que o leitor vai apreciar.

« Do dominio da politica, diz o Sr. Dr. José Hygino, passou a questão do *selfgovernment* para o da sciencia, e é na Allemanha, mais do que em qualquer outro paiz, que ella tem sido objecto de viva e luminosa controversia entre os publicistas. »

Este pedaço é característico. A pretendida passagem do dominio da politica para o da sciencia é uma inexactidão. Como diz o referido Treitschke, as obras de Savigny e Eichorn, as cartas e memorias de Stein, Gneisenau, Vinke, Niebuhr e outros já encerravam thesouros de sabedoria politica, que só á

(5) Obra citada, pag. 515.

actualidade foi dado apreciar. Já naquelles bellos dias brotavam as idéas fundamentaes da moderna liberdade popular germanica.

Deste modo pôde-se dizer que a verdade está na proposição contraria: do dominio da sciencia foi que a questão passou para o da politica; e passou definitivamente depois da obra de Gneist.

Quanto á *viva e luminosa* controversia entre os publicistas, de que fala o Sr. Dr. José Hygino, é simplesmente uma *phrase*, digna de riso. S. S. quiz apresentar-se ao publico legente como quem se acha completamente a par do movimento scientifico da Alemanha, quando é certo que o illustre doutor ignora quasi de todo a litteratura da sciencia que professa. Como pôde pois saber dessa *viva e luminosa* controversia, que aliás nunca existiu? Quem lhe disse isto? Foi o Oscar? Ora!... Sr. Dr. Hygino, S. S. é muito ingenuo, se não antes... (6)

(6) Muito *pomadista*. Zanga-se com o epitheto? Pois não tem razão. Costumamos responder de fóra do bosque no mesmo tom em que nos gritam de dentro d'elle. O Sr. Dr. Hygino, que está *perdido na matta*, grita-me lá de dentro: — *incompetente, protoignorante!* — e eu lhe respondo cá de fóra: — *pomadista, protopedante, medioeridade infatuada, cerebro estreito e acanhado*, que ainda vive a pensar no grave problema da distincção entre o *direito administrativo* e a *sciencia da administração*, o que não passa de uma *bobagem*; *sapientissimo desertor* da prova escripta de um concurso!...

Uma das provas de que S. S. desconhece totalmente a litteratura do direito administrativo, é que citou a *Politica* de Fræbel, certamente como um dos productos da *viva e luminosa* controversia que na Allemanha tem havido nestes ultimos tempos, quando é sabido que essa obra é velha (1847), e as idéas que contém já foram solemnemente desapprovedas pelo proprio autor no prologo de um dos seus trabalhos mais recentes. (7) O Sr. Dr. José Hygino acreditou seriamente que citava uma obra novissima!...

Prosigamos. Diz ainda o honrado doutor: «Qual o verdadeiro conceito do *selfgovernment*, qual a sua organização e o seu objecto, são os pontos sobre que versa alli o debate, originando-se diversas theorias, que desprezados os matizes, se reduzem a tres principaes.

Eis ahí: lá de dentro: *olô olô*; cá de fóra também: *olô olô*!... O Sr. Dr. Hygino, além do privilegio da ignorancia, de que já uma vez lhe falei, também quer reclamar para si o privilegio do insulto? Não é possível.

Era de esperar que S. S., depois da primeira fugida, sob pretexto de *insulto*, quando voltasse á imprensa, não se occupasse mais da miuha pessoa, nem directa, nem indirectamente. Mas deu-se o contrario. Os seus escriptos, depois do *arrufo*, têm vindo cheios de insultos.

Talvez o Sr. Dr. Hygino pense que, como insulta nas notas, não tem nada; se fosse no *texto*, sim; era outra cousa. Não duvido.

(7) *Gesichtspunkte und Aufgaben der Politik* — prol. — pag. VIII, 1878.

A denominada concepção social (*Gesellschaftliche Auffassung*) representada por Schaeffle e Gierke;

A de direito publico (*Staatsrechtliche Auffassung*), cujo fundador é L. Stein.

A de Gneist, quasi em completo antagonismo com as outras. »

Antes de tudo, pergunto logo ao Sr. Dr. Hygino: onde achou que o conceito do *selfgovernment*, sua organização e seu objecto, tem constituído materia de debate na Allemanha? Porque não citou a fonte em que bebeu esse conhecimento? Foi tambem no Oscar? Pois não ha tal. Em materia de politica, justiça se lhes faça, os allemães não deixam o terreno historico, não vivem a construir *à priori* o conceito, a organização e o objecto, nem do *selfgovernment*, nem do governo em geral. Se apparece um ou outro excentrico, que distóia do modo de vêr commum, seus desvarios não perturbam a harmonia do todo.

Aqui entretanto é preciso appellar para a memoria do leitor. Com effeito, elle ha de lembrar-se que o Sr. Dr. Hygino, no seu primeiro artigo de 19 do andante, mencionou sómente duas *theorias*: a de Gneist e a de Stein; a chamada *intuição social* brilhou pela ausencia. Passados porém alguns dias de reflexão, quando appareceu de novo, foi falando em *tres theorias*. Se lhe concedessem mais algum prazo, quando voltasse outra vez, era com *quatro*.

Mas vamos ao caso. O honrado Sr. Dr. Hygino, que estendeu-se tanto e tanto sobre a *concepção* de Stein, não quiz instruir os seus leitores a respeito da de Schaeffe, a respeito da chamada *intuição social*. Porque razão? . . . E' uma lacuna pouco desculpavel.

A *concepção* de Gneist, que no primeiro artigo do illustre doutor representava um *princípio politico*, já no artigo do dia 26 não se caracteriza por coisa alguma, senão por se achar em antagonismo com as duas outras. Effeitos da hesitação de um *dilettante* de terceira ordem!

O melhor porém é que o Sr. Dr. Hygino *trocou as bolas*. Para Gneist, é elle mesmo quem o diz, o *selfgovernment* é em primeira linha uma *questão financeira*, em segunda linha uma *questão de direito*: *in erster Linie Finanzfrage, in zweiter Linie Rechtsfrage.* (8)

Que me diz a isto o Sr. Dr. Hygino? Para que se fiou tanto no *echo* de Gluth? Ora!... Sr. doutor! . . .

Quanto a Stein, não é menos contestavel o tal *princípio de direito* que o illustre doutor diz ser caracteristico da sua *concepção* do *selfgovernment*. S. S. não conhece Stein, nem sabe qual o papel que elle representa na historia da sciencia allemã do vigente seculo. Stein appareceu pela primeira vez no mundo

(8) Bluntsehli's *Staatswoerterbuch* — vol. IV — pag. 440 — art. *Grossbritannien*.

científico em 1842 com a sua obra: *Der Socialismus und Communismus des heutigen Frankreichs*, a qual foi succedida em 1843 pelo livro de Karl Gruen: *Die sociale Bewegung in Frankreich und Belgien*, e quatro annos depois (1847) pelo *System der socialen Politik* de Julius Fröbel.

Todas estas obras trazem, mais ou menos, o *signal do tempo*, resentem-se mais ou menos da influencia do *socialismo*. Stein, ainda que fosse o menos systematico, o mais objectivo dos tres, não deixou todavia de pagar um grande tributo á idéa da sociedade considerada como organismo distincto do Estado, crescendo e desenvolvendo-se independente d'elle.

E justamente por isso foi que o Eduardo von Hartmann disse que até hoje sómente L. Stein havia estudado a sociedade como todo organico, abrangendo todas as fôrmas da vida cultural, fóra do Estado e da Igreja, isto é, como *organisação do trabalho*. (9)

Já se vê que, se a respeito de *self government* se pudesse seriamente falar de uma *intuição social* em contraste com uma *jurídica* e outra *política*, essa *intuição* seria a de Stein; sendo porém para notar que, como diz Leonhard Freund, em sua concepção da *sociedade*, elle mantem-se muito dentro dos limites do ponto

(9) *Philosophie des Unbewussten* — 6ª ed. — pag. 236.

de vista economico e bem raras vezes olha por cima dos muros. (10)

Não é trabalho que me pertença combater aqui a idéa de um organismo da sociedade autonómica, independente do Estado, e com ella a idéa de um chamado *direito social*. Mas, para auxiliar o leitor na comprehensão do assumpto, direi com Bluntschli que entre o *direito privado* e o *direito publico* não ha lugar para uma terceira categoria, *direito social*. Similhante desvario tem concorrido para perturbar e corromper a theoria do Estado. (11)

Ainda melhor direi com Julio Fröbel, aquelle mesmo que ao principio tambem padecera da vertigem da época: « A organização da *sociedade* só pôde ser executada por meio de leis por detrás das quaes deve existir um poder coactivo; leis só podem ser dadas pelo Estado e esse poder coactivo só por elle exercido. Não tem senso a objecção de que a *sociedade* pôde dar-se a si mesma as leis necessarias e exercer sobre os seus membros a precisa coacção, pois que uma *sociedade*, em taes condições, é justamente o que se chama um *Estado*; por conseguinte é impossivel uma *sociedade* ao lado do Estado, assim como tambem uma *sociedade* acima d'elle. » (12)

(10) *Thaten und Namen* — pag. 8.

(11) *Staatswoerterbuch* — IV pag. 248 e 249.

(12) *Gesichtspunkte* — pag. 72.

E' facil de ver como nesta critica está comprehendido o *selfgovernment* dos socialistas e um pouco tambem o *selfgovernment* de Stein.

Mas, a falar a verdade, eu nada tinha que ver com Lorenz Stein. Foi o Sr. Dr. Hygino, com a sua pedanteria, que me forçou a occupar-me tambem desse escriptor, do qual terei ainda de tratar nos seguintes artigos.

Sim, nos seguintes artigos. Escreverei ainda mais de um. O spectaculo está interessantissimo. O Sr. Dr. Hygino, com o seu Gluth, é um petisco saboroso; e tão *incompetente* se tem mostrado, sobretudo no escripto de hoje, que posso repetir-lhe as palavras de Frederico II, que já uma vez appliquei a um pretencioso da sua ordem, mas mesmo assim mil vezes superior ao illustre collega: « Si la Providence a pensé à moi, en faisant le monde, elle a créé cet *homme* pour mes menus plaisirs. »

Basta por ora. Quanto ao escripto de hoje, no qual o Dr. Hygino julgou explicar-se cabalmente, fez-me dar boas risadas que o publico depois repetirá. Para deixar o honrado doutor logo de antemão envergonhado, eu avanço ainda a seguinte observação:

O leitor ha de lembrar-se de que por duas vezes pedi ao Dr. Hygino me dissesse em que o titulo do opusculo Gluth era *bem significativo*, ao que elle nunca respondeu. Minha pergunta tinha um fim, mostrar

logo pela resposta do doutor que elle estava sendo victima de um engano, dando a uma palavra allemã um sentido que ella não tem.

O illustre lente encarregou-se de confirmar as minhas suspeitas no artigo de hoje. Nello vê-se com effeito que S. S. deu á palavra *Obrigkeitsamt* a significação de *cargo obrigatorio*. Julgon que *Obrigkeit* quer dizer : *obrigação*. Mas não ha tal. *Obrigkeit* significa : *poder publico, autoridade, magistratura* . . . S. S. pergunte a qualquer allemão culto, ou a qualquer outra pessoa que saiba a lingua allemã, escute o que lhe diz, envergonhe-se e vá se esconder.

26 de setembro de 1888.

V

Appareceu finalmente. Depois de cinco ou seis dias de *laborioso estudo*, isto é, de laborioso arranjo de *citações de citações*, veio o Sr. Dr. Hygino apresentar ao publico uma *prelecção* sobre o *selfgovernment*.

E' uma verdadeira affronta aos seus leitores. Não se tratava de *prelecções*; tratava-se simplesmente de indicar a obra de Gneist, em que se acha consagrada a doutrina da *obligatoriedade* e *gratuidade* dos cargos publicos. Como disse mesmo o Sr. Dr. Hygino, ao meu pedido *simples*, S. S. queria dar uma *simples* resposta.

Fugio, porém, do verdadeiro terreno; e veio *engazopar* os nescios com uma tirada immensa de palavras sem relação com o assumpto e muitas vezes até destituídas de senso!

Entretanto, como S. S. promete occupar-se de Gneist em outro artigo, espero que termine para responder-lhe ao todo. Provar-lhe-hei então que perdeu seu tempo e seu *latim*.

S. S., que se incommoda com qualquer epitheto menos suave, não duvidou, em uma de suas notas, qualificar-me de *protoignorante*. Mas eu não me zango com isso. Julga porventura o Sr. Dr. Hygino que a *ignorancia* é *privilegio* seu?

Veremos no fim quem a possui em maior escala. S. S. ainda diz que, por effeito da minha incompetencia, deixei de notar uma sua falta a respeito de Stein. O' meu Deus! E' muita pedanteria! E um pouco tambem de deslealdade. Em um dos meus artigos existe a seguinte phrase: *pondo por ora de parte o que diz respeito a Stein*, della se deprehende, pelo menos, que eu tambem julgava S. S. em erro sobre esse publicista.

Mas o meu fito principal era pegal-o em flagrante delicto de citação pedantesca e falsa de R. Gneist. Peguei-o e está pegado. S. S. não é capaz de indicar a obra que lhe pedi me indicasse; e esta era a questão, sómente esta.

Devo observar ao Sr. Dr. Hygino que ha incoherencia no seu proceder. Retira-se da discussão, por causa dos doestos de um *nevropatha* e vem depois dizer em nota que esse nevropatha é um *protoigno-rante*, sem attender que esta expressão é capaz de bolir com os *nervos da fêra*. Não o comprehendo.

Terminando, ainda lhe peço que me faculte a leitura do seu Oscar. Não seja assim tão falto de bondade. Os meus cinco volumes do *Gneist* estão ás suas ordens. Quanto aos outros autores que S. S. hoje citou de segunda e terceira mão, nem sabe o que lhe preparo: para findar logo a questão, eu terei de convidal-o a apresentar em publico, e em lugar convencionado, todos os autores por S. S. citados, assim como por minha vez apresentarei os que eu citar. Será uma coisa cruel, é verdade; mas não ha remedio. Só assim é que se vê logo a *pomada* derretida.

27 de setembro de 1888.

VI

Muito bom expediente !... O Sr. Dr. José Hygino sómente para *ganhar tempo*, em vez de vir hoje com alguma coisa de novo limitou-se a repetir o artigo de

hontem. Para que fim?... Se havia erros de imprensa bastaria uma *errata*; quanto porém ao fundo daquella pedantesca e desfructavel prelecção academica, pôde o honrado doutor repetil-a cincoenta vezes, bem poucos adivinharão o que S. S. quiz dizer.

E nada do diabo do Oscar!... Porque não me permite a sua leitura? Estou ancioso por mostrar que o Sr. Dr. Hygino nem o seu Oscar entenderem. Mas é justamente com este receio que o illustre doutor traz o pobre Oscar aferrolhado. Estou certo que não vel-o-hei; porém não deixarei de pedil-o.

28 de setembro de 1868.

VII

Peço ao Sr. Dr. José Hygino que se disponha para a dura provação, de que já lhe falei. O seu artigo do dia 26 sahio recheiado de citações de autores allemães que provavelmente S. S. nunca leu; a segunda parte que talvez ainda não saia amanhã, sob qualquer novo pretexto, deve vir igualmente adubada de autoridades tedesca. Tenho motivos de pôr em duvida muitas das suas citações, como lhe dou o direito de duvidar de

todas as minhas ; por conseguinte, o unico meio de solução é o que propuz.

Mandarei depositar no escriptorio do Dr. Altino de Araujo, á *rua do Duque de Caiyas* n. 50, todas as obras dos autores que eu tiver citado; e, em nome da sua dignidade de cavalheiro, espero que fará o mesmo; sem o que o publico terá o direito de julgal-o como merece.

Não lhe dou *quartel* ; peço-lhe que tambem não m'o dê; e nesta disposição de espirito, continuo a supplicar-lhe que me faculte a leitura do seu Oscar. Que medo é esse que o está prohibindo de praticar uma acção generosa ? Ah! ha coisa occulta !

Desvendemol-a.

29 de setembro de 1888.

VIII

Voltemos a Stein. O Sr. Dr. Hygino, no seu artigo de 26 do passado, deixou escripto o seguinte periodo :

« O traço principal da theoria de Stein não consiste em ter elle comprehendido no conceito do *self-government*, tanto as communas, circulos, provincias, que se formam pelas naturaes relações de visinhança dos cidadãos residentes em um territorio dado, e que

fazem parte integrante do Estado, quanto outras associações ou corporações que são reconhecidas pelo Estado para com elle cooperarem na consecução de alguns de seus fins. »

Mas se « o traço principal da theoria de Stein *não* consiste em ter elle comprehendido no conceito do *self-government*, tanto as communas, circulos e provincias, quanto outras associações ou corporações, que são reconhecidas pelo Estado, para com elle cooperarem na consecução de alguns de seus fins », em que é que consiste ?

Se não está nisto nem naquillo, deve estar em alguma coisa, que entretanto o Sr. Dr. José Hygino não quiz mostrar aos olhos myopes do publico.

Mas o illustre lente, quando se exprime por este modo, não pôr-se-ha em contradicção consigo mesmo, depois de ter escripto estas palavras ?

« Para Stein o *selfgovernment* (*Selbstverwaltung*) é um organismo que se manifesta por associações no meio da collectividade social, e que tem por objecto curar de interesses restrictos, isto é, de negocios locais, ou que particular e immediatamente affectam a certas associações organisadas, os quaes por isso lhes são peculiares. »

Os dois periodos citados parece que se neutralizam, e afinal não se sabe em que consiste o *selfgovernment* para L. Stein.

Ha no artigo do Sr. Dr. José Hygino um ponto apreciavel : é aquelle em que o illustre lente confessa que « na questão á Faculdade assignalou a doutrina de Stein de um modo *muito restricto*. »

Com effeito, é bonito ser sincero, collocar-se acima do amor proprio e da vaidade para confessar a *falta*, a *falta real*, na expressão de S. S.

Onde, porém, faltou a coragem para uma *auto-dissecção*, foi naquelle topico, em que assevera que falou em *autonomia da administração local*, em vez de *autonomia dos corpos administrativos*, « de proposito para restringir o campo que os concurrentes teriam de percorrer, no limitado tempo da prova escripta. »

Esta declaração é um achado precioso. Com effeito : o Sr. Dr. Hygino confessa ter mutilado a theoria de Stein, por causa do pouco tempo (4 horas), que os candidatos tinham para desenvolvê-la ; de modo que, se em vez de 4, os Estatutos da Faculdade marcassem 2 horas para prova escripta, o illustre doutor teria ainda recortado a sua these e offerecido aos concurrentes apenas um fragmento de fragmento da doutrina de Stein.

Não é isto sómente. Eu quero ser generoso acreditando que o Sr. Dr. Hygino, assim como por effeito de má redacção collocou a Inglaterra entre os Estados do continente europeu, assim tambem, pelo mesmo motivo, pareceu dar á theoria de Stein uma feição que ella não tem.

O que S. S. quiz dizer, foi que para o professor de Viena o *selfgovernment* se accentúa, menos pelo que diz respeito ás communas, círculos, provincias, do que pelo que interessa a outras associações ou corporações, etc.

Porém sendo assim, e tendo S. S. na sua these mencionado sómente a *autonomia da administração local*, conceito este que todo mundo comprehende no sentido de *administração das communas, círculos, provincias*, o resultado é que o Sr. Dr. Hygino assignalou a theoria de Stein por aquillo que menos a caracteriza, a sua propria opinião; o que não deixa de merecer muita censura.

Entretanto convém observar que essa doutrina de *na auto-administração (Selbstverwaltung)* de associações reconhecidas pelo Estado, que com elle cooperam para algum fim, é pouco mais ou menos a mesma doutrina de Brater, com a qual Schaeffle, aquelle mesmo Schaeffle da chamada *intuição social*, está de accordo, como o declarou em um de seus escriptos. (1)

O que porém fica acima de qualquer duvida, é que o Sr. Dr. Hygino, através mesmo do *vidro* de Gluth, não comprehendeu a theoria de Stein; e se este autor já se distingue por uma grande obscuridade, o

(1) *Staatswoerterbuch*— IV — pag. 128 e VI — pag. 238.

Sr. Dr. Hygino veio tornar a noite ainda mais tenebrosa.

Não se admire de ouvir-me qualificar de obscuro o professor de Vienna. Permitta que aqui transcreva o que disse a respeito d'elle Daniel Spitzer, um dos espiritos mais lúcidos da Austria contemporanea, por occasião de apresentar-se o professor como candidato a um lugar do parlamento :

« O sabio economista possui o dom de tornar incompreensíveis as coisas mais simples e sabe sempre dar ao mais claro conceito uma nova definição, por meio da qual elle se converte de repente em um *enigma da esphinge*. Como o Sr. Cavalheiro von Stein comprehende a maioria das coisas por um modo inteiramente diverso do que até hoje se tem comprehendido, não é para admirar, nem que elle se fizesse recommendar como candidato *democrata*, nem que se tenha apresentado aos seus eleitores como *grande Industrial*.

« Nós não sabemos o que elle comprehende por industria, ainda que estejamos completamente convencidos que elle de industria nada entende. Por mais intragáveis que sejam os livros do Sr. professor, a sua elocução é todavia interessante.

« Quando mergulhado em si mesmo elle expõe as mais phantasticas idéas economicas, é como se quizesse narrar o que na noite passada lhe appareceu em

inho. Suas opiniões sôam muitas vezes tão bizarras
e se crê ouvir Hamlet discutindo com Polonio sobre
economia politica. » (2)

Já se vê que, além de L. Stein e sua theoria não
fizerem propriamente parte da questão, haveria pouco
proveito a tirar da apreciação detalhada das idéas de
o autor, que tem por habito *enigmatizar* os assum-
tos mais claros e triviaes do mundo.

Passemos pois a Gneist sobre o qual, e sómente
sobre elle, é que o Sr. Dr. Hygino devia ter concen-
trado todos os seus estudos e observações, para dar
satisfactoria resposta ao pedido que lhe fiz.

Começo por indicar ao leitor o *proton pseudos*, o
o capital, donde provém todos os disparates de
e o illustre doutor se tem feito culpado em seus es-
criptos.

(2) *Wiener Sparziergänge* — Dritte Sammlung — pag. 117.
uma vez em assumpto serio aproveitei-me das primeiras
lavras deste pedaço; hoje porém, em materia menos grave,
proveito-me das ultimas. Realmente o Sr. Dr. José Hygino,
quando ás vezes vemol-o atravessar as ruas, de cabeça baixa,
como que immerso em reflexões profundas, solitario no meio da
multidão, dir-se-hia tambem uma especie de Hamlet, discutindo
em Polonio sobre a *Hollanda, a dominação hollandeza em Per-
ambuco, o Instituto Archeologico e os ossos de João Fernandes
c.*, etc. Com toda a sua *gravidade*, e até mesmo por causa della,
S. não deixa de ser um typo bem comico.

Eil-o: S. S. fórma do *selfgovernment* um conceito especulativo, *apriorístico*, ao passo que eu formo delle sómente um conceito *histórico*.

Mas nada importaria que S. S. pensasse uma coisa e eu outra. O erro podia estar, quer de um, quer de outro lado. O que achei digno de reparo, o que me demoveu a pedir-lhe explicações, foi ver que o Sr. Dr. José Hygino, na sua these, tambem attribuiu a Gneist um conceito *philosophico, abstracto*, do *selfgovernment*, imputando-lhe uma doutrina, segundo a qual a obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos publicos* são da essencia do mesmo *selfgovernment*.

Ahi está pois o ponto da nossa divergencia. O Sr. Dr. José Hygino, confundindo aquelles dois conceitos, sem fazer a precisa distincção entre a *Selbstverwaltung* de outros publicistas allemães e o *selfgovernment* de Gneist, chegando mesmo a traduzir aquella por meio desta, a palayra allemã pela palayra ingleza, commetteu o erro imperdoavel de attribuir a um historiador uma *theoria*, a respeito de uma questão de facto, isto é, a respeito de um instituto politico de que a historia dá pleno testemunho e sobre o qual não ha doutrina a formular, nem theorias a construir.

Com effeito: dizer que o *selfgovernment* ou a *auto-administração* ingleza é isto ou aquillo, segundo a doutrina de Gneist, é o mesmo que dizer, por exemplo, que os hollandezes estiveram em Pernambuco, segundo a

doutrina do Sr. Dr. José Hygino. É possível que o publicista, nesta ou naquella parte, tenha exagerado as virtudes do *selfgovernment* e que justamente sobre taes virtudes tenha formado uma opinião propria; mas afirmar que a obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos publicos* são da essencia daquelle instituto, o que constitue materia de facto e é simples objecto de observação, o publicista não pôde fazel-o em seu proprio nome, ou em nome de uma theoria.

O Sr. Dr. Hygino parece que teve de tudo isto um longinquo presentimento, quando no seu primeiro escripto de 19 de setembro disse que, «segundo Gneist, o *selfgovernment* inglez é o verdadeiro typo de *selfgovernment*». No fundo destas palavras ha uma certa dose de verdade; mas as palavras em si mesmas envolvem um disparate. O pleonasmo *selfgovernment* inglez põe bem a descoberto a confusão em que se acha o Sr. Dr. Hygino. (3)

De diversos topicos dos artigos do honrado doutor deprehende-se claramente que para elle *selfgovernment* e *Selbstverwaltung* são uma e a mesma coisa; razão

(3) Realmente, dizer que o *selfgovernment* inglez é o verdadeiro typo de *selfgovernment* é pouco mais ou menos o mesmo que afirmar que o *vinho do Porto portuguez* é o verdadeiro typo do vinho do Porto. Ou que a *Lager Bier* allemã é o verdadeiro typo de *Lager Bier*, ou tambem que o verdadeiro Dr. José Hygino é o Duarte Pereira, que andou na Hollanda.

porque, não achando talvez na lingua portugueza uma expressão adequada, tomou o expediente de traduzir o termo allemão pelo inglez.

Porém assim procedendo o Sr. Dr. Hygino andou muitissimo mal; e, sómente com essa identificação do sentido das duas palavras, revelou que pouco tem lido, que não conhece Gneist; porquanto para este autor os dois conceitos são distinctos. Elle o diz terminantemente:

« O *selfgovernment* é diverso da *autonomia* e da *Selbstverwaltung*, como ella se formou no continente para provincias, cidades e pequenas communas. Elle abre á vontade local e individual um espaço muito menor, mas garante em compensação direitos politicos mais fortes pela reunião de associações communaes, igualmente organisadas, formando uma totalidade no parlamento. » (4)

Nada mais claro e decisivo contra a confusão do Sr. Dr. Hygino. Ainda mais: as linhas citadas, que não são as unicas, mas encontram innumêras outras analogas nas obras de Gneist, deixam ver perfeitamente que o autor allemão, quando fala em *selfgovernment*, só pensa no *historico*, no *concreto*, naquelle que nasceu e desenvolveu-se na Inglaterra. Por conseguinte é um dislate inqualificavel imputar a esse publicista uma

(4) *Das englische Verwaltungsrecht*—1—pag. 622.

doutrina a tal respeito, isto é, uma *theoria abstracta*, uma especie de receita universal para todos os paizes, que precisam de *auto-administração*.

Mas deixemos o Sr. Dr. Hygino mesmo expôr, como elle entende, a *doctrina* de Gneist. Depois de dizer que passa a se occupar do juizo que o publicista berlinense forma do *Selfgovernment*, como explica o seu character, o seu desenvolvimento, etc., etc., continúa o nobre doutor pelas seguintes palavras :

« Ficará assim desde logo verificado se são ou não da essencia do *selfgovernment* inglez a gratuidade e obrigatoriedade dos *seus* cargos publicos, a juizo de Gneist » — etc., etc.

Basta, basta !... O leitor aprecie a *subtileza*, com que o Sr. Dr. Hygino, cabindo em si, e aceitando a minha lição, quer todavia teimar em fazer crer que não errou !... Já não vem dizendo serem da essencia do *selfgovernment* a gratuidade e obrigatoriedade dos *cargos publicos* (em geral!), como se acha na these criticada, mas dos *seus* cargos publicos, isto é, dos cargos do *selfgovernment*, o que muda inteiramente a face da questão.

Já não traz a expressão *selfgovernment* desacompanhada de qualquer determinativo, significando a idéa abstracta de *auto-administração* em geral, mas seguida do epitheto ornante *inglez*, o qual, posto que em rigor envolva um pleonasmio, não o envolve para o

Sr. Dr. Hygino, que por vezes tem empregado a palavra *selfgovernment* como traducção de *Selbstverwaltung*.

Uma *insidia*, ou uma inepecia?... Acredite o illustre doutor que com a minha *habitual leviandade*, não commetteria jámais um acto de tal ordem.

Se a these de S. S. fosse hoje apresentada com as modificações que á sorrelfa acaba de fazer-lhe, reduzir-se-hia a estes termos :

« Que é da essencia do *Selfgovernment* inglez, a gratuidade e obrigatoriedade dos *seus* cargos publicos, segundo a doutrina de Gneist, ou a autonomia da administração local, segundo a doutrina de L. Stein? »

Mas, Sr. Dr. Hygino, isto seria horrivel. Seria uma verdadeira *pachecada* scientifica!... Onde foi que Stein disse que a *autonomia da administração local* é da essencia do *Selfgovernment* inglez?... A these ficaria hedionda. (5)

(5) Não ha duvida : o Sr. Dr. Hygino está soffrendo de alguma perturbação mental ; sem o que não se explica tamanha insistencia no erro, e por um modo de dia em dia mais compromettedor.

O leitor permitta-me aqui uma ligeira observação. Depois da guerra franco-allema de 1870, os francezes, inspirados pelo odio votado ao grande chanceller do imperio, derivaram do nome de Bismarck dois novos verbos que incorporaram á sua lingua. Foram elles : *bismarcker* e *bismarckiser* ; o primeiro com a significação de *enganar* e o segundo com a de *governar á maneira de Bismarck*.

Basta por hoje. Quero batel-o de ora avante aos poucoelinhos.

Mas devo declarar-lhe que não retomarei o fio do presente escripto, sem que S. S. mande depositar no lugar que já lhe indiquei, ou em qualquer outro que mais lhe agrade, os livros por S. S. citados.

São estes : Oscar Gluth → *Die Lehre der Selbstverwaltung* ; L. Stein — *Verwaltungslehre* ; H. Roesler — *Das sociale Verwaltungsrecht* ; Frœbel — *Theorie der Politik* ; assim como tambem Gneist — *Das englische Verwaltungsrecht*. Por minha vez, mandarei logo amanhã (2 de outubro) levar ao lugar indicado os livros que eu citei ; e esperarei pela sua reciprocidade até o dia 5 ; depois do que, se S. S. não se mover, ha de permittir que me ria de desdem da sua fraqueza.

Outrosim : o honrado Sr. Dr. Hygino não se esqueça de apontar-me o *dicionario allemão*, no qual achou que a palavra *Obrigkeit* — quer dizer : — *obrigação* ; e *Obrigkeitsamt* — *cargo obrigatorio*.

1 de outubro de 1888.

A coisa não deixa de ter sua graça e é digna de imitação. Destarte tambem eu, sem aliás ser levado por odio, tomo a liberdade de augmentar a lingua portugueza de dois novos verbos, que são: *hyginar* e *hyginisar* ; aquelle com a significação de *ser fatuo e pretencioso como o Dr. José Hygino*, e o segundo significando — *dizer tolices*, como elle.

O nobre doutor não se irrite ; nem sirva isto de motivo para me não mandar o seu Oscar.

IX

As linhas que hoje publico não violam a abstenção que me impuz até o dia 5; pelo contrario, contribuem para motival-a e tornal-a bem comprehensivel. Eis o caso: só hontem á noite é que tive conhecimento da *interessante sahada* que o Sr. Dr. Hygino dera, por intermedio da redacção da *Provincia*, do seu modo erroneo de traduzir a palavra *Obrigkeit*: e não pude resistir á tentação de aprecial-a em publico, mesmo por que fico dispensado de tratar de uma coisa tão ridicula em um artigo sério.

Realmente é para fazer rir o inconsciente arrojo, com que o honrado doutor declara que deu ao adjectivo *obrigkeitlich* o sentido de *obrigado*, ou *obligatorio* — *por equivoco*. Porquanto não ha leitor imparcial, que deixe de comprehender que a expressão *por equivoco* não pôde significar outra coisa, senão — *por erro*; e foi isto ao certo o que eu quiz tornar patente.

Equivoco em traducção, é erro tanto mais censuravel, quanto elle concorria para reforçar a these do Sr. Dr. Hygino. Além disto é digno de nota que o illustre doutor tivesse cahido quatro vezes no mesmo *equivoco*, traduzindo a expressão — *obligkeitlichen Aemter* por *cargos obligatorios*; a expressão — *obligkeitlichen Beamten* por *funcionarios obligados*; ainda

— *obligkeitlichen Amts* por *cargo obrigatorio*, e finalmente escrevendo a nota final do seu artigo, na qual se exprime do seguinte modo :

« O titulo deste livro de Gneist (*Selbstverwaltung des obligkeitlichen Amts durch Ehrenbeamte*) significa : *Selfgovernment* dos cargos *obrigatorios* por funcionarios *honorificos*. Só este titulo equivale a uma formula. Apesar de haver eu chamado a attenção para elle, não fui *entendido*. »

E' crível que tambem por *equivoco* julgasse que aquelle titulo, por si só, equivalia a uma formula? E ainda foi por *equivoco*, que tomando attitude magistral e falando de alto para baixo, disse que não foi *entendido*?... Nem podia sal-o, desde que S. S. estava *equivocado*, como veio declarar-o, mas só depois de eu lhe haver mostrado o erro.

Foi uma verdadeira desculpa de criança. O Sr. Dr. Hygino não soube traduzir as palavras allemães. Porém, sendo assim, e podendo succeder que S. S. tambem se *equivoque* nos longos pedaços que vai traduzindo do Gluth e do Gneist, cabe-me todo o direito de pedir-lhe que apresente esses livros e mais os outros citados, em cuja traducção é possivel que tenha havido igualmente alguns *equivocos*. Nada portanto mais razoavel do que ainda uma vez repetir-lhe : vamos, vamos ; apresente os livros.

4 de outubro de 1888.

X

Como havia declarado ao publico, esperei até hontem pelo procedimento do Sr. Dr. José Hygino, isto é, pela remessa dos livros que elle citara, para o lugar que lhe foi indicado, mas afim de evitar *pretextos* e desculpas, só hoje é que mandei retirar os meus, só hoje é que fiquei convencido que o illustre doutor não se sujeitava á prova, para a qual eu o convidara.

Está pois tirada a limpo, não direi a falsidade de muitas citações do Dr. Hygino, mas ao certo a desconfiança que elle mesmo tem da verdade dellas e que o faz recuar de qualquer confronto em publico.

Quando digo que não o inculpo de *falsidade*, entendam-me bem, não é por que julgue o Dr. José Hygino puro, santo, immaculado, incapaz de qualquer bandalheira; não, senhores!... A razão é diversa. Para *citar em falso*, é preciso ter consciencia de haver achado nos livros uma coisa e entretanto dizer outra.

Mas o meu contendor não tem tal consciencia. A respeito de autores allemães, elle vive n'um certo *lusco e fusco*, não do romper do dia, mas do principio da noite, em que *todos os gatos são pardos*, isto é, em que todas as palayras allemães lhe parecem significar *obrigatoriedade e gratuidade*.

Eis a razão, porque não quiz apresentar os livros; receiou que se lhe apresentasse algum erro de traducção, alguma interpretação menos exacta das idéas dos autores citados, que se reduzem a Gneist e Gluth visto como a citação dos outros não passou de uma *pinçada*, sendo que aquelles dois mesmos ainda ficaram reduzidos a um só: o malfadado Oscar, cuja leitura não houve supplicas, nem lagrimas, que fizessem o Sr. Hygino conceder-me.

O publico espere mais um dia e ha de ver de que tamanho é a ignorancia do tal doutor.

7 de outubro de 1888

XI

Antes de proseguir na questão com que fechei o artigo antecedente, seja-me licito ainda uma vez avivar as côres do quadro e fortalecer no espirito do leitor a convicção da toleima, quasi *idiotia* do Dr. Hygino.

Na verdade o caso é para ser referido e devidamente apreciado daqui a mais uns annos. Vejam bem: o Dr. José Hygino, sendo interpellado em publico sobre uma these, dada por elle para o ultimo concurso, vem á imprensa defender-se; porém se lhe mostrando que a sua defesa não adiantou idéa, elle *zanga-se* com

esta franqueza, declarando não querer mais discussão com o interpellante que é um *doente*; compromettendo-se porém a vir, por si só, elucidar a materia e sustentar a validade de sua these.

El com effeito, depois de alguns dias, apparece escrevendo uma serie de artigos, no intuito de provar que a obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos publicos* são da essencia do *selfgovernment*, conforme a *doutrina* de R. Gneist, que foi o objecto precipuo da divergencia entre nós.

Mas logo no segundo artigo faz uma modificação radical no pensamento primitivo e, em vez de *cargos publicos* em geral, já vem falando dos *seus* cargos publicos, isto é, dos cargos do *selfgovernment*, o que denota da parte do Dr. Hygino um tal ou qual reconhecimento do seu erro.

Tudo isto já foi apontado, e eu não canço de apontar, para que o leitor nunca se esqueça dos *verdadeiros dados da questão*. Porém o melhor não é isto; o mais interessante é o seguinte:

O Dr. Hygino, que só se dirige ao nosso publico, pois não quer *negocios* commigo, cita-lhe constantemente Gneist e Gluth, indicando o livro e o numero da pagina onde se acham as palavras citadas. Mas note-se bem: da obra de Gneist, a que elle se reporta e da qual diz possuir a terceira, eu possuo a segunda edição, que é muito differente no arranjo e

disposição das materias. Assim tambem o livro de Gluth, que só elle tem, me é desconhecido, e, quero dizer que com maioria de razão, desconhecido aos demais leitores.

Por este motivo pedi ao Dr. Hygino que depositasse em lugar convencionado as obras que elle citara, como eu tambem depositaria as mencionadas por mim, para um confronto, para um exame da veracidade das citações; e por mais de uma vez lhe supplicei que me facultasse por horas a leitura do seu Oscar.

Mas elle a nada se moveu; não deu a minima resposta; continuando porém a citar Gneist e Gluth, com indicação da pagina *tanto* e da pagina *quanto*, etc.

Pergunto eu agora: para quem citava, a quem indicava o numero desta ou daquella pagina?... A mim?... Não, por certo. S. S. não queria discussões com um *neuropatha*. Devia portanto a indicação dirigir-se aos outros leitores. Mas além de tratar-se de obras escriptas em allemão, que é lingua cultivada por muy poucos entre nós, tratava-se tambem de autores, que existem unicamente no *estante* do Dr. Hygino. Para que pois citar e indicar paginas?

Se S. S. se baseasse, por exemplo, em autores francezes, que facilmente se encontram na bibliotheca dos bachareis e doutores, para serem consultados, compreendendo-se que podesse apontar a fonte de suas idéas; mas apoiando-se em obras allemães, e, além disto, nas

condições especiaes que acabo de mencionar, cujo contendo o geral dos leitores apenas conhece pelo que diz o proprio Dr. José Hygino, citar e indicar pagina em tal caso, prova sómente uma coisa: é que o Dr. Hygino não passa de um *bôbo* serio e carrancudo.

Nem se me objecte que tambem tenho feito citações e indicações semelhantes. Commigo a coisa é diversa, porque cito e indico paginas, provocando o Dr. Hygino para me vir contestar. As minhas citações só se dirigem a elle; não assim as delle que só são feitas para o publico; um publico que não sabe o allemão, e quando saiba, por certo não tem as obras citadas. Realmente é muito *desfructavel* este Sr. Dr. José Hygino!...

Voltemos ao ponto em que tinhamos ficado.

A these do mediocre professor tem tres *posições*.

A primeira, que foi a que provocou a minha critica, é a de *gratuidade e obrigatoriedade dos cargos publicos*, como coisas essenciaes ao *selfgovernment*. Aqui o erro é tão hediondo que o proprio Dr. Hygino teve medo delle, fazendo-lhe, ainda que tarde, a modificação de que temos falado.

A segunda posição, que considerada em si mesma não é erronea, não pôde todavia ser admittida se não *cum grano salis*. Com effeito, a *gratuidade e obrigatoriedade*, já não dos *cargos publicos* em geral, porém restrictamente dos *cargos attinentes ao selfgovernment*,

ão é assumpto que se possa dar como verdade li-
quida e indisputavel, guardada no fundo das obras
de Gneist.

Já notei a singularidade de não se encontrar nas
diversas exposições ou *desdobramentos* que o publicista
faz do conceito do *selfgovernment*, nem uma só vez cla-
ramente expressa a idéa da falta de paga, da ausen-
cia de dinheiro remunerativo dos serviços prestados
(*unentgeltlich*).

A expressão *Ehrenamt*, de que elle usa, não envolve
por si só a idéa de *gratuidade*; e tanto que adiciona-lhe
tambem, como tive occasião de mostrar, o adjectivo *un-
besoldetes*, que significa não *assalariado, gratuito*; o que
está de accordo com a propria natureza daquella pala-
vra, segundo ensinam os lexicographos.

Daniel Sanders, por exemplo, que é o Littré da
Alemanha, quando se occupa do vocabulo *Ehrenamt*,
diz: *ehrenvolle, meist ohne Besoldung*, «cargo honori-
fico, ás mais das vezes sem salario.» Eis ahí: *às mais
das vezes*, e não *sempre*. E' pois evidente que das mui-
tas e repetidas explanações do *selfgovernment*, que se
acham espalhadas nos livros de Gneist, não se pôde
deduzir com toda segurança a *gratuidade* dos respecti-
vos cargos:

E certamente foi alludindo a esse desperdicio de
palavras, sem uma accentuação determinada, desper-
dicio por elle qualificado de *micrologismo pragmatico*,

que Leonhard Freund disse haver Gneist idealizado alguma coisa a virtude do *selfgovernment*, que aliás elle não tinha *sufficientemente definido, nicht genügend definirt*. (1)

Devo aqui confessar de minha parte um pouco de malignidade. Eu que não só conheço Gneist, mas também uma porção da *litteratura, que elle tem produzido* (entende isto o Dr. Hygino?) tinha como certo collocar o acanhado lente de direito administrativo na maior das dificuldades, fazendo-lhe o pedido que lhe fiz, e não sómente quanto á *gratuidade* dos cargos publicos em geral, porque isto era um absurdo, que devia cahir logo ao primeiro sopro, porém, até mesmo, se eu quizesse, quanto aos cargos constitutivos do *selfgovernment*, á vista do *indefinido e indeterminado* das idéas do publicista berlinense a similhaute respeito.

O Dr. Hygino mostrou-se ainda mais atropellado do que eu o quizera vêr. Não atinando logo com o erro da sua these, pretendeu justificar-a, dando *por paus e por pedras*, figurando, ora duas, ora tres concepções do *selfgovernment*, uma das quaes attribuiu a Gneist, como se este autor pertencesse á classe dos *architectos de theorias abstractas*.

(1) *Thaten und Namen* — pag. 10. Se duvida declare, para eu mostrar o livro.

Mas tambem pouco a pouco o nosso homem vai abandonando o terreno, em que primeiro se collocara, como uma nova posição, querendo insinuar, ainda de um modo inepto, que essa sempre fôra a sua maneira de ver. Chegado a este ponto, não havia mais duvida, estava lavrada a sentença de morte do pedante doutor. (2)

Ha na grande obra de Gneist um paragrapho intitulado — *Das Wesen des historischen Selfgovernment: essencia do selfgovernment historico*. O paragrapho abraça as paginas 879—887. Nada mais decisivo: se para o autor allemão, a gravidade e obrigatoriedade dos cargos, que o constituem, são da essencia do *selfgovernment*, era nessas paginas, e sómente nellas, que elle devia tel-o estabelecido.

Porém eu desafio o Dr. Hygino para que venha fazer essa descoberta, o livro está as suas ordens. (3)

(2) Alguns leitores talvez já tenham notado a impropriedade, com que applico ao Dr. Hygino o epifheto *pedantesco*, visto como o pedantismo em geral não é incompativel com a sciencia.

E' bom que nos expliquemos. Ha um pedantismo *simplex*, e um pedantismo *duplo*. Aquelle pode encontrar-se até no sabio, que sem proposito ostenta a sua sciencia; este, porém, só se encontra no ignorante, que não só arrota uma sciencia inopportuna, como tambem uma sciencia que elle não tem. E' o caso do Dr. José Hygino.

(3) Aceite a offerta, doutor: não seja covarde.

Não é só isso. Em uma das muitas figuras conceituaes do *selfgovernment* apresentadas por Gneist lê-se tambem a seguinte :

« O *selfgovernment* abrange aquellas questões, que dependem de relações concretas, individuaes, locaes, e não podem ser completamente resolvidas por medida alguma legal.

« O uso da lingua ingleza, já na idade media, designava isto como *question of fact*. No *selfgovernment* da justiça é a *question of fact*, que serve de base á sentença civil e penal, como *premissa menor*. No *selfgovernment* da justiça criminal summaria e da policia, é a *question of fact* o elemento arbitrario que é manejado por órgãos communaes, independentemente do funcionalismo official.

« No *selfgovernment* da milicia interna, é a *question of fact* o elemento arbitrario, da obrigação militar, que se toma em consideração, ainda fóra da influencia do mesmo funcionalismo. No *selfgovernment* da administração financeira, são ainda os elementos arbitrarios dos impostos directos do Estado e toda a estimação e percepção dos tributos dos círculos e communas, que autonomicamente competem ás associações communaes.

« Dentro destes limites ficou firme o *selfgovernment*. Grandes dominios da vida do Estado foram excluidos por sua natureza da possibilidade de um *local*

government; taes são a administração dos *negocios estrangeiros*, a da *marinha*, do *commercio* e a maior parte da administração das *finanças*. » (4)

Como está patente, não se lê em todo este pedaço, *nem nas linhas, nem entre as linhas*, coisa alguma que se pareça com obrigatoriedade e gratuidade de cargos.

Entretanto, não esqueçamos o Dr. Hygino e o seu longo artigo de 29 de setembro. Depois de muito escrever e nada dizer sobre a questão, formando um amalagama inintelligivel de fragmentos de Gneist e Gluth, se não antes de Gluth sómente, elle incha as bochechas e pergunta com certo ar de triumpho: « A' vista desta exposição, qual é o conceito que forma Gneist do *selfgovernment* historico da Inglaterra? »

Olé!... Temos novidade!... Se o Dr. Hygino não fosse tão *tôlo*, en diria que elle era muito *sabido*. Já vem falando em *selfgovernment* historico, do qual não cogitou a sua these e, ainda mais, de *selfgovernment* historico na Inglaterra, o que além de ser um pleonasmo estúpido, nada tem que vêr com a mesma these, onde se fala das *doutrinas* de Gneist e Lorenz Stein, acompanhadas depois das de Schaeffe e Geich; todas abstractas, theoreticas, especulativas!...

(4) *Verwaltung, Justiz und Rechtsweg*, pag. 95.

Já se vê que S. S. quiz *emendar a mão* e collocar-se no verdadeiro terreno, mas infelizmente um pouco tarde. (5)

10 de outubro.

XII

Reassumo hoje o fio do trabalho que me impuz de acompanhar erro por erro os ultimos artigos do Dr. José Hygino, publicados na *Provincia*.

Começo, porém, ainda uma vez proclamando que esse fraco espirito não aceitou o repto que lhe fizera,

(5) Peço á nobre redacção do *Jornal* que, quando por qualquer motivo tenha de adiar a publicação de artigos meus, não faça declaração alguma. Eu, como autor, não exigo explicações, e o publico imparcial não dá importancia a mais ou menos dias de demora. Quanto, porém, ao meu contendor, pouco importa declarar a causa da não publicação. No dia que elle quizer dizer que qualquer demora de minha parte foi effeito de atropello e difficuldade de responder, pois que estou são como um *pecego*, estou *dando e vendendo saude*, dil-o-ha impunemente e os seus adula-dores aereitarão e farão echo; posto que na sua *fugida* de 21 de setembro tenha dito que não queria affrontar as petulancias produzidas pelo meu *estado morbido*.

Aproveito a occasião para dar ao Dr. Hygino uma agradável noticia.

Conheço uma pessoa que pretende publicar n'uma pequena brochura, em ordem chronologica, os meus e os seus artigos para que os leitores possam melhor ler-nos e julgar-nos.

Não acha boa a idéa? Eu acho-a magnifica.

para apresentar as obras dos autores allemães, por
le citados, como eu apresentei as dos que eu citára,
mandando-as depositar no escriptorio do Dr. Altino
e Araujo, á rua do *Duque de Caxias*, n. 50. Recuou
ergonhosamente !...

Como o leitor ha de lembrar-se, prometti voltar
barbaro, na hypothese do silencio e immobildade,
ouero dizer, na hypothese da miseria intellectual do
Dr. Hygino, que é justamente a hypothese realisada.
Direi barbaro de certo ; mas não sel-o-hei agora. Re-
servo para o epilogo do meu trabalho a cruel fustiga-
ção da covardia desse doutor.

Tratemos pois primeiro da questão e sómente
della.

As pessoas que quizerem formar um juizo impar-
cial sobre a presente polemica, devem considerar a
mim e o Dr. Hygino como duas quantidades abstra-
tas — A e B — sem attender a relações e sympathias
essas, só tendo de apreciar os argumentos que de
uma e outra parte têm sido e forem sendo apresentados.

Peço portanto a essas pessoas que nunca percam
de vista os preliminares da questão ; que leiam e re-
leiam os meus dous primeiros artigos, bem como os
dous primeiros do Dr. José Hygino, quando tiverem
de julgar e decidir de que lado está a razão.

Só assim ser-lhes-ha possivel comprehender, já
não direi a habilidade, mas o desazo com que esse

doutor, quando voltou á imprensa, foi pouco a pouco se afastando do terreno primitivo, de modo que cada artigo posterior produz em geral a impressão de uma *corrigenda* do artigo antecedente.

Só assim ser-lhes-ha possível convencerem-se de que o meu contendor, quando já no meio do caminho, conheceu o erro em que estava ; mas não quiz *dar o braço a torcer*, e começou então a *equivocar-se*, a cair em contradicções, a *hyginisar*, a dizer tolices.

Uma prova disto é a modificação, a que já me referi em escripto anterior, feita pelo Dr. Hygino nos termos da sua *these*, quando diz querer deixar verificado que é da essencia do *selfgovernment* *inglês* a gratuidade e obrigatoriedade dos *seus* cargos publicos ; modificação tão radical que julgo necessario insistir sobre ella.

Com effeito : qualquer espirito recto, que haja acompanhado as phases da questão, deve ter-se indignado com essa *revira-volta* do pedantesco doutor. A *these* criticada não se referia exclusivamente nem ao *selfgovernment* na Inglaterra, nem aos cargos que o constituem ; falava pelo contrario de *selfgovernment* em *abstracto*, não como facto historico, porém como conceito theorético ; falava de *cargos publicos* em geral, e não simplesmente dos cargos attinentes a esse mesmo *selfgovernment*.

E tanto assim é que o Dr. Hygino, na sua primeira resposta, de 19 de setembro, menciona dous systemas,

de Gneist e o de Stein, dizendo com todo sério que para aquelle autor os característicos do *selfgovernment* são: 1.º a nomeação por parte da corôa dos funcionarios publicos, *que é o que se observa na Inglaterra*, quanto aos juizes de paz, *sheriffs*, *lords-justices*, etc; 2.º que os nomeados sejam cidadãos residentes nas circumscripções administrativas, etc.; 3.º que as funções publicas sejam obrigatorias e gratuitas, *Amtspflicht*, *Ehrenaemter*. (6)

Aquelle incidente — *que é o que se observa na Inglaterra*, combinada com a expressão — *doutrina de Gneist*, que se lê na *these*, deixa bem patente que para o Dr. Hygino o publicista allemão tem uma theoria philosophica, especulativa sobre *selfgovernment* em geral, servindo-se então da Inglaterra apenas como exemplo.

Não é só isso. Para mais confirmar esta sua erronea idéa, o meu contendor, no primeiro artigo depois da sua *retirada* (26 de setembro), veio dizendo que o verdadeiro conceito do *selfgovernment*, sua organização e seu objecto, são os pontos sobre que na Alemanha versa o debate, originando-se *diversas theorias*, que podem reduzir-se a tres: a de Schaeffe, a de Stein e a de Gneist.

(6) Adiante veremos que este *Amtspflicht* tambem foi mal traduzido. Já é muito tarde para uma *errata*.

Diversas theorias, note-se bem ; e mais ainda, que este artigo do doutor já trouxe uma correcção do primeiro, por acrescentar aos dous *systemas* de Gneist e de Stein a chamada *concepção social*, que ao principio não fôra mencionada.

Não ha duvida portanto que o ponto de vista inicial do Dr. José Hygino era muito differente d'aquelle que a final pretendem tomar. Quando lhe dirigi o meu *pedido simples*, fui o mais claro possivel ; e logo depois, na minha replica, de 20 de setembro, escrevi o seguinte : « Se ao menos o illustre lente tivesse falado de *cargos locais e communaes*, ainda havia motivo para questão, mas era desculpavel. Porém falar de *cargos publicos* em geral, de *cargos publicos* sem distincção alguma, isso de certo não tem senso. »

Estava assim bem accentuado o pensamento da minha critica. O Dr. Hygino não deu por isso ; mas nove dias depois, fingindo ainda manter-se no velho terreno e como tal ainda falando da *theoria* de Gneist, já vem todavia restringindo as suas observações ao *selfgovernment* inglez e á gratuidade e obrigatoriedade dos seus *cargos publicos*.

Uma completa alteração do primeiro modo de ver ; e feita já tão tarde, tão encaixada *a martello*, que não pode evitar um disparate. E' o que consiste em falar de *cargos publicos* do *selfgovernment*, como se esta tambem tivesse *cargos* particulares.

Ou será que para o Dr. Hygino entre *cargos publicos*, de um lado, e *cargos do selfgovernment*, de outro, não ha differença? E' bem possível. Tenho pois necessidade de lembrar aqui ao douto professor umas verdades sedições, uns principios vulgares de velha logica aristotelica, para fazel-o convencer-se, por uma prova de *olfacto* ou experiencia de *nariz*, que S. S. realmente *errou-se*.

Attenda, Sr. doutor. Todos os *cargos do selfgovernment* são *cargos publicos*; mas nem todos os *cargos publicos* são *cargos do selfgovernment*; da mesma forma que todas as *rosas* são *flôres*, mas nem todas as *flôres* são *rosas*; e todos os *homens* são *animaes*, mas nem todos os *animaes* são *homens*.

O predicado do genero é tambem predicado da especie; mas a reciproca não é verdadeira. Veja bem: S. S. *espichou-se*; para que insistio no erro? A sua these, dando como essencial ao *selfgovernment* a gratuitidade e obrigatoriedade dos *cargos publicos*, é semelhante a uma these de philosophia, em que porventura se dissesse ser da essencia do *homem* a razão e a linguagem dos *animaes*. Comprehendeu bem o alcance da sua parvoice, Dr. Hygino? Não ha maior contrasenso, ainda mesmo na hypothese de ser verdadeira a tal *obrigatoriedade* e *gratuidade*, o que é muito contestavel, nos termos categoricos em que foi expresso pelo illustre doutor.

Pouco importa que S. S., conhecendo que se *des-graçara*, viesse depois fazer a modificação de que falei. *De la moutarde après diner*. Não lhe vale de nada.

A these... lá está nos livros da Faculdade. Se S. S., quando a formulou, tivesse a idéa que quer agora insinuar, teria dito: « que é da essencia do *selfgovernment*, a obrigatoriedade e gratuidade dos seus *cargos*, ou dos *cargos que constituem*, ou dos *respectivos cargos*, etc. »; mas disse somente: « dos *cargos publicos*. » Errou portanto, errou feiamente.

É um *buffone* scientifico de tal quilate, que, franzindo o sobr'olho, toma attitude de mestre para ensinar-me o que se acha nos trabalhos de Gneist sobre *selfgovernment*!... Louvado seja Deus!...

Entretanto, aqui é preciso fazer alto e tratar de elucidar um ponto interessante.

Como era de esperar da sua chata estolidez, o Dr. José Hygino, entrando na apreciação daquillo que erradamente denominou *doutrina* de Gneist, não informou os seus leitores, nem mesmo em rapidos traços, sobre a personalidade, o merecimento e a posição scientifica desse publicista.

Foi uma falta esta que S. S. não teria cometido, se tivesse qualquer noticia das lettras allemães, se soubesse que na Allemanha é principio de critica e historia litteraria, quando se quer fazer conhecer

em autor, fazer-se primeiro, mais ou menos, conhecer o homem.

O Dr. José Hygino não sabe disto. Apresenta-se falando em Gneist, como pudera falar no visconde do Uruguay, ou no conselheiro Ribas, nossos velhos conhecidos; sem comprehender, o pobre do José, que aos ouvidos do publico em geral o nome de Gneist sôa simplesmente como o de uma *palavra estrangeira*, ou quando muito como o vago nome de um *autor allemão* e nada mais.

Porém que querem? O Dr. José Hygino é muitissimo pedante. O seu grande objectivo não é esclarecer o leitor sobre este ou aquelle assumpto, mas unicamente *ostentar sciencia*, e no caso em questão produzir no espirito publico a illusoria apparencia de que tambem se acha familiarisado com mais de uma figura notavel do *povo de pensadores* como Bulwer chamou os allemães, na dedicatoria, que lhes fez, de um dos seus romances.

Irrisoria creatura! Não reflectiu bastante nas consequencias da sua empreza!

Da mesma fórma que se pôde, com 8 ou 10 pingos de *essencia de rosa*, aromatizar uma pipa de agua, assim tambem o Dr. Hygino pretendeu, com algumas escassas gottas de allemão, e ainda assim tiradas de *frasquinho alheio*, dar um certo cheiro de sciencia germanica ao respeitavel tonel da sua ignorancia.

Mas sómente os parvos, ou os que estão obcecados por qualquer paixão, podem ter se illudido com a triste comedia do ridiculo doutor. O leitor imparcial e alheio á materia questionada terá dito sériamente: a despeito de tantos artigos do Dr. José Hygino, *fiquei no mesmo*, não entendi nada.

Finalmente, hão de muitos perguntar, e quem é esse Gneist? O Dr. Hygino não o disse: sou eu quem vai dizel-o. Eu creio que não posso executar melhor esse trabalho do que aqui transcrevendo uma breve característica do autor allemão, por mim traçada ha 14 annos (1874), no jornal *Um signal dos tempos*, que publiquei na Escada, e em cujo n. 9, de 14 de novembro daquelle anno, lê-se como *artigo de fundo* o seguinte:

RÖDOLPHO GNEIST COMO PUBLICISTA

« Henrique Rodolpho Frederico Gneist, membro do *Reichstag* allemão e professor da Faculdade juridica, na Universidade de Berlim, é contado entre os melhores publicistas da época actual. No seu paiz, onde aliás se agrupam grandezas de todo o genero e muitas vezes numa só colina aninha-se um bando de aguias, passa elle sem contestação pelo mais vasto conhecedor do direito publico inglez.

« E não vacillo em affirmal-o: as obras de Gneist, consagradas ao estudo dessa materia, quasi tornam

nuteis as dos proprios escriptores da Grã-Bretanha, obrepujando-as em profundeza de analyse e extensão de vistas.

« Para tornar concebivel e evidenciar essa verdade, basta advertir que os publicistas inglezes são todos tendenciosos, prismaticos, reflectores de um partido a que pertencem.

« Da mesma fôrma que as aguas de uma corrente sazem de ordinario alguma coisa da disposição geologica do seu manancial, a publicistica ingleza tem sempre um certo sabor ferruginoso do terreno politico. Por detrás de cada autor está o *tory* ou o *whig*.

« Comprehende-se que o sabio professor de Berlim poudesse bem evitar um tal defeito que não é pequeno. Já seria por si só uma excellencia, quando a isto não se reunisse, como se reúne em gráu superior, a genialidade scientifica de uma pesquisa propria, fecunda e infatigavel, no meio de uma erudição pasmosa.

« Eis que me occorre logo aqui apreciar um juizo de Laveleye sobre os *Staatsrechtler* da Allemanha, em cujo numero avulta Gneist, o qual deve portanto receber o melhor quinhão da censura. O publicista belga, que reconhece nos allemães uma erudição sempre firme, nota-lhes, não obstante, *falta de originalidade!*... Quero crer que Laveleye não é um leviano, para fazer assim uma critica sem muito fundamento.

« Entretanto, parece-me estranhavel que não se dignasse de dizer-nos em que consiste a *originalidade* de um escriptor da sciencia politica. E é possível ser realmente original em semelhante assumpto? Tenho duvidas no caso. A Laveleye, que ainda julga poder escrever ensaios *sobre as fórmulas de governo*, sobravam boas razões de mostrar com o seu exemplo que a coisa não é difficil.

« Mas serão originaes as suas idéas? No livro mesmo, em que accusa os allemães de não se largarem ao mar em busca de terra incognita, deixou elle resolvido algum problema? Ensinou-nos alguma novidade? A politica apenas tem um lado que se presta ás descobertas: é o lado metaphysico e poetico, o lado visionario e nocturno de uma sciencia imperfeita. Queria o illustre belga que Gneist, Bluntschli, Mohl e tantos outros, fossem tambem architectos de systemas *a priori*, que ideassem republicas a Platão? Por mais familiar que Laveleye se revele com as profundezas do espirito germanico, mal pôde disfarçar os seus nove decimos de cultura franceza. Disse tudo.

« O autor que nos occupa, é um politico militante, um liberal convieto; e, a crer-se na informação de Juliano Schmidt, o mais brilhante orador parlamentar da Prussia; posição esta, porém, que elle disputa, no sentir de outros, com Lasker e Virchow. Torna-se então ainda mais notavel que não revele em seus

criptos a minima tendencia de partido. E' um investigador consciencioso, imparcial e totalmente objetivo.

« Foi Gneist quem abriu ao liberalismo prussiano o caminho da critica de si mesmo, que era o que lhe faltava para restringil-o e reforçal-o. A sua grande obra sobre o *Direito publico inglez*, cujo primeiro apparecimento é de 1857, iniciou a erradicação de velhos erros e formou a base de uma nova intuição do Estado.

« Eu disse que o nosso autor prestara um alto serviço ao liberalismo prussiano. Convem accrescentar que o beneficio se estende ao liberalismo em geral. A politica romantica de phrase, sem sentido e aspirações sem alvo achou de facto em Gneist um inimigo terrivel, que lhe deu o golpe de morte. Depois dos serios trabalhos deste sabio, as idéas corriqueiras do constitucionalismo francez já nos parecem ridiculas; e somente podem attestar, naquelles que ainda hoje têm coragem de invocal-as, completa ignorancia ou impudente malicia. »

O publico está vendo: ha 14 annos, já eu sabia, nem era Gneist, já tinha lido algumas das suas obras, e me mencionei em nota no artigo aqui transcripto. Mas a esse tempo, onde estava o Dr. Hyginô? Que era elle? A que estudos se entregava?

Estava nesta capital, onde exercia o cargo de juiz substituto; e a materia predilecta das suas meditações

era então o *espiritismo*, materia que ainda hoje não abandonou de todo. (7)

Avaliem portanto os leitores a audacia do meu parvo contendor em affirmar que não conheço o publicista allemão se não pelo *catalogo*, eu que já pronunciava seiente e conscientemente os nomes de Rodolpho Gneist, Eduardo von Hartmann e muitos outros, quando o Dr. Hygino estava todo absorvido pela *sciencia* de Allan Kardec. Pobre maluco ! . . .

Mas não é sómente isto.

No seu escripto de 29 de setembro, quando entra, ou julga entrar na exposição da doutrina de Gneist, o irrisorio doutor, por uma especie de *ironia do destino*,

(7) Tal era o enthusiasmo *espiritico* do Dr. Hygino, que tendo naquellê tempo de expedir, como juiz, mandado de prisão preventiva contra um dos indiciados autores de um assassinato celebre constou que levára duas noites sem dormir, a invocar os *espiritos*, inclusive o da victima, para lhe dizerem se aquelle era realmente o eriminoso ; e afinal sahio convencido e mandou effectuar a prisão ! . . . Já se vê que não é de hoje, porém de longa data, que o Dr. Hygino faz *papel de bobo*. Observo a S. S. que, se duvida da existencia do artigo sobre Gneist no jornal *Um signal dos tempos*, pôde declarar-o, porque ponho á sua disposição o exemplar que me resta. E não sómente este artigo, ponha em duvida tudo mais, que eu fôr citando ; diga mesmo que são mentirosas todas as minhas citações de autores allemães, como pouco faltou que eu dissesse que eram muitas das suas ; diga, diga, para ver se sou da sua tempera, se tenho medo de apresentar os livros ! . . .

sete idéas, ainda que mal interpretadas, que ha-
annos (1871) já foram por mim expostas no jornal
Americano, fundado pelo meu nobre amigo, de
magnifica memoria, Minervino de Souza Leão; idéas
que eu aproveitei ultimamente para as minhas *Ques-
tões Vigentes*. (8)

Em face de taes documentos, pelos quaes se torna
evidente que o Dr. José Hygino, a respeito de idéas
semelhantes, e com relação a mim, não é mais que um
infelizmente *parvenu*, quem me dera ver a cara com
que fica o illustre doutor! (9)

Lembro-me aqui de um dito interessante. O gene-
ral Steinmetz, falando uma vez no parlamento allemão

(8) *Questões Vigentes*, etc., pp. 179 (nota), 186, 195 e 210
(nota).

(9) S. S. é tão ingenuo, que depois de *brigar conmigo*,
nunca mais achou, para me dar, um epitheto lisongeiro. Quando
mim se refere é sempre com as expressões — *o bom do meu
pensador, o bom do meu critico* e outras significativas de mais ou
menos desprezo, não obstante eu estar constantemente a en-
frentar-o dos melhores qualificativos. E' que elle crê talvez ter
direito a essa homenagem; mas eu não estou no mesmo caso.

Pobre nescio!.. Ainda ignora que expressões como — *o
illustre Dr. Hygino, o illustrado Dr. Hygino, o respeitavel Dr.
Hygino, o talentoso Dr. Hygino*, etc., etc., são simplesmente
phrases convencionaes, mentiras officiosas, que valem tanto, quanto
poderão valer o *venerador obrigado e criado* do final de todas as
cartas.

e respondendo aos opposicionistas, que combatiam as grandes despezas feitas com o exercito, disse-lhes que só assim se exprimiam, porque não sabiam o que era exercito, nem o que era guerra : a verdade porém era que, ao soar o primeiro tiro de canhão do inimigo, todos aquelles *heróes da parola* mettiam-se no primeiro buraco de rato que encontravam, para então dictarem de lá os oráculos da sua sabedoria. Este ponto é aproveitavel. Aconselho ao Dr. Hygino que, depois de tamanho *fiasco*, vá metter-se tambem no primeiro buraco de rato ou de outro qualquer *bicho*, ficando-lhe sempre o direito de mandar-nos de lá alguma noticia da Hollanda.

10 de outubro.

XIII

Como se depreheende das proprias indicações do Dr. Hygino, a extensa tirada do seu artigo de 29 de setembro é um conjuncto de pedaços mal traduzidos, ora de Gneist, se realmente o possui, ora do seu *mysterioso Gluth*; pedaços que em grande parte não têm a menor relação com o ponto questionado.

Mas o fatuo e pedantesco doutor tinha necessidade de dar sahida, por qualquer meio, á sua *fazenda*

ruim, que já corria o risco de mojar na *armazem*, e aproveitou para isso a menos opportuna de todas as occasiões.

Realmente, para defender a *these*, que fôra por mim criticada, entrar ou querer entrar na analyse detalhada de toda a obra de Gneist sobre o *direito administrativo inglez*, é não somente um rasgo de pedestriania insupportavel, como tambem um dislate, um desproposito que não tem nome.

O Dr. Hygino começa, dizendo que o livro de Gneist é uma longa demonstração da falsidade da concepção, que desde Montesquieu tem curso na Europa, isto é, o presupposto de que o *selfgovernment* inglez era effeito do parlamentarismo.

Não se altera mais tratamente o pensamento de um autor. Gneist nunca disse isto. O que nelle se lê a respeito de Montesquieu, a quem elle chama *der Wortführer der neuen Lehren*, o *pregador das novas doutrinas*, não se refere unicamente ao *selfgovernment*, mas ao modo de encarar e apreciar o Estado inglez em geral. E tanto assim é que para elle o direito publico e constitucional, sahido das theorias de Montesquieu, ainda mais transtornadas e corrompidas pelos chamados principios da revolução franceza, consiste em uma passagem do modo de governo da *gentry* ingleza para o *Estado de funcionarios* do continente, com plena *omissão* dos membros intermedios do

selfgovernment; das fiscalizações da justiça e do direito, no mesmo *selfgovernment*. (10)

Quando pois o Dr. Hygino diz que o livro de Gneist é essa longa demonstração, de que falamos, prova não só não ter comprehendido todo o alcance daquella obra como até não ter feito della uma leitura regular.

S. S. já declarou ter a 3ª edição do *Englisches Verwaltungsrecht*, de 1883, do qual eu tenho a segunda de 1867. De accordo com uma *recensão* ou critica desse livro, que foi publicada nos *Preussische Jahrbucher* (*Annaes prussianos*) de julho de 1883, eu sei que se compõe de dois livros. O primeiro, que trata dos *fundamentos historicos* (pag. 1—114), não é mais do que um extracto da *historia constitucional ingleza*, do mesmo Gneist.

O segundo, porém, sob a rubrica *Os fundamentos geraes do direito administrativo*, que enche o resto do volume (pag. 115—439), encerra no primeiro capitulo intitulado *As normas do direito administrativo*, um novo trabalho feito de *velhas pedras*, no qual o autor ainda uma vez expõe harmonicamente o seu modo de conceber a relação entre *lei, decreto e regulamento*.

(10) *Verwaltung, Justiz und Rechtsweg*, pag. 199.

O segundo capitulo, *Os orgãos do direito administrativo*, corresponde em seus dous primeiros paragraphos, *O rei e os conselheiros régios* e *Os funcionarios centraes e o funcionalismo immediato do Estado*, ao paragrapho — A — e ao appendice — C — do *Verwaltungsrecht* da 2.^a edição. O terceiro paragrapho, *Os orgãos do selfgovernment*, é composto de elementos tirados da grande obra do autor sobre esse assumpto. (11)

Já por aqui se vê que o livro do publicista allemão não pôde ser o que disse o Dr. José Hygino. Elle occupa-se largamente de outras materias antes de occupar-se do *selfgovernment*.

Diante destas e outras descabidas, o que me está parecendo, é que S. S. nem o Gneist possui e que todo o seu conhecimento deste autor se reduz *exclusivamente* ao que lhe ensina o Gluth, posto que nem o Gluth mesmo já se tivesse dignado apresentar em publico.

Tudo isto entretanto é de pequena importancia em relação ao que o leitor vai apreciar. Com effeito o Dr. Hygino, além da ridicula fanfarronada de uma comprida prelecção, composta de farrapos mal alinhados de um ou dous autores allemães, não teve senso bastante para tirar desses autores, pelo menos, o que

(11) Se ha inexactidão nesta resenha o Dr. Hygino proteste, venha mostral-a.

elles podiam offerecer de mais agradavel sobre a materia.

E' assim, por exemplo, que S. S. depois de falar de dous grandes fundamentos do parlamentarismo, o que aliás não está de accordo com Gneist, que fala de tres sustentaculos, não do parlamentarismo, mas do *Estado inglez*, que é cousa diversa, passa a tratar do que se deu no tempo dos Tudors ; mas em vez de aproveitar-se de uma bonita pagina de Gneist a tal respeito, limita-se a transcrever, sem gosto e sem arte, umas palavras vagas que não deixam tambem de encerrar algum erro.

Eis aqui o que se lê no celebre autor : « A dynastia dos Tudors achou a sua missão no facto de sobrepujar a grande nobreza guerreira. Com a força adquirida por meio desse triumpho, ella emprehende a solução da dissidencia entre a Igreja e o Estado, com que se havia fechado a idade média.

« A humanidade européa sae dos tempos medievaes e entra nos tempos modernos, com o pensamento fundamental de que no Estado só pôde haver *um* governo. Depois de cumprida a sua missão politica, a igreja devia tornar-se o que tinha sido nos primeiros seculos: a escola autonoma dos povos para o estudo e solução dos mais altos problemas moraes da humanidade...

« A dynastia dos Tudors emprega porém a sua força, assim duplicada pela victoria sobre a nobreza

e sobre a igreja, na constante formação do Estado inglez, em grande estylo. Com a mais clara energia, ella continúa as instituições da idade média, que põem as classes sociaes a serviço do Estado. O cargo de juiz de paz recebe, por meio de uma extensa legislação policial da segurança e prosperidade publica, as importantes funcções por meio das quaes elle occupa o cimo da vida interior do Estado.

« As parochias são transformadas em communas administrativas, onde inspectores dos pobres e das estradas publicas, feitos por nomeação, formam com os velhos *maires* policiaes o membro infimo e forte da administração geral e de modo fechoam o *Selfgovernment*. » (12)

O Dr. Hygino não viu esta bella passagem; e, quando a tivesse visto, não atinor com a sua importancia. Porém tudo fosse isto. O peor, o mais censuravel, é que o *nosso homem* labora em tal confusão de idéas, que o leitor mais desejoso de entrar no intimo da questão, não comprehende coisa alguma do que seja *selfgovernment* e quaes os seus verdadeiros caracteristicos.

Nem podia deixar de ser assim, desde que o proprio Dr. Hygino é quem menos entende o que elle escreve.

(12) *Verwaltung*. etc. — pags. 15 e 16. E quanto aos tres fundamentos, a que me referi, ainda *Verwaltung*. etc. — pags. 3 e 4; *Das englische Verwaltungsrecht* — (2ª edição) — pags. III, IV e V; e *Selfgovernment* — pags. III e IV.

Só dest'arte explicam-se as innumeradas contradicções, em que cahiu, como tambem se torna comprehensivel que tenha podido encher quasi uma columna da *Provincia* em demonstrar a *obrigatoriedade* dos cargos, de que trata a sua *these*, baseando-se entretanto num *equivoco* de traducção do adjectivo — *obligetlich*, — *equivoco* este, que não é de tão pouco valor, como quiz fazer crer o Dr. Hygino, pois que nelle se apoiava uma boa parte da defeza da *these* questionada.

E aqui eu tomo a permissão de ainda insistir sobre um ponto digno de nota, e chamar para elle a attenção do leitor. S. S. citou muitas vezes palavras de Gneist, mas essas citações ou nada importam, por que não entendem com a questão, ou vêm logo de antemão prejudicadas por aquelle malfadado *equivoco*. Donde é conclusente que pelo seu proprio estudo, o Dr. Hygino não encontrou no autor allemão coisa alguma, que o valesse. Quando porém refere palavras de Gneist, que parecem autorisar a sua *theoria*, são ellas de segunda mão, quero dizer, da mão de Gluth, o que nada importa para o caso.

E quer até parecer-me que algumas citações, que S. S. declara serem tiradas directamente da obra de Gneist, não o são de facto, mas oriundas do Oscar. E' o que se dá, por exemplo, com esta proposição: « O segundo fundamento do parlamentarismo é essa *construcção* intermediaria entre a sociedade e o Estado

Mittelbau zwischen Staat und Gesellschaft), que se chama *selfgovernment*. . . »

Gneist disse realmente isto? Não é possível. Colocado assim o *selfgovernment* entre a sociedade e o Estado, haveria ali tres entidades distinctas, o que é inteiramente opposto á doutrina de Gneist.

Porquanto é elle quem diz: « Na *estructura* interna da constituição parlamentar ingleza repousa resolvido aquelle problema de junção do Estado e sociedade, que a doutrina separada do Estado e da sociedade não pôde resolver, e de cuja solução a Allemanha duvida e a França desespera. » (13)

Ainda mais : para Gneist o *selfgovernment* consiste justamente no facto da subordinação da sociedade ao Estado que põe a seu serviço as classes sociaes abastadas (*landed gentry*). Como pois admittir aquella *construcção* intermediaria? Se o *selfgovernment* compõe-se das classes sociaes, superiores e medias, postas a serviço do Estado que nova sociedade é essa entre a qual o mesmo Estado o *selfgovernment* figura de *intermediário*? Sr. Dr. Hygino, vá estudar.

Mas afinal quero eu tambem perguntar a Gneist.: que é o *selfgovernment*? « É' uma administração interna dos *circulos e communas locais*, segundo as leis do

(13) *Verwaltung*, etc., pag. 3.

paiz, por meio de cargos honorificos das classes superiores e medias mediante impostos reaes da communa .»

Esta explanação de conceito, que se encontra na grande obra—*Selfgovernment* (pag. 882) é a mesma que se lê no *Preussische Kreisordnung* (pag. 16), bem como em outros livros do autor, com ligeiras modificações.

Assim no *Verwaltung, Justiz und Rechtsweg* (pagina 95) diz elle : « O *selfgovernment* é um systema da administração do Estado, um segundo systema complementar para execução da sua vontade, abrangendo aquellas funcções que se prestam a um exercicio local .»

E nesse mesmo livro (pag. 121) lê-se tambem : « O *selfgovernment* só pôde ter lugar sobre objectos cujas despezas estão dentro das forças pecuniarias dos *circulos e communas* . »

Da mesma fórma (pag. 95) : « O verdadeiro *selfgovernment* compõe-se de *communas administrativas*, por cujo meio o Estado executa a sua policia, a sua justiça, os seus impostos, o seu recrutamento militar . . . »

Igualmente no opusculo — *Der Rechtsstaat* (pagina 22) : « O rei é o *portador do poder militar* que elle exerce em um systema popular da milicia do paiz. O rei é o *senhor da justiça* que elle exerce sómente por meio de um *chancellor*, *conselheiros responsaveis* e *determinados tribunaes*. O rei é o *supremo chefe da*

polícia, poder este que é exercido por meio dos *lords-justices*, juizes de paz, etc. O rei é o *senhor das terras*; elle levanta os impostos directos por meio das *communas* e funcionarios *communaes*.

« Esta singular relação, o uso da linguagem dos tempos posteriores denominou *selfgovernment*, isto é, *auto-administração* dos negocios *locaes* do Estado por intermedio das classes da sociedade, aptas para isso. . . » (14)

Não é tão digno de reparo que em todas estas, não lirei *definições*, porém diversas *explanações* do conceito do *selfgovernment*, Geist nunca empregasse de um modo claro e determinado as phrases « *unentgeltlich, ohne Entgelt* — *gratuitamente, sem paga, sem remuneração*? Mas isto para outro artigo.

12 de outubro.

(14) O Dr. Hygino far-me-ria um grande obsequio, se contestasse todas estas minhas citações. Quem me dera... Mas elle não tem coragem. Era uma boa occasião para provar que realmente com as minhas cinco obras de Geist, eu conheço muito mais este autor do que elle com uma só. S. S. pensa ainda acharmo-nos na época do *time doctorem unius libri*; porém enganase. Esse principio está hoje substituído pelo *rideo doctorem unius libri*. O homeopatha charlatão, que jura pelo *Sabino* e o charlatão allopatha, que jura pelo *Chernoviz*, são *doutores de um só livro* — *doctores unius libri*. O publicista Hygino está pois para o seu Oscar, como qualquer desses *doutores* para o seu *Chernoviz* ou o seu *Sabino*.

a differença de que essa compensação não é uma *merces*, nem o investido do cargo um *mercenarius*; mas é *honor*, *honorarium*; é um presente *honorifico*, que de nenhum modo prejudica a honra de ambas as partes. (15)

El neste sentido é que, por exemplo, os médicos e advogados falam dos seus *honorarios*. Já se vê, e este é o meu unico fito, que a *honorariedade* de certos cargos, officios e profissões não envolve por si só a gratuidade dellas. O Dr. Hygino, cuja cabeça é de uma dureza incomparavel, não comprehende nada destas coisas, e, agarrando-se á expressão *Ehrenamt*, de que se serve Gneist, entende que a ausencia de qualquer remuneração é caracteristico absoluto e essencial dos chamados cargos honorificos, julgando-se de accordo com o publicista de Berlim, quando é este mesmo, e como já por vezes mostrei, quem fala em cargos honorificos *gratuitos* (*wibesoldete*); o que presuppõe a possibilidade de cargos honorificos, mais ou menos remunerados.

Não foi sómente na demasiada restricção dada ao sentido da palavra *Ehrenamt* que o nosso homem andou mal. O Dr. Hygino, que é *pomadista* de primeira força, e está agora a *empanezinar* o publico com citações de allemão, que elle não sabe, diz no seu ordinario

(15) Rudolph von Jhering — *Der Zweck im Recht* — I — paginas 114 e 115.

tom de mestre: « Cargo pessoal é o que o cidadão exerce em virtude desse dever civico de prestar serviços *personaes* ao Estado, que Gneist chama *Amtspflicht*, dever funcional. »

Mas oh! diabo! O homem dos meus divertimentos, o bêbo do José Hygino não se espichou sómente na traducção do adjectivo *obligkeitlich*, ao qual deu o sentido de *obligatorio*, porém também na traducção da palavra *Amtspflicht*, que elle julga significar o dever civico de prestar serviços *personaes* ao Estado!...

Estenda a mão para os bêbôs, meu idiota! *Amtspflicht* quer dizer: dever *inherente ao cargo*, e não dever de *exercer o cargo*. Querendo se exprimir em allemão esta ultima idéa, a phrase legitima seria de *Pflicht zum Amt*, ou outra equivalente; nunca porém a de *Amtspflicht*, que tem significação inteiramente diversa.

Se esta ultima palavra tivesse o sentido que lhe attribue o Dr. Hygino, nem eu nem elle por exemplo teriamos *Amtspflichten*, pois que somos funcionarios, que temos vencimentos, ordenado e gratificação pecuniaria, mas em tal caso, qual seria o modo de exprimir em allemão o dever que nos incumbe de bem ensinar os nossos discipules, de aprofundar a materia que professamos, de não ostentar uma sciencia que não temos etc., etc.? Sómente empregando a palavra *Amtspflicht*.

E' evidente portanto que ainda desta vez, como de outras, o Dr. Hygino esteve na altura da sua ignorancia e da sua mediocridade. Digne-se S. S. de consultar o dictionario de Sanders; o de Sachs, ou qualquer outro, para convencer-se da sua *desgraça*, se é que o seu espirito é capaz de uma convicção.

Não sei como possa qualificar certos atrevimentos de linguagem da parte do Dr. Hygino : se como effeitos de uma coragem cynica ou de uma inqualificavel sandice. E' assim que ousa dizer que a formula de Gneist : « *o organismo do selfgovernment não é mais do que um systema de cargos pessoais e honorificos* » é equivalente á sua *these*, na qual diz ser da *essencia* do *selfgovernment* a gratuidade e obrigatoriedade dos *cargos publicos* !. . . Já se viu maior contrasenso? Isto equivalente áquillo !. . . Esta só de um *idiota*, pois que já não é de um *capadocio*.

Mas não ficamos ahí. Eu sou por ora indifferente ao valor moral do Dr. José Hygino. Quero crer que na esphera social elle seja um homem fidedigno, mas na esphera estrictamente litteraria, no campo de uma discussão ou polemica scientifica, é de uma *desfaçatez* irritante. Dest'arte, em uma das suas notas insultuosas á minha pessoa, diz elle : « o bom do meu censor, com a sua habitual *leviandade*, metteu-se a criticar-me, porque eu disse *cargos publicos* e não *cargos locais*. Mal sabe elle (este *mal sabe* é

provocador) que Gneist não distingue e faz questão de que não se devem distinguir as funções da administração local das da administração geral; para o autor allemão tudo é *allegemeine Landesverwaltung* e o *selfgovernment* faz *inteigrirenden Theil der Staatsverwaltung*. »

Estas linhas são fecundas como documentos da parvoíce do Dr. Hygino. Ellas provam — 1º, que S. S., mesmo depois da mudança de *cargos publicos* para *seus* *cargos publicos*, insiste em pensar que tanto faz dizer *cargos publicos*, como *cargos do selfgovernment*, ou segundo o exemplo que já dei, tanto faz dizer *animas*, como *homens*, tanto faz dizer *flores* como *rosas*. — 2º, que o irrisório professor possui uma logica toda *às avessas*, porquanto do facto de Gneist considerar o *selfgovernment* parte integrante (*inteigrirenden Theil*) da administração geral do Estado quer concluir que pôde dar ao *todo* o que pertence á *parte*, e como tal, querendo falar na sua these da obrigatoriedade e gratuidade dos *cargos do selfgovernment*, lhe era indifferente falar desses mesmos *cargos em particular* ou de *cargos publicos em geral*. Tanto valera dizer, por exemplo, que sendo o Dr. Hygino *parte integrante* da congregação da Faculdade do Recife, é indifferente afirmar que só elle sabe o *hollandez* e só elle é tolo; como afirmar que toda a congregação é composta de bobos *hollandistas* como elle.

Quanto á falta de distincção, isto é, quanto á identidade das duas ordens de cargos, geraes e locais, eu peço ao leitor, pelo amor de Deus, que releia o meu artigo de 20 de setembro, no qual, entre outras citações de Gneist, encontra-se a seguinte: « A perfeita identidade (dos cargos do *selfgovernment*) com os cargos do Estado torna-se visível na Inglaterra pelas continuas transformações, em virtude das quaes em cada geração, funcionarios honoríficos gratuitos (*unbesoldete*) do *selfgovernment* passam a exercer o lugar de funcionarios remunerados do Estado. »

A' vista disto como é que, nove dias depois da publicação das linhas ahí citadas, vem o Sr. Dr. Hygino dizer que eu ignoro que para Gneist não ha distincção, isto é, ha perfeita identidade entre as funções da administração local e as da administração geral? Oh! detestavel pedante!

Entretanto releva observar que com toda a sua sciencia, S. S. não sabe ainda o que é *identidade*; é preciso que eu lh'o ensine: aprenda portanto. Ha uma identidade *generica*, uma identidade *especifica* e uma identidade *individual*. Entre o Dr. Hygino e uma *zebra*, por exemplo, ha identidade *generica*, porque ambos pertencem ao mesmo genero *animal*; entre o Dr. Hygino e o Dr. Rozelles, por exemplo, ha identidade *especifica*, porque ambos pertencem á especie *homem*; entré o Dr. Hygino de *hontem* e o Dr. Hygino

le hoje, ha identidade *individual*, porque se trata de um só e o mesmo individuo, se bem que este ultimo ponto não seja de todo incontestavel, visto como o José Hygino de ha dez annos, que fez no concurso uma prelecção de dez minutos, por se ter engasgado e não poder continuar, não é o José Hygino de hoje, tão *sabio*, tão *profundo* e tão *damnado*, que os seus collegas de concurso não o conhecem mais, espantados como se acham de vel-o tão *talentoso*.

A identidade de que fala Gneist, é identidade *generica*, no sentido de que ambas as classes de cargos são cargos publicos, mas em que é que isto aproveita á these do Dr. Hygino? *Oscar* lo *sá ma non dira*, excepto ao mesmo doutor, que é só quem lhe sabe dos segredos.

Basta por hoje. Convém que o Dr. Hygino saiba que sómente leio os seus escriptos á proporção que os vou respondendo ; tal é a minha tranquillidade de espirito. Quanto porém aos *anonymos* insultuosos, apenas sei que têm sahido muitos, mas não os leio e já pedi mesmo aos meus amigos que não me dessem nem sequer a noticia da sua publicação e muito menos do seu conteúdo. E' claro por conseguinte que o Dr. Hygino, que se acha convencido da incurabilidade da minha molestia, e por suggestões *diabólico-medicaes*, ataca-me *anonymamente* de um modo desabrido, para aggravar os meus males e accelerar a minha morte, está perdendo o seu tempo ; eu ignoro

o que S. S. diz de mim nos seus escriptos *apuzquidados*. É verdade que o Dr. Hygino tem dado a sua palavra de honra a alguma pessoa de como não é o autor de taes escriptos ; mas a sua *palavra de honra* não passa de uma das fórmulas da *honra de palavra*.

Até breve.

17 de outubro de 1888.

XV

Ainda algumas palavras sobre o *Amtspflicht*. Além de dar-lhe uma significação errônea, o Dr. Hygino commetteu a parvoíce de attribuir a Gneist a criação desse vocabulo com o sentido de « dever civico de prestar serviços *peçoas* ao Estado. »

Foi uma dupla toleima ; porquanto aquella palavra é velha e como tal se encontra em todos os bons dictionarios ; a significação, porém, que lhe prestou o nosso doutor, julgando-se apoiado na autoridade de Gneist, essa é novissima e tão disparatada, que se poderia ser descoberta por um ignorante. (16)

(16) Se o Dr. Hygino acha que não errou, eu o desafio para irmos em lugar por S. S. indicado, traduzir nós ambos, sómente nós, perante juizes competentes, os textos de Gneist, que o autorisaram a fazer aquella traducção. Vamos, vamos ; e deixe-se de *pmadas*.

Não ha duvida: o mediocre professor perdeu o
tinho de senso, que lhe ficára do tempo das invoca-
es e consultas *espiriticas*, sem o que não é expli-
vel nem comprehensivel, por motivos *normalmente*
manos, a sua completa inconsciencia de estar fa-
ndo uma tristissima figura. (17)

O Dr. José Hygino, que sem o menor proposito
yalou os seus leitores com um burlesco e massan-
simo *sermão* sobre o *selfgovernment*, a final não disse
da, nem que servisse para dar uma longinqua appa-
ncia de justificação á sua falsa *these*, nem que ao
enos contribuisse para deixar no espirito do paci-
te leitor uma leve idéa da coisa.

E' assim que por mais de uma vez elle fala de *ser-
ços pessoases*, mas não diz quaes são esses *serviços*;
la de *cargos pessoases e horrificos*, mas não diz quaes
ão esses *cargos*. Entre toões, este pedaço é caracte-
istico :

« Foi o principio do *dever publico* que serviu de
base á constituição inglesa. Esse *dever publico* se

(17) Consta que S. S., constando uma vez os *espiritos* a
espeito do tratamento de não sei que molestia, que o perse-
guia, obteve em resposta o salutar conselho de tomar algumas
luzias de frascos de *salsaparrilha*, e não hesitou em obedecer
a *ordem de cima*, entrando no uso do remedio !... Mas esse espi-
rito não era dos mais *zombeteiros*; do contrario ter-lhe-hia aconse-
lhado *cincoenta clysteres de pimento* para punil-o da sua bestidade.

« Estes fundamentos, continúa Gneist, são ainda hoje bem visíveis. A civilização progressiva leva porém constantemente :

1.º a uma concentração de serviços *pessoaes* em *funções* ;

2.º a uma transformação de prestações *pessoaes* em prestações de *dinheiro*. » (18)

Veja agora o leitor como anda ás tontas a cabeça do Dr. Hygino. O que Gneist chama *concentrar em funções* (*Aemter* e não *Amtspflicht*), e prestações de *dinheiro* (*Geldleistungen*), elle chama *especialisar* no imposto e no dever *funcional*, sem se lembrar que anteriormente já tinha falado da conversão de alguns deveres em prestações pecuniarias e da concentração de outros no serviço pessoal do cargo (*Concentrirung persönlicher Dienste an Aemter*).

De modo que para o nosso bôbo *especialisar* e *concentrar* é uma e a mesma coisa ! . . . E note-se ainda que elle alterou a ordem, em que Gneist diz ter-se dado a concentração dos *serviços pessoaes*. O publicista fala primeiro em *funções* e depois em *prestações* de dinheiro ; o Dr. Hygino fez o contrario. Isto não é indifferente.

Mas não fica ahí. O publico quer saber, quaes são essas *funções* em que se concentraram os *serviços*

(18) *Verwaltung, Justiz*, etc. pags. 38 e 39.

pessoas e que são os elementos constitutivos do *self-government*. E' Gneist mesmo quem dir-nos-ha.

« Os objectos do *selfgovernment*, diz elle, são as funções publicas da administração interna do paiz: o serviço do *jury*, a administração da policia de segurança e bem estar, a léva militar, a partilha da obrigação do alojamento de soldados e de ter cavallos de *posta*, a taxaço dos impostos directos do Estado, a administração dos impostos da *communa*, a applicação de fundos *communes*, porventura existentes, a fins e misteres publicos.

« Os orgãos do *selfgovernment* formam cargos *superiores* e *inferiores*. Os cargos *superiores* são as funções magistraticas, que reunindo em si um juiz e jurado (*judge* e *jury*) presuppõem um juizo independente do funcionario na applicação das leis ao caso dado. O direito inglez chama esta actividade *decretante jurisdiction*, como chama *courts* os departamentos constitucionalmente formados para isso.

« Esse character têm os cargos do *sheriff*, dos juizes de paz, dos *coroners*, dos commissarios da milicia do paiz e dos seus officiaes, bem como dos *mayors* e juizes de paz das cidades. . .

« Os cargos *communes inferiores* têm sua origem na função do *maire* local, que na Inglaterra, por meio de uma legislação fragmentaria expandiu-se, mais do que era preciso, nas funções do *constable*, do

intendente dos pobres, do administrador das igrejas, do inspector dos caminhos, do escrivão da communa, do *recebedor*, etc.

« O elemento dos impostos nas sociedades communaes da idade media era tido em conta de elemento secundario. Os mais antigos tributos são pagamentos de serviços não cumpridos ou transformados em contribuição pecuniaria. Successivamente, porém, cresce o elemento tributario com os problemas do Estado e já no fim do seculo XVIII torna-se visivel um certo esforço para substituir os cargos honorificos inferiores por um funcionalismo official. » (19)

Quero crer que agora o publico legente ficará formando uma idéa mais clara do assumpto, que o Dr. Hygino deixou completamente embrulhado. Mas isto não basta; ouçamos ainda o escriptor allemão:

« Como em todo caso a necessidade do Estado ficou sendo o *regulador*, admittiu-se o principio de manter como *normal* o cargo honorifico somente... até o *limite do possivel*. Onde porém relações particulares da sociedade, ou relações locais, ou a natureza de alguns negocios do Estado não satisfizeram os cargos de tal ordem, fez-se entrar um *complemento* por meio de funcionarios remunerados.

(19) *Selfgovernment*, pag. 882 e 883. *Verwaltung, Justiz und Rechtsweg*, pag. 93, *Preussische Kreisordnung*, pag. 8 e 9.

E' assim que ao lado dos juizes de paz estiveram, durante seculos, os *Quorum*, (empregados profissionais). O cargo superior de juiz nos *Assises* fôra desde longa data occupado por juristas, com elevados vencimentos. Tambem o cargo de juiz do civil nunca pode ir adiante, sob a forma de uma funcção honorifica. » (*Selfgovernment*, pag. 903).

« O desenvolvimento, prosegue o publicista, o desenvolvimento progressivo da sociedade desde a idade media alargou continuamente os *cargos de profissão* e o *funcionalismo official*, sem comtudo perder na administração interna do paiz (vejam bem) o equilibrio dos dous elementos (cargo *honorifico* e cargo *remunerado*)... O *selfgovernment* medieval abrange sómente *justiça, policia, milicia e administração dos caminhos*, isto é, dominios, em que preponderam os serviços pessoaes e prestações naturaes.

Da então para cá tem havido a mais radical modificação. Innumerás funcções, que o *liber homo* da idade media podia pessoalmente exercer não se pôde hoje impor nem *exigir de ninguem*, como cargo *honorifico*, porque ellas presuppõem uma cultura especial e uma incessante actividade da pessoa». (*Idem* pags. 904 e 905).

Aqui é preciso tornar bem sensiveis aos olhos do leitor um ponto interessante. Eil-o : um homem como Gneist, que faz profundos estudos sobre o *selfgovernment*, com o intuito pratico de ver esse instituto mais

o menos realizado no seu paiz, não podia, por um lado, dizer que a gratuidade e obrigatoriedade eram a essencia do *selfgovernment*, e, por outro lado, afirmar que é impossivel actualmente exigir dos cidadãos o exercicio *gratuito* de certos cargos que demandam especial cultura e trabalho. Seria uma chocante contradicção.

Mas nós não havemos mister de argumentos. E' uma questão de facto : onde foi que Gneist disse o que lhe attribuiu o Dr. Hygino ? Debalde este pêco espirito andou catando aqui e alli, nos livros de Gluth e de Gneist, alguns pedaços que parecessem justificar a sua opinião, porém nada conseguiu, desde que não ouviu uma só palavra do publicista allemão, dizendo ser da *essencia* do *selfgovernment* a gratuidade e obrigatoriedade, já não digo dos cargos publicos em geral, como se exprime a these do Dr. Hygino, porém mesmo dos cargos de juiz de paz, intendente dos pobres, inspector dos caminhos e outros constitutivos do *local government*.

No que toca especialmente á obrigatoriedade, o Dr. Hygino não entendeu Gneist. Bastava entretanto um pouco de reflexão para ver que o escriptor de Berlim não podia desfazer o idealismo do *selfgovernment* com a baixa idéa da coactividade dos seus cargos. O *civismo*, a *abnegação* que haveria em aceitar e exercer essas funcções, com mêdo da cadeia ou de outra

qualquer pena, seria semelhante ao *patriotismo* dos nossos *voluntarios*, durante a guerra do Paraguay, que entravam nas cidades presos e amarrados, amaldigoando o *especulador* que os havia illudido.

O Dr. Hygino é um nescio ; não medita nestas coisas. Interpretando mal uma ou outra expressão de Gneist, levanta logo uma theoria errada que tem o desafôro de attribuir ao sabio allemão. Porque na primeira phase evolucional do Estado inglez, em virtude do dever geral de *obediencia ao poder publico*, de que acima falamos, fez-se necessaria uma certa coacção, uma certa disciplina, que preparasse e educasse a nação para o *governo de si mesma*, querer dahi deduzir que essa coacção é *essencial* a esse mesmo governo é um verdadeiro diálate. (20)

No meu artigo de 14 do corrente eu disse que a these do nosso homem tinha tres *falsas posições* ; 1.^a gratuidade e obrigatoriedade dos cargos publicos ; 2.^a gratuidade e obrigatoriedade dos proprios cargos do *selfgovernment*, desde que não se fazem as precisas reservas ; 3.^a finalmente, que então deixei de mencionar, relativa á pretendida doutrina de Gneist. Em

(20) Tanto valêra dizer que sendo as creanças condemnadas pela natureza a satisfazer no proprio berço todas as suas necessidades excretivas, é da *essencia* do homem *ouirinar . . .* na cama. A isto chega a logica do Dr. Hygino.

todas tres o lastimavel professor de direito administrativo andou pessimamente.

Entre a segunda e a primeira *posição* da these questionada ha um laço tal de dependencia, que, provada em parte a inverdade daquella, fica provada no todo a falsidade desta. E' o que até aqui principalmente havemos feito. Mas para que usar de provas indirectas, desde que as temos directas e decisivas? Para que mesmo suppôr que o Dr. Hygino tenha abandonado a idéa de *cargos publicos*, para somente se referir aos cargos do *selfgovernment*, se elle nada disse, nada confessou a tal respeito? . . .

Pelo contrario, já no fim do seu segundo artigo, elle tem a coragem de dizer que a formula de Gneist, citada por Gluth, é equivalente á sua proposição, isto é, a sua *these*, onde aliás só se fala de *cargos publicos*. E' evidente portanto que o homem não se afastou do seu velho terreno; o que disse, está dito e muito bem dito, é a sua convicção inabalavel.

Neste sentido, e como que resumindo tudo que anteriormente escrevêra, diz elle : « Um conjuncto de cargos publicos honorificos, obrigatorios, gratuitos, considerados como delegação da corôa, eis todo o *self-government* historico da Inglaterra, segundo Gneist. »

Mas então, concluindo e applicando a sua *these*, deveria tambem dizer : « logo é da essencia do *self-government*, segundo o mesmo Gneist, a gratuidade e

XVI

Julgo dever ao publico uma satisfação pela demora que tem havido na continuação dos meus artigos. Uma satisfação... ao publico sómente, porque

O leitor permitta-me uma pequena historia. Ha cerca de 35 para 40 annos, existiu na capital da Bahia um velho coronel reformado, membro de uma illustre familia, D. Braz da Silveira, de quem ainda hoje se contam chistosas anedotas e ditos disparatados. Entre estes o seguinte: passando uma vez pela *rue do Commercio* e encontrando fechada uma casa de cabelleireiro, que tinha na frente uma *taboleta* com a firma social *Larjeau & Lecomte*, o coronel esbarrou a burriça, em que sempre andava montado, e depois de alguma reflexão murmurou consigo: *Larjeau & Lecomte, largou as contas.*

Que differença ha entre esta e a traducção do Dr. Hygino?

Larjeau & Lecomte, largou as contas.

Mater Christi, matem a Christo.

Janua caeli, já não ha céu.

Obrigentlich, obrigatorio.

Com se vê, o allemão do Dr. Hygino é irmão germano do francez de D. Braz e do latim das beatas. Que bicho tólo!...

A concluir esta nota, advirto ao Dr. Hygino que com o seu regimento de *gritadores na luta* não me consegue atemorisar. A gente que o cerca está pensando que uma discussão é uma coisa semelhante aos *pareos do Prado Pernambucano*, onde com gritos de *venceu Pachá* ou *venceu Tupy*, podem dar ganho de causa a este ou aquelle, que comprou maior numero de *poules*. Não é assim; não estamos em *Prados*. As honras de *Bacará, Galathéa, Favorita* e outras notabilidades do *Hippodromo*, eu delixo-as todas para o Dr. Hygino.

quanto ao Dr. Hygino e seus *sequazes*, é coisa que não me dá cuidado.

E' geralmente sabido o meu estado de doença até pela declaração do proprio Dr. Hygino, que o mencionou como causa da minha *petulante neuropathia*, quando abandonou a discussão frente á frente, a luta de homens de bem, subordinada á disciplina moral do mutuo respeito, para tornar-se um *franc-tireur* da bandalheira, do anonymato injurioso e infamante ; o que me tem obrigado, máu grado meu, a arregaçar tambem as mangas, metter as mãos na lama e conspurcar por minha vez a cara do meu adversario.

Em virtude desse estado morbido, que raras vezes me permite escrever mesmo os meus artigos mas apenas dital-os a quem os escreva, ainda não pude concluir o meu trabalho ; porém é certo que concluil-o-hei. O publico espere um pouco mais, para ver o final da coisa que será interessante. No meu proximo artigo dar-lhe-hei conta do juizo de um velho sabio allemão, residente no Rio de Janeiro, que é mais uma vergonha para o Dr. Hygino ; juizo este que não foi por mim provocado, mas expresso a pedido de um meu amigo que o consultou sobre a questão.

Agora algumas palavras ao Dr. *Obrigkeithlich*. Está em andamento a publicação da brochura, de que já tenho falado, contendo todas as peças da nossa polemica. Posto que pobre, muito pobre, e, além de

obrigatoriedade dos cargos publicos. » Porém isto é serio? Só dando-se com um martello na cabeça do bobo para arrancar-lhe os velhos miolos e botar-lhe novos. Seria uma conclusão igual a esta: Um conjuncto de *mamíferos, ruminantes, lanigeros*, cujos machos têm de ordinario as *armas encurvadas*, é o que se chama um *rebanho*; logo é da essencia do rebanho a *ruminação, a lan e as armas encurvadas dos mamíferos*. . . Só levado á palmatoria.

Corre a noticia que a respeito de outrem seria inverosimil, mas a respeito do Dr. Hygino tem todos os visos de verdade, que S. S. vai dirigir uma carta ao professor Gneist para elle se pronunciar sobre a nossa questão.

Eu não tenho igual coragem; não escreverei a Gneist, pois acho nisto uma ousadia inqualificavel, porém escreverei a dous amigos que tenho em Berlim, e que podem facilmente entender-se com o publicista, se é que este ainda vive, dando-lhe conta exacta do motivo da polemica entre mim e o Dr. Hygino.

O *nullo e chulo* professor da Faculdade do Recife, caso tenha realmente essa idéa, deveria começar por me convidar, assim mandava a dignidade scientifica, que é irman da dignidade moral, para redigirmos em commum a proposta da questão, sendo porém o Dr. Hygino quem só se dirigisse ao sabio tedesco.

Mas estou certo que assim não procederá.

No correr da presente discussão S. S. tem dado tantas provas de violencia, descompondo-me e mandando-me descompor *anonymamente*, que seria uma tolice esperar de sua parte qualquer acto de nobreza.

Entretanto convém observar-lhe que fazendo a consulta, deve fazel-a nos seus verdadeiros termos. Como S. S. não sabe allemão, eu lhe forneço desde já, para enviar-a ao professor Gneist, a traducção da sua these, tal qual se acha transcripta nos livros da Faculdade.

Eil-a :

« Was ist dem Selfgovernment wesentlich : die Unentgeltlichkeit der *oeffentlichen Aemter* und die Zwangspflicht zu ihnen; nach der Lehre Gneist's, oder die Autonomie der Localverwaltung, nach der Lehre Lorenz Stein's ? . . . »

Não saia daqui. Tudo que não for isto, é falsidade e mentira. (21)

Basta por hoje.

24 de outubro de 1888.

(21) Não ha nada mais gaiato do que a pretensão do Dr. Hygino, levada ao ponto de querer dirigir-se a Gneist sobre a questão do *selfgovernment*. Um toleirão, que ignora completamente a lingua de Kant, e como tal já traduziu *obligkeilich* por *obligatorio*, ousando sondar nas obras do publicista berlinense o seu verdadeiro pensamento sobre tal materia, é com effeito um dos espectaculos mais interessantes.

XVI

Julgo dever ao publico uma satisfação pela demora que tem havido na continuação dos meus artigos. Uma satisfação... ao publico sómente, porque

O leitor permitta-me uma pequena historia. Ha cerca de 38 para 40 annos, existiu na capital da Bahia um velho coronel reformado, membro de uma illustre familia, D. Braz da Silveira, de quem ainda hoje se contam chistosas anedotas e ditos disparatados. Entre estes o seguinte: passando uma vez pela *rua do Commercio* e encontrando fechada uma casa de cabelleireiro, que tinha na frente uma *tableta* com a firma social *Larjeau & Lecomte*, o coronel esbarrou a burriceza, em que sempre andava montado, e depois de alguma reflexão murmurou comsigo: *Larjeau & Lecomte, largou as contas.*

Que differença ha entre esta e a traducção do Dr. Hygino?
Larjeau & Lecomte, largou as contas.

Mater Christi, matem a Christo.

Janna caeli, já não ha céu.

Obrigfeitlich, obrigatorio.

Com se vê, o allemão do Dr. Hygino é irmão germano do francez de D. Braz e do latim das beatas. Que bicho tólo !...

A concluir esta nota, advirto ao Dr. Hygino que com o seu regimento de *gritadores na luta* não me consegue atemorisar. A gente que o cerca está pensando que uma discussão é uma coisa semelhante aos *páreos do Prado Pernambucano*, onde com gritos de *venceu Pachá* ou *venceu Tupy*, podem dar ganho de causa a este ou aquelle, que comprou maior numero de *poules*. Não é assim; não estamos em *Prados*. As honras de *Bacarat*, *Galathéa*, *Favorita* e outras notabilidades do *Hippodromo*, eu deixo-as todas para o Dr. Hygino.

quanto ao Dr. Hygino e seus *sequazes*, é coisa que não me dá cuidado.

E' geralmente sabido o meu estado de doença até pela declaração do proprio Dr. Hygino, que o mencionou como causa da minha *petulante neuropathia*, quando abandonou a discussão frente á frente, a luta de homens de bem, subordinada á disciplina moral do mutuo respeito, para tornar-se um *franc-tireur* da bandalheira, do anonymato injurioso e infamante ; o que me tem obrigado, máu grado meu, a arregaçar tambem as mangas, metter as mãos na lama e conspurcar por minha vez a cara do meu adversario.

Em virtude desse estado morbido, que raras vezes me permite escrever mesmo os meus artigos mas apenas dital-os a quem os escreva, ainda não pude concluir o meu trabalho ; porém é certo que concluí-o-hei. O publico espere um pouco mais, para ver o final da coisa que será interessante. No meu proximo artigo dar-lhe-hei conta do juizo de um velho sabio allemão, residente no Rio de Janeiro, que é mais uma vergonha para o Dr. Hygino ; juizo este que não foi por mim provocado, mas expresso a pedido de um meu amigo que o consultou sobre a questão.

Agora algumas palavras ao Dr. *Obrigentlich*. Está em andamento a publicação da brochura, de que já tenho falado, contendo todas as peças da nossa polemica. Posto que pobre, muito pobre, e, além de

pauperrimo, doente, todavia estou disposto a fazer um sacrificio e contribuir para as despezas dessa publicação. Sou um homem generoso; quero concorrer para tornar mais facil ao publico, pela leitura prompta e alternada dos nossos escriptos, reunidos em livro, a apreciação da *victoria* de S. S.

E' natural por conseguinte que o *sapientissimo* doutor, que é só quem tem a lucrar em tal negocio, contribua tambem para o mesmo fim; tanto mais quanto é certo que S. S. não está no meu caso, as suas condições economicas são bem diferentes; o seu *talento* é muitissimo *rendoso*, já chegou até para dar-lhe um *chalet* ou *palacete*; qualquer contribuição de sua parte não lhe pôde causar o minimo incommodo. Podemos contar com ella? Vamos, responda; deixe por ora o *espiritismo* e caia com o cobra.

28 de outubro de 1888.

XVII

A *Gazeta da Colonia (Morgen Ausgabe)*, n. 267, de 25 de setembro proximo passado, traz uma correspondencia de Madrid, na qual se lê o seguinte:

« Espirito allemão e sciencia allemã conquistam diariamente mais adeptos nos paizes hespanhoes e

portuguezes ; e um bom acolhimento da parte da Allemanha poderia ainda muito fazer neste sentido e reforçar essa corrente merecedora de toda attenção. Infelizmente o exemplo da embaixada allemã em Roma, que poz á disposição de nacionaes e estrangeiros uma bibliotheca tedesca, ficou sem imitação naquelles paizes, aliás tão importantes para os interesses allemães, posto que isso fosse realmente de uma urgente necessidade.

« As novissimas obras allemães de ordinario só são conhecidas, vindas pelo rodeio de Pariz ; porém alguns professores universitarios, medicos e homens de Estado, assim como o *Atheneu* daqui (Madrid) já mandam vir directamente o que existe de mais novo.

« O mesmo vai acontecendo em Portugal e no Brasil. Tanto aqui, como alli, encontram-se pessoas, cujo centro de gravidade espiritual propende para a Allemanha, em cujo gabinete de estudo acha-se o mais precioso da litteratura allemã. D'entre os hespanhoes são aqui muitas vezes indicados os philosophos Gonzalez Serrano, Vidart, Salmeron, e os nomes de Pi y Margall, Gonzalez Fernandez, Romero Giron, conde Almenas, o biographo de Bismark, Juan Valera e outros.

« Quanto, porém, a relações portuguezas e brasileiras, são ellas pelo contrario completamente desconhecidas na Allemanha, se bem que uma poderosa

corrente prosiga na mesma direcção. O chefe deste movimento no Brasil, o professor de direito, philosopho e poeta, Tobias Barreto, em Pernambuco, publicou ha oito annos um livro com o titulo de *Estudos allemães*, que produziu grande sensação e irritou fortemente os *gallomanos* brasileiros.

« A sua ultima obra *Questões vigentes de philo-ophia e de direito* é uma continuação daquelles estudos, na qual o autor trata da evolução, filiando-se em Hæckel, da questão social tendo em vista sabios allemães, e da velha luta sobre o character dos poderes publicos no Estado moderno em geral, appellando para R. Gneist, von Treitschke, Lasker e outros.

« A mania systematica dos positivistas francezes e inglezes é refutada com demasiada minudencia, por quanto o systema proprio de A. Comte já é em França e na Inglaterra ponto de vista atrazado e os chamados positivistas apoiam-se na critica da razão pura de Kant; o seu positivismo é simplesmente a negação da metaphysica, em tudo mais faltam os traços communs que presuppõem uma escola.

« Em um detalhado capitulo *Recordação de Kant* é exposta com toda a clareza a profunda significação do pensador de Kœnisberg e criticamente discutida a obra de seus successores, sendo analysados Schopenhauer, Hegel e os modernos Zöllner, Helmholtz, Fischer, Hartmann, que aliás é apreciado com rigor.

« O capitulo final occupa-se com a religião do futuro ; e ahi Barreto aproveita a occasião para ler os *Levitas* aos francezes. Dest'arte diz-lhes duras verdades, e, entre outras, que elles sempre estão, pelo menos dez annos atraz do movimento espirital da Allemanha, que trocaram o *esprit gaulez* por um estreito odio ao estrangeiro e se acham por conseguinte em completa decadencia. »

Depois de traduzir mais de uma pagina das *Questões vigentes* o escriptor conclue nestes termos :

« O estylo de Barreto é vivo e espirituoso ; e segundo o testemunho de Sylvio Romero, o historiador litterario brasileiro, elle tem creado muitas phrases novas e novos modos de dizer. E' interessante saber que esse brasileiro já publicou em Pernambuco um pequeno periodico em allemão, e como se vê de uma nota do seu ultimo livro, elle trabalha actualmente em um escripto intitulado *Contribuição para o conhecimento da vida espirital no Brasil*, que igualmente será publicado em lingua allemã. »

Até aqui o correspondente de Madrid. Agora eu, o Dr. José Hygino e *sua gente*. Não acha S. S. bem significativo que justamente no dia em que na *Provincia*, (25 de setembro) compunha-se aquelle artigo no qual me qualificou de proto-ignorante, a *Gazeta de Colonia*, um dos primeiros jornaes do mundo, se occupava da minha pessoa de um modo tão lisongeiro ?

Se isto nada significa em relação a mim, diga-me então o que ha de mais significativo neste genero em relação a S. S.? A adoração e os louvores dos membros do *Archeologico*? O enthusiasmo inconsciente de dois ou tres matutos analfabetos, clientes do Dr. Hygino, que promette desembaraçal-os de quaesquer difficuldades da *usina*, pobres estupidos, que nunca souberam fazer bom assucar, nem pagar em tempo as suas dividas, mas têm estudos especiaes sobre o *selfgovernment*, razão porque o Dr. Hygino pergunta-lhes constantemente que taes têm achado os seus escriptos, e elles respondem que — perfeitos, magnificos, irrefutaveis? Será isto realme; e que S. S. considera mais significativo? E' bem possível. Se não houvesse *Instituto Archeologico* e agricultores de *usina*, quem falava em José Hygino?

Seria muito para desejar que este senhor *tomasse tento*. Os seus collegas do *Instituto* apresentaram-lhe um falso espelho, onde S. S. se mirou e achou-se bonito; mas a verdade é que o Dr. Hygino é bastante feio.

De minha parte lhe declaro que jurei aos meus deuses tiral-o dessa illusão. No epilogo dos meus artigos sobre *selfgovernment* faço o historico da vida intellectual de S. S. desde 1863, que foi o seu primeiro anno academico, e quando o conheci pela primeira vez em casa de *Aristides Dantas Portatil*, até a actualidade.

Vinte e cinco annos! . . . *Grande mortalis aevi spatium.*
Mostrarei que durante esse tempo, o Dr. Hygino ainda nada fez, absolutamente nada que lhe dê direito a julgar-se, como se julga, uma figura saliente no mundo da intelligencia.

Desculpe-me um pouco de vaidade. que no caso é bem cabivel. Vêr meu nome seriado no meio de germanophilos, philosophos e litteratos, como Gonzalez Fernandez, Salmeron, Pi y Margall, etc., creio que vale mais do que os elogios da *Provincia* ao Dr. Hygino, talvez até escriptos por elle mesmo.

Em uma correspondencia da Hespanha para a Allemanha, na qual se fala da invasão do germanismo e Portugal e no Brasil, o escriptor não declinar um só nome portuguez, mas limitar-se a mencionar o meu, e isto sem que eu já lhe tivesse mandado um presente, ou um titulo de socio honorario do *Archeologico*, parece-me cousa capaz de suscitar um justo orgulho. E eu o tenho com effeito.

Observo ao Dr. Hygino que se duvidar da noticia aqui exposta, declare-o com toda a franqueza, para que lhe faça chegar ás mãos o numero do jornal a que me refiro. Bem entendido: para que em mesmo lh'o mostre, pois não confio na sua sinceridade. S. S. seria capaz de queimar o exemplar que lhe remetteste e vir á imprensa dizer que era mentira minha. Não me sendo talvez muito facil encontrar logo um numero

igual, ficava assim S. S. por alguns dias com ares de vencedor. Diga portanto onde quer que lhe vá mostrar a *Gazeta de Colonia*.

28 de outubro de 1888.

XVIII

Para sahir-se mais ou menos das difficuldades da presente questão, o Dr. Hygino teve logo ao principio tres portas francas: 1.º confessar que tinha errado, quando usou na sua thesa da expressão *cargos publicos*, em vez de uma outra menos extensa e comprehensiva que só se referisse a funcções proprias do *selfgovernment*; 2.º negar que tirasse usado de uma tal phrase, podendo até recorrer ao pretexto de um *erro de copia* nos livros da Faculdade; o que não era de certo muito airoso, mas não deixava de ter uns visos de verosimilhança; 3.º finalmente, aceitar a these, tal qual foi formulada, e procurar mostrar que realmente segundo a *doutrina* de Gneist, é da essencia do *selfgovernment* a gratuidade e obrigatoriedade dos *cargos publicos* em geral, dos *cargos publicos* sem distincção alguma.

Era sem duvida uma empreza difficilima, e ousou mesmo dizer, impossivel de realizar, sobretudo para um espirito mediocre, como o Dr. Hygino, pois que

ver-se-hia obrigado a provar, por exemplo, que o cargo de ministro de estado na Inglaterra, sendo um *cargo publico*, tambem é *gratuito* e *obligatorio*, por ser isso da essencia do *selfgovernment*, segundo a *doutrina* de Gneist. Um grandissimo disparate, como se vê, porém que em todo caso um talento de primeira ordem poderia pintar e doirar de tal maneira, que chegasse a embair meia duzia de nescios, e a convencer uma duzia de parvos.

Entretanto em vez de buscar qualquer dessas tres portas, o Dr. Hygino preferio tentar esgueirar-se, já não digo pela janella, mas pela grêta de uma argumentação ineptamente sophistica e desmantelada.

Com effeito, é preciso possuir toda aquella comu-
ança, que dá o cynismo, ou toda aquella calma, que dá a ignorancia para insistir na defesa de uma these erronea, deslocando-a porém do terreno, em que ella foi censurada, e chegando a conclusões que nada têm que vêr com o motivo da censura. Uma verdadeira teima de asno, que recúa diante de um *tôco*, ficando á beira da estrada, e não ha esporas, nem pancadas, que o façam comprehender que *pau não é gente*, ou relativamente ao caso, que o façam comprehender que *cargos publicos* não são sómente os *cargos do selfgovernment*.

Os exemplos illustram; figuremos um exemplo. Supponhamos que um individuo tratasse de demonstrar

o conhecido theorema : em todo triangulo *A B C* a somma dos tres angulos é igual a dous rectos ; e que depois de traçar linhas em diversas direcções e de estabelecer o seu raciocinio, concluisse por este modo : —logo a recta *B C* é tangente á circumferencia. Quem não se espantaria de semelhante despropósito ? Na hypothese da seriedade do *geometra*, não haveria duvida sobre a sua *idiotia*.

Pois é esta mesma a posição do Dr. Hygino. Pretendendo demonstrar a verdade da sua these, isto é, que, segundo a doutrina de Gneist, é da essencia do *selfgovernment* serem os *cargos publicos* gratuitos e obrigatorios, elle escreve, escreve, escreve, cita Gluth, cita Gneist, e depois de muito lidar, conclue dizendo que, segundo o mesmo Gneist, o *selfgovernment* é um conjuncto de *cargos publicos* honorificos, obrigatorios, gratuitos, etc, etc. !

E então ? Não é o mesmo que começar por *triangulo* e acabar por *circumferencia* ?

Era esse por ventura o objecto precipuo da questão ?

Que é da prova de ser da essencia do *selfgovernment* a gratuidade e obligatoriedade dos *cargos publicos* ? (22)

(22) Dos *cargos publicos*, Sr. Dr. Hygino, entendeu ? Dos *cargos publicos*, senhores anonymos da *Provincia*, ouviram ?

Não é só isto. Depois de um desperdício inútil de palavras, que o nosso hóbo considera uma *prova directa* da sua these, elle passa a tratar d'aquillo que chama *contraparte* ou prova indirecta e ousa dizer que nesse terreno os textos de Gneist são tão tão numerosos e evidentes que não sente outro embaraço senão o da escolha !

Aqui porém é preciso fazer alto e convidar o leitor para uma vista retrospectiva.

No seu primeiro artigo de 19 de setembro, respondendo á minha pergunta sobre a obra do publicista allemão, na qual se encontrava a doutrina consagrada pela these do Dr. Hygino, este senhor declarou que as idéas de Gneist, relativas ao assumpto, se achavam

Dos *cargos publicos*, senhores doutores da Faculdade, comprehenderam? Dos *cargos publicos*, em fim, *ó vos omnes qui transitis per viam*, inclusive os burros do *bonó* aos quaes o Dr. Hygino tambem pergunta como tem perguntado a todos e a tudo, se não acharam que elle resolveu bem a questão, e os *animas* respondem com certo ar de magistral superioridade: — pois não, collega ! Você explanou perfeitamente a theoria do *Gneist* !...

Esta *theoria do Gneist* é uma coisa tentadora. Realmente uma *suciã* de ignorantes, que ouviram agora pela primeira vez pronunciar o nome do sabio allemão, já se julgando competentes para dizerem ao Hygino, cuja tolice chega ao ponto de consultal-os, que elle andou regularmente na exposição das idéas desse autor, do qual ainda hontem desconheciam até a propria existencia, é o que ha de mais repugnante nos dominios da *pomada* scientifica.

claramente expostas na sua obra intitulada — *Self-government* — pag. 69, no periodo que começava pela palavra *tal* e acabava pela palavra *qual*, etc. ; o que foi logo por mim refutado e desmentido.

Não é mistér dispor de conhecimentos especiaes, basta um pouco de senso commum, para qualquer leitor fazer a seguinte reflexão : que quer dizer isto ?

Se o Dr. Hygino possuía um livro de Gneist, onde os textos apoiadores da sua these são tão *numerosos e evidentes*, que a unica difficuldade que elle encontra, é a da escolha, porque não citou logo esses textos no seu primeiro artigo ? Porque começou por mencionar uma outra obra que elle não tem e que só conhece por indicação do *seu* Osca ? Ah! ha um certo mysterio.

Sem duvida alguma ; .. o mysterio, eil-o aqui. Quando o Dr. Hygino referiu-se ao livro *Selfgovernment*, foi na supposição de que eu não o possuia.

Conhecendo, porém, que se havia enganado, pois lhe mostrei que tinha citado em falso, tratou de acautelar-se, e d'ahi em diante nunca mais falou em semelhante obra, nem mesmo reportando-se ás citações de Gluth.

O leitor attenda bem ; pois que a coisa é digna de toda attenção.

No mesmo artigo, em que provei que o *Selfgovernment* de Gneist não continha a doutrina, de que falara

o Dr. Hygino, citei tambem as seguintes obras desse autor: *Das englische Verfassungs- und Verwaltungsrecht* (2ª edição); *Verwaltung, Justiz und Rechtsweg* (1869); *Die Preussische Kreisordnung* (1870).

O Dr. Hygino não tratou sómente de precaver-se quanto ao *Selfgovernment*, mas tambem quanto a esses outros livros, que S. S. teve o cuidado de tornar completamente desconhecidos do Dr. Oscar Gluth, de modo que este Sr. Oscar estabelece theorias e formulas do *Selfgovernment*, derivadas e extrahidas de todas as obras de Gneist, menos daquellas que foram por mim citadas!... Vejam lá que *trapaceria*! O mundo litterario tambem tem os seus *tratantes*. Ha sómente a observar que os bons resultados da *trapaga* estão em proporção ao talento do *trapaceiro*. Quando este é de vistas curtas, facilmente descobre-se a miseria.

Foi o que se deu com o Dr. Hygino: quiz enganar, porém sahio enganado; na sua pretendida tactica em não mencionar de modo algum os livros que eu citei, tinha dois fins: 1.º evitar que de novo o sorprehendesse, falando de *oitiva*, como lhe acontecera com o texto da pag: 69 do *Selfgovernment*; 2.º fazer crer aos *idiotas* de todos os tamanhos que as obras de Gneist, que tenho lido, são todas *velhas* e *ruins*; só elle tem as *novas* e *boas*!... Será possivel, não obstante a pretensão de *esperteza*, dar-se maior prova de ser apenas um bestalhão vulgar? Creio que não.

Porém ainda não é tudo. O diabo *tem sete capas*, diz o proverbio, mas tambem, quando começa a *desencapar*, a coisa é feia. Assim o Dr. Hygino, não se lembrando que ao principio eu havia dito possuir cinco obras do publicista allemão, ou suppondo que a 5ª, não citada no meu segundo artigo, não era *Rechtsstaat*, não duvidou, mediante a autoridade de Gluth, referir-se a esse livro de cuja pagina 286, diz elle, extrahiu o mesmo Gluth uma formula do *selfgovernment*, segundo Gneist.

Foi um completo desastre. Eu possuo o *Rechtsstaat*, e até já o citei em artigo posterior ao do Dr. Hygino, em que se fez menção desse livro. Declaro pois alto e bom som, que é mentirosa a citação d'elle, não só no que diz respeito ao seu conteúdo como até no que diz respeito ao numero da pagina, 286. O *Rechtsstaat* tem somente 202 paginas; já se vê que a tal *formula* invocada só poderia encontrar-se em uma pagina que não existe. Responda portanto o Dr. Hygino, onde quer que lhe vá mostrar o livro, se em outro qualquer lugar, ou se dentro da Faculdade, em presença dos collegas, para tornar assim, ainda uma vez, bem patente a sua ignorancia, o seu descaramento, o seu inaudito *pomadismo*. (23)

(23) Esta provocação, estou certo, ficará sem effeito, como todas as outras. Desafiei o Dr. Hygino para apresentar os diversos autores allemães, por elle invocados, e o *homem não se*

O homem é realmente de um cynismo, que mette medo. Elle não só dá a entender, como já foi mesmo observado a conversar com um academico do 5º anno, declarando-lhe que todo o meu erro provém de basear-me na 2ª edição do *Englische Verwaltungsrecht* de Gneist, ao passo que elle refere-se á 3ª, onde esse autor alterou completamente as suas primeiras idéas!

mouveu, desafiei-o para mostrar-me o seu Oscar, afim de provar-lhe que não o tinha sabido traduzir, e *o homem não se moveu*; desafiei-o para traduzirmos em commum os pedaços da 3ª edição da obra de Gneist, que elle dizia prestarem-se á defeza da sua these, e *o homem não se moveu*. Oh! diabo de *cara dura*! Se tal coisa se desse commigo, eu nem sei mesmo onde já ter-me-hia escondido.

Pelo menos é certo que, se taes e tantos desafios, em vez de serem de mim para o Dr. Hygino, tivessem sido delle para mim, a moleçada *anonyma*, que o applaude, já teria vindo á minha porta dar-me uma vaja, e conforme as circumstancias, se eu ousasse reagir, talvez até destripar-me na ponta da faca... E por que não? Dar uma facada e matar um pai de familia é uma coisa tão simples e tão natural!

Felizmente, porém, não sou quem tem deixado de aceitar os reptos, é o Sr. Dr. Hygino; mas este tem o direito de ser *covarde* e passar por um *heroe*, tem o direito de ser *ignorante* e passar por *illustrado*! Pobre Pernambuco, onde a corrupção já chegou ao ponto de *eleger-se* ou *nomeiar-se* um typo como *Zé Hygino* para o lugar de *grande talento*, da mesma forma que se nomea um *continuo* de repartição, ou um *fiscal* da camara, simplesmente por se tratar de *um bom correligionario*!... Entretanto acredite o Dr. Hygino que S. S. pode tornar-se um grande talento *por eleição*, mas fica sendo sempre um grande tólo *por devoção*, como se diz em linguagem de festa religiosa.

Ah ! *vistosos!* Só numa roda de sandeus, é que tu podes *grimpar!* Com effeito, das duas uma : ou o Dr. Hygino conhece a 2ª edição, que eu tenho, ou não conhece. Se conhece, porque não mostrou nos seus artigos as divergencias entre o Gneist de 67 e o Gneist de 83, dizendo que esta ou aquella theoria consagrada na 2ª edição, foi modificada por esta ou aquella outra estabelecida na 3ª? Se porém não conhece, o que é o mais certo, como ousa affirmar, que houve tal modificação? . . . E' um verdadeiro *fourbe* litterario.

Além disto, salta aos olhos a inverosimilhança da coisa, quando se considera que um espirito, como Gneist, depois de longos estudos, publicando a 1ª edição da sua obra em 1857, e a 2ª dez annos depois, não podia vir afinal mudar de opinião e a todos aquelles que o tinham elogiado nas edições anteriores, dizer agora em estylo de José Hygino: — minha gente, *eu equivoquei-me*; o que disse do *selfgovernment* na 1ª e 2ª edição, não é verdade; a verdade está na 3ª! . . . Isto é inconcebivel, e só pôde entrar na cabeça de um bobo, como Hygino.

Já tive occasião de mencionar uma critica da 3ª edição do *Englische Verwaltungsrecht*, publicada nos *Annaes prussianos*. O critico, que não se nomeia, e que por isso mesmo dá a comprehender ser o proprio editor dos *Annaes*, o famoso Henrique von Treitschke,

exprime-se deste modo : « O presente volume, posto que nelle, pelo lado do conteúdo, encontremos por toda parte as idéas do autor já *muito conhecidas*, todavia pôde se chamar um livro novo, no que toca á ordem e execução do trabalho; porquanto as vistas dirigentes são postas em um nexó mais natural aos nossos hábitos, e desembaraçadas da immensa riqueza de detalhes. »

Vê portanto o Dr. Hygino que, entre a 3^a e a 2^a edição da referida obra, ha somente uma differença de methodo, uma differença de fórma; e isto mesmo está de accordo com as palavras do titulo que dizem : « *Dritte nach deutscher Systematik umgestaltete Auflage* » 3^a edição transformada segundo a systematica ou modo de systematisação allemã. »

Nada mais claro : simples questão de systema ou de ordem na exposição das idéas e não questão de fundo ou de alteração na doutrina.

Mas aqui, dir-me-ha o Dr. Hygino, ou alguém por elle, que eu sempre sou homem capaz de citar *Annaes*, que a minha illustração é illustração de *Annaes* ! Coitado do pobre doutor ! Não se pôde ser mais infeliz no manejo do *espirito* contra um advesario. Realmente o Dr. Hygino está convencido que os *Annaes prussianos* são alguma coisa de semelhante aos *Annaes do Parlamento*, ou aos das nossas assembléas provinciaes, ou aos do *Instituto Archeologico* ; mas ha engano de sua parte, motivado por um pouco de estupidez.

Que faria o Dr. Hygino, se por ventura citando a *Revista dos dois mundos* ou a *Revista de Edimburgo*, alguém lhe dissesse que S. S. só tinha illustração de *Revistas*? Daria sem duvida uma gargalhada e julgaria que esse *alguem* não passava de um idiota. Pois nas mesmas condições se acha o Dr. Hygino.

Escute, meu caro, e corra de vergonha, se isto ainda lhe é possível. *Annaes prussianos* — é o nome de uma revista scientifica e litteraria, que se publica em Berlim, desde 1857, em fasciculos mensaes, formando annualmente, dois volumes de 500 a 600 paginas cada um e já contando por conseguinte no anno que corre 62 volumes. Tem como director e principal redactor o grande Treitschke, professor universitario, e nella tem collaborado mais de 200 notabilidades da Allemanha, entre as quaes encontram-se nomes como os de Michael Bernays, Hermann Grimm, Henrique Honberger, Theodoro Mommsen, Rodolpho Gneist e muitos outros, não se encontrando porém o nome do seu Oscar.

Comprehende portanto o leitor, que bastam 4 ou 5 annuarios de uma tal revista, para formar uma escolhida bibliotheca. E é uma publicação deste quilate, que o Dr. Hygino ousa tratar, brutal e inconscientemente, com um certo ar de zombaria!

Desafio ainda esse *patão* para me dizer, onde quer que deposite os volumes que possui ou então

para mandar qualquer dos seus *amigos* examinar e verificar, se os *Annaes prussianos* são isso mesmo que acabo de referir. Já não sei de que meio mais energico deva usar, para cural-o da *paralysia moral*, que o tem prostrado. Levante-se, imbecil, e aceite o meu desafio.

Mas que querem? O parvo julga que tudo isto é nada, desde que tem o Oscar e a 3ª edição do Gneist, livros estes que elle por uma especie de *mirandolismo* scientifico, possui porém não mostra, e não mostra, porque não quer, sejam quaes forem as minhas instancias.

Com effeito os livros do Dr. Hygino são semelhantes aos *cheques* do Mirandola, isto é, provas de um credito e de uma sciencia, que não existem. (24)

Ainda um ponto digno de nota. Como já fiz sentir, o Dr. *Obrigkeittlich* anda a insinuar que a sua 3ª edição de Gneist, de 1883, que é a que elle diz ter, é inteiramente diversa das edições anteriores, e as idéas nella contidas são differentes das que se acham nos velhos livros do publicista de Berlim. Entretanto o

(24) Não vá depois S. S. dizer tambem que eu substitui os *brilhantes* do anel de sua *encommenda*, ou que troquei as palavras da sua these por outras menos *preciosas*. E' só o que falta para firmar a perfeita identidade dos dois typos, igualmente admiraveis, um na *fourberie* commercial e outro na *fourberie* litteraria.

nosso *Polichinello*, que em materia de faculdades intellectuaes, não dispõe nem de uma soffrivel memoria, não se lembra de ter confessado no seu escripto de 19 de setembro, que o conhecimento que tem das idéas de Gneist, deve-o principalmente ao livro de Oscar Gluth, mas este livro, segundo a propria declaração do Dr. Hygino, é de 1880 — logo este tal senhor Oscar, a quem não coube a ventura de conhecer a mysteriosa 3^a edição de 1883, só teve entre os olhos as velhas obras de Gneist, e nestas condições, tudo o que disse não merece consideração, e deveria tambem *queimar o seu livro!*...

Ah! Hygino, como tu és tolo!

O valor e o alcance de estas minhas observações só podem ser comprehendidos por pessoas desprevenidas, por espiritos mais ao menos cultos, cujos votos não se contam, mas se pesam; e essas pessoas são em muito pequeno numero. Os nescios que nada entendem da questão continuam a pensar que Zé Hygino andou bem.

Em um bello artigo sobre o que elle chamou *Shahespearomania*, o celebre escriptor allemão Roderich Benedix (sabe quem foi, Hygino?) escreveu as seguintes palavras: « Eu conheci um moço, que mostrou-me uma vez a sua *querida*, convidando-me a admirar com elle a sua immensa belleza. Como porém eu lhe observasse que ella era um pouco *zarolha*, respondeu-me elle: mas que expressão ha naquelles olhos

tortos !... Não é só isso, disse-lhe eu ; ella é tambem meio *coxa*, e o rapaz atalhou-me dizendo : mas com que graça ella *coxêa* !... »

Não é isto mesmo que se dá com os *apaixonados* do Dr. Hygino? Quando se lhes diz : o Hygino fugiu da questão e passou a tratar de assumpto diverso, elles respondem : mas que bella *prelecção* sobre *selfgovernment* ! Quando se lhes diz : o homem não sabe allemão : traduziu *obligkeitlich* por *obligatorio*, elles respondem : mas com que seriedade elle commette erros de traducção, a que dá o nome de *equivocos* ! Quando se lhes diz : o homem não tem aceito os reptos do Tobias, elles respondem : mas com que denodo elle tem deixado de aceitar desafios ! Já se vê que com tal gente não é possivel conseguir coisa alguma.

E não é por certo para essa gente que eu escrevo. Os meus leitores são de outra esphera. Ainda ha pouco recebi uma carta de um distincto amigo do Rio de Janeiro, na qual, entre outras coisas a respeito da presente questão, lê-se o seguinte : — « Submetti a these questionada a *Fulano* (não quero por ora declinar o nome), e o velhinho riu-se muito da pasmosa ignorancia do assumpto revelada pelo Hygino... Tambem riu-se muito da historia do *Obrigkeit* dizendo que só isto é bastante para fechar o debate. Quem em tal cae não sabe o allemão, nem mesmo o *platt deutsch*. »

O velho sabio tedesco tem razão : eu devia ter logo fechado o debate, desde que vi que Hygino não sabendo a lingua de Gneist, não estava no caso de discutir commigo. Mas agora é tarde : é preciso levar a coisa ao fim, que será no proximo artigo. (25)

7 de novembro de 1888.

(25) Não se julgue entretanto, que eu tenha sentido a necessidade de escrever um grande numero de artigos para elucidar a questão. Não ha tal. Desde o principio que ella se acha elucidada para os espiritos despreocupados, que me entendem, e que não me odeiam. Quanto porém aos *reclamistas* do Hygino, nem que eu levasse dez annos a escrever, nunca chegaria a abalar-lhes o *axioma convencional* da profunda illustração do tal doutor.

O negocio é outro. Além de caprichoso por temperamento, o meu estado de doença veio augmentar-me os caprichos. Como sõe acontecer em casos taes, tenho achado muita gente que me ensina toda casta de remedios ; e entre estes o que mais impressão me causou, foi o de procurar *nove pintas femeas*, mata-las, depennal-as, preparal-as, pisal-as num pilão, passal-as numa peneira, e fazer de tudo isto uma *xaropada*. Aceitei o conselho e metti mãos á obra ; mas fui infeliz, não encontrei logo o numero completo de *pintas* : era preciso alguém ou alguma coisa, que viesse inteirar o mysterioso *quadrado* de *tres*. Encontrei finalmente ; eis ahi o motivo da delonga dos meus escriptos, motivo que eu posso bem exprimir na seguinte quadra :

Ensinaram-me *nove pintas femeas*
P'ra molestia, da qual ando soffrendo,
Só achei *oito*, fiz do Hygino a *nona*,
Fui com elle ao *pilão* e estou *moendo*.

XIX

E' pois evidente que, ainda quando o *quod erat demonstrandum* da these do Dr. Hygino se limitasse á prova de serem gratuitos e obrigatorios por essencia os cargos do *selfgovernment*, segundo doutrina de Gneist, essa these seria impugnavel, por ir de encontro á verdadeira idéa do publicista allemão.

Mas o Dr. Hygino foi muito adiante disso; não poz á conta de Gneist sómente um erro, mas um disparate, um contrasenso, uma verdadeira *asnidade*, qual é dizer que pertencem á essencia do *selfgovernment* a gratuidade e a obrigatoriedade dos *cargos publicos*.

E' verdade que S. S., depois de muito batido com relação a esse dislate, procurou uma sahida commoda, declarando que a expressão — *cargos publicos* — não é erronea, porque *subentendem-se* — cargos do *selfgovernment*! Muito bom expediente. De modo que S. S. com um simples *equivoquei-me* pretende justificar os crassos erros de suas pessimas traducções do allemão, e com um simples *subentendem-se*, explicar os despropósitos e absurdos de suas theses academicas.

Os leitores tenham paciencia. Deixem-me dar uns caróços de milho a este sendeiro, ou ensinar um pouco

de logica a este doutor. Os juizos podem ser considerados sob quatro pontos de vista: a *quantidade*, a *qualidade*, a *relação* e a *modalidade*. Se pois, no que diz respeito á *quantidade*, como no caso dos *cargos publicos*, quando se emprega um juizo *geral* em vez de um *particular*, deve *subentender-se* que é *particular*, é concludente que, no que diz respeito á *qualidade*, usando-se de um juizo *affirmativo*, em vez de um *negativo* deve tambem *subentender-se* que é *negativo*; e no que pertence á *relação*, empregando-se um *categorico*, em vez de um *hypothetico*, deve *subentender-se* que é *hypothetico*; e no que toca á *modalidade*, usando-se de um *problematico*, em vez de um *assertorico*, deve igualmente *subentender-se* que é *assertorico*.

Mas nestas condições o erro seria impossivel.

Com o magico *subentender-se* do Dr. Hygino estavam absolvidos todos os desatinos. Quem foi que neste mundo já pensou em tal coisa? Só o parvo lente de direito administrativo da Faculdade do Recife.

A despeito, porém, do seu *emplastro* continúa o erro da sua porca these; e para destruir todo o ridiculo aparato dos seus ultimos artigos, basta dar ao leitor o seguinte conselho: onde quer que o Dr. Hygino, no decurso desses artigos, toma ares de quem tira uma conclusão vencedora em favor da sua tolice, o leitor pergunte confiadamente: mas a que vem isto com relação á these questionada?... Prova isto

por ventura que é da essência do *selfgovernment* a gratuidade e a obrigatoriedade dos *cargos publicos*? E tanto é bastante para lançar por terra todo o castello de cartas do nosso pobre Hygino, esse digno representante, não da sciencia *séria*, nem mesmo da sciencia *comica*, porém da sciencia *buffa*.

Nos seus escriptos, quer os que sahiram com a sua assignatura, quer os que foram publicados sob a capa do *anonymo*, S. S. faz algumas observações, tão reveladoras da sua myopia moral, que não podem deixar de ser devidamente apreciadas. E' assim que ousa dizer que empreguei em um dos meus artigos a palavra *auto administração*, por tel-a ouvido da sua bocca. E' muita coragem.

Eu que já por vezes em outros trabalhos tenho usado as expressões: *auto-critica*, *auto-biographia*, precisando da lição do Dr. *Obrigkeitch* para formar o vocabulo *auto-administração*!... Deus se amercie de nós. (26)

(26) Entretanto a coisa tem sua historia, e quero dar-me ao trabalho de contal-a. Por occasião do ultimo concurso havido na Faculdade, no qual logo em principio deixei de tomar parte, tendo ido a uma congregação, para dar pontos, fui interpellado por dois collegas nos seguintes termos: « Que pena você não estar aqui hontem para apreciar a questão do *semecum* que esteve muito interessante. » Já sabendo do que se tratava e compreendendo que a critica dos collegas se dirigia, não contra a these do

E' ainda assim que para eximir-se de uma censura que lhe dirigi, por andar fazendo grande questão da differença entre *direito administrativo* e *sciencia da administração*, o Dr. Hygino teve a lembrança de referir o exemplo de não sei que Universidade, onde as duas materias são ensinadas em cadeiras distinctas. Não se pôde ser mais bôbo.

Com effeito S. S. capacitou-se de que eu julgava identicas as duas coisas, quando o motivo da minha critica está justamente no facto do Dr. Hygino tornar problematico aquillo que não soffre duvida alguma. Do

defendente bacharel Martins Jurado, que havia empregado a palavra *semecracia*, no sentido de *selfgovernment*, sem conhecer-lhe a génese etymologica, mas contra a *arguição* do bacharel Alcedo Marrocos, que é quem estava no terreno da verdade, procurei exprimir a minha opinião e mostrar que o bacharel *defendente* não podia justificar a phrase *semecracia*, ainda que a tivesse encontrado em Lastarria.

Disse tambem que não havia necessidade daquelle ou de outro qualquer *neologismo*; porquanto, a não querer repetir na these impugnada a expressão *selfgovernment*, da mesma forma que, por exemplo, os allemães traduzem ás vezes a palavra ingleza por *Selbsterwaltung*, nós tambem poderíamos traduzil-a por... *auto-administração*, acudiu o Dr. Hygino, que até então guardara silencio, com aquelle tom de magistral sufficiencia, que em tudo o caracteriza: e desde que eu não tinha motivos para querer sophismar e levantar questões atôa, respondi-lhe sinceramente, mesmo porque era essa a expressão que me viera ao pensamento: *auto-administração*, sim, senhor! Eis ahi pois a grande lição que recebi do Dr. Hygino.

mesmo modo que o *direito criminal* não se confunde com a *sciencia do crime*, nem o *direito commercial* com a *sciencia do commercio*, assim tambem, uma vez admittida uma *sciencia da administração*, não pôde ella confundir-se com o *direito administrativo*.

Os espiritos da tempera do nosso *palhaço* têm isto de proprio e caracteristico : *axiomatisar* problemas, e *problematizar* axiomas. Perguntar com todo o serio, qual a differença que existe entre o *direito administrativo* e a *sciencia da administração*, é alguma coisa semelhante a perguntar com igual seriedade, em que é que a *enxada* se distingue da *bota*, questão esta que aliás só pôde ser suscitada por *ferreiros* e *sapateiros* do quilate do pobre Hygino.

Mas não é só isto. Ainda em outro dos seus *fogue-tinhos* anonymos, o homem não teve pejo de intimar-me, para que eu, uma vez que negava a *gratuidade e obrigatariedade* dos cargos do *selfgovernment*, viesse provar que elles eram *voluntarios*. Uma redonda mentira, complicada de uma parvoice.

Realmente as minhas contestações nunca tiveram por objecto principal os cargos do *selfgovernment*, mas os *cargos publicos*, de que fala a these do Dr. Hygino. Depois, é certo que abrir excepções para uma regra, não importa sustentar a regra opposta.

O argumento do Dr. Hygino é igual ao seguinte. Alguem affirma, por exemplo, que todos os brasileiros

são intelligentes: mas eu, lembrando-me do nosso *holandez*, contesto que assim seja; e o meu interlocutor me redargúe; então venha provar que todos os brasileiros são *burros!*... É uma logica de fazer eriçar cabellos.

Porém temos coisa melhor. Com o fim de diminuir o valor do facto, altamente significativo, de, bem antes que o Dr. Hygino fosse *conhecido*, já eu conhecer Gneist, veio S. S. declarar que o meu escripto de 1874 sobre o autor allemão não tinha merito nenhum, pois era extrahido de algum *conversation lexicon* (qual delles, meu mentiroso?) e que muito mais expressiva que o meu artigo era a *descoberta* que elle fizera, chamando Gneist o Montesquieu do *selfgovernment*, como Montesquieu foi o Gneist do parlamentarismo. Não se pôde dar uma prova mais completa de acanhamento cerebral.

O Dr. Hygino ignora o juizo de Gneist sobre Montesquieu; ao contrario não se arrojaria a formar essa *phrase* tola, que para o autor allemão não constitue um elogio. Sem negar os altos meritos do escriptor francez, Gneist contesta que elle tenha tido um exacto conhecimento do mechanismo do governo da Inglaterra.

Em seus proprios termos: « A génese real da constituição ingleza e as suas bases sociaes, Montesquieu *não conhecia*. Elle porém completou o que faltava,

lançando mão de idéas antigas e medievaes, para formar um systema de *divisão e equilibrio dos poderes*, que por meio de Blackstone e de Lohne tornou-se tradicional até na Inglaterra. » (27)

Eis ahi. Se Gneist é o Montesquieu do *selfgovernment*, é claro que, de accordo com a sua própria opinião, elle não conhece a génese real e as bases sociaes desse intuito politico. Porém foi isto o que o Dr. Hygino achou para admirar no publicista allemão?... Oh!... que sandeu!

Não é menor o disparate do outro termo de comparação, Montesquieu representado como o Gneist do *parlamentarismo*, Montesquieu que nunca escreveu esta palavra, nem teve jamais idéa do que ella hoje significa, é realmente uma coisa interessantissima, como são todas as *novidades*, que sahem do *casco* do Dr. Hygino.

Mas... acabemos logo com isto. O leitor deve estar aborrecido; e eu não menos. Não é pequeno trabalho *esporear* um burro; porém ainda mais fatigante e enjoativo é *fastigar* um picaro. O publico ha de lembrar-se: quando o Dr. Hygino fugiu da discussão frente á frente, sob o pretexto de eu havel-o insultado, declarou que retirava-se por não querer contendias com um *neuropatha* petulante. Confesso que obrei mal em

(27) *Das Englische Verwaltung...* — I, pag. 635.

não fazer o mesmo, quando S. S. voltou á imprensa com os seus *anonymos* injuriosos; e tinha para isso melhores razões, porquanto não era com um *nevropatha*, que eu continuava a discutir, porém com um *cynico* rodeado de *cynicos* como elle, que não toleram a minha superioridade e por isso tratam de enxovalhar-me a todo custo. (28)

9 de novembro de 1883

XI

O Dr. Hygino, segundo me consta, não só por si mas também pela bocca dos seus amigos, insiste em declarar que ha de oppôr-se á publicação conjuncta dos seus e dos meus artigos a respeito do *selfgovernment*, dizendo mais que eu, promovendo ou consentindo

(28) E' preciso que os hommas de bem fiquem sabendo : um dos *anonymos* d'*A Provincia*, que mais me tem injuriado, é o Dr. Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha, o qual, com a assinatura de *Beslier*, tem hoje para commigo o mesmo procedimento que teve em 1883, quando com o nome de *Hunger*, aliiou-se aos padres do Maranhão para insultar-me e descompor-me. Nunca offendi este doutor : mas não sei o que ha entre nós, que elle, através do sorriso com que sempre me fala, não pôde esconder o odio que me consagra.

essa publicação, dou provas de ignorar o disposto no art. 261 do Código Criminal.

Eis ahí sem duvida uma preciosa descoberta, que não pôde deixar de ser devidamente apreciada. Com effeito é uma coisa sabida que eu ignoro a disposição do mencionado artigo do Código; e a prova disto é que no meu escripto sobre o *direito autoral* não só citei mas também commentei mais de uma vez esse mesmo artigo, no que diz respeito á chamada *propriedade litteraria*, como se pôde ver nos *Estudos Alle-mães*, pags. 255, 256 e 263. (29)

Ainda uma prova da minha ignorancia de tudo que se refere aos *direitos de autor*, nas producções do espirito, é o facto de ter sido eu o primeiro, que neste paiz falou em *direito autoral*, no sentido de tornar mais amplo e comprehensivo o velho conceito da *propriedade litteraria*. Já se vê que a descoberta do Dr. Hygino é um achado inestimavel.

Entretanto devo observar-lhe que a publicação se faz. S. S. lance mão do seu direito para prohibil-a. Essa prohibição tem para mim uma dupla vantagem : 1° a de provar o medo que tem o Dr. Hygino de ver os seus artigos ao lado dos meus, em um só volume, para serem lidos e confrontados por leitores imparciaes,

(29) A edição aqui citada dos *Estudos Alle-mães* é a do Recife, de 1882.— (N. de S. R.)

alguma coisa de semelhante á repugnancia que têm quatro ou cinco velhas feias a se deixarem *photographar em grupo* com meia dúzia de moças bonitas; 2º forçar o Dr. Hygino a servir-se de theorias minhas, na defeza do seu pretenso direito.

Porquanto, seja qual fôr a posição que elle tome, ha de seguir as normas por mim traçadas no artigo dos *Estudos Allemães* de pags. 251 a 271. Até o facto de serem publicados conjunctamente os nossos artigos, de modo que S. S. pôde requerer o que bem lhe approuver, a respeito dos *seus*, porém não a respeito dos *meus*, já se acha allí presupposto, quando reíro-me á theoria juridico-germana da *confusio* e da *mixtio*, que é insufficiente para resolver questões de tal ordem (*Estudos Allemães*, pag. 267).

Venha portanto o Dr. Hygino quando quizer; a publicação continúa. Se a questão de S. S. é simplesmente questão de dinheiro, pois que anda invocando o art. 261 do Código, que está dentro da categoria do *furto* e no titulo que se inscreve: *Dos crimes contra a propriedade*, devo dizer-lhe que pôde tranquilisar-se.

Uma vez concluida a *reimpressão* dos nossos artigos e preparadas as brochuras, depois de deduzidas as despesas typographicas, o livreiro dará ao Sr. Dr. Hygino, segundo ordem do editor, metade do dinheiro que se fôr apurando. Está satisfeito? Se porém, para

S. S. não se trata de paga ou de interesse, mas sómente do direito, que julga ter, de ser respeitado em seus escriptos, para ninguem poder utilizar-se delles, sem sua licença, permitta dizer-lhe que está impossibilitado de applicar ao caso essa doutrina, porque ella é minha, ou pelo menos por mim aqui primeiro apregoada, com espanto de S. S. e de muitos outros do seu *tópe*. A publicação vai ao fim.

Ao concluir, eu ousou ainda hoje convidal-o para dirigirmo-nos em commum ao professor Gneist a respeito da nossa controversia; podendo ser mesmo S. S. quem redija em allemão a respectiva carta. Só me serve em allemão, e perante allemães cultos que assistam ao nosso trabalho e possam rir-se de nós ambos, ou do Dr. Hygino sómente. Aceite, doutor, aceite o convite; não seja fãõ cruel, ou melhor, não seja tão *bôbo*.

10 de novembro de 1888.

XXI

No decurso da presente polemica, o Dr. Hygino deu provas, não só de muita ignorancia, como tambem de muita deslealdade, para não dizer, de muita vileza e mesquinhez de espirito. Foi assim que, não podendo

defender-se dignamente no terreno das idéas, recorreu ao *terrorismo* do insulto anonymo, quer por si mesmo, quer por intermedio de uma cafila de miseraveis que se puzeram a seu serviço.

Foi assim tambem que nes seus escriptos procurou pouco a pouco distanciar-se do ponto principal da questão, discutindo e argumentando sobre coisas que não vinham ao caso, que não estavam dentro do circulo de nossa controversia e isto sómente com o intuito de enganar os tólos, fazendo-lhes crer que realmente se havia occupado da materia. Os tólos que se enganem.

Importa reconhecer que o Dr. Hygino não é de certo um impostor de genio, mas não deixa de ser um impostor, ainda que de segunda ou terceira ordem na concepção dos meios para chegar aos seus fins, nem por isso inferior a qualquer outro na impudencia com que affronta o juizo dos homens serios.

Com effeito, é preciso ser de uma constituição moral anomala e nunca vista, para proceder como procedeu S. S. Porquanto, tendo sido sorprendido a commetter um erro pueril de traducção allemã, e erro tanto mais censuravel, quanto nelle o Dr. Hygino baseava um dos pontos da sua these, por mim contestada, depois disto, que para qualquer outro seria um motivo de vergonhoso retrahimento, ainda teve coragem de citar textos allemães, sem attender um

só instante que o leitor imparcial e competente, poderia dizer: para que este doutor cita allemão? Se elle deu uma prova evidentissima de não saber essa lingua, traduzindo a palavra *obligkeitlich* por *obligatorio*, para que insiste na *pomada*, com a citação de textos de Gluth e de Gneist?

Mas o Dr. Hygino não se incommoda com estas coisas. Pouco lhe importa o juizo desfavoravel das pessoas illustradas, desde que tem para defendel-o e animal-o os anonymos d' *A Provincia*.

Nem a isto se limita o despudor de S. S. Para bem caracterisal-o, eu vou figurar a seguinte hypothese. Supponhamos que o individuo — A diga ao individuo — B: marque um lugar, onde devamos encontrar-nos, nós dois sómente; quero dar-lhe de *chicote*, quero piscal-o com o tacão das minhas *botas*, quero fustigal-o na cara. Vamos, marque o lugar, nós dois sómente. Mas o pobre diabo, a quem é dirigido um tal desafio, não sente o minimo abalo, não aceita a provocação, e vai para a casa, dormir o *somno da innocencia*. Como qualificar um misero desta natureza?

Pergunto eu agora: essa hypothese, que é tão verificavel, e muitas vezes se verifica no mundo material, no mundo da força physica, não encontra casos analogos no mundo da intelligencia? Não é completamente semelhante ao que se deu entre mim e o Dr. Hygino? Sem duvida alguma. Eu disse a este senhor: indique

o lugar, onde vamos encontrar-nos, para traduzirmos em commum, nós dois sómente, perante juizes autorisados, as passagens de Gluth e de Gneist, citadas por S. S.; quero lhe provar que não soube traduzil-as; quero lhe provar que *S. S. não sabe nada*, que é *duplamente* pedante, que é uma *chula mediocridade*, que é um *pomadista vulgar*. Disse-lhe tudo isto; mas o Dr. Hygino *fez ouvido de mercador* e não respondeu ao meu chamado. Entretanto, ao passo que o infeliz da nossa hypothese é um *infame*, S. S. é um homem *prudente*, é um espirito *sensato*! . . .

Qual é, porém, a differença, respondam os homens de bem, entre a figura de illustre doutor e a do safado B? Nenhuma certamente. Mas se alguma pôde haver, é só em favor do covarde da força physica, que se mostra um pouco superior ao covarde da força intellectual. Realmente aquelle pôde oppor ao repto a seguinte consideração: quem sabe, se este Sr. A., que me provoca, depois de *chicotear-me*, de *pisar-me*, de *fustigar-me* na cara, não chegará ao ponto de *matar-me*, ficando, portanto, minha mulher na viuvez e meus filhos na orphandade? Não quero correr o risco, não vou lá.

Mas na cabeça do Dr. Hygino não podia entrar semelhante ponderação. Do nosso encontro não era possível provir qualquer funesto resultado; salvo se S. S. fosse acompanhado de algum valentão, que, quando o

visse exposto por mim á gargalhada do auditorio, tratasse de riscar-me do livro dos vivos *par ordre de mufti*. Já se vê que a covardia do Dr. Hygino em não aceitar as minhas repetidas provocações é a unica no seu genero, não acha termo de comparação. (30)

Peço desculpa ao leitor, mas não posso deixar de chamar constantemente a sua attenção para o principio da contenda. Assim elle deve lembrar-se que o motivo da minha primeira pergunta ao Dr. Hygino foi elle ter dito que para Gneist a essencia do *selfgovernment* estava na gratuidade e obrigatoriedade dos *cargos publicos*. Respondendo a minha interpegação, e sem atinar com o *nodus quæstionis*, S. S. referiu uma passagem de um livro de Oscar Gluth, do qual, segundo a sua opinião, bem se deprehendia, qual era a idéa que Gneist formava do *selfgovernment*, cujos caracteristicos, disse o Dr. Hygino, são : 1.º a nomeação por parte da corôa dos respectivos funcionarios ;

(30) Como já o tomei para objecto das minhas zombarias, vou ainda uma vez atiral-o ao ridiculo com um novo desafio. Convido o Dr. Hygino para irnos perante o *jury*, eu defender e S. S. accusar, ou *vice-versa*, qualquer delinquente, cujo processo tenha sido promovido por accusação particular. Vá aos cartorios, procure uma causa, que melhor se adapte á natureza do seu *talento*; estude, prepare-se, e depois de bem preparado, quando approximar-se o julgamento, me communique. Quero dar-lhe uma *surra* em publico; quero tambem nesse terreno mostrar que o Dr. Hygino é em tudo o mesmo *bôbo*.

2.º que esses funcionarios sejam residentes nos circulos e districtos, onde exercem as suas funcções; 3.º finalmente que essas funcções sejam gratuitas e obrigatorias.

Já por aqui se comprehende que, pondo mesmo de parte o erro da expressão generica de *cargos publicos*, empregada pelo Dr. Hygino, não se póde deixar de notar uma certa desordem nas idéas de S. S. visto como, reconhecendo que tres são os caracteristicos do *selfgovernment*, segundo Gneist, formulou entretanto a sua these, mencionando sómente um delles, terceiro e ultimo da serie, a *gratuidade e obrigatoriedade*, que S. S. ainda tornou mais contestavel, por estendel-as aos cargos em geral.

Com effeito: se o *selfgovernment* se distingue por aquelles tres caracteristicos, tão essencial é um como qualquer dos outros dois. Entretanto, se algum merece, de accordo com Gneist, mais vivamente ser accentuado, não é de certo o terceiro, que para elle é de importancia secundaria, porém, o primeiro, quero dizer, o principio da *nomeação* por parte da corôa.

Tratando dos fundamentos medievaes do governo da Inglaterra, elle exprime-se nestes termos: «O parlamento inglez conserva na camara alta a forma puramente politica de um conselho régio, na camara baixa a forma de uma representação das communas administrativas. Todo *selfgovernment* repousa sobre

funcionarios *nomeados* (o *grifho* é do proprio Gneist), commissarios de milicia e officiaes de milicia *nomeados*, juizes de paz *nomeados* nos circulos e nas cidades, e *maires nomeados* nas communas campestres. » (31)

Estas idéas, que não admittem duvida, foram ainda depois repetidas e reforçadas em outra obra do autor, na qual se lê :

« O que prevalece, é o principio da *nomeação* régia para os cargos principaes do *selfgovernment*, que exercem direitos essenciaes de soberania, e por este modo uma certa jurisdicção sobre o direito publico, que só pôde ser exercida com autoridade e em nome do rei... O systema da *nomeação* é a expressão do progresso para a unidade do Estado e do direito. Onde o poder autoritario é manejado segundo a lei, elle não pôde ser propriedade privada, nem de um individuo, nem de uma reunião de tributarios, nem das associações industriaes e commerciaes, nem em geral das classes possuidoras e profissionaes; mas elle pertence ao Estado, isto é, nas monarchias, pertence ao Soberano. » (32)

Foi levado por esta mesma ordem de considerações, que Gneist collocou a sua theoria, como elle mesmo diz, em um *status causæ et controversiæ* com Stuart

(31) *Verwaltung, Justiz und Rechtsweg*, pags. 8 e 9.

(32) *Selfgovernment*, pags. 908 e 910.

Mill, o philosopho querido da moderna sociedade industrial, para quem o Estado se resolve na totalidade dos interesses e por conseguinte toda a constituição politica se resolve em eleições.

Com effeito, a sociedade não conhece outra fôrma de uma vontade commum, senão a forma *electiva*. Mas accrescenta elle :

« A vontade do Estado só pôde ser uma, ou não existe em geral uma tal vontade. E' sómente a preguiça de pensar que não vê que os cargos por *nomeação* são necessarios para realizar essa vontade total; que esta se reduz a nada, se ao lado della existem centenas de milhares de corpos deliberativos e concessores de impostos e outros tantos funcionarios eleitos. » (33)

O que Gneist chama o velho e o novo *selfgovernment* é determinado pelo predomínio dos dois principios, naquelle o da *nomeação* e neste o da *eleição*. Dest'arte, depois de falar das *Justices of the Peace*, dos *Constables*, dos *Surveyors of Highways*, do *Churchwardens*, dos *Overseers of the poor* e do *Lord Lieutenant*, elle diz: « Ao lado destas funcções historicas do *selfgovernment*, tem se feito valer desde o *Bill de reforma* de 1832 o novo principio de uma representação das *communas*, por meio de commissões permanentes

(33) *Verwaltung*, etc., pag. 52 e 56.

eleitas (*boards*), como um elemento essencial da *auto-administração* economica... As novas necessidades sociaes conduzem em muitos pontos a uma extensão dos poderes regulamentares na administração da policia, da milicia e da justiça. A transição é formada, sob este ponto de vista, pelas constituições das cidades, nas quaes o velho e o novo *selfgovernment* localmente se chocam. » (34)

Como é visível aos olhos de qualquer leitor intelligente, o pensamento de Gneist é outro que não o que lhe attribue, por effeito da sua ignorancia, o Sr. Dr. Hygino. E é digno de nota que a idéa de uma dissolução do velho *selfgovernment* pela preponderancia do principio da *electividade*, é com tanto maior certeza a que Gneist communga, quanto é sabido, excepto o Dr. Hygino, que escriptores allemães anteriores e posteriores ao professor de Berlim se occuparam dessa preponderancia, como unico objecto de suas censuras.

E' assim que Bucher, dois annos antes da primeira edição da primeira obra de Gneist (1855) já dizia :

« Não se deve esquecer a distincção essencial que ha entre o antigo e o moderno *selfgovernment*. No antigo todo o cidadão coopera no governo, ao passo que no moderno a sua actividade se encarquilha no acto de *eleger*. O moderno é um governo por meio de delegados.

(34) *Selfgovernment*, pags. 103, 106, 108, 109, 110, 111 e 114.

E' verdade que a *eleição*, particularmente quando ella se dá por um curto prazo, difficulta aos mandatarios erguerem a cabeça a cima dos mandantes. Mas contra o nascimento de uma casta de funcionarios, a eleição não offerece garantia, e com a existencia de uma tal casta a liberdade é inconciliavel ». (35)

Neste mesmo terreno se acha Geffken, que publicou em a *Deutsche Rundschau* um artigo sobre a ultima reforma parlamentar da Inglaterra. « A sessão deste anno, diz elle, amadureceu de novo uma medida, que, proposta e executada por ministerio conservador, tem todavia um character absolutamente radical. A lei sobre a administração local (*local government bill*) não é uma reforma, porém uma revolução, a qual estendendo ás eleições communaes o largo direito eleitoral parlamentar, colloca o *selfgovernment* inglez em um terreno inteiramente diverso e torna-o dependente da vontade das massas.

« Mas a medida designa tambem uma innovação fundamental na legislação. Até hoje os reformadores, qualquer que fosse o valor de seus planos, tinham sempre pretendido que elles eram necessarios e exigidos pela opinião publica. Na reforma actual porém nem mesmo o seu autor, Mr. Ritchie, dignou-se de affirmar que o systema existente era insustentavel por causa

(35) *Der Parlamentarismus wie er ist*, pag. 239.

dos seus abusos, ou que não preenchia mais os seus fins. Pelo contrario, uma administração já provada, contra a qual não ha nenhuma queixa pratica, é abolida por amor de uma simples theoria.

« O *selfgovernment*, até hoje existente, é uma instituição aristocratica ; elle repugna á corrente democratica, que, como pensa Mr. Labouchere, vai rolando as suas ondas irresistiveis e magestosas ; logo elle deve cahir. Não se pôde dizer que o sapato *aperta*, mas elle não é feito segundo os justos principios scientificos, ou não é feito pelo legitimo sapateiro ; logo acabemos com elle. . . » (36)

2 de dezembro de 1888.

XXII

Não se me tache de immodesto por falar de minha superioridade. Quando me *julgo*, sinto-me abatido ; quando porém me *comparo*, sobretudo com um Hygino, não posso deixar de dar entrada a um certo orgulho :

Digam o que quizerem os meus inimigos, não poderão contestar-me o merito de um *self made*, no rigoroso sentido da palavra.

(36) *Deutsche Rundschau*. Heft, 1^o October 1888, pag. 117

A viagem da minha vida tem sido feita sómente á custa dos meus esforços. Outro tanto porém não dirá o Dr. Hygino. O caminho que até hoje tem percorrido, não é dos mais longos; mas mesmo assim, não o fez, como eu, *a pé* e sosinho. Uma boa parte, elle atravessou a cavallo, na *garupa* de seu avô; uma outra porção o galgou, montado no *Instituto Archeologico*.

Deste modo foi á Europa e andou pela Hollanda, de onde nos trouxe a importante descoberta de que Camarão e Henrique Dias foram justamente aquelles mesmos de que já tinhamos conhecimento.

O Dr. Hygino é uma das mais felizes mediocridades que se tem visto em nos a terra. A presente polemica mesmo offerece uma prova disto. Se o que se deu com elle, se tivesse dado com outrem menos ditoso, nem sei mesmo qual seria a attitudo do publico. Na verdade um homem a quem peço explicação de uma sua *these*, que julguei erronea, vem á imprensa, *ladeando* e *tergiversando* de tal modo, que me dá o direito de considerar a sua resposta uma sahida de *capadocio*.

Descobrinho neste epitheto um insulto inqualificavel, como se *capadocios* não fossem muitos espiritos superiores, os Bismarcks, os Cavours e até mesmo um Leão XIII, cuja idéa de celebrar o seu jubileu não foi mais do que um *capadocismo* de genio, para tomar o pulso e bem apreciar o estado religioso da catholicidade, attribuindo ou fingindo attribuir a essa palavra

um sentido que ella não tem, o Dr. Hygino declara não querer continuar a discutir commigo, por causa dos meus insultos! . . .

Não era o caso do publico dar-lhe uma vaia para punil-o da sua miseria? Porém não foi assim. Houve até quem lhe achasse razão, julgando realmente que eu o havia injuriado. Mas não é só isto.

Dias depois volta á imprensa; e aquelle mesmo, que se retirara, pretextando offensa pessoal, é agora quem mais offende. (37) Até onde é possível descobrir relações de analogia entre um monticulo de lixo e uma imponente e magestosa montanha, pode-se affirmar que o escripto do Dr. Hygino é semelhante á *serenata do D. Juan de Mozart*, na qual o acompanhamento da guitarra do seductor, no dizer de A. de Musset, é uma especie de *parodia* da ternura do canto.

Com effeito as notas desse escripto, profundamente insultuosas, constituem uma *caricatura* da pretendida

(37) Tudo isto é a verdade; acompanhei com todo o cuidado esta discussão: de um lado, Tobias só, e de outro lado, o Dr. José Hygino, acolytado por grande quantidade de *pseudonymos*, que occultavam, ao que se diz, os nomes dos Srs. Drs. José Marianno, José Maria, Antonio de Siqueira Carneiro da Cunha, Maciel Pinheiro e outros. As descomposturas passadas em Tobias foram das mais violentas que têm sido publicadas em letra de fôrma contra ente humano. Superiores áquellas só as de que eu proprio tenho sido alvo ultimamente em livros inteiros e em repetidos artigos de jornaes.—(N. de S. R.)

seriedade do texto. E não contente com isto, ainda veio, depois de concluído o seu burlesco trabalho, associar-se aos *anonymos*, para dirigir-me toda a especie de improperios !

O Dr. Hygino e seus companheiros de vileza têm vistas muito curtas. Ainda não comprehenderam que eu sou um homem da *luta*, já por vezes provado e experimentado na *luta*, não só com adversarios de character, porém principalmente com adversarios do valor moral de S. S. e seus adeptos.

A injuria, o ataque *anonymo* ainda não me deixou de menos, nem sequer um cabello da cabeça. No que respeita a offensas da ordem das que me têm atirado a *Provincia*, eu posso dizer como o propheta biblico : — *fiz um pacto com a morte*. Para os Hyginos e consortes eu sou litteraria e moralmente immortal ; essa gente não me mata .

O Dr. Hygino que nunca lutou, que nunca teve forças para lutar ; o Dr. Hygino *que acordou uma manhã e encontrou-se celebre*, isto é, que um dia deitou-se *camelo* e no dia seguinte amanheceu *talentoso*, o Dr. Hygino não está no caso de comprehender a inutilidade dos seus esforços a meu respeito.

Ainda uma vez repito que o Dr. Hygino não passa de um mediocre feliz. Depois de formado (1867), tendo se dedicado á carreira da magistratura, não se assignalou por facto algum que o recommendasse á

consideração publica. Como juiz substituto desta capital só se distinguiu pelas prévias consultas *espiríticas*, quando tinha de ordenar alguma diligencia, e por uma pequena polemica que teve com o delegado de então Dr. Autran, da qual sahiu-se mal.

Entretanto, vendo que não dava *para juiz* S. S. quiz tentar a sorte em outros dominios; lembrou-se da academia, onde tratou de *defender theses*. Defendeu-as realmente, porém de um modo tão corriqueiro, que passou de todo despercebido. Logo depois entrou em concurso, no qual fez a figura que já notei, figura misera e lastimavel, por si só capaz de envergonhar durante toda a sua vida um homem de sentimento.

Mas o Dr. Hygino é muito esquecido. Passa hoje nas ruas desta cidade de cabeça erguida e attitude orgulhosa, como se não tivesse atraz de si todos esses máos precedentes, que estão a morder-lhe o calcanhar, á semilhança de uma *fila de cães*.

Provavelmente o Dr. Hygino não deve ficar muito satisfeito com estas franquezas. Mas que quer? E' o caso de se lhe responder: *Vous l'avez voulu, George Dandin; vous l'avez voulu!*... Não é mais do que S. S. insultar-me e mandar insultar-me em artigos anonymos e todavia exigir que eu respeite a sua illustre personalidade. Esta é muito boa!...

As nossas condições são as mesmas. Só ha uma differença: é que eu procedo como *homem*, e o Dr. Hygino

como *moleque*; não tem coragem para arrostar abertamente as consequencias do seu procedimento.

Passo agora a um final ajuste de conta com o meu adversario, que podia ter sido feito logo em principio, porém que de proposito deixei para o remate da contenda.

Eis aqui. Supponhamos que o Dr. Hygino seja hoje realmente um sectario convicto da sciencia allemã.

Supponhamos que esteja familiarisado com todos os grandes vultos do *germanismo*, que conheça Gneist, Stein, Robert von Mohl, etc., como as *palmas de suas mãos*, em uma palavra, que esteja de posse da litteratura tedesca em toda a sua admiravel riqueza. Pergunta-se agora: a quem deve tudo isso? quem foi que primeiro lhe mostrou o caminho da Allemanha? quem foi entre nós o primeiro pregador e propagandista de idéas germanicas? Não pôde negar que fui eu; e, *bon gré, malgré*, ha de reconhecer-me como seu chefe, visto que filiou-se na minha escola.

O Dr. Hygino não é de certo um discipulo que faça honra; mas, seja como fôr, é sempre meu discipulo.

Quando em 1870 e 1871 iniciei a minha propaganda allemã, onde estava S. S.? Quaes eram então os seus actos ou seus escriptos que dessem testemunho da sua predilecção pelo allemanismo?

Absolutamente nenhum.

Mesmo depois de feito lente, S. S. levou quatro annos (de 1878 a 1882), sem dar a minima cópia de si, sem que o publico soubesse qual era a sua opinião sobre certas questões mais notaveis da sciencia juridica. O Dr. Hygino era *unus multorum* e a Allemanha estava completamente fóra do seu horisonte.

Ainda em outubro de 1882, pouco depois da minha entrada para a Faculdade, quando eu e o meu nobre amigo, Dr. Tavares Belfort, aventuramos a idéa de dirigir-se uma carta ao professor Dr. Holtzendorff, em Munich, a proposito da *fundação* — Bluntschli, o Dr. Hygino limitou-se a dar o seu voto como qualquer outro.

Tendo sido eu encarregado de redigir essa carta, quando a li em congregação, tive a lembrança de pedir ao Dr. Hygino que fizesse as correcções que julgasse precisas ; para o que lhe offereci o manuscripto allemão ; mas elle rejeitou a minha offerta, não se dignando mesmo de passar a vista na peça por mim escripta ; e afinal tambem *assignou de cruz*.

Quem não fôr desmemoriado, como o Dr. Hygino, ha de lembrar-se da impressão de espanto, que causou uma das minhas theses de concurso, na qual falei em *monismo*. Ninguem então sabia o que era.

O Dr. Hygino, tendo sido por alguém interpellado a tal respeito, respondeu que provavelmente era o *darwinismo*, por tratar de *mono* ou de *macaco*.

Durante muitos dias o espectáculo foi interessantissimo.

E tanto a coisa era estranha na Academia, que o Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira pediu-me para apresentar ao publico com algumas palavras um pequeno escripto do seu digno filho, que então estava no segundo anno, bacharel João Carneiro de Souza Bandeira, a respeito de *monismo*. Escrevi com effeito essas palavras, que foram publicadas na *Tribuna*.

Como se vê, o corpo docente da Faculdade não tinha o minimo conhecimento do que fosse *monismo*. Era a primeira vez que entre nós esse *bicho* apparecia em publico. (38)

Entretanto, no anno seguinte (1883), que foi o primeiro em que se formularam *programmas*, o Dr. Hygino, tendo sido encarregado de reger a cadeira de *Direito Natural*, organisou o respectivo programma com idéas de procedencia diversa e muitas vezes contradictorias. Mas ahi já vem falando em *monismo*, não só na Allemanha, como principalmente na Inglaterra, com o visivel intuito de fazer crer aos beocios que eu,

(38) Pelo que toca á Academia do Recife, Tobias tinha completamente razão; mas cumpre-me lembrar que no meu livro — *Philosophia no Brasil*, escripto em 1876 e publicado em 1878, em Porto-Alegre, porque alli estacionou dous annos antes de entrar nos prélos, já eu falava em *monismo*. — (N. de S. R.)

no meu concurso, tinha falado sómente em *um*, porém elle, Dr. Hygino, membro do *Instituto Archeologico*, sabia mais do que eu, porque conhecia dois *monismos* ! Não ha ente mais desfructavel.

Mesmo assim, durante os annos de 1883 e 1884, S. S. não deu o menor indicio de estudar a sciencia allemã. O francez Gustave Le Bon e outros epigonos eram as fontes da sua sabedoria. Eis que de repente inventa-se a sua viagem para a Hollanda, donde volta, depois de um anno e alguns mezes, com a pretensão de ensinar novidades a respeito da Allemanha áquelle mesmo que no concurso de 1882 havia pela primeira vez feito entrar na Faculdade a idéa do *allemanismo*!...

Vejam pois o *diabo* para quem trabalha ! José Hygino, que em 1882 não entendeu a minha these sobre o *monismo*, justamente por ser *uma coisa* da Allemanha, já hoje quer ensinar-me quem é Gneist e qual a sua doutrina a respeito de *selfgovernment*, etc., etc. *Pomadista*, só assim, que o mais é *historia*.

Ha, porém, ainda um facto bem significativo, que não deve aqui passar sem menção. Desde os tempos academicos que o Dr. Hygino dedicou-se ao estudo da Hollanda e ao cultivo do hollandez ; não ha portanto bons motivos de crer que S. S. seja um perfeito conhecedor do estado da sciencia e das letras desse paiz ? Pois seria um completo engano assim julgar.

O Dr. Hygino nada conhece da sciencia, nem da litteratura hollandeza.

Ainda não ha muito tempo eu mesmo tirei a prova desta verdade. Conversando com S. S. em uma das congregações do concurso de maio deste anno, perguntei-lhe quem era na Hollanda o professor Jonckbløt que morreu em 1885, e mais o professor De Vries, que ambos passavam como chefes de escola, sendo que o primeiro mereceu até elogios de Jacob Grimm. O Dr. Hygino, meio confuso e atropellado, respondeu-me que não sabia ; e como eu parecia querer continuar nas minhas importunas indagações, S. S. apressou-se em dizer-me que nada conhecia do movimento litterario da Hollanda, que, quando lá esteve, occupou-se exclusivamente de levar a effeito a missão de que fôra incumbido.

Mas se essa importante missão, que absorveu-lhe todo o tempo, até hoje não deu resultado algum satisfactorio, ao passo que S. S. por causa della não pode entregar-se ao estudo das letras hollandezas, a consequencia é que o Dr. Hygino é simplesmente um dos mais perfeitos exemplares da sandice humana.

Releva ainda observar que S. S. para sahir-se um pouco da difficuldade, em que o collocara, perguntou-me : o *senhor* (textual : o *senhor* !. . .) tem necessidade de saber, quem são esses dois autores (Jonckbløt e De Vries ?) Eu não tinha tal necessidade;

mas respondi affirmativamente. Pois eu irei vêr nos meus livros, disse-me o Dr. Hygino. Isto se deu no principio de junho do corrente anno, e até o fim de setembro, em que começou a nossa polemica, ainda S. S. não me tinha dito quem eram os dois litteratos holandezes.

Em tudo o mesmo homem : desfructavel, pedante e pretencioso. Incapaz de discutir qualquer questão scientifica, sem ser levado por esta ou aquella preoccupação pessoal, o Dr. Hygino transporta para o dominio da sciencia os maus habitos da advocacia trapaceira e bandalba. Dest'arte os seus artigos sobre *selfgovernment* foram escriptos em estylo de *razões finaes*, onde a sciencia e a consciencia são postos a serviço de qualquer interesse. Realmente naquelles artigos S. S. appella a cada passo para Gneist e Gluth, com a mesma convicção, com que o *chicanista* vulgar repete milhares de vezes os nomes de Lobão e Pereira e Souza.

O Dr. Hygino não ceda á illusão que lhe suggerem os seus amigos poucos sinceros, e convença-se de que em todo este negocio representou um papel irrisorio e fez uma figura infame.

Não obstante a cooperação de tanta gente, que veio em seu soccorro, S. S. revelou-se de uma fraqueza e de uma covardia lastimavel. O leitor não estranhe que eu fale da cooperação de muitas pessoas, que

vieram em auxilio do Dr. Hygino, numa questão de puro character scientifico, para a qual essas pessoas não tinham a menor competencia.

Isto mesmo é symptomatico; mas o que ha de melhor, de mais interessante no assumpto está reservado para o futuro.

Os irmãos Carneiros da Cunha, que têm tomado uma parte tão activa nesta polemica em favor do Dr. Hygino, ainda hão de accusal-o de *ingrato*, por não lhes querer fazer este ou aquelle favor, allegando então os valiosissimos serviços que lhe prestaram, todos elles, na questão do *selfgovernment* ! . . .

Será uma coisa impagavel. O publico espere, que ha de testemunhal-a. Primariamente, porque a illustre irmandade está com effeito capacitada de haver prestado ao Dr. Hygino o mais poderoso auxilio; e não deixa de ter suas razões. Em segundo lugar, porque o Dr. Hygino não se distingue pela virtude do *reconhecimento*. Ha um facto na sua vida, que é um documento eloquente da sua *ingratidão*. (39)

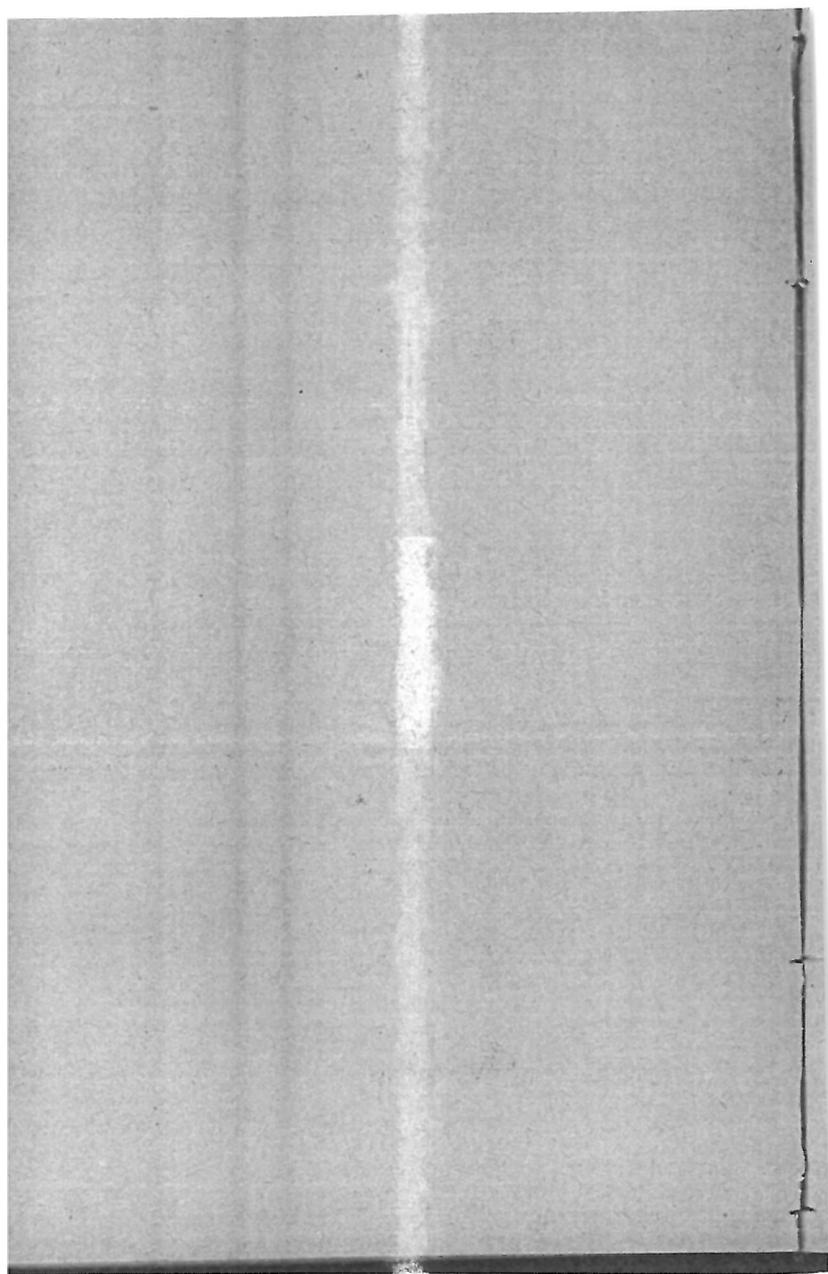
E' geralmente sabido que o Dr. Hygino foi nomeado lente *por força do empenho*, como tambem se

(39) A prophécia cumpriu-se: o Sr. Dr. José Hygino veio a brigar com os Carneiros da Cunha, por questões politicas em tempos do governo do marechal Floriano, senão um pouco antes, desde os tempos do governo do marechal Deodoro. (N. de S. R.)

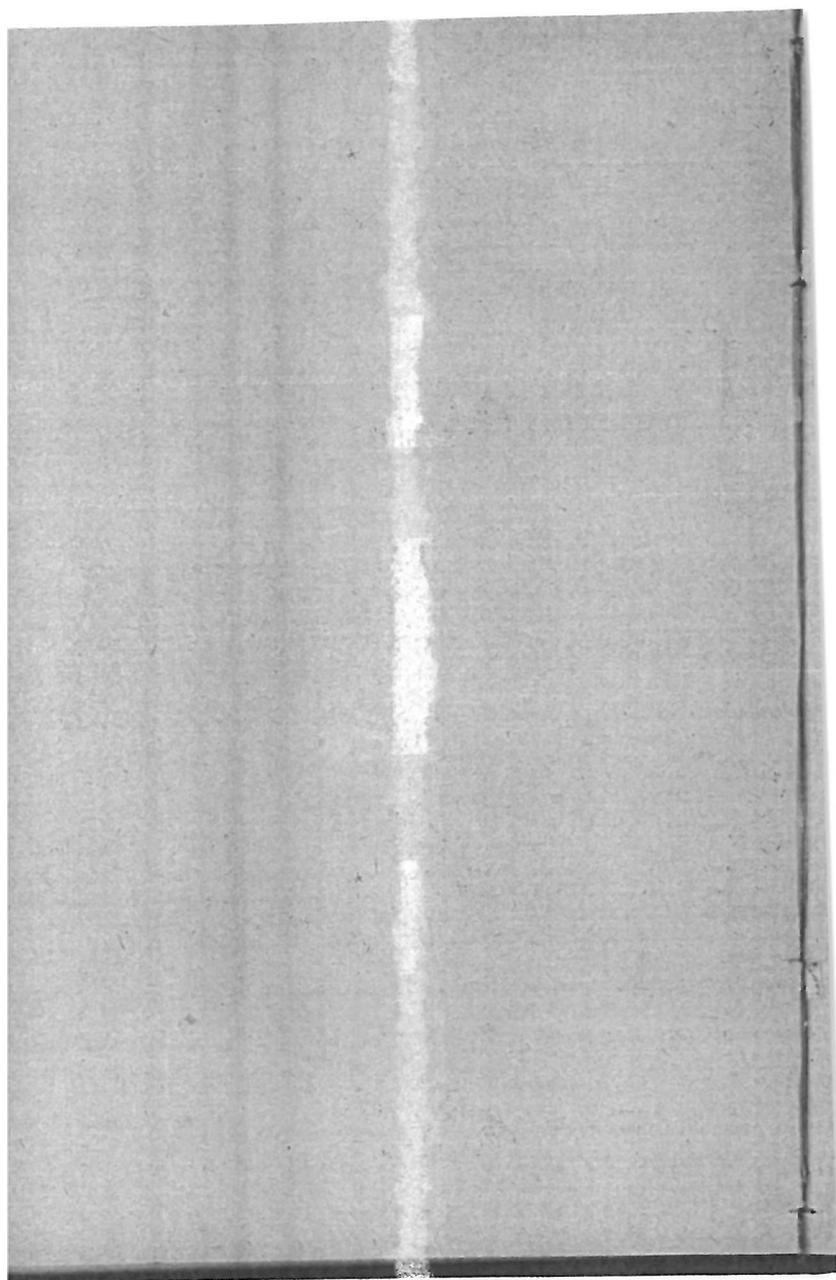
sabe quem foi o cavalheiro, distincto membro do partido liberal, que mais se esforçou para conseguir a nomeação de S. S. que afinal levou a effeito. Em paga disto, o Dr. Hygino, logo no fim do anno lectivo, foi tambem quem promoveu a reprovação de um irmão daquelle cavalheiro e protector de S. S. Isto não se commenta.

Aqui termino, fazendo-lhe ainda uma vez sentir a incivilidade de não me ter em caso nenhum permitido a leitura do seu Oscar. Não tem justificação!

6 de dezembro de 1888.



APPENDICE



I

Guizot e a escola espiritualista do século XIX

I

Qual é hoje em philosophia o systema dominante, qual a escola que tem offerecido mais sérias soluções aos grandes problemas da sciencia ? Nobres e poderosos espiritos devassaram as alturas da especulação ; a qual delles maior presa de verdade ?

Racionalismo, positivismo, pantheismo, scepticismo, a philosophia hodierna é tudo isto, excepto ella mesma, diz o Padre Bautain. Nós achamos que a philosophia é tudo, deve ser tudo, excepto o que quer o anachronico e intolerante professor da Sorbonna.

Não obstante as diversas tendencias particulares que o livre pensar ha tomado em nossa época, a tendencia geral do seculo é o espiritalismo. O senso da infinitude, o senso do divino, alargou os circulos da intelligencia humana em todas as suas aspirações. Não

cremos, porém, com Eugenio Poitou, que o seculo XIX esteja especialmente destinado ás questões de philosophia religiosa. De bem longe data o rancor injusto, inconveniente, esteril da sombra contra a luz, da fé contra a razão, do clero contra os philosophos.

A escola tradicional, que nos primeiros movimentos philosophicos tinha-se feito alliada do espiritualismo para combater os restos de Condillac, terminada a luta, conquistada a victoria, ousou voltar-se contra o seu alliado, dictar leis e chamal-o a obediencia. Era tarde. A razão tinha tomado o lugar que lhe competia no dominio da sciencia. Laromiguière e sua doutrina viram-se obrigados a recuar diante da palavra de Royer-Collard. Era a fuga, era o total desaparecimento do sensualismo.

O sequito de De Bonald e De Maistre não poderia tambem resistir e fazer frente á escola da razão, que vinha dirigir os destinos da philosophia do seculo.

Desde então o espiritualismo, sob a direcção de Royer-Collard, Cousin, Maine de Biran e Jouffroy, atirou-se pela estrada de novas e fecundas descobertas. A psychologia dilatou-se com a observação dos factos internos; a moral firmou-se em bases inabalaveis. Foi um progresso real, fertil em grandes consequencias. Mas, se por um lado é forçoso reconhecer esse progresso, por outro releva confessar que a escola espiritualista não assentou, como lhe cumpria, o edificio

de suas investigações sobre alicerces profundos. Vem aqui a proposito referirmo-nos a uma das bellas meditações philosophicas do Sr. Guizot, em que o celebre escriptor põe em relevo as qualidades e defeitos das modernas doutrinas daquella escola.

II

O illustre philosopho reconhece que o primeiro e mais importante merito do espiritualismo, no ponto de vista puramente philosophico, é que os seus chefes e representantes contemporaneos deram ás suas pesquizas e ás suas idéas o caracter verdadeiramente scientifico; empregaram no estudo do homem e do mundo intellectual o methodo praticado com tanta vantagem no estudo do homem e do mundo material.

As opiniões de um vulto, como o Sr. Guizot, só se criticam de joelhos, segundo a expressão de Cousin, falando de Raphael. Entretanto, não nos é possivel dissimular a repugnancia que temos em admittir como qualidade, como grande merito da escola actual aquillo que consideramos um seu radical defeito. As sciencias diversas que procuram o conhecimento das coisas tem cada uma o seu caracter pela mesma especialidade do seu objecto, e o que determina esse caracter

é o emprego do methodo conveniente á aquisição das verdades respectivas. Os espiritalistas modernos, empregando no estudo do espirito humano o methodo das sciencias phisicas, viciaram a psychologia em seu principio. O mundo material nos é dado pela observação da mesma fórma que o mundo espirital, é verdade ; mas ao passo que nenhuma lei, nenhuma causa, nenhuma força cae immediatamente sob o dominio da observação externa, o mesmo não se dá na observação do mundo intellectual. O primeiro factó de consciencia é o proprio eu, que se reconhece como causa. O eu é a primeira causa que conhecemos, disse Maine de Biran ; a psychologia, e não a mechanica, é a verdadeira sciencia da força, disse Damiron. Ora, em que tem consistido o methodo da escola espiritalista a respeito dos factos internos ? Simplesmente em observar-os com a mais escrupulosa attenção, classificar-os e reduzil-os a leis, como justamente praticam os phisicos.

Tal methodo é um erro. Se o primeiro factó de consciencia não é um simples phenomeno, cuja substancia escape ao conhecimento immediato, mas é ao mesmo tempo o phenomeno e a substancia, o pensamento e o eu que pensa ; está claro que o methodo empregado na psychologia não é, não deve ser identico ao que se pratica nas sciencias naturaes. Aqui as leis e forças da natureza são conhecidas, ou melhor, concebidas

por meio da inducção, com a precedencia dos factos particulares que se observam. Alli, pelo contrario, o eu que diz — *penso, isto é, sinto, quero, conheço, movo-me, etc.*, é uma força que se sente, que se conhece a si mesma.

E o erro de similhante methodo não deixou de ter fataes resultados; porquanto, não reconhecida logo em seu principio a existencia do eu substancial como uma intuição da consciencia, resultou que a simplicidade e a espiritualidade d'alma não ficassem a salvo de materialismo, visto como incumbio-se ao raciocinio a prova demonstrativa dessas propriedades que em ultima analyse não passam de sabias hypotheses. E é mister observar que neste ponto de vista as modernas doutrinas estão accordes com a philosophia do seculo XVIII, para quem a alma era um agente desconhecido de phenomenos conhecidos, como disse Voltaire. Assim admittida a alma como uma incognita, como um *x*, era mister que, para sondar-se a sua natureza, se seguisse a marcha dos physicos, para chegarem ás causas dos phenomenos que elles observam no mundo exterior. Parallelismo que teve em consequencia fazer-se da substancialidade da alma uma coisa tão incomprehensivel em si mesma, como a *gravitação, a electricidade, etc.* O espiritalismo pois, com a pratica desse methodo, deu passagem ao materialismo e ao scepticismo.

III

Desde que o principio pensante, em sua substancia, não é dado como um facto de certeza immediata, não sabemos com que direito a philosophia affirma a espiritalidade da alma.

E' licito duvidar; e, para dissipar a duvida, é facil admittir o pensamento e a vida como resultantes da materia.

São consequencias que decorrem dos dados primordiales da psychologia moderna.

O Sr. Guizot louva o espiritalismo, por ter empregado o methodo de observação das sciencias phisicas no estudo da sciencia da alma.

Se os psychologos do seculo XIX, admittindo a existencia do eu espirital como um dado da consciencia, partissem do alto dessa verdade para observar e descobrir todas as outras que em torno della vão apparecendo, seriam em tudo louvaveis, porque teriam dado uma base segura ao edificio da sciencia.

Mas assim não praticaram.

Levados como que pela sede das descobertas, fizeram da substancia do eu uma coisa obscura e problematica, para terem o prazer de applicar o telescopio do seu methodo e dizer emfim: a alma é espirital!

A presumpção de semelhante achado é tão ridícula, como a de astrónomos que se vangloriassem de ter descoberto a existencia do sol.

Se de certo o espirito não é esta força que diz — eu, — que se manifesta por seus actos e seus movimentos, dos quaes se reconhece a causa aos olhos da consciencia; se o espirito não é isto, o espirito é nada; a espiritualidade é uma hypothese, ou melhor, uma illusão.

Confessamos que a escola espiritualista, tomando a observação por ponto de partida e por guia constante de seus trabalhos, abriu caminho ao progresso da sciencia.

O que, porém, censuramos é que ella não tenha tido sempre em vista a differença enorme que separa a psychologia das outras sciencias de observação, de onde resulta que o methodo não deve ser totalmente identico, já pela diversidade dos objectos, já pela dos principios de que partem.

Poderíamos ainda insistir sobre este maximo defeito da escola de Cousin, porém reservamos para outro escripto a apreciação detalhada do que ahi deixamos em traços geraes e passamos a ultima parte da critica do Sr. Guizot.

IV

O celebre escriptor, fazendo a synthese dos meritos que elle reconhece no espiritalismo, não hesita em proclamar-o scientifico, moral e liberal.

Mas a despeito destes meritos, diz que aquella escola parou diante dos problemas soberanos que pesam sobre a alma humana; não adiantou a solução racional e não aceitou a solução christã; sua theodicéa ficou muito alheia á sua psychologia.

E para explicar a razão desta lacuna, diz que houve demasiada timidez e demasiado orgulho.

Houve timidez, porque a escola espiritalista estabeleceu, em virtude da observação psychologica, a existencia de principios universaes e necessarios que reinam invencivelmente no espirito humano, por occasião das sensações, as quaes entretanto não têm o poder de original-os. Estes principios, sendo a obra de Deus que assim preside á vida intellectual do homem, o espiritalismo não viu tudo que elles encerram e revelam sobre o homem e sobre o mundo.

Houve orgulho, porque não aproveitando-se dos dados da sciencia, não aceitou os dados da revelação christã.

Se aquella escola, diz o illustre philosopho, reconhece Deus como o Ser em que os principios necessarios residem e de quem o homem os recebeu, isto importa reconhecer em Deus o autor e instructor do homem, isto é, o facto da criação e o facto da revelação primitiva inherente á criação.

E' uma verdade ; mas não sabemos que a escola espiritualista que reconheceu em Deus a substancia das idéas eternas, dos principios universaes e necessarios, tenha negado a criação e essa revelação primitiva inherente a ella.

O que aqui o Sr. Guizot chama revelação, é o que a escola espiritualista chama razão. Se, como diz mesmo o eminente escriptor, Deus creou o homem armado de todas as peças na ordem intellectual como na ordem material, dizer que Deus creou-o dotadô de razão ou esclarecido pela revelação é dizer a mesma coisa.

A racionalidade do homem consiste justamente na existencia desses principios necessarios reguladores da actividade humana; e se elles constituem a revelação primitiva, distincta da razão, que fica sendo, considerada em si mesma, isolada e núa essa faculdade soberana? . . .

Mas é o Sr. Guizot mesmo que nos diz que a revelação é inherente ao facto da criação; o que importa dizer que Deus creou o homem logo allumiado pelas idéas eternas.

II

Capitulação de Montevidéo

DIANTE DE UM BATALHÃO QUE SEGUIA PARA A CAMPANHA

Meus Senhores,

E' inutil preambular. Um pensamento fraterno, radiante, supremo, fluctúa sobre as nossas cabeças, de parrelha com o estandarte da gloria. Accesa em nossas almas a idéa de engrandecimento, sentimo-nos grandes, queremos lutar.

E' neste momento que, afundando-nos na abundancia de uma existencia de moços esperançosa e vivida, achamos, tocamos, alguma coisa de mais, e essa demasia, senhores, é que, somos brasileiros, essa demasia é que ao livro deste povo épico e generoso ajunta-se a estrophe gigantesca e sublime de um de seus rutilos feitos.

O Brasil agita-se, a mocidade o rodeia; o Brasil triumphá, a mocidade ajoelha-se com elle para contemplar nos patrios céus o vôo de suas victorias.

E na face de tudo que tem um pouco d'alma para sentir, um pouco de sangue para derramar, um pouco de vida para morrer, lavra a claridade de um sentimento que absorve todo o viver positivo e ordinario; paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pode conter, com todos os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o ceu, para a gloria, para a luz, para Deus... e este sentimento, senhores, é o patriotismo.

Póde haver quem diga: tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampejar das espadas nada signifiquem; sim, mas lá mesmo adiante, quando nos promettem levar os pontifices do progresso, quando o gladio tiver sido substituído pela palavra, a força pela idéa, o raio que fulmina pelo raio que esclarece, lá mesmo o homem deixar-se-ha vibrar dessa paixão, que será sempre no seu peito o estremeamento enorme das selvas, dos campos, das solidões da patria.

O Brasil era o colosso da paz; o Brasil, esse pedaço do globo, cuja sombra bastara para eclipsar qualquer sol que se lhe puzesse diante, tolerou por muito tempo os insultos de ridiculas pequenezas.

Dizem que as aguias, só depois de muito soffrer, determinam-se a punir com a morte as avesinhas insignificantes, cujos pios as incommodam. Tal aconteceu.

O gigante principia a vingar-se, o pantheon da historia começa a renovar-se de grandes vultos, as campas de grandes mortos, os céus de grandes astros.

A morte que se conquista pela patria, não é uma dessas mortes lugubres, choradas, mysteriosas, comuns, não; morrer assim, ao fumegar das batalhas, é desembaraçar-se de um dos enigmas do nosso destino, é resolver o problema da grandeza humana; morrer assim é engrandecer-se.

Parabens aos mortos, que, ao rolaem no abysmo da eternidade, atiraram por cima de nós o manto de suas glorias. Parabens á patria que, com toda força, com toda masculinidade de uma romana, é capaz de desarmar, e os tem, o braço dos seus Corolianos, lançar no meio dos combates a sua prole de Scipiões, e ver enfim fartas de triumphos as ancias de seu coração generoso.

Montevidéo cahio rendida e precisa que o Brasil lhe dê a mão para levantá-la... eis a victoria!

Fostes chamados... disse mal, offerecestes-vos para dar mais um testemunho da patria e de vós.

E' magnifico. A idéa da morte, que talvez neste momento perpassa em vossas almas rapida e deslumbrante, é a sombra de um anjo que atravessa as

immensidades das alturas. O passado é um deserto, o futuro é uma floresta.

Para os povos caminharem é preciso que se corte, que se quebre, que se esmague alguma coisa. A guerra é o alarido da humanidade. As torrentes fazem ruido quando cahem, as nações fazem ruido quando sobem. A guerra é a prece dos povos que se exprimem pela bocca das bombardas.

E o futuro escuta. E' o fogo do ceu que vem lançar por terra os idolos do mal, despotas e tyrannos que ainda podem viver á luz da civilisação.

E' a occasião, pela historia offerecida, para o forte apparecer, o fraco denunciarse, o pequeno engrandecer-se.

E aproveitai-a, vós.

Porquanto, nestes tempos corrompidos em que as acções boas, as nobres e assignaladas acções, aos olhos dos homens degeneres, parecem demasiado grandes, impraticaveis, enormes, como os rochedos vibrados pelos heroes de Homero; nesta quadra só se encontra em vós outros todo o vigor e dignidade que tiveram os primogenitos da patria.

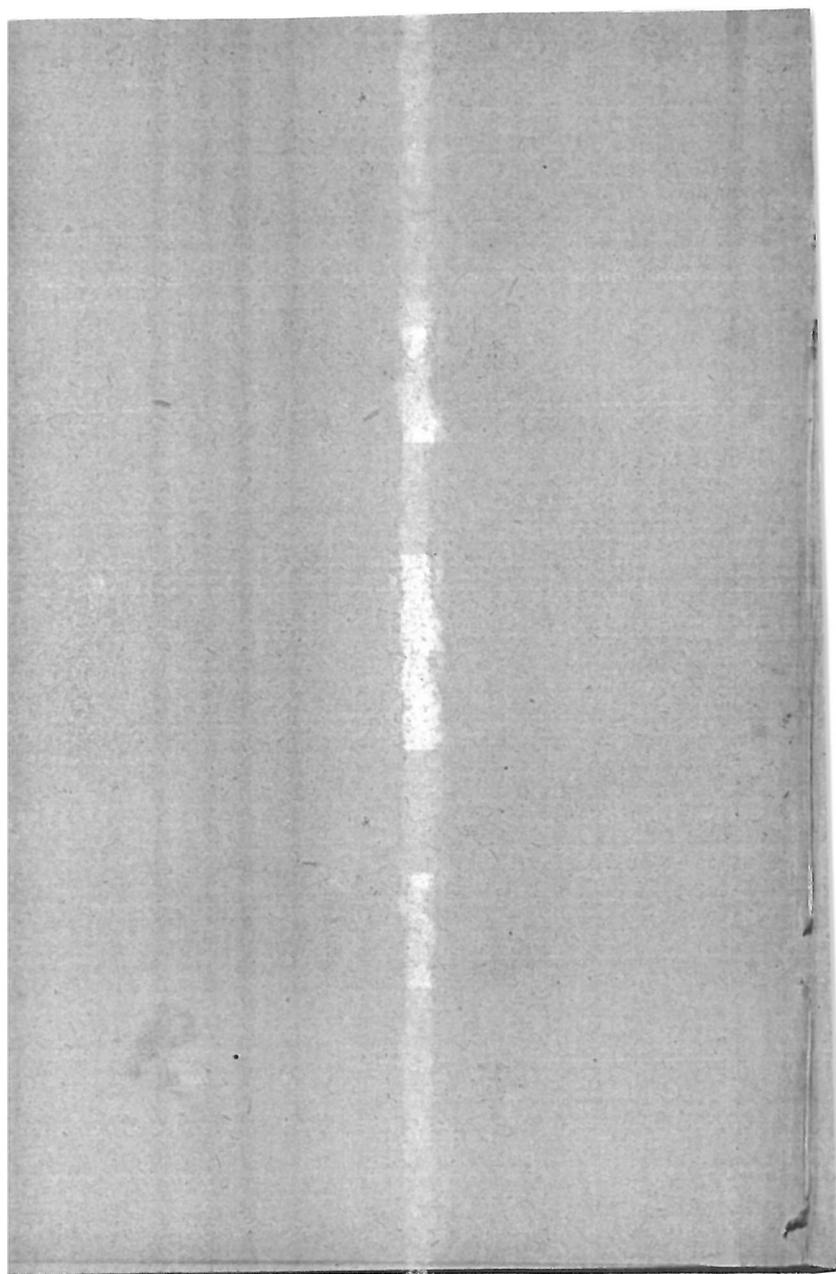
Sois pernambucanos; e no moço imperio predestinado, sympathico, Pernambuco é um poder. Provai-o mais esta vez. Não consintais que a idéa vil de uma recompensa inutil embace o lustre de vossas pretensões magnanimas.

Quando dilacerados, ardentes tiverdes empolgado, afagado nos braços a victoria, e quem quer que seja pretender tocar, deixar alguma honra em vossos peitos, em cada um de vós a coragem terá de responder: basta-me a cicatriz.

Soldados, ide, na benção de vossa bandeira, receber os acenos da gloria, os incitamentos do porvir. (1)

1865.

(1) O logar destas bellas palavras era no volume de *Discursos* do auctor. Tendo-me só agora chegado ás mãos, resolvi incluil-as aqui. (N. de S. R.)



III

Ao Sete de Setembro

Libertas quæ sera tamen.

Meus Senhores,

E' sempre linda e purissima a face dos dias de triumpho que brotaram do coração dos povos, dias gloriosos debaixo dos quaes enroscam-se entorpecidos, calcados, os seculos de tormentos, e as nações fazem alto para revolver as paginas sombrias do passado e aspirar as fragrancias do futuro.

Nem isto vai contra o progresso, pois que as nações não caminham condemnadas, como essa mulher da Biblia, a não volver os olhos atraz, para não se transformarem em estatuas de sal.

O progresso não póde ser o esquecimento do passado, porque o passado está sempre comnosco, no fundo

de nossas lembranças, no coife de nossas saudades, no seio de nossas glórias.

O progresso não é o ruído das paixões humanas, das paixões mesquinhas que refervem, que se agitam pelo espirito da desordem ; elle é menos uma marcha do que uma ascensão ; é a vibração de todas as sympathias, o azulamento de todos os ceus, a transfiguração de todos os martyres ; é o vôo da civilisação, o vôo da ave lugubre, carregando o Prometheu do Caucaso aos Alpes, dos Alpes aos Andes, dos Andes... aos Ceus, o redemoinhar das coisas em torno dos povos, o redemoinhar dos povos em torno das idéas, o redemoinhar das idéas em torno de Deus.

Mas na gloria de todos não se absorvem as glórias de cada um : temos a nossa historia, devemos abril-a ; temos o nosso dia, devemos saudal-o...

E o dia de hoje, a idéa de hoje, o sol de hoje, o sol da liberdade, diante do qual ajoelhamo-nos entoando o cantico dos fortes, tinha já muitas vezes borbuhlado do Oriente, quando a tyrannia pudera contel-o, suffocal-o em sua aurora e retirar as mãos ensanguentadas.

Para ella o Brasil grande, livre, isto era um sonho...

E é de notar, senhores, que este sonho que se fez idéa, esta idéa que se fez dia, este dia que se fez gloria, tinha sido em seu principio uma loucura de

poetas, de poetas amorosos como Dirceu e Claudio, mas de poetas que procuram, de poetas que sondam, de poetas que acham.

Ainda é de notar que ao tempo em que o direito divino rolava na poeira com a cabeça de Luiz XVI, o direito do povo cahia ludibriado com o pender da frente de um brasileiro ; mas o ultimo suspiro do martyr encontrou logo no espaço o primeiro grito da liberdade, essa grande funcção que Deus deu ao homem, que Bruto deu á Roma, que a Revolução deu aos povos.

Somos livres de uma liberdade adquirida pela força das idéas, sejamos grandes de uma grandeza adquirida pela força do coração.

Somos fortes para vencer, sejamos nobres para perdoar.

Beijemos a mão do passado que é velho, a velhice é uma realza ; apertemos a mão do futuro que é moço, a mocidade é um noivado.

Mandemos ás paixões que se calem, e teçamos as corôas do merito.

Nunca poupemos um tributo de louvor á memoria do heróe, a quem já demos testemunho de gratidão, um daquelles vultos que de longe em longe Deus suscita para ajudal-o a impellir o universo nos largos destinos a que elle o conduz ; cavalleiro de bronze que contempla o desenrolar dos seculos, grandes ondas

da eternidade, estacado, sublime em promontorio de granito.

Sejamos verdadeiros e justos. Estranhos, sejamos patricios, sejamos irmãos, e, nessa irmandade de sentimentos, combatamos o inimigo commum, confiados, apegados a esse pensamento de gloria, esse pensamento grandioso que fluctúa no estandarte brasileiro..... (1)

1865.

(1) Nas condições da nota precedente. (N. de S. R.)

INDICE

	Pags.
I. —Theologia e Theodicéa não são sciencias.....	1
II. —Chronica dos disparates.....	17
III. —Uma anti-critica, ou melhor, uma anti-descom- postura.....	55
IV. —Alguma cousa tambem a proposito de Meyerbeer.	69
V. —Ainda alguma cousa tambem sobre Meyerbeer....	117
VI. —Os theologos da « Civilização ».....	169
VII. —Selfgovernment.....	219

APPENDICE

Guizot e a escola espiritualista do seculo XIX.....	377
Capitulação de Montevideo.....	387
Ao Sete de Setembro.....	393

